



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

NADIR ARRUDA SKEETE

**FORMAÇÃO HUMANA, MEMÓRIA E ESCRITA DE SI EM PROVÍNCIA
SUBMERSA, DE OCTACÍLIO ALECRIM**

Recife

2020

NADIR ARRUDA SKEETE

**FORMAÇÃO HUMANA, MEMÓRIA E ESCRITA DE SI EM PROVÍNCIA
SUBMERSA, DE OCTACÍLIO ALECRIM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Orientador: Prof. Dr. Oussama Naouar

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

S627f Skeete, Nadir Arruda
Formação humana, memória e escrita de si em Província Submersa, de Octacílio Alecrim / Nadir Arruda Skeete. – Recife, 2020.
245f.: il.

Orientador: Oussama Naouar.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

Inclui referências.

1. Octacílio Alecrim. 2. Província Submersa. 3. Autobiografia. 4. Formação humana. 5. Literatura Potiguar. I. Naouar, Oussama (Orientador). II. Título.

809 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-180)

NADIR ARRUDA SKEETE

**FORMAÇÃO HUMANA, MEMÓRIA E ESCRITA DE SI EM PROVÍNCIA
SUBMERSA, DE OCTACÍLIO ALECRIM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 23/09/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Oussama Naouar (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Brenda Carlos de Andrade (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ricardo Postal (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Lenina Lopes Soares Silva (Examinadora externa)
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dr^a. Marília Gonçalves Borges Silveira (Examinadora externa)
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Flavio Henrique Albert Brayner (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

A José Yvan Pereira Leite (*in memoriam*), exímio impulsionador de ações voltadas para formação humana, conservação da memória e difusão da escrita científica e literária, por haver me incentivado a desenvolver este trabalho em prol da memória, educação, literatura e cultura potiguar.

AGRADECIMENTOS

“Que poderei retribuir ao Senhor Deus por tudo o que Ele fez em meu favor?” (Sal 115).

É essa pergunta do salmista que me vem ao coração, ao pensar na infinita gratidão que devo a vós, meu Deus, por tudo o que me possibilitastes vivenciar nestes quatro anos em que assumi o desafio de retomar meus estudos acadêmicos 20 anos e quatro filhos depois de ter concluído o mestrado. Ó meu *Três*, como vos invocava Elisabete da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, imensidão onde me perco e onde me torno a encontrar, fostes vós, em íntima comunhão com a Santíssima Virgem e o Glorioso São José e tantos outros amigos do céu, que me conduzistes em cada etapa deste percurso, abençoando-me com saúde, inteligência e coragem e concedendo-me pessoas para me acompanhar, me apoiar e interceder por mim, como também dispondo em meu favor todos os recursos necessários à realização deste trabalho.

Por isso, a vós, cabe à glória; e a mim, tão-somente bendizer-vos e agradecer, agradecer, agradecer...

A meu pai, José Arruda Sobrinho, e a minha mãe, Maria do Rosário Arruda, por me formarem com seu admirável, vigoroso e perene exemplo de humildade, temor divino, amor, fé e esperança e me incentivarem sempre a estudar e crescer na graça e no conhecimento de Deus; não me deixando, com isso, jamais esquecer quem sou, de onde vim e para onde vou.

A meu esposo, Arthur Winston Skeete Junior, a nossos filhos, Ariel Clyde, que, inclusive, colaborou com a versão em língua inglesa do resumo desta tese, André Winston e Arthur José, e a nossa filha, Noemi Gladys, por serem para mim abrigo, cuidado, paciência e amorosidade, sobretudo em meio às tormentas e incertezas desta vida.

A minhas irmãs, Darci, Uisa (*in memoriam*), Sonia, Ilza e Dinar, e a meus irmãos, Eliomar, Hélio e Junior, entre os quais incluo meus cunhados Apolinário Pereira, Josenaldo Alcântara e Wellington Gomes e minhas cunhadas Régia Fernandes e Cyntia Cavalcanti, além de meus sobrinhos e minhas sobrinhas, em especial Wellington Filho, que ajudou na versão em língua francesa do resumo deste trabalho, por me fortalecerem com sua proximidade, companheirismo e solicitude.

A meu sogro Arthur Winston Skeete (*in memoriam*), a minha sogra Maria Celeste e a minhas cunhadas Alzira Beatriz, Andréa Cássia e Adriane Maria e demais familiares, entre os quais Gladys Margareth e Cidéa Dórea, por me considerarem entre os seus com tanto carinho, respeito e benevolência.

A meu orientador, Prof. Dr. Oussama Naouar, por me acolher como orientanda não só na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mas também em sua casa e em seu coração, apresentando-me Ralph Emerson, Paul Ricœur e Flávio Brayner, confiando sempre em minhas potencialidades e incentivando-me a prosseguir até o fim, mesmo quando tudo parecia irremediavelmente perdido.

Aos membros das bancas de exame de qualificação do projeto, da qualificação e da defesa da tese, a Prof^a. Dr^a. Brenda Carlos de Andrade e o Prof. Dr. Ricardo Postal, que me acompanharam com solicitude em todas as etapas deste curso; o Prof. Dr. Flávio Henrique Albert Brayner, cujos estudos me guiaram na estruturação desta tese; a Prof^a. Dr^a. Lenina Lopes Soares Silva, que me auxiliou em fase importante deste percurso, inclusive, cedendo-me alguns de seus livros; e a Prof^a. Dr^a. Marília Gonçalves Borges Silveira, cujo trabalho com literatura na escola é uma referência para mim; por contribuírem com seu olhar atento, crítico e compreensivo sobre o meu trabalho.

Aos demais professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPE, nas pessoas do coordenador do Doutorado Interinstitucional (Dinter) em Letras, Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola, e do secretário do PPGL, Sr. Jozaías Ferreira dos Santos, por colaborarem, no âmbito de sua atuação, com a concretização deste trabalho, além dos Profs. Drs. Jose Alberto Poza, Juan Pablo Martín Rodrigues e Darío de Jesús Gomez Sanchez, por agregarem valor a minha formação acadêmica durante o período em que cursei as disciplinas.

Aos ex-reitores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) Prof. Dr. Belchior de Oliveira Rocha e Prof. Dr. Wyllys Abel Farkatt Tabosa, os ex-pró-reitores de pesquisa e inovação do IFRN Prof. Dr. José Yvan Pereira Leite (*in memoriam*) e Prof. Dr. Márcio Adriano de Azevedo, o ex-diretor de gestão de pessoas do IFRN Sr. Auridan Dantas de Araújo, o coordenador do Dinter em Letras no âmbito do IFRN, Prof. Dr. Ayres Charles de Oliveira Nogueira, e a secretária do convênio no âmbito do IFRN, Sra. Elizomar de Assis Nobre (Eliza), por conceberem e viabilizarem esta parceria com a UFPE, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

À equipe da Editora IFRN, nas pessoas das ex-coordenadoras Prof^a. M.^a. Darlyne Fontes Virgínio e Prof^a. Dr^a. Kadydja Karla Nascimento Chagas, e ao grupo de professores da Diretoria Acadêmica de Ciências (Diac) do *Campus* Natal-Central do IFRN, nas pessoas do Diretor Acadêmico, Prof. Esp. José Flávio de Freitas e da Coordenadora da Educação Básica, Prof^a. Esp. Maria Tânia Florentino de Sena Nascimento, bem como da Prof^a. Dr^a. Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva, por apoiarem minha qualificação profissional.

Aos colegas doutorandos deste Dinter, em especial às professoras Candice Azevedo, Isabel Galvão e Mylenna Vieira, por compartilharem comigo não apenas livros e outros materiais de estudo, mas também ricos momentos de aprendizado e integração.

Aos membros do Núcleo de Estudos em Literatura e Cultura Potiguar (Nelcp) do IFRN, na pessoa da pesquisadora Maria Adamíris da Silva, por persistirem em estudar a obra de autores potiguares e por me despertarem à leitura da obra de Octacílio Alecrim.

Aos escritores Carlos Eduardo Souza Queiroz, Franklin Jorge, Sérgio Trindade, Tarcísio Gurgel e Vicente Serejo, à escritora Clotilde Tavares, ao Presidente do Instituto Pró-Memória de Macaíba, Dr. Olímpio Maciel, ao Presidente do Instituto Tavares de Lyra e da Academia Macaibense de Letras, Anderson Tavares de Lyra, à Presidente do Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo, Daliana Cascudo Roberti Leite, e à Secretária da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Leide Câmara, por facilitarem meu acesso a preciosos arquivos relacionados a esta pesquisa, indicarem fontes e manterem vivo meu entusiasmo pelos temas que perpassam esta tese, através de sua atenção, cortesia e partilha de conhecimentos.

Aos irmãos e às irmãs da Comunidade Católica de Casais Vida Nova por me socorrerem com assistência espiritual e intercessão, em especial o Capelão Pe. Dalmário Barbalho de Melo, o casal Marinésio Manoel de Freitas e Maria do Rosário de Fátima Cunegundes Freitas, Rosana Calmon, Hosmedito Júnior, Conceição Maia (Cidinha), Léa Seabra, Maria de Jesus Pinheiro, Olavo de Medeiros, Fátima Cortez, Ângela Couto de Melo, Emília Soares, Madalena Castro, Thiago Barbalho e Marcela Sales, além de Albany Dutra, Rejane Coutinho e Gustavo França, que também integram o grupo Bom dia de Albany II, a cujos membros sou igualmente grata pelas orações.

Por fim, mas não menos importante, aos amigos João Maria Filgueira e José Medeiros e às amigas Irmã Maria Ferreira, Leonor Bezerra Oliveira, Janaína Nascimento, Joseilsa Damião, Nívia Arruda, Hosana Ferreira, Kátia Avelino, Andréa Xavier, Silvana Botelho, Romana Xavier, Tania Carvalho, Cíntia Cavalcanti, Cristiane Bittencourt, Luanda Xavier e Lumena, Maria Eulina e Marília Bulhões, por me estenderem a mão, ajudando-me a transpor os obstáculos encontrados ao longo deste itinerário.

A formação não é outra coisa senão o resultado de um determinado tipo de relação com um determinado tipo de palavra: uma relação constituinte, configuradora, aquela em que a palavra tem o poder de formar ou transformar a sensibilidade e o caráter do leitor. (LARROSA, 2017, p. 40)

RESUMO

A relação entre literatura e formação humana enfocada em pesquisas nas áreas de Letras e Educação remonta à Antiguidade Clássica, com Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) e Horácio (65 a.C. - 8 a.C), que ligavam à arte literária uma experiência especial das paixões, em cuja origem estava também o prazer de aprender. Sob essa perspectiva, a leitura de obras literárias exerceria um papel importante na formação dos indivíduos, porquanto lhes possibilitaria acessar o conhecimento através da experiência estética mediada pela linguagem da poesia ou das histórias narradas por outrem ou por si mesmos. É nesse quadro constitutivo da crítica e da teoria literária, que inserimos esta pesquisa, a qual tem como objetivo geral discutir a relação entre literatura e formação humana a partir da análise do livro de memórias *Província submersa* do escritor norte-rio-grandense Octacílio Alecrim. Trata-se de uma narrativa autobiográfica da infância e juventude do autor, que testemunha o papel da literatura como multiplicadora das experiências vividas por ele, cujas leituras literárias produz efeitos notáveis, dentre os quais se destaca o fato de tê-lo levado a tornar-se também um escritor. Nesse objetivo geral, circunscrevem-se os seguintes objetivos específicos: descrever os processos da memória envolvidos na construção da obra, a partir das relações com a espacialidade, a percepção sensorial, a afetividade e a representação estética; caracterizar a obra do ponto de vista do gênero literário autobiográfico; recuperar conteúdos relevantes evocados e selecionados pela memória no processo de (re)construção de significados; fazer um levantamento das principais obras e autores aí referidos; e descrever experiências significativas de leitura. A pesquisa de cunho teórico-bibliográfico fundamentou-se no pensamento de diferentes autores que abordam a relação entre literatura e formação humana, além de outros que discutem memória e escrita de si. Os resultados da análise apontam para uma ampliação da capacidade de conhecer a si mesmo, ao outro e ao mundo, com impactos na (trans)formação de Octacílio Alecrim e no seu desenvolvimento intelectual e humano, através da vivência experienciada no contato com o universo literário.

Palavras-chave: Octacílio Alecrim. *Província submersa*. Autobiografia. Formação humana. Literatura Potiguar.

ABSTRACT

The relationship between literature and human formation focused on research in the areas of Letters and Education dates back to Classical Antiquity, with Aristotle (384 BC - 322 BC) and Horace (65 BC - 8 BC), who linked literary art to a special experience of passions, in whose origin there was also the pleasure of learning. From this perspective, reading literary works could play an important role in the formation of individuals, as it would enable them to access knowledge through the aesthetic experience mediated by the language of poetry or the stories narrated by others or by themselves. It is in this framework constitutive of literary theory and criticism that we insert this research, which has the general objective of discussing the relationship between literature and human formation from the analysis of the memoir *Província submersa* (Submerged Province) by Octacílio Alecrim, writer from Rio Grande do Norte. It is an autobiographical narrative of the author's childhood and youth, which evidences to the role of literature as a multiplier of the experiences lived by him, and whose literary readings produced notable effects, among which the fact of having led him to become a writer himself. In this general objective, the following specific objectives are circumscribed: to describe the memory processes involved in the construction of the literary work, from the relations with spatiality, sensory perception, affectivity and aesthetic representation; characterize the work from the point of view of the autobiographical literary genre; retrieve relevant content evoked and selected by memory in the process of (re) construction of meanings; assess the main works and authors mentioned there; and describe significant reading experiences. The theoretical-bibliographic research was based on the thinking of different authors who approach the relationship between literature and human formation, in addition to others that discuss memory and self-writing. The results of the analysis point to an expansion of the capacity to know oneself, the other and the world, with impacts on the (trans) formation of Octacílio Alecrim and on his intellectual and human development, through the experience experienced in contact with the literary universe.

Keywords: Octacílio Alecrim. *Província submersa*. Autobiography. Human formation. Literature of Rio Grande do Norte (Brazil).

RÉSUMÉ

La relation entre la littérature et la formation humaine sur laquelle est focalisée la recherche dans les études de langues et littérature et des sciences de l'éducation remonte à l'Antiquité classique, avec Aristote (384 av. J.-C. - 322 av. J.-C.) et Horace (65 av. J.-C. - 8 av. J.-C.), qui liaient l'art littéraire à une expérience spéciale des passions, qui était aussi l'origine du plaisir d'apprendre. De ce point de vue, la lecture d'œuvres littéraires jouerait un rôle important dans la formation des individus, car elle leur permettrait d'accéder au savoir à travers l'expérience esthétique médiatisée par le langage de la poésie ou les histoires racontées par d'autres ou par eux-mêmes. C'est dans ce cadre constitutif de la critique et de la théorie littéraire que c'est inséré cette recherche, qui a pour objectif général discuter la relation entre littérature et formation humaine à partir de l'analyse du mémoire *Província submersa* (Province submergée) de l'écrivain du Rio Grande do Norte (Brésil) Octacílio Alecrim. Il s'agit d'une narration autobiographique de l'enfance et de la jeunesse de l'auteur, qui témoigne du rôle de la littérature comme multiplicateur des expériences vécues par lui, dont les lectures littéraires produisent des effets notables, parmi lesquels ressort le fait de l'ayant conduit à devenir si aussi un écrivain. Dans cet objectif général, sont circonscrits les objectifs spécifiques suivants: décrire les processus de mémoire impliqués dans la construction de l'œuvre, à partir des relations avec la spatialité, la perception sensorielle, l'affectivité et la représentation esthétique; caractériser l'œuvre du point de vue du genre littéraire autobiographique; récupérer le contenu pertinent évoqué et sélectionné par la mémoire dans le processus de (re)construction des significations; faire une investigation des principaux œuvres et auteurs qui y sont mentionnés; et décrivez des expériences de lecture significatives. La recherche théorique-bibliographique était basée sur la pensée de différents auteurs qui abordent la relation entre la littérature et la formation humaine, ainsi que d'autres qui discutent de la mémoire et de l'écriture personnelle. Les résultats de l'analyse indiquent une expansion de la capacité à connaître à soi-même, à l'autre et au monde, avec des impacts sur la (trans)formation d'Octacílio Alecrim et sur son développement intellectuel et humain, à travers l'expérience vécue au contact de l'univers littéraire.

Mots-clés: Octacílio Alecrim. *Província submersa*. Autobiographie. Formation humaine. Littérature du Rio Grande do Norte (Brésil).

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Mapas do Rio Grande do Norte e da Região Metropolitana de Natal | 40 |
| Figura 2 – Mural de personalidades históricas de Macaíba | 41 |
| Figura 3 – Certidão de nascimento de Octacílio Alecrim..... | 42 |
| Figura 4 – Fotografia de Octacílio Alecrim | 43 |
| Figura 5 – Fotografias dos pais de Octacílio Alecrim | 46 |
| Figura 6 – Casa de Octacílio Alecrim em Macaíba | 48 |
| Figura 7 – Fotografia de Luís da Câmara Cascudo nos anos 1920 | 50 |
| Figura 8 – Certificado de Octacílio Alecrim da Faculdade de Direito de Recife | 52 |
| Figura 9 – Mapas de localização do Recife..... | 53 |
| Figura 10 – Fotografia do prédio da Faculdade de Direito do Recife | 54 |
| Figura 11 – Fotografia de Octacílio Alecrim com acadêmicos no Recife | 59 |
| Figura 12 – Mapas de localização do Rio de Janeiro..... | 62 |
| Figura 13 – Quadro de ensaios de Octacílio Alecrim sobre a obra proustiana | 64 |
| Figura 14 – Registro de Óbito de Octacílio Alecrim..... | 70 |
| Figura 15 – Imagens de exemplar da primeira edição de Província submersa..... | 72 |
| Figura 16 – Imagem da capa da segunda edição de Província submersa..... | 80 |
| Figura 17 – Esquema de representação da memória do real-passado..... | 85 |
| Figura 18 – Reprodução da pintura <i>Moi et le village</i> , de Marc Chagall | 89 |
| Figura 19 – Reprodução da gravura dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu | 100 |
| Figura 20 – Fotografia do Solar do Ferreiro Torto | 102 |
| Figura 21 – Quadro descritivo da memória da Lagoa do Tapará | 102 |
| Figura 22 – Quadro de obras de memórias de infância e juventude e de lugar | 125 |
| Figura 23 – Fotografia de personagem de Província submersa..... | 154 |
| Figura 24 - Fotografia de Fabião da Queimadas..... | 215 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 16 |
| 1.1 | PROBLEMA DA PESQUISA..... | 19 |
| 1.2 | JUSTIFICATIVA..... | 24 |
| 1.3 | OBJETIVOS..... | 26 |
| 1.4 | FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS..... | 27 |
| 2 | ESPAÇO-TEMPO E ASPECTOS BIOBIBLIOGRÁFICOS..... | 40 |
| 2.1 | MACAÍBA (1906 - 1923)..... | 40 |
| 2.2 | NATAL (1924 - 1927)..... | 51 |
| 2.3 | RECIFE (1928 - 1933)..... | 53 |
| 2.4 | RIO DE JANEIRO (1934 - 1968)..... | 62 |
| 2.4.1 | Província submersa (1957)..... | 70 |
| 3 | MEMÓRIA E (DES)ENRAIZAMENTO REGIONAL..... | 82 |
| 3.1 | ESPACIALIDADE..... | 88 |
| 3.2 | PERCEPÇÃO SENSORIAL E AFETIVIDADE..... | 105 |
| 3.3 | REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA..... | 112 |
| 4 | AUTOBIOGRAFIA E ESCRITA LITERÁRIA..... | 117 |
| 4.1 | AUTOBIOGRAFIA COMO GÊNERO LITERÁRIO..... | 123 |
| 4.2 | CONFIGURAÇÃO DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA..... | 138 |
| 4.2.1 | Pessoas e tempos verbais..... | 140 |
| 4.2.2 | Estrutura e modos discursivos..... | 143 |
| 4.2.3 | Pacto autobiográfico e ilusão retórica..... | 151 |
| 5 | LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA..... | 158 |
| 5.1 | ESTUDOS LITERÁRIOS SOBRE FORMAÇÃO HUMANA..... | 169 |
| 5.2 | PESQUISAS EDUCACIONAIS COM LITERATURA..... | 174 |
| 5.3 | MÉTODO BIOGRÁFICO E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA..... | 182 |
| 5.4 | EDUCAÇÃO LITERÁRIA E BIOGRAFIZAÇÃO..... | 188 |
| 5.4.1 | Pedagogização da Literatura..... | 190 |
| 5.4.1.1 | Prazer da leitura..... | 191 |
| 5.4.1.2 | Influência do ambiente cultural..... | 201 |
| 5.4.1.3 | Relação com livros e escritores..... | 212 |
| 5.4.2 | Literaturização da Pedagogia..... | 218 |
| 5.4.2.1 | Formação na escrita autobiográfica..... | 220 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 5.4.2.2 | Sentido da estética da existência..... | 222 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 229 |
| | REFERÊNCIAS..... | 236 |

1 INTRODUÇÃO

A relação entre literatura e formação humana, recorrente em pesquisas nas áreas de Letras e Educação, é talvez a forma mais tradicional e convencional de pensar essa forma de expressão artístico-cultural da humanidade, remontando aos tempos antigos. Compagnon (1999, p. 35), ao abordar a função da literatura, lembra que Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) falava de *katharsis* (purgação ou purificação das emoções), relacionando-a a uma experiência especial das paixões ligada à arte poética, em cuja origem estava também o prazer de aprender, de modo que instruir ou agradar ou instruir agradando constituiria sua dupla finalidade, o que Horácio (65 a.C. - 8 a.C) reconhece na poesia, vista como *dulce et utile*. Trata-se, pois, de uma concepção de literatura voltada para o conhecimento humano, mas um tipo de conhecimento ao qual não se pode chegar por meio da filosofia ou da ciência.

Segundo Aristóteles, Horácio e toda a tradição clássica, tal conhecimento tem por objeto o que é geral, provável ou verossímil, a *dóxa*, as sentenças e máximas que permitem compreender e regular o comportamento humano e a vida social. (COMPAGNON, 1999, p.35).

De acordo com essa concepção, que é referida não apenas por Compagnon (1999), mas também por Culler (1999), Bloom (2001), Eagleton (2006) e Todorov (2009), entre outros críticos da literatura, a leitura de obras literárias exerceria um papel importante na formação dos indivíduos, porquanto lhes possibilitaria ter contato com elementos da realidade humana. É claro que o texto literário não deve ser usado como pretexto para formar, mas a formação que este pode ocasionar é decorrente de seu próprio feitio, que, além do caráter estético, veicula aspectos éticos e cognitivos. A vivência adquirida a partir do contato com mundos até então desconhecidos, mediada pela experiência estética com a linguagem, deveras importante para o desenvolvimento intelectual e humano, ampliaria, assim, a capacidade do homem de conhecer a si mesmo, ao outro e ao mundo, podendo formá-lo e até mesmo transformar sua existência.

Evidentemente, como observam os críticos acima referidos, esse modo de perceber a literatura tem sido questionado por aqueles que, com excessiva preocupação formal, a consideram apenas em seu valor estético, desvinculada de

fatores externos (“arte pela arte”), como também por aqueles que, demasiadamente presos a contingências sociais, a enxergam estreitamente articulada a sistemas políticos, ideológicos e econômicos (“arte engajada”). Enquanto os primeiros negam todo o empirismo de uma concepção humanista da literatura centrada no sujeito, buscando extrair o significado da obra literária somente da linguagem; estes últimos denunciam a concepção humanista como idealista e atrelada ao pensamento burguês, ao qual serviria com fins conservadores.

À afirmação de que ler literatura torna as pessoas melhores, Eagleton (2006, p. 53) contrapõe o fato de que comandantes de campos de concentração nazistas passavam suas horas de lazer lendo Goethe e objeta que, “se a leitura de obras literárias realmente tornava os homens melhores, então isso não ocorria da maneira direta imaginada pelos mais eufóricos partidários dessa teoria.” Para Eagleton (2006, p. 314), a definição do que representa ser uma “pessoa melhor” deveria ser vista não em termos abstratos, mas de modo concreto e prático, constituindo-se não como uma alternativa às preocupações morais, mas, antes, ao contrário, estas preocupações deveriam ser levadas a sério em todas as suas implicações.

A crença na capacidade (trans)formadora da literatura com determinado viés ideológico, tendo em vista processos revolucionários que alterem dadas configurações sócio-econômicas ou sua instrumentalização com fins moralizantes que contribuam para a manutenção do *status quo*, parece reduzir o valor da obra literária e limitar o seu alcance, vislumbrando-a mais como uma ferramenta manipulável a serviço de causas políticas. Isso, de certa forma, subestima a inteligência e a criatividade do homem e ignora sua liberdade e seus anseios mais profundos.

Ademais, conforme Compagnon (1999, p. 37), “se a literatura pode ser vista como contribuição à ideologia dominante, ‘aparelho ideológico do Estado’, ou mesmo propaganda, pode-se, ao contrário, acentuar sua função subversiva”. É difícil, por exemplo, de acordo com ele, identificar Baudelaire, Rimbaud ou Lautréamont como cúmplices de uma ordem estabelecida, depreendendo, pois, que, da mesma forma que a literatura pode confirmar um consenso, pode produzir também a dissensão, o novo, a ruptura.

A par disso, convém ressaltar a capacidade que tem a literatura de promover reflexões sobre a vida em sociedade, indo além daquilo que podemos objetivar de forma instrumental, posto que é criação subjetiva e, portanto, não pode

ser compreendida com um único fim, o de cá ou de lá. Nesse sentido, a dialética é essencial para a compreensão da obra literária enquanto fenômeno cultural, social, político e histórico, que está para além da obra de arte que é, uma vez que, segundo Candido (1995),

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicial, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes.

Referindo-se a sua experiência com os estudos literários, Todorov (2009) deixa entrever essas diferentes formas de perceber a literatura. Assim, ao focar as dificuldades enfrentadas por ele em tais estudos, durante o regime comunista na Bulgária, em que as ciências humanas se conservavam sob o domínio da ideologia marxista-leninista, ele diz que, nos cursos de literatura, metade dos estudos era erudição, e a outra metade se compunha de propaganda ideológica. E conta que, para escapar da militância geral, detinha-se a abordar a própria materialidade do texto, suas formas linguísticas (estilo, composição, formas narrativas, enfim a técnica literária), ignorando, por muito tempo, o pensamento e os valores contidos em cada obra. Somente bem depois, já radicado na França, ele abandonaria os métodos estruturalistas de análise literária para se dedicar à análise dos textos e ao encontro com seus autores – e por que não dizer? –, com sua humanidade, abrindo-se, assim, a uma vigorosa experiência com a literatura.

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-24).

Em relação à leitura de obras literárias, é consenso entre os educadores a importância da literatura não só para o desenvolvimento das competências do leitor, mas também para sua humanização, no sentido atribuído por Candido (1995, p. 249),

enquanto “processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.”

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir assuntos humanos relevantes [...]. Entre outros: as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas, a mortalidade, a sexualidade (não me refiro à educação sexual mas à essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc. (AZEVEDO, 2004, p. 41, grifos do autor).

É, portanto, nesse quadro constitutivo da crítica e da teoria literária, com ênfase na formação humana pela literatura, que inserimos esta pesquisa, a qual tem como objeto de investigação a obra *Província submersa*, do escritor Octacílio Alecrim, publicada em 1957.

1.1 PROBLEMA DA PESQUISA

Ao adentrar o universo literário criado sob forma autobiográfica por Octacílio Alecrim em *Província Submersa*, chamam a atenção as inúmeras referências à leitura de obras literárias e filosóficas, que, desde cedo, foram agregando valor ao seu desenvolvimento intelectual e que, paralelamente à educação formal, contribuíram para sua formação humana.

Buscando uma aliança entre literatura e educação, na qual aquela pudesse contribuir para promoção desta, Brayner (2005, p. 63) fala de

uma produção pedagógica que procura nos textos ficcionais os instrumentos de reflexão que possam ou ajudar a formação dos futuros educadores, ou estabelecer uma forma de diálogo silencioso capaz de proporcionar uma espécie de autoconstrução de si (perdão pelo pleonasma) a partir de diferentes perspectivas permitidas pela substância literária: uma singularização no interior de um mundo plural, uma capacidade de escolha, de julgamento e de decisão.

Nessa aliança, segundo Brayner, poderiam ser adotadas, pelo menos, duas orientações diferentes. Na primeira, que ele chama de “pedagogização da literatura”, retoma-se a ideia do romance de formação, visando a uma construção de si por meio de uma leitura acompanhada e refletida com o intuito de aperfeiçoamento pessoal para além da educação formal, ao passo que, na segunda orientação, busca-se uma solução que ele define como “literaturização da pedagogia”.

Se no primeiro caso a literatura fornece os elementos para um diálogo interior através da experiência de outros homens (ficcionais ou não), no segundo as ambições são mais amplas: fazer da educação uma reescrita de si, em que o ato educativo exercido sobre si mesmo (como uma espécie de auto-subjetivação) se confunde com a escrita ficcional, na qual a vida e a literatura se interpenetram e tomam a forma de uma “estética da existência”. (BRAYNER, 2005, p. 64, grifos do autor).

Ele observa ainda que essas duas formas de pensar o poder formador e regenerador da literatura são apontados, respectivamente, por Philippe Meirieu e Jorge Larrosa e questiona, por fim, “se a literatura poderá fornecer os predicados necessários a essa redescritção [de subjetividades] e, se assim fazendo, não estará se transformando numa nova – e ainda mais sofisticada – ‘tecnologia do eu’.” (BRAYNER, 2005, p. 71).

Provavelmente, a ressalva que Brayner faz ao pretense uso da literatura na educação para “salvar o sujeito” representa uma preocupação de muitos educadores com a instrumentalização da literatura como se esta pudesse ser reduzida apenas a um objeto didático, ou com sua supervalorização como se a experiência estética em si fosse capaz de resolver problemas crônicos que a educação, tendo por base distintos paradigmas, ainda não conseguiu equacionar. Em todo caso, é algo a ser pensado no contexto da chamada sociedade da informação, que se apresenta por demais desafiador para a educação em nossos dias.

Apoiado em estudos antropológicos e filosóficos que correlacionam o gênero autobiográfico à configuração ideológica do mundo ocidental, Miranda (2009, p. 26) mostra a recorrência da autobiografia, também no jornal, na televisão e no cinema, como “manifestação de uma angústia ligada ao enfraquecimento ou à perda de identidade, em virtude da incerteza hodierna própria à relação *eu-Outro*”, o que, no contexto da modernidade, não raro, segundo ele, desembocaria no narcisismo. Mas isso, no entendimento do autor, “não invalida a importância literária da escrita do *eu*

e, muito menos, a complexidade das indagações que afloram ao longo de seu desenvolvimento.”

Nesse contexto, as ideias de Ralph Emerson (1803 – 1882) podem nos auxiliar em nosso propósito de investigação. Para ele, o homem é explicável por nada menos que toda sua história e, se o todo da história está em um homem, tudo deve ser explicado a partir da experiência individual. A propósito da identificação pessoal que podemos encontrar na leitura de obras literárias, ele afirma que o fato narrado tem de corresponder a algo em mim para ser crível ou inteligível. De acordo com Emerson, estamos sempre trazendo à tona fatos significativos da história em nossa experiência particular. Assim, conforme seu pensamento, “toda a história torna-se subjetiva; ou, em outras palavras, não existe propriamente história; apenas biografia.” (EMERSON, 1994, p. 11-15).

No caso concreto de Octacílio Alecrim, a partir da narrativa biográfica de fatos da história e de sua experiência individual com a leitura de obras literárias, presentes em *Província submersa*, investigamos como a literatura pode ter contribuído para sua formação intelectual e humana, buscando verificar, na referida obra, com quais livros e escritores interagiu e com os quais se identificou, como e por quê e como sua experiência com a literatura o conduziu à escrita de si mesmo, convertendo sua vida em uma obra literária.

Dessa forma, adotamos, por um lado, a perspectiva da “pedagogização da literatura” apontada por Brayner (2005), procurando resgatar os conteúdos da memória que Alecrim faz de sua experiência literária com distintos autores e obras (ficcionais ou não) relacionando-a a processos reflexivos motivados por tais leituras, que desembocariam na “literaturização da pedagogia”, pela (re)escrita de si mesmo, no sentido, também atribuído por Brayner (2005), de um ato educativo exercido sobre si mesmo (como uma espécie de auto-subjetivação) que se confunde com sua escrita ficcional, “na qual a vida e a literatura se interpenetram e tomam a forma de uma estética da existência.” (BRAYNER, 2005, p. 64).

Nessa aventura pelo mundo da literatura e do conhecimento humano, a partir da imersão na obra *Província submersa*, de Octacílio Alecrim, além dos estudos de Antônio Candido sobre literatura e do pensamento de Edith Stein sobre formação humana, foram úteis os conceitos de experiência e narrativa formulados por Walter Benjamin e retomados por Jorge Larrosa em uma nova perspectiva, abrangendo linguagem e sentido, como também as noções de Henri Bergson e Maurice Halbwachs

sobre memória e de Paul Ricoeur e Philippe Lejeune sobre identidade narrativa e escrita de si, além das reflexões advindas do uso do método biográfico e da consequente aprendizagem ao longo da vida.

Tais concepções levam a pensar a formação humana mediada pela literatura, cuja linguagem, expressa na elaboração do texto literário, em seu caráter estético, ético e cognitivo, possibilita, através da experiência de ouvir e ler histórias plenas de sentido, conhecer a si mesmo, ao outro e ao mundo; e, pela evocação da memória, construir narrativamente a própria identidade, pela escrita de si, que permite continuar aprendendo ao longo da vida até seu termo final.

Nessa perspectiva, pavimentam também nosso caminho de pesquisa outros estudos como *Corpos escritos*, de Wander Miranda. Ele reconhece que “o resgate do narrador benjaminiano na atualidade dá-se principalmente no texto memorialista ou autobiográfico, ‘texto de reminiscência’, no qual a ação narrada é indissociável da experiência de quem narra.” (MIRANDA, 2009, p. 102-103). Obviamente, não se trata, como afirma Jadir Pessoa, organizador do livro *Literatura e formação humana*, “mesmo se a pretexto de transmitir experiências, ensinar conteúdos prontos, informações que esvaziam e até ridicularizam a reflexão”; antes, diz respeito a uma “concepção de educação baseada na densidade da experiência que, nos termos benjaminianos, pode ser narrada por alguém que vem de longe, cujo exemplar histórico é o “marinheiro comerciante”, mas, também, com muita propriedade, compõe as narrativas do “camponês sedentário” que permaneceu em seu país e que conhece profundamente suas histórias e tradições”. (PESSOA, 2016, p. 18. 22).

Sendo leitor receptivo que faz uma experiência com os autores e livros lidos, Octacílio Alecrim se constitui, do ponto de vista do autor-narrador-personagem de *Província submersa*, como o “marinheiro comerciante” que navegou por outros mares em busca de descobrir o conhecimento em outros mundos, mas também como aquele “camponês sedentário”, que, em seu trabalho artesanal, tem um contato direto com as tradições e as histórias de seu povo e que, por isso, pode transmitir a riqueza cultural de sua gente. Ele se apresenta, assim, como a figura de um *deraciné*, mas que permanece enraizado em sua terra de origem, pela força das histórias experienciadas.

Tratando sobre o conceito de experiência em Benjamin, com vistas a uma proposta de leitura literária como experiência simbólica, Cristóvão Burgarelli e Flávia

Teófilo, na mesma obra organizada por Jadir Pessoa, ressaltam, por sua vez, nesse conceito, uma experiência de linguagem correlata a uma experiência histórica. Assim, de acordo com esses autores, “para nos constituirmos subjetivamente, contamos com as condições enredadas pela história e pela linguagem, que são encadeamentos simbólicos que nos antecedem”, razão pela qual “a literatura pode ser considerada como o mais rico desses encadeamentos, o mais aberto e o mais formativo.” (BURGARELLI e TEÓFILO, 2016, p. 109). E, como, para Benjamin, experiência e alteridade caminham juntas, essa riqueza, abertura e capacidade de formar estaria exatamente na possibilidade de “intercambiar experiências” através de um narrador conselheiro, “que retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros.” (BENJAMIN *apud* BURGARELLI e TEÓFILO, 2016, p. 109).

A propósito disso, contribuiu ainda para nossa pesquisa a atualização do conceito de experiência que faz Jorge Larrosa – em vários ensaios produzidos ao longo da década de 1990 e reunidos, em 2014, na edição brasileira do livro *Tremores: escritos sobre experiência* – não só a partir de Benjamin, mas também de Martin Heidegger, para quem

fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER *apud* LARROSA, 2002, p. 25, grifos no original).

Além disso, consideramos importantes as noções de formação humana em sua relação com a linguagem e a literatura, trabalhadas por Larrosa – no livro *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*, cuja sexta edição revista e ampliada foi publicada no Brasil em 2017 –, como também algumas reflexões pedagógicas pontuadas por Philippe Meirieu no primeiro volume de sua obra *Itinéraire des pédagogies de groupe*, cuja primeira edição foi publicada em 1984, e no seu livro *Des enfants et des hommes - Littérature et pédagogie 1*, lançado em 1999. Com isso, buscamos compreender de que forma a experiência do outro, através de suas leituras literárias, é acolhida por Octacílio Alecrim e contribui em seu processo formativo.

Com essas e outras ferramentas que indicamos mais adiante, lançamo-nos no penoso, mas aprazível, trabalho de cavar, no terreno das Letras e da Educação – onde temos cultivado saberes e experiências ao longo de quase 30 anos de magistério como professora de língua portuguesa e literatura –, em busca do tesouro escondido na obra de Octacílio Alecrim, com a mesma disposição dos herdeiros mencionados naquela parábola contada por Benjamin, em seu ensaio “Experiência e pobreza”, de 1933:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. (BENJAMIN, 1993).

No estudo em questão, podemos vislumbrar o tesouro que aí se esconde. Para além do conjunto de obras aí referidas, é o trabalho de resgate da memória, da vida, das leituras e do pensamento de Octacílio Alecrim e, a partir de sua experiência com o mundo e com o outro, a escrita que ele faz de si, concorrendo para a sua formação, na medida em que favorece a ampliação do imaginário, o domínio da linguagem, a afirmação e expansão do ser e o conduz a fazer da arte sua vida e de sua vida arte.

1.2 JUSTIFICATIVA

Ildeu Coêlho considera a obra de cultura uma criação do espírito, na qual “determinada esfera do engenho humano, tais como a filosofia, a arte e a literatura, realizam sua natureza e nessa e por essa área as criações da razão, da sensibilidade e da imaginação, os humanos, a humanidade caminham rumo à perfeição”. (COÊLHO, 2009, p. 19). Assim, para ele, o texto literário, filosófico ou científico, como obra de cultura, porquanto “situa-se no mundo do espírito, do pensamento, da sensibilidade e da imaginação, amplia e aprofunda horizontes, torna possíveis novas formas de compreensão e abre novas possibilidades de pensamento e de ação, novas formas de ver e de agir.” (COÊLHO, 2009, p. 20).

Como obra de cultura, *Província submersa* apresenta-se, assim, como um vasto campo de investigação, no âmbito da literatura e da formação humana,

permitindo uma aproximação para repensar a hermenêutica da cultura, entendida “como esfera da formação, da formação cultural, do cultivo da humanidade e dignidade dos humanos, da ‘com-vivência’ autônoma, livre e respeitosa no trabalho, na vizinhança, no bairro, na cidade, nas relações entre povos, no mundo como morada de todos, como morada humana, *éthos*”. (COÊLHO, 2009, p. 17, grifos do autor).

É possível dizer, quanto à cultura de Octacílio Alecrim, que foi um erudito, leu voraz e atentamente, falou e escreveu com muita propriedade, como demonstram seus discursos, seus escritos sobre crítica literária e, em especial, sua obra autobiográfica. É de grande preferência dos memorialistas a resenha de obras que leu e a reflexão sobre distintos autores, que, de alguma maneira, misturaram-se à sua vida e os constituíram como pessoas. Suas memórias evocam distintos autores cujo pensamento esquadrinhou e que lhe permitiram conhecer outros mundos e experimentar outras formas de interpretar a si mesmo, o outro, sua época e seu meio.

Ambientada nos primeiros 30 anos do século XX, no Rio Grande do Norte, Região Nordeste do Brasil, Província submersa apresenta-se como um registro histórico-geográfico em um contexto que foi definido como a *Belle Époque* potiguar, compreendendo o período que vai da virada do século XIX até os dois decênios iniciais do XX, tendo como marco inicial a Proclamação da República e como termo final a Revolução de 1930. Nesse período, de acordo com Gurgel (2009, p. 31-32), ocorreu “na esquina do continente sul-americano, numa escala obviamente reduzida, algo semelhante ao que já vinha acontecendo na Europa e nos Estados Unidos”, incorporando-se “ao cotidiano da pequenina capital transformações que, embora em velocidade reduzida, apontavam de alguma forma na direção da modernidade” e “o período torna-se aos poucos glamourizado pela elegância e uma visível *joie de vivre* das elites, alegre importação de Paris, via Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.”

Assim, o estudo dessa obra reveste-se de grande importância para a literatura e a cultura potiguar e brasileira, podendo contribuir para a difusão do conhecimento e da produção literária e cultural do Estado e do País, de modo a reconhecer e resgatar o valor de Octacílio Alecrim e de Província submersa, em termos literários e educacionais, como também de outros autores e obras aí mencionados e discutidos.

Ainda no quadro da literatura autobiográfica e memorialista, este trabalho poderá colaborar com a compreensão do gênero, pela ampliação da discussão teórica

sobre o tema, abrangendo memória e escrita de si, paralelamente às questões que envolvem a formação humana através da leitura de obras literárias.

1.3 OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral discutir a relação entre literatura e formação humana a partir da análise do livro de memórias *Província submersa*, do escritor norte-rio-grandense Octacílio Alecrim. Trata-se de uma narrativa autobiográfica da infância e juventude do autor, que testemunha o papel da literatura como multiplicadora das experiências vividas por ele, cujas leituras literárias produz efeitos notáveis, dentre os quais se destaca o fato de tê-lo levado a tornar-se também um escritor.

Para alcançar esse objetivo, circunscrevem-se neste estudo os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever os processos da memória envolvidos na construção da obra literária em estudo a partir das relações com a espacialidade, a percepção sensorial, a afetividade e a representação estética;
- b) caracterizar a obra em estudo do ponto de vista do gênero literário autobiográfico, aí compreendido o souvenir afetivo da província com reminiscências da infância e juventude e considerando também seu caráter híbrido, com elementos de memória, ensaística e registro documental;
- c) recuperar fatos relevantes evocados e selecionados pela memória no processo de construção/reconstrução e de ressignificações que na narrativa possibilitam o conhecimento de si, do outro e do mundo àquele que narra sua trajetória e ao leitor;
- d) fazer um levantamento, mediante critérios pré-estabelecidos, das principais obras e autores referidos por Octacílio Alecrim, em *Província submersa*;
- e) descrever experiências significativas de leitura manifestadas pelo autor na obra em estudo, considerando o grau de receptividade, responsabilidade e influência demonstrado em relação às obras citadas e comentadas, bem como de compromisso com sua transmissão.

1.4 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Considerando os objetivos deste trabalho, para a análise da obra *Província submersa*, de Octacílio Alecrim, buscamos fundamentação, mediante pesquisa de cunho teórico-bibliográfico, em diferentes autores e obras que abordam a relação entre literatura e formação humana, em especial Antonio Candido e Edith Stein, respectivamente. Também nos apoiamos em referências que discutem memória, como Henri Bergson e Maurice Halbwachs, e escrita de si, notadamente Paul Ricœur e Philippe Lejeune, como forma de enriquecer nossa análise, porquanto tais noções estão diretamente imbricadas na elaboração do gênero autobiográfico memorialístico, no qual se enquadra a obra em estudo, de modo a fornecer mais elementos para sua compreensão.

Entendemos com Todorov (2009, p. 22-23) que “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes.” Por isso, será incorporado, como base para o desenvolvimento deste trabalho, o pensamento de autores que contribuam para a compreensão da experiência simbólico-estética mediada pela linguagem, como forma de acesso ao conhecimento humano pela leitura de obras literárias.

Em se tratando da leitura de textos literários, Bloom (2001) considera que lemos por diversos motivos, seja porque, na vida real, não podemos “conhecer” muitas pessoas, entrando na sua intimidade; seja porque precisamos nos conhecer melhor; seja, ainda, porque precisamos conhecer, não somente os outros e a nós mesmos, mas também as coisas da vida. Mas ele ressalta que o motivo mais marcante e autêntico é a busca por um “sofrido prazer”, advindo dessa experiência. De acordo com esse autor, para que sejamos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana, precisamos ler como seres humanos – e fazê-lo plenamente, pois somos mais do que ideologia, sejam quais forem as nossas convicções.

Assim, retomando ideias de Francis Bacon, Samuel Johnson e Ralph Emerson, Bloom (2001) propõe uma fórmula de leitura: “encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que seja livre da tirania do tempo.” E apresenta alguns princípios a serem tomados como referência para ler adequadamente e com proveito, a saber: a) livrar a mente de toda presunção; b) não

perder tempo tentando melhorar o outro, através do que lemos ou de como o fazemos, mas buscar o próprio autoaperfeiçoamento, dedicando-se à leitura; c) ler à própria luz interior e não guiados por um impulso historicista que venera obsessivamente as coisas no tempo; d) ser inventor, criativo, autoconfiante; e e) resgatar o poder da ironia, uma vez que esta liberta a mente da presunção e faz brilhar a chama do intelecto.

Larrosa (2014), por sua vez, no contexto da era da informação em que estamos inseridos, apresenta alguns elementos que podem inibir ou prejudicar a experiência e o sentido que se pode vivenciar, o que pode ser aplicado também à leitura de obras literárias: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2014, p. 18 - 19).

Na primeira série de ensaios de Emerson, publicados no ano de 1841, encontram-se importantes reflexões sobre o papel da literatura e o desenvolvimento intelectual. De acordo com esse filósofo, “o homem que progride descobre quão profundas são as origens de sua propriedade na literatura – em todas as fabulações, assim como em toda história. [...] Sua própria biografia íntima, ele a encontra em linhas que lhe são maravilhosamente inteligíveis, traçadas antes mesmo de ele nascer.” Isso porque, segundo ele, tais fabulações, enquanto criações da imaginação, e não de uma crença infundada, se constituem como verdades universais. (EMERSON, 1994, p. 27).

A voz da fábula tem em si algo de divino. Ela veio de um pensamento acima da vontade do escritor. Essa é a melhor parte de cada escritor, parte que não tem em si nada de particular; parte que é a melhor, pois ele a desconhece; que flui de sua constituição, e não de sua ágil invenção; aquela que podereis ter dificuldade em encontrar no estudo de um único artista, mas que no estudo de muitos, abstraríeis como o espírito de todos eles. (EMERSON, 1994, p. 76).

Assim, para Emerson (1994, p. 209), a literatura é um ponto exterior ao nosso círculo hodierno, por meio do qual um novo círculo pode ser descrito, consistindo sua utilidade em oferecer-nos uma plataforma a partir da qual é possível ver nossa realidade e por meio da qual podemos transformá-la. E, percebendo o que nos deleita em certos escritores, apreendemos o que ele tem da verdade. “Cada verdade que um escritor obtém é uma lanterna que ele dirige em cheio para os fatos e pensamentos que já se encontram em sua mente”, de tal sorte que mesmo um “fato trivial de sua biografia se torna ilustração desse princípio, revisita o dia e deleita a todos os homens por seu sabor e novo encanto.” (EMERSON, 1994, p. 223).

Emerson (1994, p. 224) afirma ainda que todos somos sábios, o que nos diferencia é a habilidade técnica para expressar, usar e classificar os fatos e experiências de nossa vida. Assim, ele diz que, mesmo incapazes de criar algo como Hamlet ou Otelo, não podemos deixar de perceber a “perfeita recepção que este engenho, este imenso conhecimento da vida, esta líquida eloquência encontra em nós.” Segundo ele, as experiências que vivenciamos permanecem em nossa memória até que sejam despertadas, e leva tempo até descobrirmos o quanto somos ricos.

Nossa história, estamos certos, é bastante dócil; nada temos a escrever, nada a inferir. Mas nossos anos de maior sabedoria ainda retornam às recordações desprezadas da infância, e sempre içamos daquele lago algum objeto maravilhoso; até que, mais cedo ou mais tarde, começamos a suspeitar que a biografia da pessoa tola que conhecemos é, na realidade, nada menos que a paráfrase em miniatura dos cem volumes da História Universal. (EMERSON, 1994, p. 224-225).

Dessa forma, Emerson (1994, p. 225) explica que, no intelecto construtivo, que popularmente chamamos de gênio, assim como no intelecto receptivo, há o mesmo equilíbrio de dois elementos. Ao gênio, contudo, são dados o pensamento e a capacidade de tornar público. O pensamento, para ele, “é revelação, sempre um milagre que nenhuma frequência de repetição ou estudo incessante poderá tornar familiar e que sempre deixará o inquisidor estupefato de admiração. É o advento da verdade no mundo [...]. Mas, para torná-la disponível, é necessário um veículo ou arte por meio do qual ela seja transmitida aos homens.”

Emerson (1994, p. 226 - 227) diz ainda que o pensamento do gênio pode até ser espontâneo, mas o poder de expressar requer um elemento de vontade e um certo controle sobre os estados espontâneos. E observa que o intelecto que discerne o mundo está sempre muito adiante do intelecto criativo, de modo que há muitos

juulgadores competentes do melhor livro e poucos escritores dos melhores livros. Para ele, “o progresso de todo homem ocorre por meio de uma sucessão de professores, cada um dos quais parecendo a seu tempo ter influência superlativa, mas cedendo, por fim, seu lugar a um novo.” (EMERSON, 1994, p. 230).

A propósito do papel da literatura em processos educacionais, em uma série de seis palestras¹ promovidas pela Canadian Broadcasting Corporation, em 1962, Northrop Frye busca respostas para as seguintes perguntas: “Para que serve o estudo da literatura? Será que ele ajuda a pensar com mais clareza, ou a perceber com mais sensibilidade, ou a viver melhor? Qual a função do professor, do erudito, ou de quem se autodenomina, como eu, crítico literário? Que diferença faz o estudo da literatura em nosso comportamento social, político ou religioso?”

Inicialmente, Frye (2017, p.14) discute a relação entre o inglês como língua materna e o inglês como literatura, bem como o valor social do estudo da literatura e o lugar da imaginação, inerente à literatura, no processo de aprendizagem. Partindo da distinção entre intelecto e emoção, conforme operações mentais características do Ocidente e do Oriente, ele mostra que intelecto e emoção nunca se unem em nossa mente quando nos limitamos a olhar para o mundo, alternando-se e mantendo-nos divididos. Isso está relacionado com a linguagem, nos três níveis de operação da mente: consciência e perceptividade (linguagem da autoexpressão); participação social (linguagem do senso prático); e imaginação (linguagem literária). Com base nesse esquema, Frye (2017, p. 19) distingue as artes das ciências:

A ciência parte do mundo onde temos de viver, aceitando seus fatos e tentando explicar suas leis. A partir daí, ela move-se em direção à imaginação: torna-se um constructo mental, o modelo de uma maneira possível de interpretar a experiência. [...] A arte, por sua vez, parte do mundo que construímos, e não do mundo que observamos. Ela começa com a imaginação, e então dirige-se para a experiência comum – isto é, procura fazer-se tão convincente e reconhecível quanto possível. Entende-se daí por que costumamos ver as ciências como racionais e as artes como emocionais.

Assim, ele considera que a linguagem associativa da literatura, pelo uso de figuras, como a símile e a metáfora, pretende criar alguma identidade entre a mente humana e o mundo exterior a ela, sendo essa identidade o mais importante para a imaginação. Trata também da recorrência de elementos, porquanto todos os temas,

¹ Reunidas em publicação póstuma no Brasil: FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Campinas : Vide Editorial, 2017.

personagens e histórias estariam relacionados entre si, como parte de uma mesma família, como, por exemplo, modos típicos de contar histórias: tragédia, comédia, sátira e romance. (FRYE, 2017, p. 41).

Para Frye (2017, p. 83), “se há algum valor prático ou cultural em estudar literatura, ele vem do corpo total das nossas leituras – do castelo de palavras que, à medida que é construído por nós, vai ganhando novas alas.” De acordo com o crítico canadense, “o mundo da literatura é um mundo sem nenhuma realidade senão a da imaginação humana. Muito do que encontramos nele traz-nos nítidas recordações da vida que conhecemos. Mas há nessa mesma nitidez algo de irreal”, de modo que “a imaginação dá-nos tanto um mundo melhor como um mundo pior do que este que vivemos”, exigindo-nos fixar o olhar em ambos. (FRYE, 2017, p. 85-86).

Nessa perspectiva de aproximação entre literatura e formação humana, buscamos, ainda, as contribuições de Philippe Meirieu e Jorge Larrosa, que, de acordo com Brayner (2005), embora com olhares diferentes, acreditam no poder formador e regenerador da literatura, seja pela leitura literária com fins de aquisição de saberes, seja, de maneira mais ousada, como meio de (auto)formação através da linguagem literária.

Em se tratando de textos literários construídos com fins formativos, Eliane Lopes chama a atenção para um artigo intitulado “Literatura e Educação: os conteúdos pedagógicos dos Romances de Formação, de Bárbara Freitag, que apresenta três romances do Século das Luzes: O Emílio, de Rousseau, Leonardo e Gertrudes, de Pestalozzi e Wilhelm Meisters, de Goethe, os quais falam da formação de seus heróis e, ao fazerem isso, propõem um certo tipo de formação para os de sua época, de modo que, nessa perspectiva, a literatura se constituiria como uma agência de socialização comparável à família e à escola. Assim, Lopes (2005, p. 167) acredita que esse tipo romanesco pode oferecer “um material no mínimo fascinante (mesmo que não seja vasto) para a reconstituição do que foi a formação de artistas, intelectuais, escritores e literatos brasileiros, do ponto de vista da educação.”

Soares e Mendes Sobrinho (2010), por sua vez, entendem que foi o princípio dinâmico da narrativa de formação que deu origem, durante o século XVIII, a dois gêneros próximos, que se influenciaram mutuamente, mas que se distinguem entre si:

por um lado, pela relação que mantêm com o “real” e a “ficção” e , por outro lado, pelo pacto de leitura que os une aos seus leitores. O primeiro, a autobiografia, realiza-se por um narrador-autor como narrativa retrospectiva da própria vida na primeira pessoa; o segundo, o romance de formação, realiza-se na primeira ou terceira pessoa como narrativa retrospectiva da vida de um personagem de ficção. (SOARES e MENDES SOBRINHO, 2010, grifos dos autores).

Por isso, dada a proximidade entre o romance de formação e a autobiografia, entendida como “narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, mais particularmente a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 14), esta possibilidade de oferecer material para a apreensão de certos processos formativos parece ser ainda maior.

Quanto ao conceito de autobiografia, cabe o esclarecimento de Amorim (2012, p. 21), para quem

os subgêneros que se reúnem sob o rótulo genérico de “autobiografia” apenas raramente gozam de um estatuto de correspondência ou compatibilidade entre si. Mas o hiperônimo “autobiografia”, com frequência, é empregado de forma indistinta, para referir conceitos, senão antagônicos, que não denotam precisamente os mesmos valores em comum, como as **memórias**, o **romance pessoal**, o **poema autobiográfico**, o **diário**, o **autorretrato** e até mesmo a **biografia**. Categorias narrativas intimamente aparentadas em vários aspectos, cada uma delas apresenta traço fundamental e particular que a diferenciará das demais. (AMORIM, 2012, p. 21, grifos nossos em negrito).

Não se incluem entre os objetivos deste trabalho estudar as várias composições estruturais da autobiografia, sejam literárias ou não, por isso, mesmo reconhecendo que há distinções entre os subgêneros acima grifados, usaremos de modo geral, ao longo deste trabalho, o termo autobiografia (ou gênero autobiográfico), tendo como referência os estudos desenvolvidos por Lejeune (2014) e abarcando todos os subgêneros que a esta estejam relacionados, inclusive aqueles identificados como relatos de vida, histórias de vida, escrita do eu, escrita de si, narrativa de si e, até mesmo, o que se convencionou chamar de autoficção.

Sob essa perspectiva, foi possível nos valer, em nossa pesquisa, de estudos sobre narrativas literárias como o de Zagury (1982), que focaliza memórias de infância, e o de Miranda (2009), que se ocupa das relações entre ficção autobiográfica e autobiografia ficcional, posto que estão centrados na representação autobiográfica e na sua relação com a realidade vivida (ou imaginada), buscando

situar o problema “não a nível dos enunciados produzidos, mas sim da intenção que os produziu, com o objetivo de compreender de que modo essa intenção se cumpre no decorrer das narrativas que inauguram.” (MIRANDA, 2009, p. 101).

Especificamente no que tange à biografia, que parece ser o mais discrepante entre os subgêneros acima referidos, embora reconheça haver uma considerável distinção entre esta e a autobiografia, Bakhtin (1992, p. 166) diz que não há uma demarcação nítida entre as duas formas, sendo este um ponto essencial, uma vez que essa distinção não se situa no plano de valores da orientação da consciência. De acordo com ele, tanto numa como na outra, a relação consigo mesmo – com o eu-para-mim – não é um elemento constitutivo e organizador da forma artística.

Entendo por biografia ou autobiografia (narrativa de uma vida) uma forma tão imediata quanto possível, e que me seja transcendente, mediante a qual posso objetivar meu eu e minha vida num plano artístico. Vamos examinar a forma da biografia somente nos seus aspectos que possam servir para a auto-objetivação, ou seja, no que pode ser autobiográfico no plano de uma eventual coincidência entre o herói e o autor ou, mais exatamente (pois, na verdade, a coincidência entre o herói e o autor é uma *contradictio in adjecto*, na medida em que o autor é parte integrante do todo artístico e como tal não poderia, dentro desse todo, coincidir com o herói que também é parte integrante dele. A coincidência de pessoas “na vida”, entre a pessoa de que se fala e a pessoa que fala, não elimina a distinção existente dentro do todo artístico; e, de fato, pode-se formular a pergunta: como me represento a mim mesmo? Pergunta esta que se distinguirá desta outra: quem sou?), no que particulariza o autor em sua relação com o herói. (BAKHTIN, 1992, p. 166, grifos do autor).

Aprendemos com Lejeune (2014, p. 65) que o centro do campo autobiográfico é a suposta confissão, o que implicaria certo caráter de “verdade”, como também nos situamos no campo dos estudos (auto)biográficos das histórias de vida em formação, enquanto método de investigação de processos formativos, sobre os quais falamos mais adiante, ainda que a isso se possa contrapor, inicialmente, a noção de “ilusão biográfica” de Bourdieu (1998), que vê nesse tipo de narrativa uma construção artificial, e o narrador como um pretense ideólogo de si mesmo, gerando uma ilusão retórica e não um discurso de “verdade”.

Mesmo aceitando a ideia de uma representação forjada de si mesmo que retirasse totalmente da autobiografia seu caráter confessional, além de reconhecer os problemas de identidade daí decorrentes, não se pode negar o desejo de autonarração, como expressão de si mesmo ou comunicação de algo que lhe é

inerente, ainda que de uma forma “editada”. Essa representação seria então uma aproximação entre o real e o imaginário, entre o histórico e o ficcional, como vislumbramos em Ricœur (1997), para quem esses dois modos de narrar se entrecruzam na refiguração do mundo, sendo a narrativa um meio para compreensão do drama humano, ao qual só podemos ter acesso através das histórias contadas pelos outros ou por nós mesmos, sejam estas intrinsecamente verdadeiras ou não.

Sob essa ótica, permanece, para Lejeune, o paradoxo da autobiografia literária, que é “pretender ser ao mesmo tempo um discurso verídico e uma obra de arte”, ensejando “essa tensão entre transparência referencial e preocupação estética”, a qual pressupõe a existência de “uma gradação contínua que vai da insipidez do *curriculum vitae* até a poesia pura.” (LEJEUNE, 2014, p. 70-71).

Seja qual for a perspectiva mediante a qual se busca definir e caracterizar a autobiografia, na base de construção desse gênero encontra-se a memória como elemento desencadeador e estruturador da narrativa. De acordo com Ecléa Bosi, “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.” (BOSI, 1994, p. 68). Por isso, para subsidiar a análise da obra de Octacílio Alecrim, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, buscamos nos apropriar de conceitos relacionados à fenomenologia da lembrança, dentre os quais aqueles sistematizados por Henri Bergson e Maurice Halbwachs, entre outros autores que possam ajudar a melhor compreender a escrita memorialista da autobiografia.

Nem sempre compreendida também em seu valor estético, a escrita de memórias não raramente é considerada como um gênero literário menor, provavelmente em razão de seu suposto afastamento das obras definidas propriamente como poéticas ou ficcionais. Contudo, analisando obras memorialistas dos escritores mineiros Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava, Candido (1989, p. 54) observa, apesar das diferenças entre os livros *Boitempo*, *A idade do serrote* e *Baú de ossos*, dos respectivos escritores, a existência de “um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura ‘de dupla entrada’, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa.”

Nesse sentido, de acordo com Patrícia Porto, “a trama memorialística inaugura um leque de ressignificados, que, pela reinvenção do passado, tomam a forma da narrativa do imaginário, falando bem próximo a um mito fundador que é o da criação da própria memória.” (PORTO, 2011, p. 206). Isso, de tal sorte que

capacidade de lembrar e potencialidade de inventar se unem para a reinvenção do ser. E desse mito fundador também surge o misterioso e o inaugural naquilo que há de profundo numa visão “antropofilosófica” da literatura, de seu instrumento – a linguagem – e de sua missão – construir a narrativa do homem, justificando-lhe a existência através da constituição mítica e mágica da palavra. (PORTO, 2011, p. 206, grifos da autora).

Nesse ponto, em que a autobiografia corresponderia a uma presumível estética da existência, convém recorrer a algumas referências que dão conta da escrita de si, que, sendo inerente ao texto autobiográfico, define-se pela relação de equivalência existente entre autor, narrador e personagem, que, na narrativa autobiográfica, estão reunidos em uma só pessoa. Para a compreensão das implicações dessa relação, em uma perspectiva de fundo, procuramos estabelecer um diálogo com autores que tratam da escrita de si.

Braun Dahlet (2015) relaciona, pelo menos, três domínios para estudo da escrita de si: o da teoria literária através da narratologia, que encontra ressonância em trabalhos de Philippe Lejeune e Gerard Genette; o da linguística da enunciação e filosofia da linguagem, por meio da referência e da relação que estabelece entre os pronomes pessoais e a identidade, conforme discutido por Emile Benveniste, Paul Ricœur e J. M. Ferry; e o pragmático, segundo o “pacto autobiográfico” referido por Philippe Lejeune, que conduz ao entendimento do texto pelo leitor e liga o autor ao leitor da narrativa de si. Para a análise da obra autobiográfica de Octacílio Alecrim, buscamos extrair contribuições de alguns desses estudos, em especial as que apontam para as noções de personalidade, problemática estrutural e modos discursivos.

De acordo com a fundamentação teórica delineada e sem perder de vista nosso objetivo de investigar, na obra *Província submersa*, de Octacílio Alecrim, como a literatura contribuiu para a formação humana e intelectual do escritor, avançamos em nossa pesquisa de cunho teórico-bibliográfico em busca de categorias e critérios que subsidiassem a análise da obra em questão, na perspectiva de uma

“pedagogização da literatura” em direção a uma “literaturização da pedagogia”, conforme apontado por Brayner (2005).

Nesse esforço de análise, a referência de base são os estudos voltados para a relação entre literatura e formação humana e os trabalhos que discutem a memória e a escrita de si, mas também buscamos apoio metodológico no arsenal da chamada pesquisa biográfica, associada à narrativa de formação, que tem sido largamente utilizada como método de pesquisa na área de Educação nos últimos anos.

A respeito desse método, em obra inaugural, em que procura fundamentar e consolidar a pesquisa biográfica como campo disciplinar, Delory-Momberger (2008) observa que a narrativa de formação constitui o modelo que, desde o século XVIII, serve de inspiração para as representações biográficas tal como a conhecemos, em que se evidenciam, as etapas da formação de um indivíduo desde sua gênese, ou seja, contam como alguém se tornou quem é.

Por sua vez, Elizeu Souza, para quem a revalorização das autobiografias insere-se no campo da história social, especificamente, com as contribuições teórico-epistemológicas da história cultural de Roger Chartier, entende que

as abordagens biográfica e autobiográfica das trajetórias de escolarização e formação, tomadas como “narrativas de formação”, inscrevem-se nesta abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-la como processo formativo e autoformativo, através das experiências dos atores em formação. Também porque esta abordagem constitui estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação. (SOUZA, 2006, p. 26, grifos do autor).

Já Maria Helena Abraão, a partir de Bolívar (2001), considerando o enfoque da narrativa de cunho autobiográfico em percursos formativos do sujeito, destaca a tríplice dimensão dos estudos desse tipo de narrativa, enquanto “FENÔMENO (o relato; o acontecimento), MÉTODO (de investigação) e PROCESSO (de auto-conhecimento, de desenvolvimento identitário do sujeito que se narra).” (ABRAÃO, 2005, p. 148, grifos da autora). Com base nisso, na abordagem de textos dessa natureza, poderiam ser tratados o conteúdo que emerge da memória daquele que narra; a forma através da qual o eu expressa sua percepção sobre os acontecimentos narrados; e a reflexão que o sujeito faz sobre seu próprio processo de formação. Feitas as devidas adequações, uma vez que não estamos trabalhando com narrativa

oral nem entrevista, mas com um livro de memórias, é possível traçar um caminho para análise da obra em questão, relacionando cada uma dessas dimensões aos campos de investigação nos quais se desenvolve nossa pesquisa: memória (fenômeno), escrita de si (método) e formação humana pela literatura (processo).

No que diz respeito à formação, ainda no contexto da pesquisa autobiográfica, Josso (2010, p. 61) observa que “a palavra formação apresenta uma dificuldade semântica, pois designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado.” Ao designar seu objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, a autora indica seu interesse pela compreensão da atividade. Todavia, segundo ela, “mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se.”

A propósito disso, convém citar Nóvoa (1988, p. 116), para quem “as histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia de que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ [...]”, e convém, ainda, porquanto associado a esse movimento, fazer referência à ideia de aprendizagem ao longo da vida, cujas reflexões também estamos trazendo para pensar os desafios impostos pelas mudanças educacionais advindas dos avanços tecnológicos, no intuito de propor a literatura como um ambiente favorável de aprendizagem.

Dessa forma, considerando o “processo de construção/reconstrução e de ressignificações que tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória” (Cf. ABRAHÃO, 2005, p. 151), partimos da memória e suas relações com o espaço, os sentidos, a afetividade e a cultura literária, passando pela escrita de si, até chegar à reflexão sobre o processo formativo mediante a leitura de obras literárias, buscando verificar a contribuição destas, em termos de ampliação do imaginário, domínio da linguagem, afirmação e expansão do ser.

Para tanto, este trabalho está dividido em seis partes, incluindo-se esta primeira, (1) Introdução, na qual apresentamos o problema da pesquisa, a justificativa para o estudo, além dos objetivos e dos fundamentos teórico-metodológicos; e a sexta e última parte, constituída pelas (6) Considerações finais, em que retomamos as

principais ideias discutidas ao longo do trabalho, apontando para algumas conclusões e desdobramentos desta pesquisa.

Na segunda parte, que constitui o segundo capítulo, a partir das noções de (2) Espaço-tempo e aspectos bibliográficos relacionados a Octacílio Alecrim, buscamos fazer uma retrospectiva de acontecimentos significativos de sua vida, com recortes nas diferentes cidades e períodos em que ele viveu, indicando, tanto quanto possível, as obras que publicou, com destaque para *Província submersa*.

Denominado (3) Memória e (des)enraizamento regional, o terceiro capítulo, que corresponde à terceira parte, traz elementos para a compreensão do processo de representação do real-passado, em suas relações com a referencialidade e a inventividade, mediadas pela percepção sensorial e a afetividade. Junto com isso, procuramos demonstrar de que maneira a espacialidade funciona como suporte para a reconstituição da memória, ressaltando aspectos da memória coletiva e social a partir de elementos geográficos e históricos e da tradição popular, além de discutir a evocação da memória pelos sentidos e a sua representação estética.

Por sua vez, na quarta parte, que compreende o quarto capítulo, intitulado (4) Autobiografia e escrita literária, tentamos fazer uma caracterização do gênero autobiográfico e, em particular da autobiografia literária, para, em seguida, apresentar a configuração da narrativa autobiográfica em *Província submersa*, salientando aspectos das pessoas e dos tempos verbais utilizados, da estrutura e dos modos discursivos presentes na obra, bem como elementos relacionados ao pacto biográfico e à ilusão retórica, inerentes ao gênero.

A quinta e última parte, englobando o quinto capítulo, por fim, conforme indica seu título, (5) Literatura e formação humana, constitui o ápice deste trabalho. Apoiando-nos em base bibliográfica dos campos literário e educacional, procuramos apresentar a educação literária de Octacílio Alecrim, revelada em *Província submersa*. Por um lado, na perspectiva de uma “pedagogização da literatura”, buscamos, por meio dos relatos de sua incursão no universo literário como leitor, verificar seu despertar para o prazer da leitura, a constituição dos espaços para a leitura, no ambiente escolar e fora dele e os principais influenciadores, passando pelo acesso às obras literárias, destacando aquelas de maior expressão, dentre autores nacionais e potiguares. Por outro lado, do ponto de vista da “literaturização da pedagogia”, discutimos o processo de autoformação e suas relações com a história de vida e a

estética da existência, desembocando na gênese do escritor e na composição da obra autobiográfica em estudo.

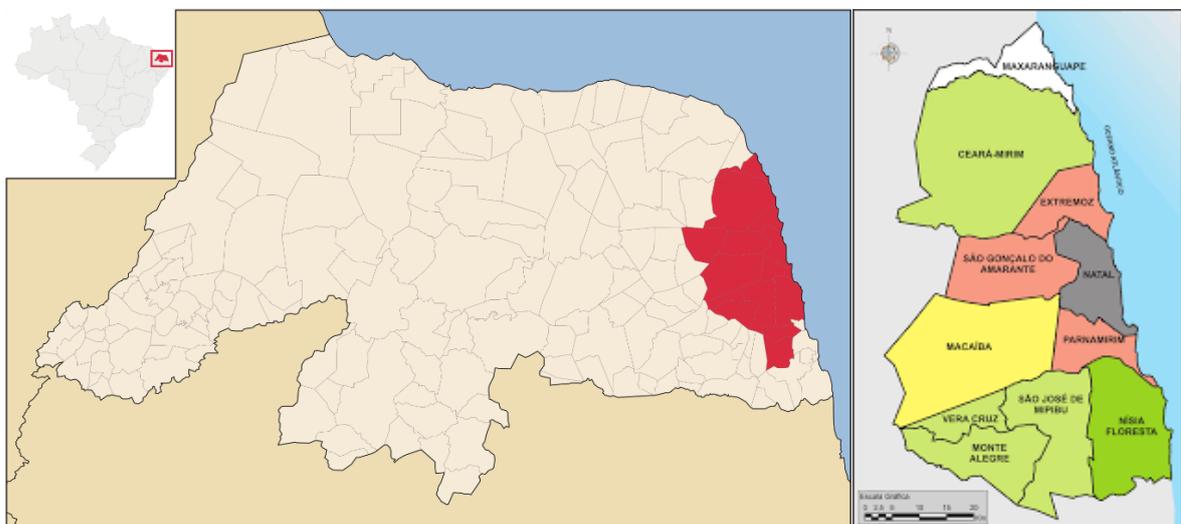
2 ESPAÇO-TEMPO E ASPECTOS BIOBIBLIOGRÁFICOS

Neste capítulo, apresentamos alguns aspectos relacionados à vida e à obra de Octacílio Alecrim, a partir de um recorte espaço-temporal, que compreende as cidades onde ele nasceu, viveu e morreu, durante os seus quase 62 anos de existência. Assim, começamos por Macaíba, local de seu nascimento no Estado do Rio Grande do Norte, em 17 de novembro de 1906, onde permaneceu até 1923; depois, passamos por Natal, para onde ele se transferiu em 1924, tendo se estabelecido na capital do Estado até 1927; em seguida, deslocamo-nos até o Recife, para onde ele foi, após ter sido aprovado na Faculdade de Direito do Recife, tendo deixado a capital pernambucana após concluir seus estudos superiores, em 1933; e, por fim, terminamos no Rio de Janeiro, onde ele se estabeleceu definitivamente em 1934, aí permanecendo até seu falecimento, em 2 de julho de 1968.

2.1 MACAÍBA (1906 - 1923)

Octacílio Alecrim nasceu em Macaíba, cidade do Estado do Rio Grande do Norte, situada na Região Nordeste do Brasil. Com uma população estimada atualmente em 80 mil habitantes, o município, que fica a 30km de Natal, faz parte da região metropolitana da capital.

Figura 1 – Mapas do Rio Grande do Norte e da Região Metropolitana de Natal



Fontes: https://pt.wikipedia.org/wiki/Região_Metropolitana_de_Natal e <https://www.fetronor.com.br>

Berço de outras reconhecidas personalidades históricas, como o inventor Augusto Severo (1864 - 1902), a poetisa Auta de Souza (1876 - 1901) e o escritor Henrique Castriciano (1874 - 1947), Macaíba teve seu apogeu econômico na segunda metade do Século XIX em virtude da produção de algodão e do intenso comércio, cujo escoamento se dava pelo porto fluvial dos Guarapes², entre os povoados e vilas situados nos vales dos rios Jundiá e Potengi e em parte da região do Seridó e no porto da capital (Cf. TRINDADE, 2010, p. 140).

Em meados do século XX, à medida que o porto de Natal vai ganhando proeminência, com a construção de estradas e ferrovias e o desenvolvimento da aviação, Guarapes deixa de ser entreposto comercial, diminuindo, assim, a importância econômica da cidade. Hoje Macaíba ocupa o quinto lugar entre os municípios do estado com maior Produto Interno Bruto (PIB) e o 30º, considerando seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³

Figura 2 – Mural de personalidades históricas de Macaíba⁴



Fonte: Fotos de Anderson Tavares de Lyra e Maria Adamíris da Silva

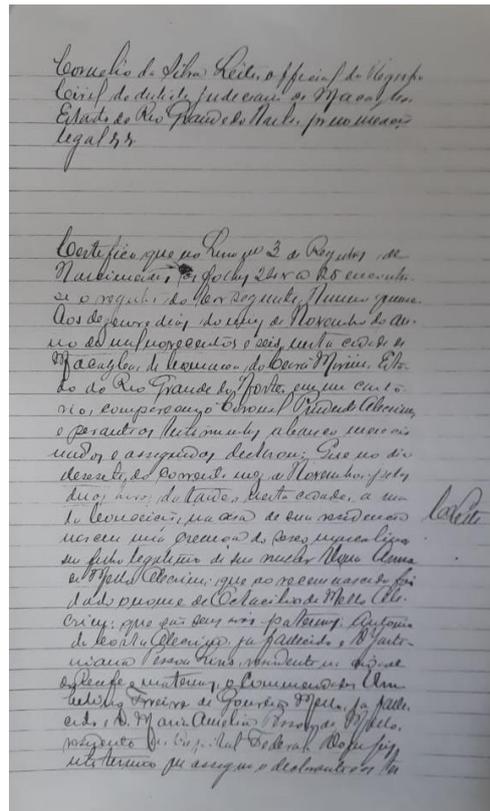
² Em Província submersa, encontramos várias referências ao local, uma das quais na nota de rodapé à p. 129, em que se descreve o local da seguinte forma: “lugar do nascimento do meu pai, alguns anos depois do meado do século XIX, quando o porto, um dos três mais importantes da Província imperial, servia de escoadouro à produção do Agreste e do Seridó.”

³ Cf. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/macaiba/panorama>. Acesso em 13.08.2020.

⁴ O painel, confeccionado em aerografia pelo artista plástico Wellington Potiguar, fica na Praça Antônio Siqueira, em Macaíba, próximo à ponte sobre o rio Jundiá, e foi inaugurado em agosto de 2011. Aí constam, da esquerda para a direita, as imagens de Fabrício Gomes Pedrosa, Augusto Severo, Alberto Maranhão, Auta de Souza, Henrique Castriciano, Tavares de Lyra, Octacílio Alecrim e Alfredo Mesquita. Em destaque, à direita, vê-se a imagem ampliada de Octacílio Alecrim, no penúltimo pôster do mural.

Alguns autores⁵ assinalam 11 de novembro de 1906 como o dia do nascimento de Octacílio Alecrim, mas o historiador Anderson Tavares de Lyra⁶ confirma 17 de novembro de 1906 como a data natalícia correta⁷, com base na certidão de nascimento do escritor, documento que integra o acervo do Instituto Tavares de Lyra⁸.

Figura 3 – Certidão de nascimento de Octacílio Alecrim

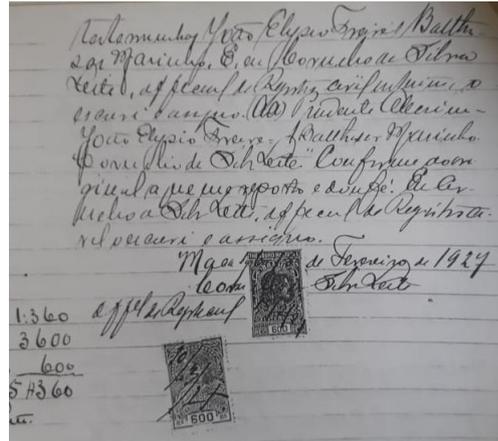


⁵ Cf. Serejo (2008, p. 12) e Macedo Filho (2018, p. 153).

⁶ Historiador e Doutor em Educação pela UFRN, o macaibense Anderson Tavares de Lyra é escritor com quatro livros publicados, sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e atual Presidente da Academia Macaibense de Letras, além de gestor do Instituto Tavares de Lyra.

⁷ Ainda em relação ao dia do nascimento de Octacílio Alecrim, em rápida pesquisa nos jornais da época, disponíveis nos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional no endereço: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>, encontramos, no periódico católico potiguar *A Ordem*, Anos I e II, nºs. 102 e 670, de 17 de novembro de 1935 e de 1937, respectivamente, o registro do nome do escritor, dentre outros nomes de pessoas ilustres que aniversariavam naquela data: "ANIVERSÁRIOS HOJE: Dr. Octacílio Alecrim, residente no Rio".

⁸ Instituição privada sem fins lucrativos, fundada em 2012, com sede em Macaíba, no Solar Caxangá, construção colonial datada de 1855, o Instituto Tavares de Lyra tem como objetivo preservar e divulgar a vida e a obra do político e escritor Augusto Tavares de Lyra. Além do acervo de Tavares de Lyra, o órgão reúne ainda o de dois outros ex-governadores do Rio Grande do Norte, Pedro Velho e Alberto Maranhão, sendo o acervo composto, ao todo, por mais de oito mil imagens em fotografia, inclusive os primeiros daguerreótipos feitos no estado, cerca de 15 coleções de jornais, inúmeros cartões e cartas, como também objetos de valor histórico e peças de arte sacra. O Instituto é mantido com muita dificuldade por Anderson Tavares de Lyra, que é trineto de José Antônio, irmão de Augusto Tavares de Lyra, e que foi acolhido como bisneto por Sophia A. Lyra, filha mais velha e herdeira de Augusto, a qual lhe legou todo esse acervo.



Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra

Na certidão de nascimento do escritor, encontram-se ainda consignados seu nome completo, Octacílio de Mello Alecrim, e os nomes de seus pais e avós. Segundo dados cartorários levantados pelo historiador Anderson Tavares de Lyra⁹, os pais de Octacílio, Prudente Gabriel da Costa Alecrim (1863 - 1927) e Anna Pulcheria de Mello Alecrim (1870 - 1943), eram primos e se casaram em 12 de junho de 1886.

Figura 4 – Fotografia de Octacílio Alecrim



Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra

⁹ O historiador Anderson Tavares de Lyra mantém uma página sobre história e genealogia na internet (<http://www.historiaegenealogia.com/>), onde há informações sobre várias famílias de Macaíba, dentre as quais os “Alecrim”.

Filho de Antonio da Costa Alecrim¹⁰ e Martiniana Pessoa Lins¹¹, o pai de Octacílio Alecrim era coronel da Guarda Nacional, fazendeiro, industrial (possuía uma prensa de algodão e fabricava cigarros) e comerciante. Também fez incursões pela política, chegando a ser presidente da Intendência de Macaíba e do Conselho Municipal e até deputado estadual. De firme posicionamento político e muito bem relacionado, o Coronel Prudente é descrito em *Província submersa* como dotado de um temperamento vivo, bastante comunicativo e dado à leitura, conforme retratado nos trechos a seguir transcritos:

Meu pai, de cor levemente trigueira, feições finas, bigode bem tratado, liberal e republicano, mação grau 33 embora não ortodoxo, com a sua casaca, seu fraque, seu cruzê, sua cartola, suas roupas de brim agajota, seu chapéu-do-chile, seu bom vinho Médoc, do Porto ou de Málaga.

Possuía uma fazendola, onde cultivava algodão, feijão e milho, um sítio, com fruteiras e açude para tomar banho aos domingos pela manhã, um armazém de cereais, vinhos e ferragens e junto uma loja de tecidos, nacionais e estrangeiros, e ainda uma prensa de algodão com motor Diesel.

Era coronel da guarda nacional, militou na política local, foi presidente do Conselho Municipal, tem na cidade uma rua com o seu nome, era muito estimado porque muito comunicativo e generoso, e quando morreu o seu enterro teve enorme acompanhamento popular.

Viajava, vez por outra, para o Recife, o que, à época, constituía verdadeiro acontecimento social, gostava de lá tirar seus retratos no fotógrafo Henschel, antigo fotógrafo da casa imperial, e ao regressar eu corria logo para a bagagem à procura de duas coisas preferidas: as caixas de brinquedos e os caixotes de manga rosa, cujo cheiro tomava conta da casa toda.

Presidencialista convicto, admirava muito Campos Sales; homem de negócios, detinha-se nos assuntos de economia, finanças e balança comercial, e, versado em história política do país, era leitor assíduo d' *O Paiz*, do *Correio da Manhã*, d' *A Província*, do Recife, e do *Diário de Pernambuco*.

[...]

¹⁰ Como mostra a Certidão de Nascimento de Octacílio Alecrim, seu avô paterno já era falecido quando ele nasceu, mas em *Província submersa*, encontramos um pouco de sua história em nota de rodapé, à p. 129: “Terminada em 1849 a rebelião Praieira, na qual havia tomado parte no reduto de Nazaré, em Pernambuco, meu avô, paraibano de Pedras de Fogo, veio residir em Guarapes. Família de arraigados sentimentos republicanos, por ocasião da proclamação da Confederação do Equador, 1824, os irmãos José e João da Costa Alecrim, após jurarem fidelidade à nova República, no palácio do Governo do Ceará, foram eleitos Deputados à Constituinte, que deveria se reunir no Recife, sede do novo movimento liberal do Nordeste, após a revolução de 1817.

¹¹ Em *Província submersa*, há três referências de Octacílio à “minha avó”, que não conseguimos identificar à qual avó se refere: “uma espreguiçadeira de estilo para minha avó repousar” (ALECRIM, 2008, p. 37); “Esse ‘brinquedo francês’, como o apelidou minha avó, tornou-se um dos encantos da minha meninice” (p. 63); e “Afilhadas de minha avó” (ALECRIM, 2008, p. 103) [grifos nossos]. Como D. Martiniana já era viúva quando Octacílio nasceu, é provável que vivesse sob a guarda do Coronel Prudente, mesmo porque, pelo que consta em outra passagem, a avó materna vivia no Rio de Janeiro.

Meu pai, talvez por seu vivo temperamento político, era um apaixonado pelos assuntos históricos, e também muito dado à leitura de livros de narrativas e impressões de viagem [...].

[...]

Alguns desses livros lhe foram oferecidos pelo dr. Alberto Maranhão, outro comprovinciano ilustre de quem também era amigo e correligionário, pois, durante muito tempo, havia em casa retratos em tamanho grande do dr. Alberto, quando Governador do Estado. Jogava o gamão, a sueca e a dama; com muita habilidade, em companhia de amigos, e comigo o sete-e-meio e o trinta-e-um nos dias chuvosos ou à noite após a ceia.

Aliadófilo intransigente na guerra de 1914, depois que lia a revista *O Espelho*, repositório ilustrado das “façanhas” dos boches (designação depreciativa aplicada aos alemães), reunia amigos à noite na calçada de casa para contar-lhes os últimos acontecimentos.

Um tanto ainda de feição patriarcal, como em geral os antigos donos de fazenda nordestinos, contava dezenas e dezenas de afilhados principalmente no meio do Zé Povinho, quer da cidade e quer do interior. (ALECRIM, 2008, p. 87-90).

Já a mãe de Octacílio Alecrim, natural de Pilar, na Paraíba, era filha do Comendador Umbelino Freire de Gouveia Mello¹² e de Maria Amélia da Veiga Pessoa de Mello¹³. Conhecida como Donana, era uma mulher piedosa e refinada. Exímia pianista, tocava órgão na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Macaíba, mas era bem reservada e caseira “a exemplo de toda matrona nordestina do seu tempo vivendo no interior” (p. 101). Em *Província submersa*, encontramos várias páginas dedicadas a ela, nas quais recolhemos os trechos a seguir:

Minha mãe, nascida em zona de canavial, era clara, bem corada, olhos castanhos, fisionomia tranquila de efígie, um tanto retraída, católica fervorosa.

Um pequeno santuário no quarto de dormir, ao pé do qual, ajoelhada, rezava sempre entre duas e três horas da tarde, segurando o seu rosário.

No meu tempo de menino taludo, pois era eu o filho caçula, e já quarentona, a sua vida social se restringia às “festas de casa”, quando exibia o seu virtuosismo de exímia pianista.

Mas no álbum da família, em retratos de Henschel e Bourgard, do Recife, posso ainda revê-la numa fotografia de recém-casada tirada por Bourgard, na qual a “filha do Comendador” aparece em traje de

¹² Segundo o historiador Anderson Tavares de Lyra, o avô materno de Octacílio era Comendador da Imperial Ordem da Rosa, tendo libertado os últimos escravos de Macaíba aos 6 de janeiro de 1888. Em *Província submersa*, Octacílio Alecrim faz duas referências ao Comendador, sendo a primeira, ao descrever a sala de visita da casa em cujas paredes havia “a galeria de retratos da família sob o olhar patriarcal do Comendador” (p. 37), e a segunda, ao se referir ao “sangue cearense” da mãe, uma vez que ela “gostava imensamente dos versos regionais de CATULO”, “pois seu pai, o Comendador Umbelino Freire de Gouveia Melo, era do Aracati” (p. 107) [grifos nossos].

¹³ Consta à p. 101 de *Província submersa* uma referência à avó materna, que devia morar no Rio de Janeiro: “E quando minha avó vinha do Rio, de visita à filha, havia então açúcar-cande, tabletes de chocolate e bom-bom francês (ovos de pombo).” [grifos nossos].

seda achamalotada, casaquinho curto e muito justo ao corpo, saia com dois rodados de largas tiras de fazenda com franzidos e fofos e soltando para baixo longo babado, e ainda uma sobre-saia com acentuado repuxado para o lado esquerdo a fim de fazer entrever as pregas em ruche, farto fichu de renda verdadeira, duas rosas *La France* pespegadas na longa trança jogada por cima do ombro esquerdo, pequena bolsa de veludo, com armação em ouro, segura pela mão direita, e um leque de gaze com cabo de madrepérola e tela pintada preso por um cordão de seda ao pulso do braço esquerdo caído sobre o corpo.

Dona de casa, de quando em quando tirava um dia na semana para estender na mesa de sete tábuas da sala de jantar o seu “rico” enxoval doméstico: toalhadados de linho bordados, cobertas de cama estampadas e forradas de seda carmesim, toalhas de mesa com franjas, guardanapos e fronhas com lavores, vistosas colchas de janela, almofadões de cetim, os cortinados de filó – e as baetas vermelhas para as temporadas de inverno no sertão.

No estojo de jacarandá e prata eram guardados os adereços antigos: anéis de brilhantes, crucifixo de ouro, cordões de ouro, camafeus, broches de brilhantes, dedais de ouro cravejados de rubis, botões de ouro feitos com esterlinos, medalhões italianos, marrafas de tartaruga trabalhadas, leques de madrepérola, brincos, argolas e trancelins. (ALECRIM, 2008, p. 96-97)

Figura 5 – Fotografias dos pais de Octacílio Alecrim



Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra

De acordo com Anderson Tavares de Lyra, sem contar os que faleceram ainda crianças, Octacílio Alecrim tinha quatro irmãs, de nomes Maria Zebina (1888 - 1970), Maria das Graças (1891 - 1961), Maria Terceira (1893 - 1983) e Dulce Elisa (1896 - 1935), e um irmão, chamado Gilberto¹⁴. Somente Maria Zebina, Maria Terceira e Dulce deixaram descendência. Em *Província submersa*, há algumas poucas referências ao irmão e às irmãs de Octacílio Alecrim, a maior parte de forma genérica, como vemos nos trechos a seguir: “comprava para mim, o único menino da família, pois o outro meu irmão era já rapaz” (p. 90) e “Papai, mamãe, minhas irmãs, uma hóspede, eu e os empregados ficamos todos ensopados” (p. 92). Constam nominalmente na obra apenas Dulce e Maria Zebina. Provavelmente por ser a mais próxima de Octacílio Alecrim em idade, Dulce é citada três vezes: “Minha irmã Dulce teve a idéia, certa vez, de aproveitar o animalzinho...” (p. 64); “Minha irmã Dulce, vestida à cigana, lia as quadrinhas da sorte...” (p. 91); “ela acompanhava ao piano minha irmã Dulce cantando o Luar do Sertão” (p. 107); e Maria Zebina é mencionada uma única vez: “minha irmã mais velha, Maria Zebina (Bina) frequentemente tocava...” (p. 109) [grifos nossos].

A residência da família, onde nasceu e se criou Octacílio Alecrim, como ele descreve em *Província submersa*, era uma “casa de esquina” (p. 102), ficava na rua principal de Macaíba,

Rua da Conceição, assim chamada em homenagem à padroeira da cidade, era térrea mas tinha sótão; de um lado, corria barrento riacho nos dias de chuva, de outro, havia um jardinete com toiceiras de várias espécies de crotão e chorão e um belo canteiro de rosas francesas, e em frente um pé de mungubeira, no qual muitas vezes trepei para nele armar alçapão de pegar passarinho.

No fundo da casa, um grande quintal com plantação de banana, sapoti, mamão, romã e limão doce e ainda uma pequena horta onde eram cultivados legumes para o consumo da família (ALECRIM, 2008, p. 37-38)

Até a década de 1980, o casarão, onde o Coronel Prudente e Donana recebiam autoridades do mundo político e promovia saraus e bailes, mantinha-se preservado em sua arquitetura original, “olhando com as suas quatro janelas o lado do sol nascente” (ALECRIM, 2008, p. 37), mas, logo depois, foi todo modificado, dando

¹⁴ Não localizamos registros das datas de nascimento e falecimento de Gilberto de Mello Alecrim, irmão de Octacílio.

lugar atualmente a uma pousada, que não guarda nenhuma semelhança com a edificação histórica.

Figura 6 – Casa de Octacílio Alecrim em Macaíba



Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra

Foi aí nesse espaço que, desde cedo, Octacílio Alecrim dedicou-se aos livros, aproveitando a biblioteca do pai, a fim de complementar a educação formal que recebeu através do contato com bons professores, inicialmente no Grupo Escolar Auta de Souza de Macaíba e posteriormente no Colégio Santo Antônio de Natal, vindo a concluir seus estudos secundários após realização de exames no Atheneu Norte-Rio-Grandense, onde foi avaliado à época por Floriano Cavalcanti¹⁵.

Estudioso e aplicado, fui aluno distinto e premiado em várias matérias durante esse então chamado curso de madureza e, quando fechado o colégio nas proximidades de um fim de ano letivo, tive de fazer exame no Ateneu, obtive a nota mais alta (10, se não me falha a memória) em história universal, porque Floriano Cavalcanti, o ilustrado examinador, dissera que eu havia sido um examinando capaz de responder ao difícil quesito “conseqüências econômicas” das Cruzadas, o ponto sorteado na prova oral. Este episódio significou muito para a minha vida de colegial, pois irradiou meu cartaz como aluno do Colégio e me pôs, na crônica do Ateneu, em pé de rivalidade com Armando Dantas, o menino prodígio do famoso curso particular do prof. Ivo Filho, bem assim serviu de senha mais tarde para a minha

¹⁵ O desembargador Floriano Cavalcanti de Albuquerque (1895 -1973) formou-se bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito de Recife, em 1918. Foi professor do Atheneu Norte-rio-grandense e da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e diretor da Escola de Aprendizes e Artífices, além de integrar as Academias Norte-rio-grandense de Letras e de Imprensa e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Foi também juiz de Direito das Comarcas de Pau dos Ferros, Canguaretama e Natal e membro efetivo do Tribunal Eleitoral, corregedor da Justiça Eleitoral, diretor da *Revista do Tribunal de Justiça*, presidente da Associação dos Magistrados do Rio Grande do Norte. Como Deputado Estadual e Deputado à Assembléia Constituinte, elaborou a Carta Política de 1926. (Cf. <https://centenario.ifrn.edu.br/ex-diretores/floriano-cavalcante-de-albuquerque>).

aproximação intelectual com Floriano, já então entregue intensamente a estudos de filosofia.

Octacílio Alecrim também aprendeu outros idiomas, o que o habilitou a ler os clássicos nas línguas em que foram escritos, ampliando ainda mais seu repertório de leituras. De acordo com Serejo (2008, p. 20), ele “demonstrava fluência em francês, alemão e espanhol”. Em *Província submersa*, há um depoimento relacionado a isso.

Através do estudo da língua francesa (Professores padre Calzans Pinheiro e Chabal) e da língua inglesa (Professores Celestino Pimentel e Alberto Roselli, este último em curso particular) em antologias [...], passei a conhecer os clássicos naqueles dois idiomas e cheguei mesmo a decorar trechos e trechos de CHATEAUBRIAND (Atala e René), de SHAKESPEARE (Macbeth e Hamlet) e de CORNEILLE (Cid).

Depois de viver em Macaíba “a experiência da infância, alegre e livre”, “com suas preciosas reservas espirituais, sentimentais e morais, com a sua imensa riqueza de tradição, de emoção, de cultura”, conforme testemunhou seu contemporâneo Peregrino Junior¹⁶ e como está vivamente expresso, sobretudo, na primeira parte de *Província submersa*, além da densidade de sua formação através de suas leituras, o jovem Octacílio Alecrim estava preparado para adentrar o mundo da política, do jornalismo e da literatura.

No Centro Cívico-Literário Tobias Barreto de Macaíba, fundado por seu cunhado Virgílio Dantas¹⁷, com apenas 17 anos, fez seu primeiro discurso, saudando, em nome do município, o então candidato ao governo do estado José Augusto Bezerra de Medeiros¹⁸, que seria eleito para governar o Rio Grande do Norte no período de

¹⁶ O médico e escritor natalense Peregrino Junior (1898 - 1983) era filho de Peregrino da Rocha Fagundes, que foi professor de Álgebra e Geometria de Octacílio Alecrim (ALECRIM, 2008, p. 155). O depoimento sobre a infância vivida em Macaíba foi dado em sessão da Academia Brasileira de Letras do dia 22 de agosto de 1957, presidida por ele mesmo, estando presentes os Srs. Elmano Cardim, Secretário Geral; Austregésilo de Ataíde, 1º Secretário; Lula Viana Filho, 2º Secretário; Aníbal Freire da Fonseca, Tesoureiro; Barbosa Lima Sobrinho, Diretor da Biblioteca; R. Magalhães Júnior, Diretor da Revista; Múcio Leão, Diretor do Arquivo; A. Carneiro Leão; Alceu Amoroso Lima; Álvaro Lins; Cassiano Ricardo; Clementino Fraga; Gustavo Barroso; Hélio Lobo; João Neves da Fontoura; José Carlos de Almeida Soares; Levi Carneiro; Luis Edmundo; Maurício de Medeiros; Menotti-del-Picchia; Olegário Mariano; Pedro Calmon e Rodrigo Otávio Filho. O inteiro teor da sessão foi publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, nº. 275, de 28 de agosto de 1957, por ocasião do registro do livro *Província submersa*, de Octacílio Alecrim.

¹⁷ O juiz da comarca Virgílio Otávio Pacheco Dantas (1882 - 1972) era casado com Maria Terceira, irmã de Octacílio.

¹⁸ De acordo com informações constantes no Portal da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte (<http://www.al.rn.gov.br/portal/>), cujo prédio foi denominado Palácio José Augusto em homenagem ao ex-governador, depois de atuar como Procurador da República e juiz da Comarca de Caicó, José Augusto Bezerra de Medeiros (1884 - 1971) deu início à sua carreira política como deputado estadual em 1913. Na Assembleia, ajudou a escrever a Constituição do Estado, em 1915, ao lado de deputados como Henrique Castriciano, Tomás Salustino e Alberto Maranhão. Depois exerceu sete mandatos de

1924 a 1928. Nessa mesma ocasião, Octacílio Alecrim teve seu primeiro contato pessoal com o escritor Luís da Câmara Cascudo, que exerceria grande influência em sua vida intelectual. Câmara Cascudo, que estava fazendo a cobertura jornalística do evento, “cortesmente publicou, na íntegra, nas colunas d’*A Imprensa*, de que era o Diretor”, o discurso do tribuno promissor.

Creio que a primeira vez em que ouvi falar de LUÍS DA CÂMARA CASCUDO foi através do seu tão popular diminutivo Cascudinho e por suas bizarrices de então: cabeleira preta ondulada, monóculo, colete bege ou branco e polainas.

No entanto, enquanto a inveja e o despeito só viam nele isso, havia na verdade naquele *enfant gâté* da sociedade e da política uma inteligência e uma curiosidade que mais tarde, trabalhadas pelo estudo, iriam colher um justo renome na vida literária do país, bem assim nos círculos científicos de folclore no estrangeiro.

Pude vê-lo algumas vezes, apontado por João Estevão, líder operário, na redação do seu jornal *A Imprensa*, na Rua do Comércio, em Natal, aonde ia eu buscar meu jornalzinho *O Tempo*, que ali era impresso, no período de sua curta duração. (ALECRIM, 2008, p. 169).

Figura 7 – Fotografia de Luís da Câmara Cascudo nos anos 1920



Fonte: Acervo do Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo

No contexto da chamada *Belle Époque* natalense, como ficou conhecido o período da virada do século XIX até os dois primeiros decênios do século XX, o

deputado federal e dois de senador da República, além do mandato de governador, elegendo como sucessor seu tio Juvenal Lamartine. Entre os destaques de seu governo, constam o apoio à mudança genética do algodão e a promulgação, em 1927, da lei do voto feminino.

fascínio exercido pelo maior escritor potiguar é assim manifestado por Gurgel (2009, p. 383): “Especialmente importante foi a arlequinal atuação de Câmara Cascudo, personagem indelével, rodeada de uma corte de admiradores que os anos 20 e os subsequentes veriam aumentar cada vez mais.”

2.2 NATAL (1924 - 1927)

Na capital do Estado do Rio Grande do Norte, como estudante secundarista, Octacílio Alecrim fundou um grêmio e criou um jornalzinho, de curta duração, chamado O Tempo, o qual, como vimos, era impresso na gráfica de A Imprensa, na Rua do Comércio, em Natal (ALECRIM, 2008, p. 169). Nessa época, ele ia de Macaíba a Natal e daí retornava à sua casa, sempre que possível. A posse do governador José Augusto foi que o fez se estabelecer na Capital da Província, pois assumiu a função de Oficial de Gabinete do Governador, passando, inclusive a representá-lo em diversas solenidades, além de também entrar para a redação do jornal A República.

Para dar conta dessa intensa atividade política e jornalística, passou a morar em Natal, no bairro da Ribeira, em casa situada ao lado do então Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão), de modo a se deslocar mais facilmente, tanto ao prédio de A República, situado a dois quarteirões dali, no mesmo bairro, como também ao antigo Palácio Potengi¹⁹, localizado no bairro da Cidade Alta.

Morava eu como inquilino na casa que fora a Vila Toselli, ao lado direito do Teatro Carlos Gomes, construída com rico dinheiro e bom gosto do arquiteto e construtor Herculano Ramos. Um pequeno aposento com saleta, assoalhado e com água corrente, cuja janela, pelo lado esquerdo, abria uma bonita vista de descampado. (ALECRIM, 2008, p. 182)

Aí, em contato com importantes intelectuais da época, registra Gurgel (2001, p. 257), “Octacílio Alecrim vai ocupando o seu próprio espaço e, em razão do talento de que era possuidor, obtendo correspondente reconhecimento. Observador, bem informado, foi um dos poucos jornalistas locais (além, é claro, do mencionado

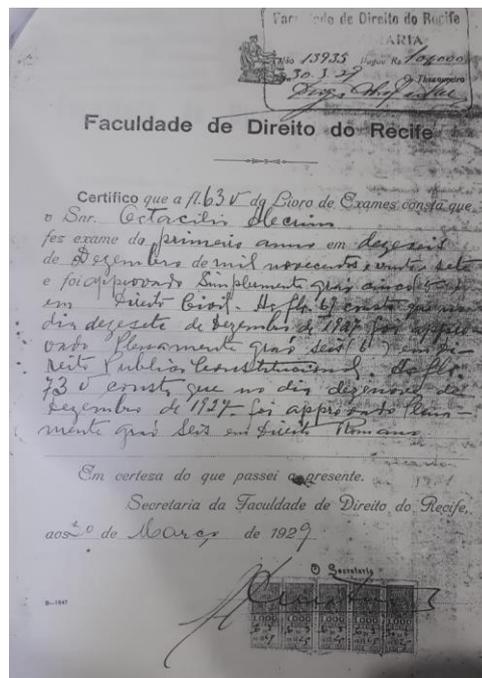
¹⁹ Inaugurado em 1873, o Palácio, que foi sede do Governo do Estado entre 1902 e 1995, é considerado a maior expressão da arquitetura neoclássica em Natal. Funciona atualmente como um centro cultural, com exposições permanentes das obras mais relevantes da Pinacoteca Potiguar (Cf. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=442946>. Acesso em 13.08.2020).

Câmara Cascudo) que atinou para a importância do lançamento do Livro de Poemas, de Jorge Fernandes, dedicando-lhe elogioso rodapé no jornal em que trabalhava.” O poeta modernista natalense Jorge Fernandes (1887 - 1953) havia publicado seu Livro de Poemas, com o apoio de Câmara Cascudo, em 1927 (GURGEL, 2001, p. 63).

Data dessa época o relacionamento de Octacílio Alecrim não só com os poetas Jorge Fernandes, Jaime Wanderley e Palmyra Wanderley, além do próprio Cascudo, entre outros escritores e pessoas influentes na política local, sem falar da amizade com Nunes Pereira e Antônio Bento, que fortaleceriam seu vínculo com a literatura, ao mesmo tempo em que alimentariam sua pretensão de se tornar também político.

Assim estimulado para a política, tratei, então, sem prejuízo das minhas leituras preferidas e das minhas atribuições n’A República, ponto de reunião de intelectuais e políticos, de preparar-me para a admissão na Academia revendo e estudando com calma e segurança, à base do programa da época, noções gerais de história e didática de lógica, psicologia, literatura e filosofia. Quando somente me senti habilitado, resistindo à minha própria impaciência e aturando a estranheza de outros, matriculei-me na Academia do Recife para o vestibular e, não obstante a numerosa turma de inscritos, fiz um brilhareco obtendo o primeiro lugar. (ALECRIM, 2008, p. 223)

Figura 8 – Certificado de Octacílio Alecrim da Faculdade de Direito de Recife



Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra

O certificado emitido pela Faculdade de Direito de Recife atesta que, nos exames realizados nos dias 16, 17 e 19 de dezembro de 1927, Octacílio foi aprovado

“simplesmente grau cinco (5) em Direito Civil”, “plenamente grau seis (6) em Direito Público Constitucional” e “plenamente grau seis (6) em Direito Romano”, ou seja, elevados graus, que lhe garantiram o primeiro lugar entre os demais candidatos. Considerando a data da realização dos exames, é provável que tenha iniciado seus estudos acadêmicos em 1928, mas o escritor Nilo Pereira, seu conterrâneo e contemporâneo na Faculdade de Direito do Recife, com quem Octacílio Alecrim manteve ótimas relações apesar das divergências de ideias, lembra que este interrompeu seu curso jurídico e só o “retomou depois da revolução de 1930 para ser o maior líder estudantil (por que não dizer universitário?) do seu tempo.” (PEREIRA, 1984).

2.3 RECIFE (1928 - 1933)

A cidade do Recife, atualmente a quinta maior metrópole do Brasil e a primeira do Nordeste brasileiro, a 286km ao sul de Natal, com sua Faculdade de Direito, era, à época de Octacílio Alecrim, o destino certo e seguro para quem, como ele, tinha pretensões políticas em sua província.

Com efeito, raro era o bacharel que, por sua formação humanística, aprendizado liberal, prestígio social da profissão ou prática de falar em público, não tivesse feito ou não estivesse fazendo carreira política no Estado: Tavares de Lyra, Alberto Maranhão, Eloy de Souza, Henrique Castriciano, Juvenal Lamartine, José Augusto, Dioclécio Duarte, Ferreira de Souza, Adauto da Câmara e Kerginaldo Cavalcanti. (ALECRIM, 2008, p. 221).

Figura 9 – Mapas de localização do Recife

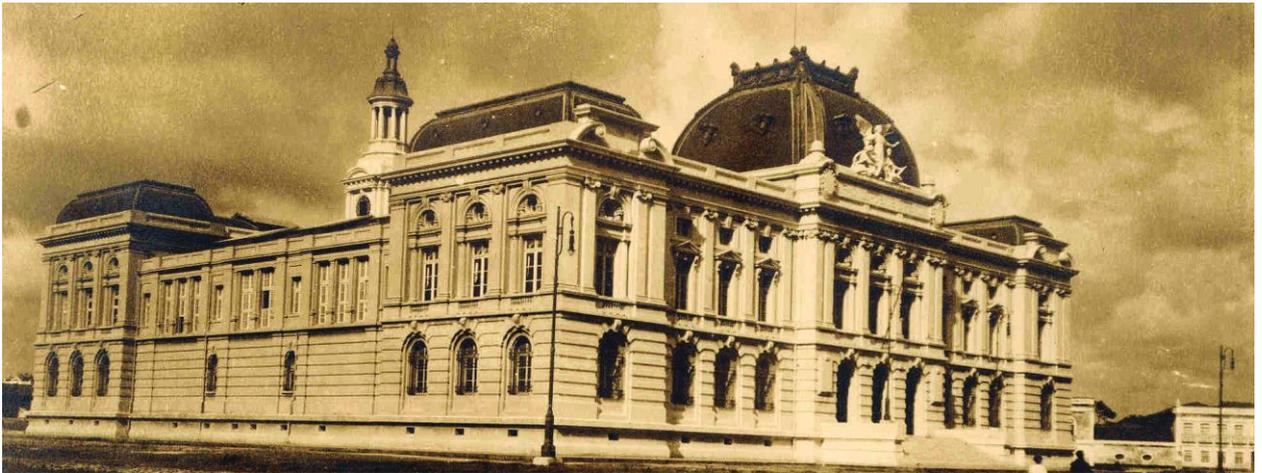


Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pernambuco> e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Recife>

Assim, tendo sido admitido à tradicional Faculdade de Direito do Recife, Octacílio muda-se para a Capital pernambucana, onde passa a morar “entre os livros

que povoaram minha água-furtada de estudante num velho sobrado típico da Rua da Aurora” (ALECRIM, 2008, p. 241). Paralelamente, às atividades acadêmicas, participava de diversas atividades sociais, culturais e literárias, como tertúlias, festas e festivais, sem falar de sua circulação pelas redações dos jornais locais.

Figura 10 – Fotografia do prédio da Faculdade de Direito do Recife



Fonte: Acervo da Universidade Federal de Pernambuco (<https://www.ufpe.br/memoriafdr>)

Os jornais da época dão conta de sua colaboração no *Jornal do Comércio*, *A Província*, *Diário da Manhã* e *Jornal Pequeno*, além de sua atuação em entidades como o Centro Norte-Rio-Grandense de Estudos Sociais e Jurídicos e a Academia Recifense de Letras, junto com outros intelectuais conterrâneos seus, como Adherbal de França, Edgar Barbosa, Jaime Wanderley, Virgílio Trindade e Lauro Pinto, além do já citado Nilo Pereira.

A título de ilustração, transcrevemos a seguir um trecho da descrição de uma das chamadas “festas de inteligência”, realizada pela Academia Recifense de Letras no Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, em que foi homenageada a poetisa potiguar Palmyra Wanderley, estando à mesa o também escritor norte-rio-grandense de Macaíba Henrique Castriciano. A solenidade, como tantas outras, teve Octacílio Alecrim como orador:

Raras como são entre nós as festas de inteligência, despertaram sempre quando bem organizadas grande interesse por parte dos elementos mais representativos de nossa sociedade.

Por isso teve um cunho de muita distinção a noite de arte que a Academia de Letras promoveu no sábado último em sessão pública para dar posse ao Tenente Carlos Lopes e homenagear a consagrada poetisa potiguar Palmyra Wanderley.

Perante grande assistência o presidente da Academia sr. Godofredo de Medeiros deu início a sessão convidando para se sentarem à mesa

a homenageada, dr. Maurício Guimarães, delegado da capital, o ilustre intelectual norte-rio-grandense Dr. Henrique Castriciano Araújo Filho, Paulino de Andrade e Dr. Moraes Coutinho da Academia Pernambucana, Dr. Mário Melo, do Instituto Arqueológico e Heloísa Chagas.

[...]

Em interessante discurso a senhorita Heloísa Chagas saudou a poetisa de "Roseira Brava" por parte da mulher intelectual.

Ainda leu o Dr. Eustáquio Pereira o soneto "Palmyra vai partir" escrito especialmente para a festa, seguindo-se o orador da Academia Sr. Otacílio Alecrim em bem elaborado elogio a poética da admirada beletrista.

Por entre os aplausos dos presentes Palmyra Wanderley pronunciou breve mas encantador discurso em que elogiou a Academia Recifense e saudou a mocidade brasileira.

[...]

(Jornal do Recife, nº. 294, 20 de dezembro de 1927).

Em complementação, no Diário de Pernambuco, nº. 294, de 20 de dezembro de 1927, lê-se que Palmyra Wanderley agradeceu a homenagem e "disse, com graça, os três lindos sonetos, entre estes o inédito "Mandacaru", escrito em Recife."

Encontramos também registros da participação de Octacílio Alecrim em festivais realizados tanto na Academia Recifense de Letras, como no Teatro Santa Izabel, com apresentações literárias, tais como: Retrato de uma Salomé cabocla (Diário de Pernambuco, nº. 209, de 10 de setembro de 1927) e Máscara de cigana (Diário de Pernambuco, nº. 237, de 13 de outubro de 1927), como também festas de lançamentos de livros.

Não obstante seu envolvimento com todas essas atividades em Recife, Octacílio Alecrim continuava ligado à atividade política e jornalística que exercia na sua província natal, tendo sido, inclusive, reconduzido ao cargo de oficial de gabinete no governo de Juvenal Lamartine²⁰, que sucedeu José Augusto, como governador do Rio Grande do Norte. Já eleito Governador, em 29 de dezembro de 1927, Juvenal Lamartine, de passagem pelo Recife, é recepcionado com um banquete no Palace Hotel e também recebe homenagem no Centro Norte-Rio-Grandense de Estudos Sociais e Jurídicos, ocasião em que Octacílio é chamado a saudá-lo como orador.

²⁰ Juvenal Lamartine de Faria (1874 - 1956) foi governador do Rio Grande do Norte de 1928 a 1930, por dois anos e nove meses, sendo destituído com o advento da Revolução de 1930 comandada por Getúlio Vargas, que depôs todos os governadores eleitos na época, inclusive os revolucionários. Exilou-se na Europa, retornando ao Estado já no governo de Rafael Fernandes Gurjão, que governou o Rio Grande do Norte de 1935 a 1943. Foi também senador de 1927 a 1928 e deputado federal de 1906 a 1926.

De acordo com Gurgel (2001, p. 112), contudo, Octacílio Alecrim

viu-se forçado a interromper suas relações mais diretas com a vida cultural da Capital [potiguar] quando sobreveio a revolução de 30. Tal decisão reforçada pela necessidade de um tratamento médico no Rio de Janeiro, o fez largar também o bacharelado que então frequentava em Recife, não importando, sequer, o notório destaque que obtivera desde o concurso prestado para entrar na Faculdade. Com a ruptura política, verificada naquele ano, suas chances de vir a crescer na província haviam desaparecido.

De fato, provavelmente pela necessidade de tratar de sua saúde, já na Sessão da Academia Recifense de Letras, ocorrida em 3 de fevereiro de 1928, foi pedida “a aclamação, entre os presentes, de um substituto para o Sr. Octacílio Alecrim, que, seguindo para o sul do país, solicitou a sua renúncia da cadeira que ocupava”, conforme registrou o Diário de Pernambuco, nº. 31, de 5 de fevereiro de 1928.

No contexto da Revolução de 1930, o próprio Octacílio Alecrim conta, em *Província submersa*, que, após a queda do governo estadual, recolhera-se a sua casa em Macaíba, onde, durante mais ou menos três meses, escreveu o seu *Tamatião* (1931), uma espécie de

panfleto de acerba e virulenta crítica em “silvas de prosa vária”, que teria sido redigido [...] observando os episódios de uma caricata revolução na província, onde quase todo o mundo, perrepista²¹ de véspera, passou a usar, descaradamente, o lenço vermelho das dragonas triunfantes.

O imaginário autor do panfleto – J. M. TAMATIÃO – que se fazia passar por um entusiasta repórter da revolução e trazendo na cabeça todos os contraditórios “ismos” dos seus vários líderes, grupos e tendências, na verdade não era senão que a própria sátira, sob suposto capuz, de um escritor de província que havia lido, há algum tempo, o *Leurs figures*, de BARRÈS – um primor no gênero da sátira e caricatura políticas. (ALECRIM, 2008, p. 239, grifos no original).

Retornando ao Recife para dar continuidade aos estudos, Octacílio Alecrim voltou a participar de atividades literárias, a exemplo da Temporada Literária de 1930, divulgada em *A Província*, nº. 224, de 27 de setembro de 1930. O escritor Nilo Pereira conta que, nesse evento, organizado por Adherbal de França, “a conferência de Otacílio Alecrim era como que o seu próprio retrato. Falou sobre Satã de monóculo.

²¹ Relativo ao Partido Republicano, ao qual estavam ligados os vencedores da Revolução de 1930.

Um Satã que lembrava o João da Ega em diabruras ecianas que abalavam o senso burguês da Província.” (PEREIRA, 1984).

Além dos jornais já referidos, colaborou também com outros periódicos locais, como a revista Moderna²² e a Brasil-Portugal²³. E passou a exercer uma forte liderança junto aos colegas acadêmicos, participando, inclusive, da diretoria do então recém-constituído Centro Acadêmico do Curso de Direito, para a qual foi eleito com 54 votos no encargo de orador (Cf. Jornal de Recife, nº. 114, de 21 de maio de 1931).

Há registros também de que tenha feito parte do Conselho Técnico do Diretório do Partido Social Democrático – PSD de Pernambuco (Cf. Jornal Pequeno, nº. 39, de 16 de fevereiro de 1933), provavelmente com pretensões de se candidatar a algum cargo eletivo. No Jornal Pequeno, nº. 74 de 30 de março de 1933, lê-se uma nota em verso, em resposta a outra nota emitida no Diário de Pernambuco:

RIMAS...

O Sr. Arthur Marinho, ao que se diz está dando um grande cavaco com as simpatias existentes no seio do peessedismo pela candidatura do Sr. Octacílio Alecrim que é potiguar
Do “Diário de Pernambuco”

Meu adorável Marinho
Fique muito caladinho
E receba o meu recado.
Alecrim, poty ou não
Serve até p’ra roquidão
quanto mais p’ra deputado!

Vê-se, ainda, seu nome em primeiro lugar na lista dos membros do Comitê Acadêmico Pró-Constituinte, Rômulo de Almeida, Gil Duarte, Luiz Leite da Costa, Romero Costa e Moacyr de Albuquerque, que assinaram o pronunciamento dos estudantes de Direito do Recife em favor da Constituinte. O vibrante manifesto, publicado, na íntegra, no Diário de Pernambuco, nº. 25, de 31 de janeiro de 1932, de tão bem articulado e escrito em um estilo bastante peculiar, parece ter saído mesmo de sua mente, agitada pela efervescência intelectual e política que o animava naqueles tempos.

²² O Jornal Pequeno, nº 215, de 21 de setembro de 1932, informa sobre a circulação de um número consagrado a Portugal, destacando colaborações assinadas por Otacílio Alecrim, além de Figueiredo Campos, Consul de Portugal, Virgílio Maurício, José Carlos Dias, Ferreira de Souza, Álvaro Lins, Altamiro Cunha, entre outros. Diz ainda que a apresentação da revista, dirigida por Nelson Ávila e Altamiro Cunha, é primorosa, impressa em papel couchê, contendo copioso noticiário, artigos e muitas ilustrações.

²³ Nessa Revista, Octacílio publicou o artigo “A miragem dos Altos Estados”. (Cf. Jornal Pequeno, nº 228, de 6 de outubro de 1932).

Agitacionista, por sinal, era o nome do grupo da mocidade acadêmica que Octacílio liderava e que tinha, como veículo principal de difusão de suas ideias, a revista *Agitação*, fundada e dirigida por ele, juntamente com outros acadêmicos. Nilo Pereira testemunha a força da liderança então exercida por Octacílio Alecrim:

Alecrim era o ponto de partida das coisas que pretendíamos realizar em conjunto. Éramos um grupo coeso, composto dele, Álvaro Lins, Evaldo Bezerra Coutinho, Gil de Methodio Maranhão, Andrade Lima Filho, João Roma, Luis Leite da Costa, Amaro Quintas, Nehemias Gueiros, Gilberto Osório de Andrade, Cesário de Melo e alguns outros. Alecrim empolgava pelo seu talento, pela sua versatilidade, pelo seu cartesianismo um tanto indisciplinado: era um chamariz de ideias, sistemas, sarcasmos.

Luiz Delgado chamou-o “o espantoso sr. Otacílio Alecrim”, numa alusão ao que ele escrevia na Revista “*Agitação*”, que foi um dos marcos desse tempo romântico e revolucionário. (PEREIRA, 1984).

A revista *Agitação* teve circulação até março de 1933, quando foi publicado seu quarto e último número. O *Jornal do Recife*, nº. 64, de 18 de março de 1933, assim comunica o encerramento da atividade do órgão do Grupo Agitacionista da Faculdade de Direito do Recife:

O **Grupo Agitacionista** apresenta **Agitação**, neste seu último número, com uma colaboração das mais invejáveis assinadas por nomes de reconhecido valor nos centros universitários, na classe médica e nas demais esferas de cultura do Estado.

Como já foi noticiado ontem, o Grupo se vê na contingência de encerrar a sua atividade, que já se vinha refletindo largamente nos centros culturais do país, motivado pelo afastamento de alguns de seus componentes da vida universitária pernambucana; uns por terem terminado o curso de bacharel e outros por terem se transferido para as universidades do sul do país.

Diante disto restava ao Grupo desarticulado por força das circunstâncias, que foi durante a sua atividade o arregimentador dos melhores valores universitários dar por terminado o seu trabalho de agitação cultural no nosso meio estudantino que vivia antes em um marasmo desanimador e despreocupado das questões vitais que agitam o cérebro do universitário contemporâneo.

Agitação, que é dirigida pelos Srs. Gil de Methodio Maranhão, Nehemias Gueiros, Octacílio Alecrim, Aderbal Jurema, Carlos J. Duarte e Evaldo Coutinho, deixa pois um grande claro na imprensa acadêmica.

Neste seu IV e último número, que será exposto à venda hoje em todas as livrarias e pontos de jornais, traz ensaios assinados pelos Srs. Evaldo Coutinho, Aderbal Jurema, Octacílio Alecrim, Methodio Maranhão e Diegues Júnior. Poemas dos Srs. Carlos J. Duarte e Joaquim Cardoso. Notas assinadas pelos Srs. Odorico Tavares, Bezerra Coutinho e Aderbal Jurema. Pelo sumário se vê que *Agitação* encerra brilhantemente a sua vida cultural universitária. [grifos no original].

Figura 11 – Fotografia de Octacílio Alecrim com acadêmicos no Recife²⁴



Fonte: Acervo de Evaldo Bezerra Coutinho

Apesar de todo seu envolvimento com a atividade literária e política, Octacílio Alecrim não descuidava da área jurídica. Seu nome, mais uma vez, aparece em primeiro lugar na lista de “acadêmicos que desejam auxiliar o Instituto da Ordem dos Advogados”, conforme publicado em *A Província*, nº. 50, de 3 de maio de 1932. Mas foi no encargo de orador, atividade que iniciara ainda em Macaíba, que talvez nosso escritor tenha se destacado mais nessa etapa de sua vida. Tão elevado era o conceito que tinha entre os pares e professores, que chegou até mesmo a ministrar, por iniciativa do Centro Acadêmico, junto com docentes da Faculdade de Direito, um curso de conferências semelhante aos que eram oferecidos nas faculdades europeias. Conforme registrado no *Jornal Pequeno*, nº. 205, de 9 de setembro de 1932, e no *Jornal do Brasil*, nº 217, de 11 de setembro de 1932, nesse curso, destinado a homens de letras, advogados, magistrados e acadêmicos, entre outros interessados, Octacílio Alecrim, considerado “um dos mais formosos talentos de sua geração”, trataria dos “perigos da democracia americana”.

[...] A juventude radiosa do acadêmico Otacílio Alecrim tem a contrastá-la uma cultura tão brilhantemente equilibrada e conduzida que o destaca sobremaneira, fixando uma personalidade. "Os perigos da democracia americana", tema de sua palestra, foram estudados

²⁴ A fotografia faz parte do acervo do filósofo e escritor Evaldo Bezerra Coutinho e foi disponibilizada na internet no centenário do pensador pernambucano em 2011. Nela, veem-se, da esquerda para a direita, Evaldo Bezerra Coutinho, Ernâni Aires Sátiro e Sousa e Octacílio Alecrim, provavelmente no ano de 1933.

com meticulosidade e desassombro revelando o conferencista um alto senso de observação e uma cópia de conhecimentos, raros no momento que passa, momento de futilidade, época de maquinismos e de conquistas relâmpagos.

Não podia ter sido mais feliz a escolha do diretório acadêmico indicando um dos seus membros para como seu representante fazer parte da primeira lição de cultura que foi a reunião da faculdade. O Sr. Octacílio Alecrim honrou galhardamente a confiança de seus colegas [...]. (Jornal Pequeno, nº. 206, de 10 de setembro de 1932).

Seus discursos seriam lembrados depois por Moacyr de Albuquerque no Diário de Pernambuco, nº. 270, de 5 de dezembro de 1934, como “eletrizantes, desses que nos impõem um friozinho de emoção pela espinha dorsal”. O fato é que, em muitas ocasiões, Octacílio Alecrim era chamado para discursar, sendo dignos de menção, pelo menos, três episódios em que isso ocorreu.

O primeiro se deu em consequência do “ruidoso caso” que houve entre os estudantes e o então diretor da Faculdade, Dr. Virgínio Marques, quanto à constituição do Diretório Acadêmico, que este entendia como provisória, e aqueles, como definitiva, conforme noticiado no Diário de Pernambuco, nº. 122, de 2 de junho de 1932. Depois de um mês de discussão e enfrentamento, o impasse foi resolvido com a substituição do diretor. Na posse do novo diretor, Dr. Hercílio de Souza, Octacílio Alecrim, em nome da classe, fez um discurso, ao mesmo tempo, firme e conciliador, como exigia o grave momento (cf. Jornal de Recife, nº. 145, e A Província, nº. 98, de 3 de julho de 1932).

O segundo episódio aconteceu quando da visita que fez a Pernambuco Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório do país. A programação da visita previa a passagem do ditador pela Faculdade de Direito, e Octacílio Alecrim foi chamado, desta vez, para discursar representando os diretórios das escolas de Direito, Medicina e Engenharia. Não tivemos acesso ao discurso, mas a desenvoltura de orador foi registrada pelo Jornal do Recife, nº. 200, de 5 de setembro de 1933:

Começou traçando o perfil político do ditador quando há 8 anos passados "liderava" a bancada gaúcha na Câmara Federal.

Discorreu longamente sobre formas de governo, abordando aspectos econômicos e concepções filosóficas para depois entrar no âmago da questão exaltando o espírito universitário.

Citou os exemplos da Itália, Alemanha, Rússia, Portugal, Estados Unidos e França que foram buscar nas Universidades as principais figuras de postos de direção.

Encerrou o seu brilhante discurso pedindo fosse realizada a aspiração dos estudantes de Pernambuco, e saudando a vinda do ditador a

Recife MATRIZ DA CULTURA E DA CIVILIZAÇÃO DO NORTE! [grifos no original].

Sua fala teria ressonância e seria lembrada por quem viveu aquela experiência, como o escritor Paulo Eleutério, da Academia Pernambucana de Letras e secretário da Folha do Norte, de Belém do Pará, que fez referência ao apelo argumentativo desse discurso, em um artigo publicado no Jornal do Recife, nº 132, de 15 de junho de 1934, cuja primeira parte transcrevemos a seguir:

Quando o Sr. Getúlio Vargas foi recebido em sua excursão ao norte pelas escolas superiores do Recife, na Faculdade de Direito, o então bacharelando Otacílio Alecrim em nome dos discentes de seu curso e das escolas de Medicina e Engenharia, proferiu uma brilhante oração cívica em que justificou a urgência da criação de uma Universidade em Pernambuco dando um admirável depoimento sobre a influência universitária nos destinos dos povos.

E entre quantos fatos citou em abono de sua tese referiu que Wilson participava "da sábia lição dos franceses que vão encontrar nas universidades, laboratórios do espírito jurídico, de ordem técnica e da concepção humana da vida, as suas elites dirigentes".

Roosevelt seguiu agora aquele exemplo, convidando o professor Howard Scott, da Universidade de Columbia para elaborar o plano de reorganização da república; Lebrun, aluno laureado pela Escola Politécnica de Paris, preside a resistência da França ante cataclismos de que se vê cercada.

Eis mais um período completo da oração da juventude, pela palavra do tribuno acadêmico.

Ensina-nos a experiência contemporânea que, nos próprios países dos governos de exceção, a tendência é a da arregimentação dos valores nos quadros das Universidades: os "soviets" arrancam da Universidade de Leningrado o professor Nemilow para provar biologicamente o decreto do governo sobre a esterilização; a ditadura fascista recruta na Universidade de Pádua, o professor Saleni, para conceituar o estado corporativo, e a ditadura portuguesa descobre na austera Universidade de Coimbra o professor Oliveira Salazar para ter prestígio perante o mundo.

Citando apenas os governos de exceção, o jovem orador não quis, certamente, relacionar as demais nações cultas do mundo, que vão sempre buscar os seus pro-homens de relevo na administração em centros universitários, onde se estuda na realidade a vida humana em todas as suas profundas e infinitas concepções sociais.

O terceiro e último episódio refere-se justamente ao discurso de orador da turma, proferido no dia da formatura, em 7 de dezembro de 1933, e que foi, inclusive, publicado nos Anais da Constituinte Federal de 1934, com o título de "Fundamentos da Cultura Civil". O professor Anibal Freire, notável jurista escolhido como paraninfo, considerou "auspiciosa" a escolha do orador, porquanto, para ele,

O bacharelado Octacílio Alecrim representa na intelectualidade jovem do país um elemento de propulsão e um condensador de energias e aspirações. Pelo ecletismo da erudição, pela limpidez do raciocínio, pela espontaneidade do pensamento, o destino há de reservar-lhe as mais amplas e duradouras vitórias. (Jornal Pequeno, nº. 153, de 10 de junho de 1933).

2.4 RIO DE JANEIRO (1934 - 1968)

Octacílio havia crescido tanto que, se Recife já não o continha, menos ainda Natal e Macaíba, para onde não pretendia voltar, tendo em vista que já não havia espaço para ele na política local. Assim, munido de seu diploma em Ciências Sociais e Jurídicas, rumou para a Capital Federal à época, a cidade do Rio de Janeiro, atualmente a segunda maior metrópole brasileira, situada no Estado de mesmo nome no Sudeste do país.

Figura 12 – Mapas de localização do Rio de Janeiro



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_\(estado\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_(estado)) e https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro

No Rio, começou a trabalhar como Oficial de Gabinete do então Ministro da Justiça, Agamenon Magalhães, vindo depois a assumir o cargo de Procurador do Instituto Nacional de Previdência. Sua competente atuação na área jurídica mereceu-lhe, inclusive, elogio público do então Presidente do Instituto, Francico Muniz Freire, que, ao deixar o cargo, confessou

o meu reconhecimento e apreço à proficiência e brilho com que estais desempenhando as difíceis funções de Procurador do Instituto. Prestastes a minha administração serviços eficientes que o Conselho Deliberativo em várias sessões tem louvado e dos quais a situação atual de ordem e prestígio da Procuradoria dá testemunho evidente. (Correio da Manhã, nº. 13.089, de 9 de julho de 1937).

Octacílio Alecrim destacou-se, sobremaneira, na área jurídica, publicando várias obras de grande densidade e importância, conforme anotado pelo escritor Américo de Oliveira Costa, de quem foi grande amigo, a saber: “Fundamentos do Seguro do Estado” – tese para The Fourteenth National Conference on Social Security, New York, 1941²⁵; “Fundamentos do *Standard* Jurídico” – tese de docência à Introdução à Ciência do Direito na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, Rio, 1941; “Teoria dos Ministérios Jurídicos” – tese de Direito administrativo para o antigo Instituto Brasileiro de Direito Administrativo, Rio, 1947; “Técnica, Princípios e Códigos” – conferências, estudos e comunicações, Estudo de Direito Estrangeiro e de Direito Comparado, Rio, 1952; “Ideias e Instituições do Império” – estudo comparativo das influências francesas, Rio, 1953; “As Comissões Congressuais de Investigação no Regime Presidencialista” – métodos e objetivos nos Estados Unidos e no Brasil, Rio, 1953 (contribuição para o volume especial da Revista Forense; e “O Sistema de Veto nos Estados Unidos – estudo comparativo das influências americanas no Brasil 1890 - 1953/1954, Rio, 1954. (COSTA, 1984b).

Costa (1984b) registra, ainda, as instituições do campo jurídico de que Octacílio fez parte: Instituto de Direito Comparado e Estudos Legislativos (Brasil), Instituto de Direito Comparado da Universidade Nacional de Córdoba (Argentina), Instituto de Direito Comparado da Universidade Nacional Autónoma (México), Sociedade de Legislação Comparada (França), Academia de Ciência Política da Universidade de Columbia (Estados Unidos), Associação Internacional de Ciência Política (Unesco). Ainda de acordo com Costa (1984b), Octacílio Alecrim foi diretor do Instituto de Estudos Políticos (Brasil) e, convidado, fez conferências jurídicas no Chile e na Argentina. Encontramos também registros de sua vinculação à Sociedade de Direito Aeronáutico e ao Comitê Nacional de Direito Comparado, conforme Jornal do Comércio, nºs. 197 e 205, de 27 de maio e 6 de junho de 1951, respectivamente.

No início dos anos 1940, Octacílio casou-se com a carioca Hermínia Gonçalves Gambarra. O casal não teve filhos, mas há informações de que tenha acolhido em sua casa um sobrinho dela e um sobrinho-neto dele. Este último, chamado Antônio Vicente Carvalho, o Tonito, era neto de Maria Zebina, irmã mais velha de Octacílio, e teria ido para a companhia do tio-avô no final daquela década.

²⁵ Localizamos ainda na internet a seguinte referência: ALECRIM, Octacílio. **Fundamentos do seguro de Estado**. Rodrigues & Cia, Rio, 1940.

Paralelamente à sua exitosa atuação no campo jurídico, que lhe permitia viver confortavelmente na Avenida Atlântica, nº. 1.186, Apto. 603, na Praia do Flamengo, desenvolveu intensa atividade intelectual, convivendo com importantes escritores e críticos literários da época, como Otto Maria Carpeaux, Sérgio Buarque de Holanda e Lúcia Miguel Pereira. Segundo depoimento de Antônio Vicente colhido pelo historiador Anderson Tavares de Lyra, Octacílio comprara também o apartamento em cima do seu para transformá-lo em biblioteca. Nesse espaço, tomado por livros e recordações de viagens e de Macaíba, passava a maior parte de seu tempo livre lendo, estudando, tomando notas e escrevendo.

A maioria de seus estudos literários envolve a obra do romancista francês Marcel Proust, e foram publicados ao longo das décadas de 1940 e 1950, em jornais e revistas de alcance nacional, como Correio da Manhã, Jornal de Letras, Revista Branca e Cultura, além da revista Nordeste²⁶. Nos trabalhos de Neis (1989), Oliveira (1993), Serejo (2008) e Queiroz (2020), encontramos um levantamento dos ensaios publicados por Octacílio Alecrim sobre a obra de Marcel Proust, naquelas décadas, nos mencionados periódicos, conforme quadro constante da Figura 13.

Figura 13 – Quadro de ensaios de Octacílio Alecrim sobre a obra proustiana

| Nº | TÍTULO | PERIÓDICO | ANO DE PUBLICAÇÃO |
|----|--|------------------|-------------------|
| 1 | Proust | Correio da Manhã | 1948 |
| 2 | Museu da literatura proustiana | | |
| 3 | Introdução à bibliografia proustiana | | |
| 4 | A província literária de Combray | | |
| 5 | Fontes de Proust | Jornal de Letras | 1949 |
| 6 | Inspirações de Proust | Revista Nordeste | |
| 7 | Província de Combray | | |
| 8 | Sistemática da bibliografia proustiana | Revista Branca | 1950 |
| 9 | Motivos de Proust | Jornal de Letras | |

²⁶ Foi encontrado, ainda, registro de um artigo denominado “Miss Macunaíma”, publicado na segunda edição da Revista de Antropofagia, de 1929, cuja autoria é atribuída a Octacílio Alecrim, mas, a julgar pelo teor do texto, o veículo, o local e a data da publicação, acreditamos não ter qualquer relação com o autor potiguar, que, nesse período, só publicava em jornais de Natal e de Recife. O nome de Octacílio Alecrim pode ter sido usado como pseudônimo para ocultar a verdadeira identidade do autor, que tinha como alvo o escritor Mário de Andrade e a viagem de estudos que fez ao Nordeste, em 1928 e 1929.

| | | | |
|----|------------------------------------|-----------------------|------|
| 10 | Raízes de Proust | Proustiana Brasileira | |
| 11 | Repertório de estudos proustianos | Revista Branca | |
| 12 | Técnica da prosa impressionista | Cultura | 1954 |
| 13 | Proust e a província ²⁷ | - | 1955 |

Queiroz (2020, p. 52) acrescenta, ainda, a esse quadro o ensaio “Introdução à temática do souvenir”, que foi publicado em 1957, no livro *Província submersa*, também pelo Proust-Clube do Brasil, por entender que se trata também de um estudo proustiano, porquanto haveria aí “uma explanação de motivos caros a Proust, na criação de sua Combray”. Não resta dúvida de que, não apenas essa introdução, mas também todo o texto de *Província submersa* representa o coroamento de seu intenso trabalho de estudo da obra do escritor francês cuja forma romanesca renovou o gênero e fez escola.

Oliveira (1993, p. 37) registra que Octacílio fundou o Proust Clube do Brasil, em 3 de junho de 1947, tornando-se o primeiro presidente e que, no ano seguinte, com a subdivisão do clube em três seções distintas, passou a diretor da Divisão de Estudos, porém a autora se equivoca em relação à sede do Proust Clube, pois supõe que Octacílio Alecrim fosse professor da Faculdade de Filosofia de Pernambuco e morasse em Recife, não no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 1993, p. 270). Neis (1989, p. 172) acrescenta que, tão logo o Clube foi fundado, a este se associaram em pouco tempo aproximadamente 70 escritores.

Em consequência dessa intensa atuação, Octacílio foi convidado para proferir palestra sobre Proust no Pen-Clube da França, em Paris, em 1948 (COSTA, 1984b). Oliveira (1993, p. 37) destaca também que ele

estava entre os primeiros associados brasileiros da *Société des Amis de Marcel Proust et des Amis de Combray*, fundada na França em 1950. No ano seguinte, essa associação contava com onze brasileiros inscritos. Além dele, constam como membros titulares, Eustaquio Duarte, Aderbal Jurema, Augusto Meyer, L. Rangel, Jorge de Lima, Álvaro Lins, Lucia Miguel Pereira, Saldanha Coelho, R. Assumpção e J. S. Leal. (OLIVEIRA, 1993, p. 37)

²⁷ Este último ensaio foi publicado no livro *Ensaio de Literatura e Filosofia*, que Octacílio lançou pelo Proust-Clube do Brasil, reunindo alguns dos estudos acima já publicados e outros ensaios inéditos, alguns dos quais comparativos, sobre as obras de Graça Aranha, Machado de Assis e Goethe, além de escritos sobre a Estética da Escola de Recife e outros textos filosóficos.

Em 1955, foi publicado pelo Proust Clube do Brasil o livro de Octacílio Ensaios de Literatura e Filosofia: método comparativo, reunindo alguns dos estudos acima mencionados, além de uma homenagem ao escritor norte-rio-grandense Henrique Castriciano, como também conferências, entre outros ensaios literários e filosóficos envolvendo a obra de Proust e de outros autores e pensadores.

Na última capa deste livro, há o anúncio de que a próxima edição do Proust Clube do Brasil seria Proust, romancista do Impressionismo, mas, como ressalta Serejo (2008, p. 20), o livro não seria publicado. Ao invés disso, finalmente, como desdobramento de sua paixão pela obra de Proust, de 1954 a 1956, Octacílio Alecrim lança-se no desafio de escrever a obra *Província submersa*, toda ela inspirada nos motivos proustianos, a começar pelo título, a qual foi publicada em 1957, também pelo Proust Clube do Brasil. Sobre esta, tratamos no subitem 2.4.1.

Apesar do volume de ensaios produzidos por Octacílio sobre Proust, bem como do interesse que desperta a fortuna crítica do autor de *Em busca do tempo perdido*, o trabalho do escritor potiguar como crítico literário ainda é pouco (re)conhecido. Serejo (2008, p. 21) assinala que o nome de Octacílio, indispensável para a leitura de Proust,

figura nove vezes na bibliografia do livro de Alcântara Silveira – *Compreensão de Proust*, José Olympio, Rio, 1959 – e é citado pela professora Maria Arminda de Souza-Aguiar em *Introdução a Proust* – edição Tempo Brasileiro, Rio, 1984 – dezesseis anos depois de sua morte. Integra, ainda, a bibliografia do *Marcel Proust - Roteiro Crítico e Sentimental*, de Hermenegildo de Sá Cavalcante – Pallas, Rio, 1986 – com dois artigos e uma rara citação do *Província Submersa* em razão de ser título fora do mercado.

Contudo trata-se apenas de referências, indicando terem sido esses trabalhos publicados, sem que houvesse aí uma análise do teor de tais artigos. Porém, aos poucos, Octacílio vem sendo (re)descoberto. Nos quatro estudos que estamos tomando como referência sobre a ensaística de Octacílio sobre Proust, os pesquisadores têm buscado interpretá-la, a partir dos aspectos exegéticos constantes, inclusive, alguns destes, em termos comparativos com os estudos de outros proustianos.

Neis (1989), em seu trabalho, que compreende uma visão sinótica da crítica literária brasileira relativa à obra de Proust, no período de 1925 a 1964, compara a interpretação octaciliana de *Em busca do tempo perdido* com a de outros críticos da mesma época e declara que Octacílio Alecrim “foi quem mais se distinguiu nesta fase

por suas numerosas pesquisas e promoções relativas à obra proustiana” (NEIS, 1989, p. 172).

Por sua vez, Oliveira (1993), que também faz uma análise do teor dos textos de Octacílio Alecrim, observa que a série de artigos publicados “atesta seu conhecimento detalhado dos acontecimentos que envolveram a obra proustiana. São contribuições preciosas para uma história da recepção, sobretudo as orientações bibliográficas.” (OLIVEIRA, 1993, p. 38).

Já Serejo (2008), autor da “Introdução a Octacílio Alecrim”, que abre a segunda edição de *Província submersa* e na qual encontramos uma aguçada visão do “menino”, do “homem”, do “pensador” e do “proustiano” que foi o escritor de Macaíba, ressalta: “Octacílio Alecrim foi talvez o maior proustiano do seu tempo, ao longo das décadas de quarenta e cinquenta”, cabendo-lhe “a compreensão mais profunda do mundo proustiano e com estudos que alcançam, em alguns instantes, as culminâncias de uma verdadeira exegese.” (SEREJO, 2008, p. 19-20)

Queiroz (2020), mais recentemente, além de buscar interpretar a crítica octaciliana da obra de Proust, esforça-se para encontrar a aplicação, em *Província submersa*, de alguns dos aspectos exegéticos apontados por Octacílio em seus ensaios. Mais do que o (re)conhecimento da crítica octaciliana, isso representa um impulso no sentido do resgate e da compreensão de sua obra, ao colocá-la em evidência no cenário da crítica literária brasileira.

Aproximando-nos do fim desse quarto e último recorte no tempo e no espaço, em que procuramos destacar aspectos importantes da vida e da obra de Octacílio Alecrim, voltamos ao ano de 1949. Após 15 anos de sua partida do Rio Grande do Norte para o Rio de Janeiro, o macaibense visitou oficialmente sua terra natal, a convite do Tribunal de Justiça.

A visita foi marcada por uma recepção calorosa e muitas homenagens, tendo ele proferido, além da conferência alusiva ao Dia da Justiça no Tribunal de Justiça – “A evolução da teoria montesquieana dos três poderes”, para a qual fora especialmente convidado, outras duas conferências na Ordem dos Advogados – “O contrato-tipo e o código civil” e na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – “Proust e a Província”. Esta última conferência seria transformada,

numa transcrição integral, no capítulo de abertura da segunda parte do livro *Ensaio de Literatura e Filosofia* com o título *As Metáforas*, primeiro dos cinco temas sobre Proust, como também é publicada na

edição especial sobre *Proust*, da revista Nordeste - Recife, dezembro de 1949 – sobre o mesmo tema, com o título *Em busca da Província Perdida*. (SEREJO, 2008, p. 21).

A presença de Octacílio em Natal repercutiu nos órgãos de Imprensa. De Recife, o jornalista Mauro Mota fez questão de chamar a atenção para a importância do ilustre convidado, evocando os “tempos de Alecrim” no Recife, no artigo intitulado “Um líder do Nordeste”, publicado no Diário de Natal, nº. 2073, de 11 de dezembro de 1949, que resume a trajetória de sucesso desse homem das letras norte-rio-grandenses:

A fim de proferir uma conferência sobre assunto de direito chegará depois da amanhã a Natal o escritor Otacílio Alecrim. O convite que lhe dirigiu o Tribunal de Justiça do seu Estado oferece ao Nordeste o ensejo da retomada de contato com um dos líderes acadêmicos e literários mais atuantes aqui há cerca de 15 anos atrás.

Recuando-se mais ou menos a esse período vamos surpreender a Faculdade de Direito do Recife numa das suas fases já quase históricas de ânimo e dignidade intelectuais e estudantis e à frente do movimento encontramos o potiguar que o Rio agora devolve, por alguns dias ao cenário das suas primeiras lutas. O movimento possuía o seu órgão, a revista *Agitação*, mas esse nome não tinha o sentido que hoje o associariam de qualquer modo. A agitação não era dirigida contra as bases do regime. Visava a melhor aglutinação de um grupo lançado no caminho das verdadeiras conquistas do espírito. Era uma completa renovação que se iniciava na conduta geral do estudante em Pernambuco. A irresponsabilidade que sempre lhe atribuíam à rotina de pontos de aula decorados, serenatas e boêmias, sucedida a participação efetiva na vida pública, somente possível pelo estudo bem orientado e pela compreensão de certos problemas.

A sinceridade com que se fazia tudo isso podemos sentir através do destino pessoal de todos os integrantes da então chamada ala renovadora. Podemos quase dizer que não houve fracasso de ninguém porque o retraimento de bem raros foi compensado pelo triunfo extraordinário de outros. É o caso do próprio Otacílio Alecrim cuja posição no panorama do país quase dispensa referência. Nele não vamos encontrar apenas o jurista, mas o escritor de poderosos recursos de expressão perfeitamente em dia com os temas universais de cultura.

Informações do historiador Anderson Tavares de Lyra²⁸ dão conta de que Octacílio voltou ainda uma última vez ao Rio Grande do Norte, quando veio defender os interesses de um partido político do qual era advogado e aproveitou para visitar amigos e parentes, em 1966, dois anos antes de seu falecimento.

²⁸ Cf. <http://www.historiaegenealogia.com/2009/08/octacilio-de-mello-alecrim.html>. Acesso em 13.08.2020.

Segundo algumas fontes consultadas²⁹, Octacílio Alecrim teria falecido no Rio de Janeiro, no dia 2 de setembro de 1968. Encontramos, contudo, em três jornais diferentes uma nota do escritor Mauro Mota, informando que já se teria passado um mês da morte do escritor norte-rio-grandense, e a Imprensa não noticiara o falecimento. O texto da nota, a seguir transcrito, encontra-se publicado no Diário de Pernambuco, nº 177, de 1º de agosto de 1968, e replicado, com pequena variação, em O Jornal (RJ), nº. 14.376, de 9 de agosto de 1968, e no Correio Braziliense, nº. 2.656, de 14 de agosto de 1968.

Otacílio Alecrim

Há quase um mês, a morte de Otacílio Alecrim e notícia nenhuma em nossa imprensa. Falha das agências telegráficas? Desconhecimento sobre esse admirável nordestino? Apesar do que realizou no Rio como advogado e crítico de Proust, situo as cumeeiras de sua vida na vida de estudante e em seu livro de 1957, *Província submersa*. Livro, é pena, publicado em tiragem limitada e fora do comércio.

[...]

Daí em diante foi uma série de sucessos para Otacílio Alecrim na Faculdade de Direito e no Recife: a liderança estudantil a mais atuante que houve aqui na década de 30; os discursos - um deles de emocionar o sereníssimo Getúlio Vargas - conciliadores de ideias, gestos e timbres; a revista *Agitação* que fundou e dirigiu ao lado de gente da categoria de Nilo Pereira, Álvaro Lins, Carlos Duarte, Willy Lewin, Evaldo Coutinho, Paulo do Couto Malta, Gil Methodio Maranhão, Moacir de Albuquerque, Andrade de Lima Filho, Gilberto Osório, João Roma, Aloísio Branco, Américo de Oliveira e Ernani Sátiro, presidente do diretório acadêmico; a participação com brilho de "causeur" no famoso grupo de Lafayette, vários desses colegas e sobretudo Joaquim Cardoso, Altamiro Cunha, Luiz Jardim, Vicente do Rego Monteiro, Nelson Ávila, Arnaldo Miranda, Edmundo Celso.

Otacílio Alecrim viveu uma época do Recife e deu muito de si mesmo para fazer essa época inesquecível. (Diário de Pernambuco, nº. 177, 1º de agosto de 1968).

A partir daí, buscamos, junto ao historiador Anderson Tavares de Lyra, a confirmação da data de falecimento, sendo constatado, conforme Registro de Óbitos L. 361-367 1984-1986 da Quinta Circunscrição do Rio de Janeiro, que, na verdade, o a data de falecimento de Octacílio Alecrim é 2 de julho de 1968, com registro lançado no dia seguinte. A *causa mortis* foi "enfarte do miocárdio, cardioesclerose", e o escritor foi sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

²⁹ Cf. Serejo (2008, p. 12) e Macedo Filho (2018, p. 153).

Figura 14 – Registro de Óbito de Octacílio Alecrim

Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra

2.4.1 Província submersa (1957)

O livro de memórias de Octacílio Alecrim começou a ser concebido em 1954, três anos antes, portanto, de sua publicação, em um contexto em que o autor chegava ao ápice de sua produção como ensaísta, em especial de temas relacionados à obra proustiana, e estava à frente do Proust Clube do Brasil. Ele conta, ao final do livro, como surgiu a ideia de escrever suas recordações da infância e juventude na sua terra natal, fato que nos remete à memória involuntária, tão cara a Proust:

A idéia de escrevê-las – um dever indeclinável de todo homem de letras – nasceu, há três anos, quando uma reprodução do sugestivo quadro de CHAGALL – *Moi et le Village* – transportou-me proustianamente à terra natal, distante, é verdade, no espaço e no tempo, mas, de raízes profundas, como se viu, na minha primeira fase de vivência intelectual. (ALECRIM, 2008, p. 268).

Na introdução que faz sobre a temática do souvenir, Octacílio registra que a obra foi escrita no período de 1954 a 1956 (ALECRIM, 2008, p. 34). O jornal *Correio da manhã*, do qual Octacílio era colaborador, em sua edição nº. 19.563, de 3 de janeiro de 1957, noticia assim a entrega dos originais do livro ao editor no início do ano de 1957:

ESCRITORES E LIVROS

Literatura de memórias

Iniciando o ano literário de 1957, Otacílio Alecrim (um dos nossos bons ensaístas e também um dos fundadores do Proust Clube do Brasil) acaba de entregar ao editor os originais de seu novo livro – “A Província submersa”.

Trata-se como o próprio título indica de um trabalho de memórias literárias através de cujas páginas tem o autor como tema as suas recordações de infância e juventude na Província Rio Grande do Norte e a respeito de pitoresco e persistentes motivos de cor local usos costumes e tradições bem assim de escritores e livros que mais o impressionaram no início de sua formação. Capa e ilustrações de Poty.³⁰

Sete meses depois, em agosto de 1957, a obra foi publicada no Rio de Janeiro. Como disse Serejo (2008, p. 22), “*Província Submersa* não teve noite de lançamento. Nasceu [...] como edição especial do Proust Clube do Brasil que Octacílio Alecrim fundou, teve tiragem limitada e fora do comércio, com exemplares numerados e rubricados pelo autor”. Mas, tão logo a obra é publicada, o mesmo jornal Correio da Manhã, em sua edição nº. 19.753, de 17 de agosto de 1957, apresenta-a ao público:

Província submersa

Dedicando verdadeiro culto a Marcel Proust, cuja obra conhece em todos os seus meandros e nuances, não é de admirar que Otacílio Alecrim se sentisse inclinado a escrever um livro de memórias. Pois o que é *A la recherche du temps perdu* senão a transposição romanesca da autobiografia de Proust? E assim sob a influência proustiana, mas sem resvalar para o plano da ficção, Otacílio Alecrim nos dá hoje *Província submersa* em tiragem limitada e fora de comércio, edição do Proust Clube.

O livro é precedido de uma introdução intitulada *Temática do souvenir*, na qual o autor aprecia grande número de novelas e romances, todos construídos com material da memória, para terminar considerando o papel de Proust nesse terreno: o de haver aprofundado e poetizado um tema – o souvenir afetivo da infância na província, “que na literatura do gênero haverá de sobreviver com o odor evocativo dos lilases de Illiers”. Assim, sob o signo de Proust, Otacílio Alecrim sente emergir, como uma saga de memória, o recanto da província onde nasceu ao impacto da erosão do tempo. O volume se divide em cinco partes, nas quais o autor, por um processo todo pessoal e artístico, reconstrói aspectos da sua vida provinciana, mostrando-nos principalmente de como através dos livros, da sua curiosidade intelectual insaciável veio a travar contato com o mundo. Podemos dizer ainda que é o ensaísta, o espírito crítico, sempre inclinado a tirar conclusões e a estabelecer sistemas que prevalece no memorialista. Otacílio Alecrim abre

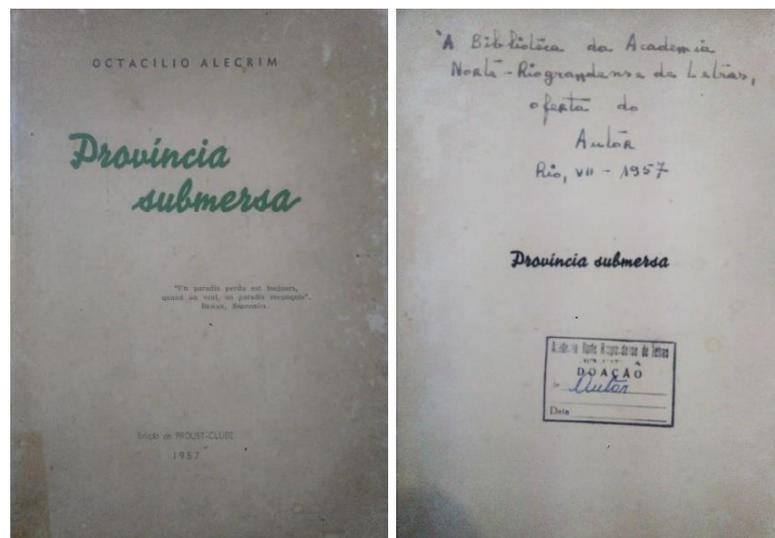
³⁰ A participação no projeto gráfico do grande artista Poty, que ilustrou a primeira edição de *Grande Sertão Veredas* e *Sagarana*, de Guimarães Rosa, mostram o bom relacionamento de Octacílio Alecrim com as artes na Capital Federal.

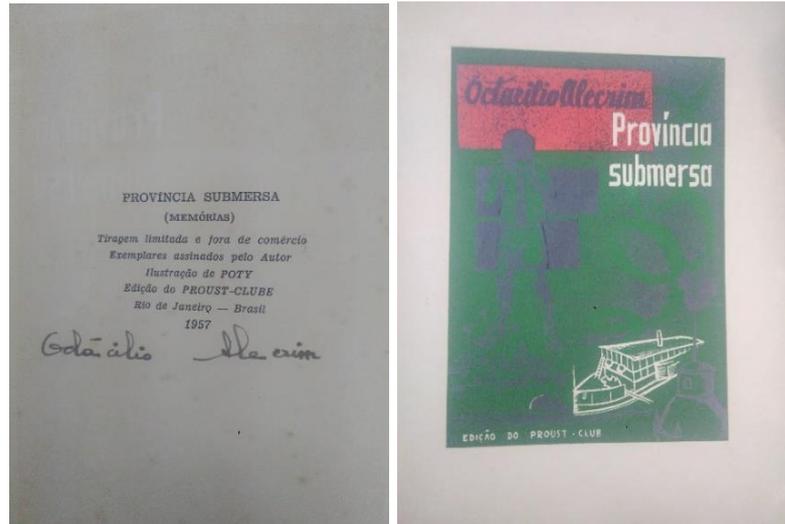
perspectivas novas para a problemática de um gênero hoje cada vez mais explorado pelos nossos escritores.

Tanto no anúncio da entrega dos originais como no da publicação de *Província submersa*, sobressaem alguns aspectos que não podem ser ignorados em um estudo dessa obra e de seu autor. Trata-se, em primeiro lugar, da influência da obra do francês Marcel Proust na composição das memórias de Octacílio, considerando que, tendo publicado mais de uma dezena de ensaios sobre o assunto e sendo “um dos fundadores do Proust Clube do Brasil”, dedicou “verdadeiro culto a Marcel Proust, cuja obra conhece em todos os seus meandros e nuanças”.

Essa influência está diretamente relacionada à escolha do gênero autobiográfico, de modo que “não é de admirar que Otacílio Alecrim se sentisse inclinado a escrever um livro de memórias. Pois o que é *A la recherche du temps perdu* senão a transposição romanesca da autobiografia de Proust? E assim sob a influência proustiana, mas sem resvalar para o plano da ficção, Octacílio nos dá” sua *Província*, sendo este um traço marcante dessa influência, o souvenir afetivo do lugar de nascimento ou de vivência, geralmente associado às recordações da infância e juventude.

Figura 15 – Imagens de exemplar da primeira edição de *Província submersa*





Fonte: Acervo da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

Outro aspecto diz respeito ao que na obra há de “pitoresco e persistentes motivos de cor local, usos, costumes e tradições”, que apontam para o resgate e a valorização da própria cultura, da história, do lugar, do povo e de si mesmo, “por um processo todo pessoal e artístico”, mediante o qual “reconstrói aspectos da sua vida provinciana”.

E, por último, coloca em relevo também “escritores e livros que mais o impressionaram no início de sua formação”, a fim de mostrar, principalmente, “como através dos livros, da sua curiosidade intelectual insaciável veio a travar contato com o mundo”.

Esses são os três aspectos que procuramos abordar neste trabalho: a formação humana através dos escritores e livros lidos, a memória enraizada no lugar onde viveu sua infância e juventude e a escrita da própria vida como expressão de seu universo e consolidação dos processos vivenciais e formativos.

Não conseguimos obter informações acerca do processo de distribuição e da recepção da obra. Uma vez que esta não foi comercializada, acreditamos que circulou de forma restrita, mais entre familiares e amigos do autor. Encontramos um registro do livro em sessão da Academia Brasileira de Letras, conforme ata publicada no Jornal do Comércio (RJ), nº. 275, de 28 de agosto de 1957:

Registro de livros

[...]

“Província submersa” - fazendo a apresentação do livro “Província submersa”, do Sr. Otacílio Alecrim, o Sr. Peregrino Júnior disse: “Ofertando à Academia, em nome do autor, esta “Província submersa”, do Sr. Otacílio Alecrim quero chamar a atenção dos confrades para este livro admirável.

Proustiano inconversível, o Sr. Octacílio Alecrim escreveu este livro de recordações da infância e juventude com a emoção e a ternura de quem “reconquista” um “paraíso perdido” no sentido reniano.

E antes de arrancar do fundo da memória o seu "mundo submerso" escreveu ele uma "temática do souvenir", que é um ensaio erudito e lúcido sobre esse gênero inesgotável: a literatura mundial da recordação e autobiografia, em que o Brasil era tão pobre e agora se está tornando extremamente rico.

Mas o que mais me encanta e comove neste livro é que ele me desperta também o mundo da minha infância - recordando Macaíba, uma pequena cidade ilustre da minha terra - berço de Auta de Souza Augusto Severo, Henrique Castriciano - e em que Otacílio Alecrim e eu vivemos a experiência da infância, alegre e livre.

O livro é um documentário importante, além disto da vida cultural do Nordeste, estudando figuras ilustres do Rio Grande do Norte e de Pernambuco.

Enfim, uma ressurreição da Província - da Província submersa - com suas preciosas reservas espirituais, sentimentais e morais, com a sua imensa riqueza de tradição, de emoção, de cultura.”

[...]

Declaradamente inspirada pela obra *Em busca do tempo perdido*, do escritor francês Marcel Proust, cuja “província das leituras do seu tempo de menino, à sombra do castanheiro em flor do jardim de sua casa é um ser sem equivalente nas maravilhosas esfumaturas impressionantes da sua inexcedida arte descritiva”, no dizer de Octacílio, a narrativa do autor potiguar faz emergir Macaíba, recanto da província, “como uma saga da memória do filho cinquentão, como se um trecho de terra interior houvesse escapado de sua represa afetiva, sob o impacto da erosão do Tempo.” (Cf. ALECRIM, 2008, p. 30. 34). A província submersa na memória de Octacílio Alecrim vem à tona, pois, (re)criada como representação de si mesmo por meio de sua prosa poética, ao longo do fluxo temporal que compreende todo o período em que ele viveu em sua terra natal, de 1906 a 1933, incluindo-se aí também os anos de 1924 a 1927, quando se mudou para Natal e os anos de 1928 a 1933, quando se transferiu para o Recife, vindo, logo depois, em 1934, a se estabelecer, definitivamente, na cidade do Rio de Janeiro.

Em memória do amigo ilustre, o escritor Américo de Oliveira Costa, em artigo publicado no jornal *Tribuna do Norte*, faz as seguintes declarações sobre Octacílio Alecrim e Província submersa, que nos dão uma ideia do que vamos encontrar nas páginas desse livro:

Talvez [Octacílio Alecrim] se haja tornado, assim, um *déraciné*, no exato sentido barrèsiano da expressão, – acentuado no que contém de nostálgico e de “temática do souvenir” (aportuguesando assim o

vocábulo francês) o seu “Província submersa”, todo voltado na direção dos espaços e dos tempos perdidos dessa amável cidade natal de Macaíba, para ele se transfigurando lentamente numa espécie de *ville engloutie* renaniana. A terra, as águas, as paisagens, as coisas, os costumes, os ambientes, homens de condição social diversa, fatos e aspectos do nosso Estado, principalmente nesta faixa leste, ilustram e compõem a alma e o corpo daquele livro. Títulos de capítulos, como “Almanaque de lembranças”, “Verbetes do fabulário”, “Evocação de estrelas cadentes”, “Nostalgia do Infinito”, “Signo de Escorpião” e “Sobrevivência de Anteu”, sobretudo este último, denunciam o homem apegado substancialmente ao seu chão originário, exaltando-lhe, inclusive, valores e figuras no plano da cultura, como José Augusto, Elói de Souza, Manoel Dantas, Palmyra Wanderley, Nunes Pereira [...], Jorge Fernandes, Luís da Câmara Cascudo, Antônio Bento, paralelamente aos de Gilberto Freyre e Ronald de Carvalho. Proustiano confesso e irreduzível, anima os cotés de sua obra de visões feéricas e picturais. (COSTA, 1984b).

Além de uma introdução sobre a temática do souvenir, o livro, que conta a história de vida de Octacílio Alecrim, incluindo a trajetória de sua formação como “homem de letras”, forjado, sobretudo, pela leitura de obras literárias e filosóficas, está dividido em cinco partes. A primeira parte é composta de três capítulos: I. Zumbido de berimbau, II. Parafuso de redemunho e III. Almanaque de lembranças; a segunda possui um único capítulo: IV. Brevetes do fabulário; já a terceira parte é constituída por três capítulos: V. Fogueira de guia, VI. Evocações de estrelas cadentes e VII. Nostalgia do Infinito; a quarta e a quinta parte, por fim, compreendem cada uma um capítulo, a saber, respectivamente: VIII. Signo de Escorpião e IX. Sobrevivência de Anteu.

A propósito dos nomes dos capítulos, o escritor Nelson Patriota, em artigo publicado no jornal Tribuna do Norte, observa que “os títulos são criações à parte, sucintas e significativas, denotando prática do autor com a titulação de matéria, uma arte que cultivou desde os tempos em que militou em *A República*³¹” e que “revelam a perícia do autor na arte de criar, com duas ou três palavras, um clima específico para cada parte de sua obra.” (PATRIOTA, 2008).

De fato, os títulos revelam grande criatividade do autor. O título atribuído ao Capítulo I, Zumbido de berimbau, encontra eco em um fato de infância aí narrado, no qual se põem em relevo as sensações provocadas por esse instrumento tão

³¹ Primeiro jornal impresso da cidade do Natal, fundado em 1890 pelo então governador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, como veículo de difusão dos ideais republicanos, ganhou força ao longo dos anos, constituindo-se como uma das escolas do jornalismo local.

característico da região. Essas sensações têm o condão de transportar a realidade vivida (ou imaginada) pelo autor para a obra literária, de uma maneira singular, como observamos, ao tratar da percepção sensorial na evocação da memória, no próximo capítulo deste trabalho, subitem 3.2.

O uso dessa mesma técnica de criação de títulos, com um grau um pouco maior de sofisticação, percebemos na titulação do Capítulo II, Parafuso de redemunho, que se refere a uma imagem criada a partir do encadeamento de uma série de elementos que parecem girar velozmente como um redemoinho. Esse termo, aliás, é preterido a “redemunho”, forma portuguesa antiga mais usual na região. Além da evocação pelos sentidos, tem-se, através da representação estética da linguagem, como descrevemos no próximo capítulo, subitem 3.3, uma transposição da realidade para o texto, de forma ainda mais viva.

Para compor o título do Capítulo III, Almanaque de lembranças, Octacílio escolhe um vocábulo que remete a uma espécie de documento de comunicação popular escrita utilizado por muitos anos como fonte de informação nas cidades e na zona rural do país³². Nesse capítulo, ele cita as coleções dos almanaques Garnier e Bertrand a que teve acesso, e o uso desse instrumento, em fins do século XIX e início do século XX, no Brasil, devia ser bastante comum, posto que chegou até mesmo a servir de mote para Machado de Assis escrever o conto “Como se inventaram os almanaques”, publicado originalmente em Almanaque das Fluminenses, em 1890. Logo, a escolha desse termo guarda em si um sentido especial considerando o valor das informações aí consignadas em torno das lembranças das vivências familiares.

Existe uma controvérsia quanto a um dos termos usados no título do Capítulo IV, Brevetes do fabulário. Tanto na primeira quanto na segunda edição de *Província submersa*, consta o vocábulo “brevetes”, mas Costa (1984b), ao comentar a obra, refere-se a esse capítulo como “Verbetes do fabulário”. “Verbete” indica palavra ou entrada de dicionário, enciclopédia ou glossário ou o conjunto de significações e explicações referente a essa palavra, uma espécie de apontamento que contém um comentário ou nota sobre um tema, o que nos parece mais apropriado para o título. Então, nesta parte, têm-se alguns verbetes do “fabulário” da região, isto é, o conjunto de lendas e contos populares que se construíram em torno dos lugares

³² DOURADO (2018) mostra a importância que tinha esse documento para a formação e instrução pragmática do povo brasileiro no início do século XX, além do valor infocomunicacional, social, histórico e cultural, com base no estudo do almanaque em coleção da família Carneiro Resende.

descritos, de modo que acreditamos poder ter havido um erro de digitação, mesmo porque a palavra “brevete” não está nos dicionários. Todavia não descartamos a possibilidade de “brevete” ser um neologismo criado pelo autor a partir da raiz de “breve”, “brevidade”, “abreviação” ou “brevê”, indicando quão breves, rápidas e curtas são as histórias aí contadas, que compõem o “fabulário” da região.

Já os títulos escolhidos para nomear os Capítulos V, VI e VII, Fogueira de guia, Evocações de estrelas cadentes e Nostalgia do infinito, respectivamente, os quais integram a terceira e maior parte da obra, de certa forma estão articulados a um mesmo campo semântico, firmado em torno do significado metafórico da “luz” do conhecimento, que podemos atribuir aos vocábulos “fogueira”, “estrelas” e “infinito”. A combinação do uso dessas palavras faz alusão à iluminação experimentada pelo autor intermediada por aqueles que o guiaram no caminho do saber.

Por sua vez, os nomes dos Capítulos VIII e IX, Signo de Escorpião e Sobrevivência de Anteu, carregam em si o simbolismo que lhes dão as referências astrológicas e mitológicas aí constantes, respectivamente, do signo do zodíaco atribuído aos nascidos entre 23 de outubro e 22 de novembro, como o autor, que nasceu em 17 de novembro; e do gigante Anteu^(*), cujo sentido Octacílio Alecrim mesmo esclarece em nota de rodapé, com uma citação de Olavo Bilac:

(*) Anteu – que força espantosa alimentava o corpo daquele gigante, filho de Netuno e da Terra. Podia Hércules subjugar-lo, quando o levantava do solo. Mas, quando os seus pés tocavam o chão, o lutador ganhava novo alento; revigorava-o a Terra, o contato divinizava o seu Espírito. OLAVO BILAC, *Últimas Conferências*, ed. Alves, Rio, 1924. (ALECRIM, 2008, p. 245).

Pelo exposto, constatamos que os capítulos possuem títulos sucintos, criativos e significativos, mas as cinco partes que os abrangem não foram diretamente intituladas. Apesar disso, percebemos que cada parte se constrói em torno de uma temática, de que os títulos dos capítulos são indicativos, e entendemos, afinal, que o teor de cada uma delas pode estar explicitado na última frase do livro: “Eis porque os verdadeiros personagens de Província submersa são a **Memória**, a **Terra**, os **Episódios**, as **Ideias**, os **Escritores** e os **Livros**.” (ALECRIM, 2008, p. 268, grifos nossos).

Assim, a Memória corresponde à primeira parte, reunindo os capítulos I, II e III, os quais tratam das lembranças relacionadas à casa paterna, à rua, ao lugar

onde o autor viveu e se criou, como também a pessoas que lhe marcaram a vida, em especial as figuras do pai e da mãe, além de irmãos, agregados, amigos, professores e colegas de escola, em meio às reminiscências de costumes, brinquedos e brincadeiras. A Terra é tema da segunda parte, constituída pelo capítulo IV, no qual se recuperam elementos da geografia e história local em suas relações com elementos da tradição popular, envolvendo localidades macaibenses, como a Lagoa de Tapará, o Porto Flamengo, o Ferreiro Torto, Estremoz³³ e Guarapes, entre outros. Os Episódios, por sua vez, constituem a terceira parte, na qual são narradas experiências marcantes da vida intelectual do autor, envolvendo pessoas (professores, escritores, intelectuais e amigos) que exerceram influência na sua formação, inclusive personalidades do cenário cultural potiguar e brasileiro, como Câmara Cascudo, Palmyra Wanderley, Jorge Fernandes, Henrique Castriciano, Eloy de Souza, Gilberto Freyre e Ronald de Carvalho, entre outros. Já as Ideias compreendem a quarta parte, em que o autor apresenta algumas de suas áreas de interesse como Sociologia, Psicologia, Filosofia, Literatura e Arte, a partir da leitura de pensadores de sua época, paralelamente à área de Direito. E a quinta e última parte, voltada para os Escritores e os Livros, reflete sobre si mesmo como escritor e seu processo criativo ligado à sua terra natal, em relação a escritores e livros que o marcaram, com destaque para Ronald de Carvalho, Gilberto Freyre e Maurice Barrès, com rápidas referências a autores norte-rio-grandenses como Henrique Castriciano, Eloy de Souza, Jorge Fernandes e Câmara Cascudo.

Embora possamos fazer corresponder cada parte a cada um dos elementos temáticos, estes se interpenetram e perpassam toda a obra, porquanto são recorrentes ao longo da narrativa. Assim, por exemplo, a Memória, vivamente enfocada na primeira parte com a narrativa de memórias da infância, não deixa de estar presente em cada uma das outras partes, porquanto vai constituindo-se como fundamento para o desenvolvimento da narrativa; a Terra, que tem ênfase na segunda parte pela descrição de lugares da província com suas paisagens e histórias, também consta nas demais partes, porque lhes serve de apoio para o relato dos Episódios e explanação das Ideias ou apresentação dos Escritores e Livros. Estes três últimos tópicos, por sua vez, também constam, cada um, em todas as partes, apesar de se vincularem de maneira especial às respectivas partes.

³³ O vocábulo “Estremoz” escreve-se atualmente “Extremoz”, mas optamos por manter a forma utilizada pelo autor.

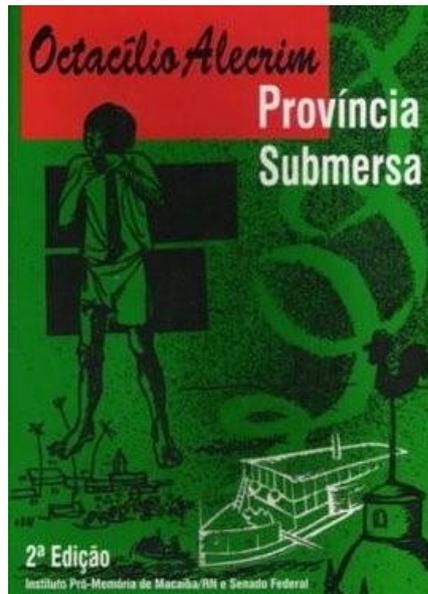
Como elementos pós-textuais, constam, ao final do livro, Documentário, com depoimentos “A propósito do autor”, de várias personalidades (Jaime Wanderley, Mauro Mota, Nilo Pereira, José Condé, Celso Kelly, Jarbas Duarte, Álvaro Lins, Afrânio Coutinho, Veríssimo de Melo e Américo de Oliveira Costa), além da relação de “Estudos proustianos do autor”, incluídos aí pelo próprio Octacílio.

Dadas as limitações de tiragem da primeira edição e o fato de não ter sido comercializada, a Província submergiria novamente no tempo até ser “resgatada pelo fecundo e obsessivo amor à história de Macaíba (ou à cidade de Macaíba, mesmo?) de Valério Mesquita e Olímpio Maciel” (ANDRADE, 2008), representantes do Instituto Pró-Memória de Macaíba, que se empenharam, junto ao Senado Federal, para reeditar esta e outras obras de Octacílio Alecrim. Assim, 50 anos depois da primeira edição, vem à tona, em 2008, a segunda edição de Província submersa, que foi utilizada neste estudo.

Trata-se de um arrojado projeto editorial, que contou com a colaboração de intelectuais potiguares. O texto original, cuja revisão gramatical e atualização ortográfica coube ao escritor Nelson Patriota, é precedido de Introdução, que inclui a “Nota Editorial”, assinada pelos editores Olímpio Maciel e Valério Mesquita, e a “Introdução a Octacílio Alecrim”, de autoria do escritor Vicente Serejo, além das abas (orelhas) que foram confiadas ao escritor Ivan Maciel de Andrade. Como elementos pós-textuais, mantiveram-se, ao final, Documentário, com os depoimentos “A propósito do autor” e a lista de “Estudos proustianos do autor”. Tais elementos já constavam na primeira edição, tendo sido inseridos pelo próprio autor.

Quanto ao projeto gráfico e diagramação, que ficou sob a responsabilidade de Jimmy Free, a partir da digitação de Pedro Gomes Souza, conforme observou Tavares (2015) é um “projeto gráfico agradável e enxuto, convidando à leitura, com margens generosas. A letra em corpo 12, o papel Vergé Areia que não dói na vista e é suave ao tato”, confere sobriedade à edição.

Figura 16 – Imagem da capa da segunda edição de *Província submersa*



Fonte: Google Imagens

Na capa dessa nova edição, foi utilizada a ilustração original de Poty que já figurava, internamente, na primeira edição. Sobre um fundo verde, vê-se no alto à esquerda o nome do autor em letras pretas sobre um retângulo vermelho e, abaixo do nome, aparece a imagem de um menino de pés descalços com as mãos no rosto, levando à boca algo, que poderia ser um fruto ou um brinquedo sonoro. Logo abaixo, encontram-se imagens de uma pequena cidade à margem de um rio por onde navegam duas embarcações, uma menor que se assemelha a uma jangada ou canoa, e outra maior parecida com uma lancha para transporte de passageiros. À direita, há uma espiral que vai da lancha ao canto superior, e no canto inferior, visualiza-se ainda a torre de uma igreja com um galo na extremidade, numa clara referência à Igreja de Santo Antônio em Natal, “em cuja torre rodopiava aos quatro ventos o pequeno galo de ferro” (ALECRIM, 2008, p.149).

Graças a essa iniciativa de reedição, o livro hoje está ao alcance das novas gerações, podendo proporcionar a seus leitores o mesmo “alumbramento” que experimentou a escritora Clotilde Tavares, ao lê-lo:

Octacílio Alecrim constrói um delicioso relato da sua infância e juventude, que extrapola o simples memorialismo e, nas entrelinhas dos fatos pessoais, retrata a história sócio-cultural e econômica daquela região, nas primeiras décadas do século XX, quando se ia de Macaíba a Natal de barca, pelo rio Jundiá, que afluía ao Potengi. São histórias de famílias, descrição de tipos populares, relatos de brincadeiras, códigos de comportamento e vida social, descrições tão reais e detalhadas que parecemos estar vivendo junto com o autor os

fatos que descreve. E isso sem abrir mão nem por um instante da prosa elegante, da sintaxe escorreita, das imagens vívidas, tudo denotando um memorialista completo, bem no espírito da “Recherche...” de Proust, de quem Octacílio Alecrim foi um dos mais competentes exegetas. É um livro que agrada ao intelectual e ao estudioso, que se deleitam com a erudição demonstrada, os achados estilísticos; e o leitor comum também encontra aí a história de um menino, um menino como os outros, nascido e criado no interior, tal como o Carlinhos de Zé Lins, e com ele se identifica, pois todos nós fomos um dia meninos e meninas, mergulhados na doce inocência da infância, e sentimos, através das memórias de Octacílio Alecrim, o cheiro suave de lavanda que emanava do colo da nossa mãe, o gosto do leite morno tomado ao pé da vaca em caneca de flandres, o contato áspero do tropical agajota do terno do pai, a feira, as cavalhadas, as histórias ouvidas da boca das empregadas e amas, o mistério das noites estreladas de um infância onde não havia shopping-centers, nem computador, nem videogames.

A paixão me conduziu na leitura deste livro, uma leitura afetiva, amorosa, deslumbrada, como se visse um mundo novo completo e acabado de nascer ali na minha frente, em todo o seu esplendor. Um alumbramento, uma epifania, uma revelação. A província amada flutua na luminosa névoa da lembrança, como miragem real, mais do que uma evocação: uma invocação da terra natal [...] (TAVARES, 2015).

Nos próximos capítulos, buscamos analisar a obra *Província submersa*, considerando os aspectos memorialísticos que estão na base de sua construção, as características inerentes ao gênero autobiográfico nela presentes e sua relação com a formação humana, a partir da leitura literária.

3 MEMÓRIA E (DES)ENRAIZAMENTO REGIONAL

Definida comumente como a faculdade de conservar ou readquirir ideias ou imagens e ainda como lembrança ou reminiscência, a memória tem sido objeto de numerosos estudos nas mais diversas áreas do conhecimento, podendo assumir diferentes enfoques, conforme determinados interesses acadêmicos e de acordo com os meios que se dispõem para sua projeção. Isso porque, sendo a memória um processo interno, “uma construção mental bastante abstrata, quase inacessível e volátil”, requer algumas condições para ser ativada e representada (Cf. SEEMANN, 2003, p. 44).

De acordo com Candau (2012, p. 21), há três níveis de memória: a protomemória, que resulta do *habitus* e da socialização, de onde vem os automatismos do agir; a memória propriamente dita, que enfatiza a recordação e o reconhecimento; e a metamemória, que trata das representações que o indivíduo faz do que viveu. Enquanto a primeira, identificada como *mnene*, é passiva, repousando em elementos culturais incorporados pelo indivíduo, estas duas últimas, que correspondem à *anamnese*, são ativas. Esses três níveis concorrem na reconstituição da memória e, por conseguinte, na elaboração de obras de natureza autobiográfica e histórica.

Catroga (2001) observa que, desde Santo Agostinho, passando por Locke e Husserl, a memória está circunscrita a um olhar interior, vislumbrando-se a recordação na alma, medida do tempo, vivido como tensão entre passado e futuro, de maneira que “o presente histórico é um permanente ponto de encontro da recordação e da esperança.” (CATROGA, 2001, p. 18). Esse fenômeno foi tratado mais especificamente pelo filósofo francês Henri Bergson, cuja obra *Matéria e memória*, publicada originalmente, em 1939, até hoje é referência nos estudos sobre o assunto, angariando, inclusive, a admiração de Octacílio Alecrim.

Não que a preferência pelo estudo do *bergsonismo* me tivesse vindo de uma opção segura e meditada, porquanto ao tempo era eu apenas um iniciado na visão geral da matéria; o *bergsonismo* veio a ser desde logo o meu naipe preferido entre as demais correntes de pensamento expostas na obra de FARIAS BRITO pela marca de espírito novo em filosofia que as suas teses sutis pareciam trazer: a *intuição*, a *duração*

vivida, o elã vital e a evolução criadora. (ALECRIM, 2008b, p. 211, grifos no original).

Por outro lado, a publicação das obras de Maurice Halbwachs, tendo por base a Sociologia de Durkheim, possibilitou um “olhar exterior” da memória, daí decorrendo os conceitos de memória social e memória coletiva. A memória social está relacionada à sociedade enquanto criação social espontânea e eterna, ao passo que a memória coletiva corresponde às sociedades enquanto modo concreto e histórico como os vários grupos constroem e transmitem o passado comum.

Deste modo, as memórias coletivas, com as suas pluralidades muitas vezes irreduzíveis, inscrevem-se na memória social, fundo matricial que, mesmo quando aquelas se extinguem, permite acreditar na continuidade do tempo social e possibilitar a gênese de novas memórias coletivas e históricas. (CATROGA, 2001, p. 19).

Em *A memória coletiva*, obra publicada postumamente em 1950, Maurice Halbwachs, confrontando memória coletiva e memória individual, considera que nossas lembranças individuais permanecem coletivas, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, porque sempre nos percebemos nos grupos sociais dos quais participamos. Segundo ele, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, constituindo, cada uma, uma maneira de organizar as lembranças: agrupando-se em torno de uma pessoa definida ou distribuindo-se no interior de uma sociedade da qual são imagens parciais.

Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2004, p. 57-58).

Halbwachs distingue, portanto, três dimensões que correspondem aos modos de organização da memória: a individual, de caráter interior, pessoal e autobiográfico, que constitui um quadro íntimo, mais contínuo e denso da vida de um indivíduo; a memória coletiva, que se desenvolve originalmente no interior das

sociedades, retendo do passado as tradições que permanecem vivas na consciência de um grupo social, não ultrapassando os limites deste; e a memória social, de feição mais exterior e histórica, que se coloca fora e acima dos grupos sociais, revelando um quadro esquemático de acontecimentos da história da nação ao longo dos séculos.

Para Halbwachs (2004, p. 56), o indivíduo participa da memória individual e da memória coletiva, mas com atitudes diferentes e contrárias. Enquanto em uma, as lembranças surgem no quadro de sua personalidade ou de sua vida pessoal; na outra, o indivíduo comporta-se como membro do grupo, contribuindo para lembranças impessoais de interesse do grupo. Dessa forma, a memória individual não está inteiramente isolada e fechada.

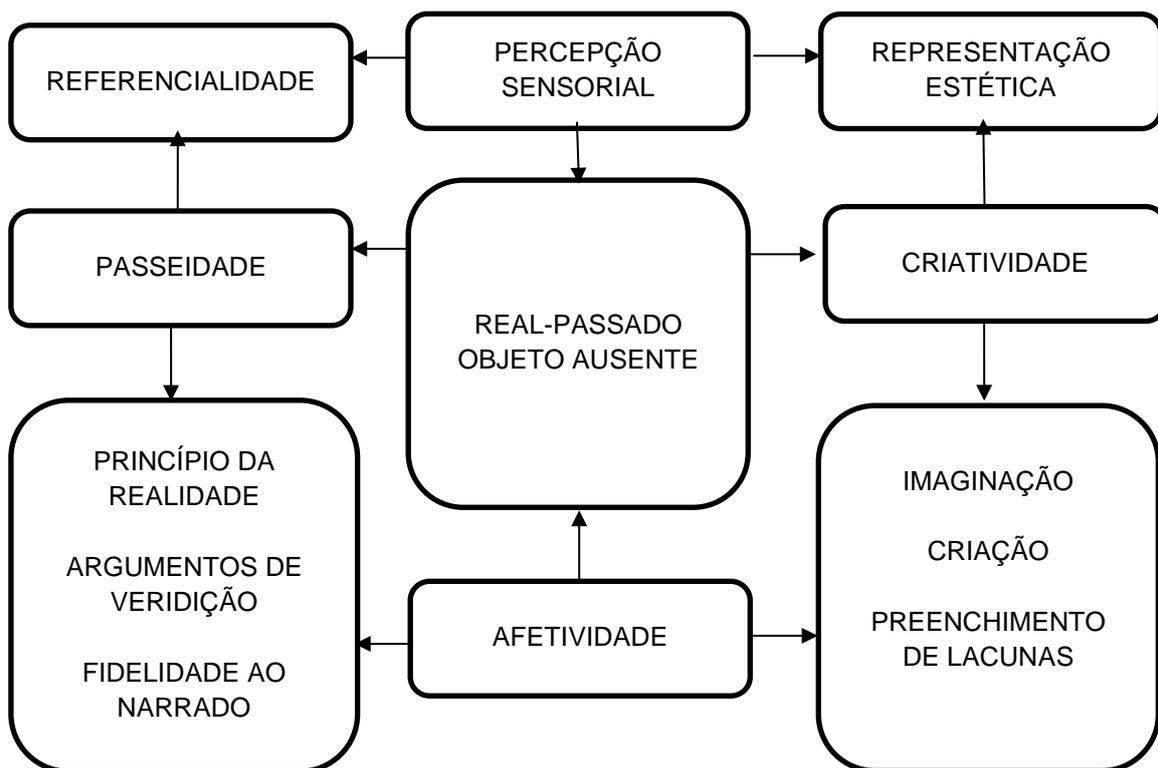
Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (HALBWACHS, 2004, p. 58).

Por outro lado, o grau de envolvimento afetivo na maneira de recordar o passado, no presente, em vista do futuro, está relacionado à seletividade da memória e seus elos com o esquecimento, com implicações nas relações entre história e ficção, no processo de representação da memória. Em se tratando da retenção afetiva do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo, Catroga (2001), recorrendo, mais uma vez, a Maurice Halbwachs, mas também a Walter Benjamin, diz que, quando a rememoração é “quente”, o eu – quer fale em seu próprio nome ou em nome de um grupo social – preenche as lacunas da memória, conferindo-lhe um caráter totalizador e teleológico. Como não se limita a evocar o passado, pois deseja transformá-lo, acabando o que ficou inacabado, a retrospectiva constrói, assim,

um enredo finalístico que domestica o aleatório, o casual, os efeitos perversos e descontínuos do real-passado quando este foi presente. [...] Portanto, compreende-se que, na *anamnese*, a história e a ficção se misturem, a verdade factual se miscigene com conotações estéticas e éticas [...]. Mas também se entende que, com o irrompimento do recalcado, esse continuísmo seja desconstruído. (CATROGA, 2001, p. 21).

Com base nisso, o processo de representação do real-passado ocorreria, então, conforme o esquema reproduzido na Fig. 17. Por um lado, o passado enquanto objeto ausente seria relatado a partir de referências próprias aos acontecimentos pretéritos, com base no princípio da realidade, argumento de veridificação e fidelidade ao narrado. Por outro lado, haveria também o aspecto da criação voltado para uma representação estética com recorrência à imaginação e à inventividade, seja para o embelezamento do texto, seja para completar o que falta de referências ao real, sobretudo quando se tratar de fatos nos quais o narrador não esteja diretamente envolvido, mas também de fatos que este tenha esquecido ou queira deliberadamente ocultar. Tudo isso, por sua vez, se concretizaria a partir da percepção dos sentidos e não se realizaria sem um necessário componente afetivo.

Figura 17 – Esquema de representação da memória do real-passado



Fonte: Elaboração da autora a partir das leituras apresentadas

Aludindo à obra de Tzvetan Todorov sobre os abusos da memória, publicada originalmente em 1995, sem tradução no Brasil, Catroga (2001, p. 23) considera que, quanto maior for a dimensão coletiva e histórica da memória, maior será a margem para inventar, usar e abusar de artifícios, razão pela qual a memória só poderá ser confiável se estiver apoiada em traços-vestígios. Ou seja, para se

desenvolver, a memória precisa recorrer a suportes materiais, sociais e simbólicos, dentre os quais o espaço, que, em sua relação com a tríplice dimensão do tempo, tem posição central.

Mais especificamente, a *re-presentificação* é experiência temporal indissociável da sua espacialização. Todavia, aqui, esta não se restringe à sua materialidade, pois também forma um *campo semântico* que garante a duração, base necessária para identificar e perpetuar as mundivências individuais e grupais. E a pluralidade de tempos, tensionalmente unificados na memória, implica cortes na homogeneidade do espaço, ainda que, em certos casos, este possa remeter para a mesma realidade física. As ideias, valores e imagens que nesta se plasmam fragmentam-na em diversos “lugares da memória”, maneira de dizer que estes só serão suscitadores de recordação quando lhes é atribuído um valor simbólico. (CATROGA, 2001, p. 23, grifos do autor).

Esse valor simbólico fora apontado por Halbwachs, ao tratar das relações do homem e seu grupo social com o espaço, considerando que “a imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da ideia que faz de si mesmo.” (HALBWACHS, 2004, p. 139). Por isso, ele compreende que até mesmo agrupamentos aparentemente sem bases espaciais, ligados por questões como, por exemplo, direitos e deveres, classe sócio-econômica ou religião, que estabelecem entre seus membros laços invisíveis, não estão separados do espaço, guardando relação com o uso que se faz da terra, com os lugares onde se formam opiniões sobre o valor das coisas e com os recintos sagrados em contraposição aos profanos etc.

Em outras palavras, há tantas maneiras de representar o espaço quantos sejam os grupos. [...] Assim, cada sociedade recorta o espaço a seu modo, mas por sua vez para todas, ou seguindo as mesmas linhas, de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças... [...] é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes. (HALBWACHS, 2004, p. 166-167).

Bergson (1999, p. 29) já observara que a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo, por isso, na reconstituição da memória para a composição de Província submersa, a espacialidade sobressai como principal suporte, sendo perpassado pela pluralidade de tempos que são unificados

pela memória, como afirma Catroga (2001). Uma amostra disso pode ser encontrado em *Província submersa*, no trecho que abre o Capítulo IV da terceira parte do livro, no qual fica evidente a convergência de fatos ocorridos em diferentes tempos, acerca da origem do nome de Macaíba, tendo como plano de fundo essa mesma localidade.

Suponho que a primeira vez em que o meu interesse pelos assuntos de tradição popular foi despertado remonta a uma conversa do tempo de colegial em Macaíba.

Estávamos na Rua do Porto, aguardando no ancoradouro de cimento a chegada de Natal da lanchinha de “mestre” Antônio, quando alguém, mostrando a palmeira existente do lado esquerdo da refinação de açúcar do “coronel” Neco Freire, lá adiante, disse que à tal palmeira a cidade devia o seu nome de Macaíba.

Realmente indagando depois a respeito do fato, informaram-me então pessoas antigas que, mais ou menos nos meados do século XIX, a então Povoação de Coité (corruptela de *cuité*, cuia feita da casca do fruto da cuitezeira), originada de fazendas de gado, recebera o novo topônimo de *MacaHyba* devido haver no local de arruamento um pé de palmeira dessa espécie.

Afirma agora CÂMARA CASCUDO (*História do Rio Grande do Norte*, Rio, 1955) que a espécie rara fora plantada “por curiosidade” pelo negociante Fabrício Gomes Pedroza na sua residência. (ALECRIM, 2008, p. 113-114).

Nesse excerto, verificamos que o espaço aparece representado pelas expressões de lugar referentes à cidade de Macaíba : “Rua do Porto”, “ancoradouro de cimento”, “lado esquerdo da refinação de açúcar...”, “Povoação de Coité”, “local de arruamento” e “na sua residência”. Esses elementos ajudam no processo de resgate da memória, funcionando como uma âncora que é jogada ao mar, com o fito de parar o fluxo temporal para içar os fatos aí submersos.

Já as expressões temporais indicam tempos distintos, que são unificados pela memória através do espaço. Inicialmente, Alecrim faz referência a seu tempo de estudante (“tempo de colegial”, “quando...”), passando, em seguida, a um momento posterior (“depois”) em que ele procurou se informar sobre o assunto com pessoas antigas, as quais, para explicar o fato, retrocedem à determinada época histórica (“nos meados do século XIX”, “então”), até chegar ao tempo em que Octacílio Alecrim está escrevendo suas memórias (“agora”), por volta dos anos 1955 a 1957, e se refere à então recente publicação de Câmara Cascudo, que apresenta uma informação complementar sobre a questão.

Observamos, também, nesse trecho, que os fatos narrados resultam não apenas da memória individual (do autor, que se recorda de um acontecimento do qual

participou diretamente, uma conversa do tempo de colegial em Macaíba, quando ele se encontrava na Rua do Porto, aguardando no ancoradouro de cimento a chegada de Natal da lanchinha de “mestre” Antônio), mas também da memória coletiva (de pessoas antigas, que lhe fornecem a informação que circulava entre elas) e social (referente ao dado histórico apresentado no livro de Câmara Cascudo), às quais o autor recorre para explicar a origem de seu interesse por elementos da tradição popular.

A seguir, detalharemos um pouco mais como a espacialidade se constitui como base para a reconstituição da memória em *Província submersa*, isso a tal ponto que conduzirá a uma relação intrínseca entre o autor e seu lugar: eu e a província. Buscaremos também identificar alguns aspectos individuais, coletivos e sociais da memória em suas relações com o espaço, além de discutir em que medida a memória pode ser evocada pelos sentidos e apresentar elementos relacionados à representação estética da memória

3.1 ESPACIALIDADE

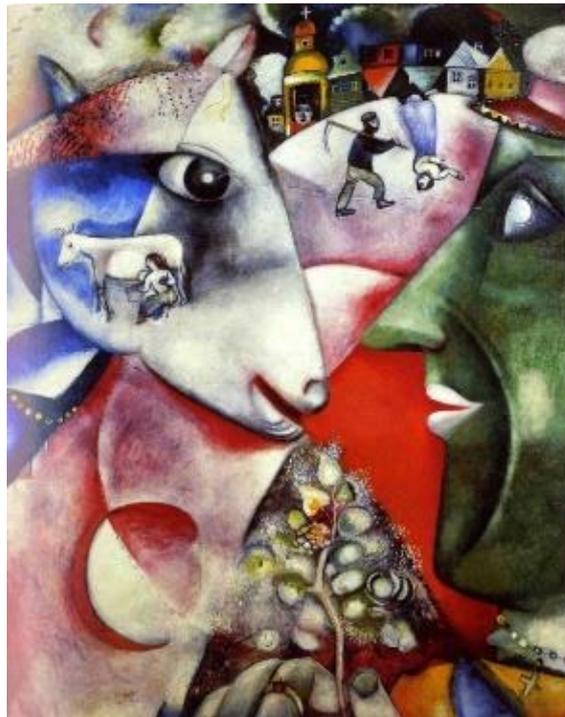
O próprio título da obra *Província submersa* já remete a uma expressão espacial, no caso a província, ou mais especificamente Macaíba, o recanto da província onde nasceu Octacílio Alecrim, em 1906, e onde ele viveu até o início da década de 1930. Trata-se do primeiro indício de que a ação desencadeada ao longo desse fluxo temporal e, por conseguinte, o processo de representação da memória dos acontecimentos passados estão estreitamente relacionados ao espaço. Ou seja, a província, que, até meados dos anos 1950, quando a obra começa a ser escrita, jazia submersa na memória do autor, vai ocupar um lugar central na organização de suas memórias e na construção da narrativa.

Isso também fica evidenciado quando, antes mesmo de começar a narrativa, o autor faz uma introdução sobre a temática do *souvenir*, referindo-se a várias obras que tratam de recordações de infância e juventude, culminando com o que ele considera o “capítulo mais fascinante da matéria: o *souvenir* afetivo da **província**, de nascimento ou não”, exemplar do qual “Proust – o das peregrinações

ruskinianas³⁴ em busca da **província** perdida – é sem dúvida o que sempre mais senti e por isso o que sempre mais admirei.” (ALECRIM, 2008, p. 23-34, grifos nossos). Ele observa também que, “como preocupação de arte, a reminiscência literária desencadeia uma irreprimível tendência à poetização dos **lugares** de infância e juventude”. (ALECRIM, 2008, p. 30, grifos nossos).

Como profundo admirador e estudioso da obra proustiana, Alecrim também busca registrar de maneira artística suas vivências na província, revelando, afinal, que a ideia de escrever suas recordações de infância e juventude, “um dever indeclinável de todo homem de letras”, surgiu “quando uma reprodução do sugestivo quadro de Chagall – *Moi et le Village*³⁵ – transportou-me proustianamente à terra natal, distante, é verdade, no espaço e no tempo, mas, de raízes profundas, como se viu, na minha primeira fase de vivência intelectual.” (ALECRIM, 2008, p. 268).

Figura 18 – Reprodução da pintura *Moi et le village*, de Marc Chagall



Fonte: Google Imagens

Para quem nasceu ou viveu no Rio Grande do Norte, como em todo o Nordeste brasileiro, não há como não se identificar e não relacionar o colorido e as

³⁴ Referência a John Ruskin (1819-1900), escritor britânico, um dos precursores na preservação das obras do passado, tendo, inclusive, enriquecido o conceito de patrimônio histórico tal como hoje conhecemos. Suas idéias adquiriram maior repercussão com a publicação de obras em que faz apologia ao “ruinismo”, devotado às construções do passado, pregando o total e absoluto respeito à matéria original das edificações.

³⁵ *Moi et le Village* – *Eu e a Aldeia*, que bem se poderia traduzir para Octacílio como *Eu e a Província*.

formas da paisagem e das imagens retratadas na pintura de Chagall a essa região, considerando os elementos rurais e culturais evocados pelo quadro. Este representa, para o narrador de *Província submersa*, o que o pedaço de madeleine amolecido em chá o é para o narrador de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. Ao tocar o paladar de Marcel, o tal bolinho embebido no chá fez o narrador estremecer, atento ao que se passava de extraordinário nele, e, assim, toda Combray e seus arredores, tudo isso, saiu de sua xícara de chá. Da mesma forma, a visão daquele quadro evocou no autor macaibense a lembrança de sua cidade natal e adjacências, “cheia de brinquedos típicos, de pretextos folclóricos e de costumes locais, e afetivo campo de suas miudezas literárias, filosóficas e artísticas, através dos livros dos outros.” (ALECRIM, 2008, p. 268).

Tomando uma citação de Proust³⁶ para epígrafe à introdução que faz sobre a temática do *souvenir* em *Província submersa*, Octacílio Alecrim mostra a importância que a memória tem no processo de criação de obras dessa natureza. À medida que busca aprofundar as impressões sobre o vivido, a memória vai se tornando fonte de recriação do passado, sendo determinante para a reconstrução do que se deseja trazer à tona.

Ainda na introdução que trata da temática do *souvenir*, o autor cita inúmeras obras literárias que tratam de memórias da infância e juventude, como também que trazem recordações afetivas de um lugar. Referindo-se, por exemplo, à obra de Afonso Arinos, Alecrim credita como autêntico regionalismo a reprodução fidedigna das impressões captadas de paisagens locais: “Não foram as persistentes impressões de meninice na charneca mineira que preservaram no *déraciné* Afonso Arinos a autenticidade de seus contos regionalistas?” (ALECRIM, 2008, p. 29). Atentemos para o adjetivo *déraciné*, “desenraizado” em francês, que poderíamos aplicar também ao autor em estudo, o qual, ao escrever sobre sua província natal, já se encontra bastante afastado dela no tempo e no espaço, sendo o enraizamento regional garantido pelas impressões das paisagens do seu lugar descritas com a mesma força com que se imprimiram em sua memória.

³⁶ *Une condition de mon oeuvre telle que je l'avais conçue tout à l'heure dans la Bibliothèque était l'approfondissement d'impressions qu'il fallait d'abord recréer par la mémoire.* (apud Alecrim, 2008, p. 22). Em tradução livre: Uma condição do meu trabalho, como eu havia concebido há pouco tempo na Biblioteca, era o aprofundamento das impressões que primeiro tinham de ser recriadas pela memória.

Nessa mesma direção, ao fazer referência ao romance *O sargento Pedro*, de Xavier Marques, Alecrim ressalta, mais uma vez, a importância, para a construção da referida obra literária, da evocação da memória do lugar, das impressões sobre a Ilha de Itaparica que se formaram naquele escritor baiano, em sua juventude:

As maretas rolantes, os areais brancos e os lajedos esverdeados do côncavo da praia são manchas impressionistas que, refletindo de modo intenso na longínqua sensibilidade juvenil, emergiram mais tarde sob os efeitos de captação do ato recriador do romancista, suspenso na sua evocação entre a realidade e o sonho. (ALECRIM, 2008, p. 29).

Já vimos como é sugestiva e simbólica da relação entre espaço e memória a escolha do título da obra *Província submersa*, deixando entrever que um se apoia no outro. Ao longo de toda a obra, podemos identificar elementos da memória, sejam individuais, coletivos ou sociais, que aparecem imbrincados com o espaço. Assim, considerando as várias dimensões da memória e tendo o espaço como eixo para a apresentação dos conteúdos evocados, analisaremos partes da obra, destacando aspectos físicos, vivenciais, como também sociais, geográficos, históricos, literários e da tradição popular, entre outros.

Na primeira parte do livro, que, conforme mencionado, corresponderia à Memória, compreendendo os três capítulos iniciais do livro, nos quais encontramos recordações da infância, brinquedos e brincadeiras, pai, mãe, familiares, amigos e colegas de escola, sobressaem elementos individuais da memória relacionados à vida do escritor, mas também este recorre à memória coletiva, principalmente quando descreve aspectos da tradição popular, e à memória social quando faz determinados registros de fatos culturais ou históricos. Seja como for, a narrativa memorialista é orientada a partir da descrição dos espaços.

O Capítulo I – *Zumbido de berimbau*, por exemplo, começa com a descrição da casa no parágrafo inicial, de um ponto de vista interno, com foco na sala de visitas, que, nas palavras do autor, “olha” com suas janelas o lado do sol nascente e na qual “repousa” a “fisionomia da residência”, transmitindo o verbo “repousar” a ideia de uma realidade adormecida no passado e associando de certa forma o espaço da residência a uma pessoa que olha e possui uma fisionomia, um rosto próprio:

Na ampla sala de visitas, olhando com as suas quatro janelas o lado do sol nascente, repousava de certa maneira a fisionomia da residência: teto de madeira de onde pendia sóbrio lustre de bronze

doirado, grupo austero de sofá, cadeiras de braço e mais cadeiras de palhinha sobre o chão aveludado de um lindo tapete persa, uma espreguiçadeira de estilo para minha avó repousar, duas cadeiras de balanço numa das quais minha mãe costumava ler à tarde, consolos de jacarandá e mármore onde descansavam dois antigos tulipeiros, o piano alemão coberto com pesado e custoso pano de belbute vermelho com franjas, dois grandes quadros, com molduras doiradas, sobre a parede de fundo da sala, tendo por motivos respectivamente um porto e um canal, e nas paredes a galeria de retratos da família sob o olhar patriarcal do Comendador. (ALECRIM, 2008, p. 37)

Nesse fragmento, chama a atenção a sofisticação do ambiente mobiliado e decorado de acordo com a condição social do autor e de sua família. A visão estática da sala de visitas só é atravessada pela recordação de duas ações pretéritas usuais, quando o narrador fala da espreguiçadeira de estilo para sua avó “repousar” e das cadeiras de balanço, numa das quais sua mãe “costumava ler à tarde”.

A descrição da casa prossegue, nos parágrafos seguintes, numa perspectiva externa, mostrando a fachada, as laterais e o quintal:

A casa com gradil onde nasci, na Rua da Conceição, assim chamada em homenagem à padroeira da cidade, era térrea mas tinha sótão; de um lado, corria barrento riacho nos dias de chuva, de outro, havia um jardinete com toiceiras de várias espécies de crotão e chorão e um belo canteiro de rosas francesas, e em frente um pé de mungubeira, no qual muitas vezes trepei para nele armar alçapão de pegar passarinho.

No fundo da casa, um grande quintal com plantação de banana, sapoti, mamão, romã e limão doce e ainda uma pequena horta onde eram cultivados legumes para o consumo da família^(*).

Parte da área desse quintal foi depois aproveitada pelo meu pai para construir outra casa menor (a “casa nova”, como chamávamos) parede-meia com a antiga, com frontaria para o pequeno jardim, e cujo grande “quarto da frente”, recebendo também o sol pela manhã, passou a ser, com as suas duas bonitas e confortáveis redes de dormir, com ramagens e franjas, suspensas pelos punhos nos armadores das paredes, o aposento dos hóspedes, especialmente os políticos. (ALECRIM, 2008, p. 37-38)

A partir daí, paralelamente à descrição detalhada dos espaços, vão sendo entremeadas recordações de acontecimentos que vêm à tona justamente por causa do espaço, como a de “um pé de mungubeira, no qual muitas vezes trepei para nele armar alçapão de pegar passarinho”. Quando se refere ao quintal, para não perder o

fio da meada da descrição da casa, os acontecimentos recordados são levados para uma nota de rodapé:

(*) Nesse mesmo quintal, de onde várias vezes vi eclipse, através de vidro enfumaçado, assisti, muitos anos depois, ao ensejo de breve visita à casa, à passagem do *Graf Zeppelin*, como se fora um imenso jerimum de alumínio a roncar majestoso e sereno pelos ares. Em certos povoados, o cruzeiro do espetacular dirigível produziu efeitos de um fim-de-mundo: mulher pariu antes do tempo, cadeia ficou sem preso, gemecê carregando algodão foi largado na estrada, ladrão de cavalo devolveu ao dono baixeiro roubado, gente ajoelhada pediu perdão dos pecados, mulher da vida teve a bênção do pai, procissão saiu à rua! (ALECRIM, 2008, p. 38).

Ao fazer referência às redes de dormir, o autor, valendo-se da memória coletiva, traz uma informação de caráter etnográfico: “A rede de dormir constitui um hábito tradicional da família nordestina(**).” (ALECRIM, 2008, p. 38) E também faz constar em nota de rodapé suas lembranças próprias do tempo de menino:

(**) À hora de leitura, balançava-se a rede com um pau de peroba, torneado e lixado, preparado para esse fim, que, fincado nas juntas dos tijolos do piso do quarto, ajudava o gostoso vaivém. Quando menino, lembro-me bem que o fazia com as minhas bengalinhas de feira, sem cabo, com anéis decrescentes cavados no miolo da madeira, que os matutos bengaleiros de Cana Brava, mestres sabidos no artesanato dos cabos de gurinhém, pintavam alternadamente de azul e encarnado, as cores votivas dos cordões de pastoril. (ALECRIM, 2008, p. 38).

Na sequência, além da nota de rodapé que se segue à referência, com recordações da hora da leitura, em que se balançava a rede com um pau, o autor recorre à memória social e insere no contexto o poema *Rede*, do poeta modernista potiguar Jorge Fernandes (Cf. ALECRIM, 2008, p. 39):

Embaladora do sono...
Balanço dos alpendres e dos ranchos...
Vai-e-vem nas modinhas langorosas...
Vai-e-vem de embalos e canções...
Professora de violões...
Tipóia dos amores nordestinos...
Grande... larga e forte... para casais...
Berço de grande raça
Suspensa...³⁷
Guardadora de sonhos...

³⁷ No poema original de Jorge Fernandes as letras que compõem o vocábulo “suspensa” aparecem no formato da rede.

*Pra madorna ao meio-dia...
 Grande... côncava...
 Lá no fundo dorme um bichinho
 – ô... ô... ô... ôô... ôôôôôôôôô
 – Balança o punho da rede pro menino dormir...*

Depois de mencionar ainda outras áreas externas da casa nas quais são vivenciados rotinas e passatempos pelo menino Octacílio, o foco se volta para a rua, e vão sendo desbravados outros espaços de onde se extraem outras memórias, como a Igreja Matriz, o Mercado, o Sítio do Major Zé Ribeiro, a Rua do Vintém, a Praça e a Feira. Esta última, por sinal, é considerada pelo autor como um dos episódios mais vivos de sua infância, sendo-lhe dedicadas quase quatro páginas do primeiro capítulo. Embora longo, por representativo e expressivo, fazemos questão de transcrever o trecho a seguir:

Defronte do Mercado, edifício velho, acachapado, com pintura de ocre vermelho já desbotado, onde às sextas-feiras eram vendidos bolinhos de grude, enrolados em folhas de bananeira e queijos de coalho, alargava-se a praça local da feira livre aos sábados, um dos episódios mais vivos da minha infância.

Nesses dias eu madrugava e corria para a Feira, um espetáculo sempre novo para a minha imaginação, pois lá estavam o vendedor de berimbau, os cavalinhos de barro, as miniaturas de João-galamastro, o alfenim, a pipoca, o caldo de cana “picado” tomado em cuia, o imbu, a quixaba, o camboim, a manga matuta, o jambo branco, o ponche de maracujá com sequilho, a jabuticaba, o araçá, a guabiraba, o sujeito que fazia mágicas, o homem de pernas de pau, a cigana lendo a sorte, a melancia em talhadas, os calungas de papelão, os casais de jacu, os balaios de caranguejo, as enfieiras de goiamum, os periquitos verde-amarelos, os banquinhos de tapioca, as cestas de goiaba, as rolinhas assadas na grelha, os carneirinhos com fitas ao pescoço pra gente montar, os cegos violeiros cantando toadas, o preto Zeferino vendendo mocotó, o Aracati anunciando com um ganzá redes do Ceará, os porquinhos, os periquitos e os guinés numa zoadá incrível, a jaca dura, os caçuás de moringas de barro, os engradados de preá, os cestos de maçaranduba, os cachos de pitomba, os feixes de cana “de planta” e caiana, os pares de marreco amarrados com embira, o jerimum caboclo, e no meio dessa atração, sempre inédita para mim, eu me sentia tão assanhado que nem cabrito novo em festança de adjunto^(*).

A feira era também um grande pretexto para a movimentação das meninas e moças da cidade, razão porque raro era o sábado que eu não encontrasse conhecidas, principalmente colegas da escola pública local: S., uma bonita garota de sangue quente; C., uma

elegante morena de olhos verdes; A., autêntica cabocla da terra; M., um atraente tipo de praieira; L., uma bela guria de olhos profundos; N., uma brasileirinha queimada de sol; e, I. E J., típicas belezinhas nordestinas. Para vê-las juntas era só caminhar para a barraca de “seu” Miguel Turco, cujo baú de miudezas (sabonetes, pós-de-arroz, marrafas, leques, espelinhos, meias, lenços, vidrilhos, colares, fitas, chamalotes, sedas, crepes, etc.) transformava aquele grupo de meninas aos gritos de “quanto é” em verdadeiro bando de marrecas em arrição(**).

[...]

Na feira, de vez em quando apareciam famosos “cantadores” e “violeiros” do Nordeste – esses fabulosos rapsodos populares que, dedilhando em tom agudo e de modo estridente a viola ou a rabeca, sempre guardadas dentro de um saco, e segurando, ao compasso do pé, a cadência da cantoria, atravessam e percorrem o interior nordestino, improvisando, topando desafios, fazendo louvações ou vendendo folhetos com os seus versos.

Acontecimento local foi, então, a exibição do afamado cantador cego Aderaldo, a araponga do Quixadá, que um negociante do lugar contratara para chamariz da sua loja de fazendas.

Na calçada do estabelecimento, enfeitado com cordões de bandeirinhas, e ladeado por dois grandes caixões de madeira sobre os quais as peças de fazenda se achavam desenroladas para amostra à freguesia, o cego Aderaldo descantou, de nove horas da manhã até ao meio-dia, fazendo verter a sua rústica e inesgotável veia poética.

Anos e anos passados, o barbeiro e seresteiro Cornélio de João de Fogo ainda repetia, do folheto de cantigas comprado ao violeiro cearense, estas duas sextilhas glosando o mote de “coisas impossíveis”:

*Só nos falta vê agora
Dá carrapato em farinha,
Cobra com bicho-de-pé,
Foíce metida em bainha,
Caçote criá bigode,
Tarrafa feita sem linha.
Muito breve há de se vê
Pisá-se vento em pilão,
Botá freio em caranguejo,
Fazê de gelo carvão,
Carregá água em balaio,
Burro subi em balão.*

(ALECRIM, 2008, p. 42-45)

Observamos, pois, nesse trecho, que, à medida que os espaços vão sendo mencionados, o autor vai puxando da memória elementos que vão compor um belíssimo e expressivo quadro de suas vivências na província, obtido graças ao uso dos recursos linguísticos, mediante criteriosa escolha da sequência e dos vocábulos. Assim, do Mercado para a Feira, podemos acompanhar o menino Octacílio ao longo

daquele passeio e contemplar “um espetáculo sempre novo para a minha imaginação”. A lista infindável de elementos que compõem a feira (o vendedor de berimbau, os cavalinhos de barro, as miniaturas de João-galamastro, o alfenim, a pipoca, o caldo de cana “picado” tomado em cuia, o imbu, a quixaba, o camboim, a manga matuta, o jambo branco, o ponche de maracujá com sequilho, a jabuticaba, o araçá, a guabiraba, o sujeito que fazia mágicas, o homem de pernas de pau, a cigana lendo a sorte, a melancia em talhadas, os calungas de papelão, os casais de jacu, os balaios de caranguejo, as enfieiras de goiamum, os periquitos verde-amarelos, os banquinhos de tapioca etc. etc.), são apresentados numa ordem caótica muito própria de uma feira, como uma “atração, sempre inédita”, de modo que podemos nos sentir, com ele, “tão assanhado que nem cabrito novo em festança de adjunto”, metáfora, aliás, cuja expressividade e sentido temos de ir buscar nas nossas raízes provincianas.

Ainda nesse trecho, chama a atenção outra construção metafórica: “aquele grupo de meninas aos gritos de ‘quanto é’”, transformadas “em verdadeiro bando de marrecas em arribação”, que nos permite experimentar a viva sensação de vê-las naquele intenso frenesi, pois dão uma exata ideia do que ali acontecia, tão próprio da idade em que “toda menina que enjoa da boneca, é sinal que o amor já chegou no coração”, como diz Luiz Gonzaga e Zé Dantas, no “Xote das meninas”.

E esse trecho encerra com a descrição de uma cena peculiar, que, se desaparecer de nossas feiras, podemos ficar tranquilos, porque já estará eternizada, no que se refere aos famosos “cantadores” e “violeiros” do Nordeste – “esses fabulosos rapsodos populares que, dedilhando em tom agudo e de modo estridente a viola ou a rabeça, sempre guardadas dentro de um saco, e segurando, ao compasso do pé, a cadência da cantoria, atravessam e percorrem o interior nordestino”. É de parar e sentar no meio-fio junto com o menino Octacílio para assistir e deixar a vida de um tempo perdido descongelar e se derramar pelos olhos de tanta emoção.

Em continuidade, nesse mesmo capítulo, ele ainda apresenta outros espaços da cidade carregando consigo a memória do lugar e de si mesmo, como o Largo das Cinco Bocas, indo até a Ponte de Macaíba construída sobre o rio Jundiáí, através do qual se navegava em lanchas para chegar à foz do rio Potengi onde desembarcava na capital, sendo este o principal acesso para ir de Macaíba a Natal,

até ser construída a estrada de rodagem. A estrada de rodagem também enseja muitas memórias, assim como Mangabeira, um dos arrabaldes de Macaíba.

Nesse contexto, digna de menção é a passagem na qual Octacílio faz memória da ponte e do rio Jundiá com suas cheias, trazendo de maneira peculiar muitas referências geográficas e históricas do lugar, além da inusitada cena de um papagaio engaiolado que escapa da enxurrada surfando sobre as águas, sob os aplausos do povo, o que nos parece estar mais no território da criatividade que da passeidade:

A velha e sólida Ponte de Macaíba, construída sobre a rocha viva no leito do Rio Jundiá, com o seu tabuleiro lavado por várias enchentes, com os seus cinco arcos abaulados decorados de aratus, com os seus gordos pilares atracados de botes, com as suas barras de ferro paralelas aguentando a gente, nas tardes de domingo, para ver a maré, era um marco tradicional na topografia da cidade.

Contemporânea da opulência comercial do lugar, no começo do século, por ali já haviam passado carruagens luxentas e ricos cavalos de sela carregando, sem perigo de infarto, os seus felizes donos, ajaezados de patações e de correntões de ouro maciço.

Na internada de 1924, assisti a velha ponte, rija de pedra e cal, a resistir impávida à caudal desembestada da cheia, quando o grosso das águas barrentas, ajudadas pela enxurrada da chuva caindo, já lhe havia entupido e afogado os bueiros de rua.

O aguaceiro, acompanhado de ventos e trovoadas, já durava dias quando certa manhã a população ribeirinha, que morava do outro lado da ponte, foi surpreendida por estranho ruído subterrâneo vindo de muito longe mas na direção das cabeceiras do rio.

Era o aviso da cheia.

Realmente, horas depois, as primeiras correntes de águas revoltas e barrentas se despenhavam velozmente, alargando o leito do rio como numa majestosa operação de dragagem e arrastando de cambulhada os casebres dos boteiros.

Na crista do pequeno dilúvio agreste, porém, e como a sublinhar-lhe ironicamente o despotismo da inundação, corcoveando por acaso aqui e acolá para prevenir o esbarro na galhada das árvores flutuantes, lá vinha então impávido um jurau para dormida no mato e amarrada a ele uma gaiola de folha de flandres com um papagaio encorujado dentro.

O imprevisto e a singularidade do episódio galvanizaram num instante o povo que, espremido ao longo do cais, acompanhava o desenrolar dos acontecimentos resultantes da cheia; e, de súbito, como por efeito de estranha idéia coletiva, estrugiu demorada e frenética salva de palmas para aquele bichinho intangível, que no juízo do povo, o estava vingando da prepotência das águas.

Passados os fortes aguaceiros, com passagem de troncos de bananeira e, às vezes, de animais, o rio Jundiáí retornava à normalidade do ciclo das marés, servindo, nessas oportunidades, ao aprazível meio de transporte fluvial para Natal, que, ao tempo, se resumia na lanchinha de “mestre” Antônio, sem falar nos botes, que transportavam a classe dos mais pobres.

Mais tarde, uma vez construída a estrada de rodagem ligando as duas cidades – Natal e Macaíba – o automóvel forde, fazendo o percurso em meia hora, tornou-se a condução preferida, sobretudo dos homens de negócios, que viajavam pela manhã e regressavam à tarde.

Se, nessa primeira parte, cujo início do primeiro capítulo foi analisado até aqui, vemos a memória ser ativada e representada a partir dos espaços mencionados, com muito mais intensidade podemos dizer que isso se dá na segunda parte do livro, voltada à temática da Terra e constituída pelo Capítulo IV – Brevetes do Fabulário. Coerente com o título e o teor desse capítulo, a epígrafe, extraída do livro *Os holandeses no Rio Grande do Norte*, de Luís da Câmara Cascudo, publicado em 1949, faz alusão à figura do holandês que, assim como o mouro na península ibérica, deixou “lenda reluzente” que corre “nos lugares mais distantes das áreas conhecidas e possuídas pelo batavo durante seu domínio” (Cf. ALECRIM, 2008, p. 114), demonstrando, mais uma vez, que a memória está mesmo muito atrelada ao espaço.

Dessa forma, Alecrim recorre a outras fontes de suas andanças e leituras, que o ajudam a resgatar as histórias e compor a representação da memória da terra, como se estivesse a explorar a região da qual está há tanto tempo afastado, quase a navegar pelas águas dos rios e lagoas nos quais se locomoveu ou se banhou na infância e juventude. Nesse sentido, em algumas passagens desta segunda parte, há referências a lugares que fazem parte da memória social como Uruaçu e Ferreiro Torto, onde ocorreram episódios históricos marcantes relacionados a massacres perpetrados pelos holandeses durante sua ocupação do território da Capitania do Rio Grande no século XVII, e também Guarapes, porto que teve grande importância econômica na região, no século XIX, para o escoamento de produtos oriundos do Agreste e do Seridó da então Província do Império; assim como a outros espaços que guardam relações com tradições populares e com vivências pessoais, enquanto elementos da memória coletiva e da memória individual do autor, como Estremoz³⁸ e

³⁸ V. nota 34.

Utinga, em cujo caminho se encontrava a Lagoa do Tapará, cenário da infância e juventude do autor.

Mais tarde, tive a oportunidade de ler a preciosa monografia do eminente comprovinciano Tavares de Lira (*Domínio Holandês*, Rio, 1915), onde **Uruaçu** e **Ferreiro Torto**, episódios de importância, posavam para a historiografia de nossa era colonial. (ALECRIM, 2008, p. 114)

[...]

A fidalga hospedeira de São Gonçalo, Dona Belezita, filha do afamado “coronel” Estêvão Moura, descendente do outro que construiu o solar de **Ferreiro Torto**, repetiu-me coisas das antigas festas que no final do Império se realizaram no solar e falou-me das lendas dos tempos holandeses.

Vi no cemitério de **Uruaçu** grossas lápides com inscrições das quais se dizia que eram pedras de túmulos de holandeses que ali faleceram nas guerrilhas de ocupação.

Vadiei nos Morros de **Guarapes** e vi aratu nas ruínas do trapiche do Porto, do qual corriam versões fantasiosas a respeito de navios estrangeiros que subiam o Potengi, a fim de transportarem ali caixas de açúcar do estabelecimento comercial do Dr. Amaro Barreto.

[...]

Meti a mão na areia multicolor das misteriosas escavações de **Estremoz**; [...] vi e revi na **Utinga** o local do engenho, de onde, rezava a estória local, fora desenterrado tesouro holandês [...]. (ALECRIM, 2008, p. 114-115, grifos nossos em negrito).

Particularmente, em relação a Uruaçu e Ferreiro Torto, onde ocorreram massacres, conforme mencionado anteriormente, os fatos ocorridos em tais lugares serão relatados com detalhes.

Em 3 de outubro de 1645, no lugar chamado Porto do Flamengo, uma meia légua do Uruaçu, povoado do município de Macaíba, ocorreu terrível massacre de colonos portugueses (homens, mulheres e crianças) pelos holandeses.

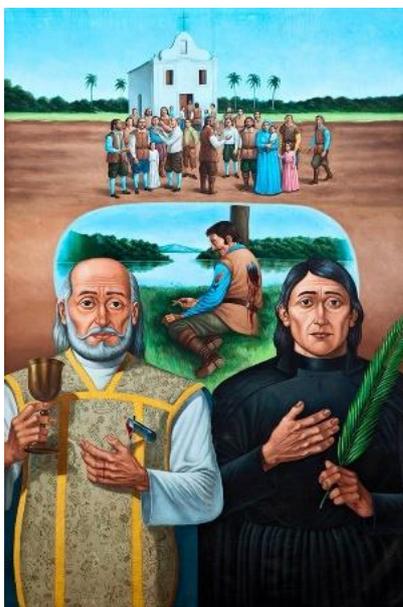
Entre as atrocidades praticadas, relatam os cronistas que, a uma menina deram com a cabeça num pau e a fizeram em dois pedaços, a outra, abriram-na em duas bandas com um alfanje, a uma mulher, cortaram os pés e as mãos deixando-a três dias viva no chão, e a um homem, arrancaram o coração pelas costas.

Em consequência de fatos tão sinistros, correm estórias de “milagres” como, por exemplo, a da menina Adriana, de oito anos de idade, a quem, numa casinha da cerca em Tinguijada, onde antes se achavam refugiados os mártires, a Virgem Nossa Senhora teria aparecido, de azorrague na mão, e, consolando-a da aflição que a inquietava, lhe prometera vingar as crueldades já sofridas pelos colonos.

Meses depois, o dirigente do massacre, o odiento Jacó Rabi, judeu alemão, foi assassinado misteriosamente a tiros e golpes de espada... (ALECRIM, 2008, p. 123).

O trecho acima faz referência ao massacre de Uruaçu, ocorrido em 3 de outubro de 1645, cuja descrição chama a atenção por haver certo alinhamento histórico com o fato religioso hoje reconhecido como martírio pela Igreja Católica³⁹. O processo de beatificação das vítimas, iniciado em 1988, apurou como causa do morticínio, não apenas as disputas territoriais, mas também ódio religioso, uma vez que os colonos portugueses se identificavam com a fé católica, ao passo que os holandeses, sob cujo domínio estava a região, eram protestantes calvinistas. O homem, a quem “arrancaram o coração pelas costas” foi identificado no cânon dos santos como Mateus Moreira. Mas também aos fatos históricos se misturam lendas populares.

Figura 19 – Reprodução da gravura dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu



Fonte: Google Imagens

A seguir, transcrevemos o trecho que descreve o massacre ocorrido no Engenho Ferreiro Torto, espaço em torno do qual também, a par dos fatos históricos, se vislumbram lendas populares:

Logo depois que os holandeses conquistaram na cidade do Natal o Forte dos Reis Magos trataram de enviar expedições ao interior da Capitania, a fim de destruírem núcleos de resistência e abastecerem-se de víveres.

Subiram então em botes de velas e botes de navio o Rio Grande (Potengi), desembarcaram em estreito passo (Guarapes?) e seguiram

³⁹ Os colonos mortos foram beatificados em 5 de março de 2000 pelo então Papa João Paulo II e declarados santos em 15 de outubro de 2017 pelo papa Francisco, juntamente com as vítimas de outro massacre que aconteceu em 16 de julho de 1645 no Engenho Cunhaú, atual município de Canguaretama-RN.

por terra para o primeiro assalto a Ferreiro Torto, engenho de fogo morto pela ruindade das terras, situado à margem direita do rio Jundiaí, abrigando na ocasião muitos colonos foragidos.

Frustrado o ataque, por temerem reforços aos brasileiros, voltaram tempos depois, e dessa vez, com a ajuda dos índios janduís, vindos a chamado dos invasores das margens do Rio Açu, onde dominavam, caíram sobre o engenho, matando selvagememente o proprietário Francisco Coelho, concessionário da sesmaria, a mulher e cinco filhos e mais sessenta pessoas.

Ferreiro Torto é ainda hoje um lugarejo de Macaíba, e, quando há vinte e sete anos pela última vez o revi, estive na propriedade do “coronel” Francisco Coelho (descendente do outro?), com casa-grande, plantação de banana, caieira e mata de lenha, cujos produtos eram embarcados em botes e batelões que atracavam, em trapiche de madeira(*).

Ao lado da crônica social dessa casa-grande, moradia de antigos abastados, existiam duas versões lendárias a respeito do lugar: a da luz incandescente que, vez por outra, surgia misteriosamente nas ruínas de parede grossa que ficavam no cocuruto de um morro do outro lado da estrada de rodagem, a que chamavam o “castelinho mal-assombrado”; e a mina de dinheiro enterrada embaixo do solar e cuja entrada secreta mostrada em sonhos a várias pessoas pela mesma aparição (um “lorde”, como descrevia a tradição oral dos moradores da vizinhança e de velhos criados do solar), era uma larga porta pesada sem serventia, nos fundos da casa, e da qual se dizia ser a entrada de um túnel subterrâneo que, atravessando a largura do rio, ia dar na outra margem. (ALECRIM, 2008, p. 125-126).

Nesse relato, vemos, mais uma vez, a pluralidade de tempos unificados pela memória no mesmo espaço. Do século XVII, por volta do ano 1630, quando foi perpetrado o massacre pelos holandeses, no qual morreram mais de 60 pessoas, a narrativa dá um salto até o século XX, mais ou menos no ano de 1930, quando Octacílio lá estivera pela última vez, 27 anos antes do momento em que escreve *Província submersa*. Nesse ponto, através de nota de rodapé (*), o fluxo da memória se volta para lembrar que aquele é: “– Lugar de nascimento do ilustre penalista brasileiro JOÃO CHAVES, autor de *Ciência Penitenciária*, Lisboa, 1912”, e que “– Ali, enquanto uma bela guria de olhos profundos lia as *Cartas de Londres* de JÚLIO DANTAS, que eu lhe oferecera, Américo Costa – atualmente leitor de Proust e brilhante figura da literatura no Estado – lia comigo, em boa tradução portuguesa, *A Vida começa amanhã*, de GUIDO DE VERONA – cuja fama de romancista havia chegado também até nós.” (ALECRIM, 2008, p. 126). Ou seja, à memória do lugar, dos fatos históricos e lendas populares se une a memória de suas leituras literárias e de seus afetos, inclusive a amizade com Américo de Oliveira Costa já referido nesta tese.

Figura 20 – Fotografia do Solar do Ferreiro Torto

Fonte: Foto de Anderson Tavares de Lyra

Na sequência, outras localidades são descritas com detalhes, em seus aspectos físicos, vivenciais, coletivos, sociais ou históricos, dotados de grande valor simbólico na reconstituição da memória. De todas as descrições, uma das mais interessantes é a da Lagoa do Tapará, por descrever, em primeiro plano, os aspectos físicos do lugar, depois o conhecimento experiencial do autor sobre os costumes locais, culminando com a lenda da mãe d'água, que corre na boca do povo da região. Como plano de fundo, num esforço de erudição e pesquisa etnográfica, o autor compara o mito indígena local com versões da mesma lenda presente no universo literário, e busca, através de fatos históricos e autobiográficos, uma explicação para certa particularidade da história da mãe d'água do Tapará. Na Figura 21, a seguir, tem-se um quadro descritivo que apresenta os aspectos envolvidos na representação da memória desse lugar:

Figura 21 – Quadro descritivo da memória da Lagoa do Tapará

| ASPECTOS | REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA |
|----------|---|
| FÍSICOS | No caminho de Utinga (de <i>uitinga</i> , variedade de farinha), zona de areal, encontrava-se a grande Lagoa de Tapará, pojada de água doce, e cuja superfície belamente espelhada vivia originalmente encrespada de maretas pelo sopro da viração. |

| | |
|---------------------------------------|--|
| | <p>Águas profundas, no entanto quem nela entrasse para tomar banho, podia ver sua própria imagem refletida ou avistar o soalho de areia branca calçado de pedrinhas. Entre as plantas aquáticas que rodeavam boiando as margens da lagoa, via-se muita bandeja d'água oferecendo seus cálices azuis. (ALECRIM, 2008, p. 120-121)</p> |
| <p>VIVENCIAIS</p> | <p>No tabuleiro da redondeza, chupava-se caju e comia-se cabrito, camboim e quixaba, deliciosas frutas silvestres.</p> <p>A água, fina e doce, era conduzida em potes de barro (daí a expressão “água potável”) que as mulheres traziam à cabeça sobre rodilhas de pano.</p> <p>O banho era ao ar livre e todo mundo nu: numa das “pontas” da lagoa, mulheres e meninas; em outra, homens e meninos.</p> <p>A caça com espingarda de chumbo encheu muito embornal de marrecas e rolinhas.</p> <p>Não me lembro bem se foi Teté ou Maria Dina quem me contou pela primeira vez a estória de encantamento da Lagoa do Tapará. (ALECRIM, 2008, p. 121)</p> |
| <p>FOLCLÓRICOS</p> | <p>Nas noites de lua cheia, ninguém devia tomar banho sozinho na lagoa, porque podia aparecer a mãe d'água. Um carreiro que não se importara com o aviso, ouviu o canto da sereia verde e tanto se aproximou da visão para ouvi-la cantar que, de repente, deixou de tomar pé na fundura da lagoa e foi levado lá para dentro, onde morreu afogado.</p> <p>Na manhã seguinte encontraram o carro de boi parado e sem guia na estrada, e na beira da lagoa, a roupa do rapaz enfeitado.</p> <p>A mãe d'água, segundo a versão popular local, era uma índia, formosa e pálida, com cauda de peixe e cabelos verdes compridos e soltos, cujo canto atraía, quem o ouvisse, para a gruta de prata encantada existente no fundo da lagoa.</p> <p>Baticum com as mãos em cuia emborcada nas águas da lagoa era também chama certa da mãe d'água! (ALECRIM, 2008, p. 121)</p> |
| <p>INTERTEXTUAIS (LITERÁRIOS)</p> | <p>N'O <i>Tronco de Ipê</i>, romance de JOSÉ DE ALENCAR, a moradia da mãe d'água é um “palácio resplandecente de pedrarias” no fundo de uma lagoa e com lindos cabelos verdes que lhe caíam pelas espáduas, para onde a náiada dessa lagoa, alimentada pelas águas do rio Paraíba, atraía a menina Alice.</p> <p>Em <i>Canaã</i>, romance de GRAÇA ARANHA, a loura mãe d'água do Reno, revivida pelas evocações lendárias dos emigrados alemães, residia num “palácio de cristal” no fundo das águas azuis. (ALECRIM, 2008, p. 121-122)</p> |

| | |
|---|--|
| | <p>A mãe d'água dos igarapés, como depõe RAIMUNDO MORAIS, <i>Na Planície Amazônica</i>, é metade mulher, metade peixe, lindos cabelos compridos e cauda de escamas multicores. A traioeira deidade reside em “palácios de coral” onde aprisiona o tapuio imprudente seduzido pelos seus ardis. (ALECRIM, 2008, p. 122)</p> |
| <p>SOCIAIS E HISTÓRICO- GEOGRÁFICOS</p> | <p>É sabido no entanto que, embora inominada, a lagoa figura na cartografia do Nordeste holandês e foi usada como sítio de pesca pelo flamengo flibusteiro, quando este, há mais de trezentos anos, pilhou gado, roças e farinha de mandioca em Utinga (Itinga, no mapa de Margrav).</p> <p>Em Porto do Flamengo, à margem direita do Cunhã-Ari nascido na Lagoa do Tapará, e no Ferreiro Torto, à margem direita do Jundiáí, lugares do município de Macaíba, os índios janduís atuaram intensamente a soldo do domínio holandês contra os colonos portugueses.</p> <p>Os morticínios e saques dos janduís, quer por conta própria e quer a mando do invasor, rendiam dinheiro, jóias e objetos.</p> <p>O índio, portanto, teve muito contato com moedas de prata portuguesas e holandesas. (ALECRIM, 2008, p. 122)</p> |
| <p>AUTOBIOGRÁFICOS E CONTEMPORÂNEOS</p> | <p>Com efeito, de vez em quando ainda aparecia gente na feira vendendo “dinheiro de holandês”...</p> <p>O Dr. China, médico de inteligência ilustrada, então proprietário de um sítio em Utinga, dizia-se, possuía uma coleção de florins do tempo de Nassau.</p> <p>Na oficina de ferreiro de “seu” Pedro Xandão, espécie de faz-tudo alojado numa esquina do Largo das Cinco Bocas, havia uma caixa cheia dessas antigas moedas de prata, que seu filho Manuel gostava de mostrar.</p> <p>Um vendedor de algodão, de sobrenome Baracho, se não me falha a memória, presenteou, certa vez, meu pai com uma porção de “dinheiro holandês”, achado na várzea do rio Potengi (o <i>Potiji</i> de Barléu). (ALECRIM, 2008, p. 122-123)</p> |

Com base nos aspectos acima mencionados, o autor deduz, por fim, por que era de prata o palácio da mãe d'água da Lagoa do Tapará: “Creio, assim, que foi a prata – significando riqueza aos olhos do índio janduí – que influiu na sua sensibilidade para que ele imaginasse a ‘sua’ mãe d'água morando em ‘gruta de prata’ no fundo da Lagoa do Tapará.” (ALECRIM, 2008, p. 123).

A análise até aqui desenvolvida nos permite confirmar o esquema de representação da memória do real-passado enquanto objeto ausente que vai se

revelando com base em referências próprias aos acontecimentos pretéritos ou recorrendo à imaginação e criatividade, tendo como suporte para tal reconstituição a espacialidade. Nesse processo, os espaços são responsáveis pela articulação e coesão dos fatos, garantindo, de certa forma, o princípio da realidade, o argumento de veridicção e a fidelidade ao narrado.

Agora, convém também considerar de que maneira a memória é evocada nesses espaços, tendo em vista a percepção sensorial e a afetividade que podem entrar em jogo para ativar a lembrança e mesmo para selecionar o que e como vai ser contado.

3.2 PERCEPÇÃO SENSORIAL E AFETIVIDADE

Em uma conferência proferida em 10 de dezembro de 1949, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras⁴⁰, Octacílio Alecrim observa que a obra de Proust estava fundada em duas memórias distintas: a memória voluntária e a memória involuntária. A primeira, também chamada intelectual ou habitual, é a memória prática da qual nos servimos na ação, mas que não seria capaz de nos fazer reviver passado.

Já a segunda, mais rara, é inteiramente diferente da primeira, é a memória espontânea, através da qual é possível voltar ao passado como uma realidade viva, sendo evocada pelos sentidos, principalmente o olfato, o paladar e o tato, e pela emoção, “pois, mais íntimas, mais afetivas do que nossas sensações visuais, são sobretudo, obscuras sensações de odor, de sabor, de tato, que possuem o poder de ressuscitar o passado.” (ALECRIM, 2008b, p. 116).

Assim, a melhor parte de nossa memória está fora de nós, num vento chuvoso, no perfume de um quarto fechado ou no odor de uma primeira queimada. Que uma sensação deste gênero, ou que uma atitude de nosso corpo, que um certo estado orgânico despertam uma longínqua recordação análoga, então um sopro vindo de muito longe nos chega, e o passado nos é restituído, mil vezes mais puro e mais belo do que quando ele era presente; encontramos de novo nossas alegrias evadidas, vivas e frescas, rejuvenescidas, aliviadas de toda fadiga, purificadas de toda decepção, libertadas da tristeza que a elas se misturava, quando aí estavam e que nos inclinávamos ansiosamente sobre elas, prestes a fugir de nossas mãos. (ALECRIM, 2008b, p. 117).

⁴⁰ Esta conferência foi publicada na primeira edição de *Ensaio de Literatura e Filosofia*, pelo Proust-Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1955.

Entendemos que essa mesma dimensão observada por Octacílio Alecrim na obra proustiana, é perseguida em *Província submersa*, em cuja composição o autor também se deixa tocar pelos sentidos e as emoções deles decorrentes, que funcionam como um gatilho da memória involuntária. Isso pode ser percebido em diversas passagens, dentre as quais podemos destacar algumas em que fica evidente essa associação. No Capítulo I – Zumbido de berimbau, situado na primeira parte, por exemplo, encontramos um trecho no qual constam sensações experimentadas durante as viagens de lancha que fazia o menino Octacílio de Macaíba a Natal e vice-versa:

Na minha fase de internato no colégio, a lanchinha era ainda o melhor transporte existente, e assim, nas minhas férias, era nela que viajava, quase sempre sentado na popa, para apreciar as vistas de Ferreiro-Torto, Carnaubinha, Guarapes e Refoles e poder conversar com o “mestre” na casa das máquinas. Homem na casa dos cinquenta anos a essa época, “mestre” Antônio tinha pele curtida de hindu, bigode branco à antiga, pequenos olhos chumbados, estatura pequena e atarracada, mas sem barriga, e vestia sempre calças e dólma de zuarte azul, pois era embarcação de categoria.

A manobra em ziguezague que a lancha fazia toda vez que se aproximava de Macaíba, o trim-tim dos relógios anunciando que a velocidade da marcha ia diminuir, o arranhado do barco ao aproar à areia quando a maré estava de vazante e sempre aquele baticum da prancha na água antes de se firmar no outro lado, produziam em mim esquisita sensação de entorpecimento.

Uma vez, já acadêmico, fui a Macaíba visitar minha mãe, meu pai falecera há tempo, e, na tarde em que regressava a Natal, ao descer o automóvel a rampa das Quintas, avistei então a lanchinha ao longe criando espumas no estuário do rio Potengi, pois na viagem tinha ela de percorrer os dois rios. Um intenso sentimento de ternura, que se não descreve, reconduzindo-me de coração apertado ao interior daquele barco, onde parte da minha infância e da minha adolescência vivi, vinculado a pequenos fatos inesquecíveis como, por exemplo, a primeira calça comprida que adquiri, a primeira bola de futebol (nº 1) que comprei, o primeiro almanaque das aventuras de Chiquinho que tive, os livros para o grupo escolar (o *Nossa Pátria*, de Rocha Pombo; o *Atlas Universal da Infância*, de Lacerda; o *Livro de Leitura*, de Bilac e Bonfim; o *Céu, Terra e Mar*, de Alberto de Oliveira, etc.) que trazia de Natal, a matrícula no colégio, pois todas essas “emoções” eu as curti ali na lanchinha, quando regressava à casa em companhia de minha mãe. (ALECRIM, 2008, p. 47-48).

Nesse trecho, ressaltamos a descrição do movimento da lancha ao chegar a Macaíba (“manobra em ziguezague”), os sons dos relógios anunciando que a velocidade ia diminuir (“trim-trim”) e outros barulhos do barco (“arranhado do barco ao aproar à areia”; “baticum da prancha na água”), tudo isso produzindo no narrador

“esquisita sensação de entorpecimento”. Depois disso, ocorre algo bem interessante, envolvendo a recordação da recordação, quando ele se refere a um tempo posterior ao das viagens, mas um tempo anterior ao momento em que escreve, quando ele era ainda acadêmico e, voltando para Macaíba, avistou a lanchinha ao longe. O sentimento de ternura que resulta dessa lembrança da lembrança emerge com grande força, e o reconduz “de coração apertado ao interior daquele barco”, onde vivera parte de sua infância e de sua adolescência, vinculado a fatos que não se apagaram de sua memória: a primeira calça comprida, a primeira bola de futebol, o primeiro almanaque, os livros para o grupo escolar, a matrícula no colégio, pois todas essas “emoções”, ele experimentou naquela “lanchinha” quando voltava para a casa em companhia de sua mãe.

O trecho que vem na sequência é exemplar da memória evocada pelo sentido gustativo, a partir do qual são elencados muitos sabores: “meladinha, aguardente com rapadura, parati, cachaça pura, e ponches de abacaxi bem fermentados, e lascas de carne de charque”, “a gostosa ‘garapa’ da moenda de cana”; mas também da memória evocada pela visão, realçando a cor local: “uma casinha caiada de novo e com porta e janela pintadas de azul-céu, atrás da qual se estendia a paisagem verde-escuro do mangue, a vegetação daquela borda do rio”; e, ainda, as transparências, textura, caimento e estampa das roupas de Maria Relâmpago: “Ora vestindo blusa de filó e saia de chamalote, ora metida no seu apertado vestido de crepe da China, estampado”.

Na outra banda do rio, a Rua da Ponte, ficavam os quiosques, rústicas construções de madeira para venda de meladinha, aguardente com rapadura, parati, cachaça pura, e ponches de abacaxi bem fermentados, e lascas de carne de charque, a “parede” favorita dos bebedores, o salgadinho da época; aos sábados à noite nesse trecho o acontecimento costumeiro eram os forrobodós, fobós por abreviatura popular, da gente do cais, bailes reais esses em que dominavam o cavaquinho, o reco-reco, a harmônica, espécie de acordeão, e a quenga Lídia, flor de sargaço, que quase sempre provocava brigas à navalha entre os seus parceiros. Havia ainda a gostosa “garapa” da moenda de cana de “seu” Berto, ao qual concorria toda a população da cidade, e onde todos nós meninos decidíamos o “firo”, um passatempo que consistia em pôr a cana de pé e, ao soltá-la, dividi-la no maior número de pedaços; e, mais adiante, morava Bebê, a mãe preta local, a quem eu levava de vez em quando presentes em dinheiro ou de roupa, a mandado de minha mãe.

E quem viesse pelo caminho da ponte encontraria logo à esquerda da esquina da rua uma casinha caiada de novo e com porta e janela pintadas de azul-céu, atrás da qual se estendia a paisagem verde-

escuro do mangue, a vegetação daquela borda do rio. Era a morada de Maria Relâmpago, saudável e bonita raparigaça do agreste, que se tornara “mulher da vida” depois que o filho de um rico rural, da vizinha povoação de São Gonçalo, lhe “fizera mal” e a abandonara, por ordem do pai. Ora vestindo blusa de filó e saia de chamalote, ora metida no seu apertado vestido de crepe da China, estampado, era um encanto para a rapaziada ver a Maria subindo a Rua do Comércio, empinando o peito de jaçanã sapeca e com o liso cabelo preto todo repuxado para trás a modo de andaluza e preso com vistosa marrafa de tartaruga.⁴¹ (ALECRIM, 2008, p. 48-49).

Nesse mesmo trecho, é possível também perceber elementos evocados a partir do sentido da audição, quando o narrador faz referência a instrumentos que havia nos “forrobodós”, bailes da gente do cais, “em que dominavam o cavaquinho, o reco-reco, a harmônica, espécie de acordeão”.

Seguindo nesse mesmo capítulo, os sentidos olfativo e tátil, por sua vez, se fazem notar, na longa passagem em que Octacílio Alecrim descreve os passeios no bote Soledade, embarcação costeira de pequena cabotagem, de propriedade do capataz Manuel Mero, que transportava para Natal, pelos rios Jundiá e Potengi, os mais variados tipos de mercadorias. Geralmente, o menino Octacílio seguia viagem no bote quando este “ia buscar tijolo em Ferreiro-Torto ou levar caroço de algodão para a fábrica de óleo de Refoles.” (ALECRIM, 2008, p. 50).

Saíamos pela manhã muito cedo, escuro ainda, à hora de apanhar cajá, a minha mãe me obrigava a usar meu capote e capuz, enquanto “seu” Manuel Mero, que vinha me apanhar em casa, vestia um capotão pesado, próprio de embarcações.

Eram agasalhos contra a cruviana, a friagem que açoita pela madrugada no Nordeste. Atracado no cais, o “Soledade” ia e vinha ao jogo das maretas produzidas pelos outros botes que passavam ao largo, e iluminado por um lampião de acetileno, uma inovação do mestre proprietário.

[...]

A saída do bote era triste e monótona enquanto a quilha do barco, carregado até à borda, parecia remoer ainda a areia lamacenta do fundo do rio.

Na proa, onde me sentava próximo do mestre ao timão, bastava esticar o braço sobre a borda e logo apanhava a água fria ou fragmentos de algas e de outras plantas ribeirinhas, tal era a situação do bote enterrado nas águas barrentas pelo peso do carregamento.

A marcha era lenta, e os dois homens encarregados de empurrar a embarcação, até ela chegar ao leito navegável do rio, iam e vinham por sobre o passadiço, dolentes e vagarosos e cantando baixinho.

⁴¹ No contexto, as expressões “mulher da vida” e “fizera mal” reproduzem a forma como então o povo se referia às mulheres que, por manterem relações sexuais fora do casamento, não eram mais consideradas dignas de honra para casar e terminavam por se prostituírem.

De repente, puxavam as varas de dentro d'água e gritava um deles para o mestre, quando, então, eram desenroladas as velas, que logo se bojavam com a pancada do vento.

À passagem do caminho, quer a do mangue cerrado e quieto, de onde surgiam por vezes esganiçados frecha-peixes, quer a das ribanceiras barrentas, vovejadas por marrecos, substituía-se agora a visão do rio largo, imponente e ondeante que nem braço de mar.

A manobra de atracação do “Soledade” ao velho trapiche do Refoles, o descarregamento das sacas de sementes, o cheiro forte do óleo queimado, os carregadores seminus trazendo apenas, entre a cintura e a coxa, grosseiros calções de estopa, o tecido das sacas, e a chaminé vermelha da fábrica golfando rolos de fumaça, são reminiscências que ainda se agarram muito vivas à minha memória. (ALECRIM, 2008, p. 51-53).

Ao se referir aos agasalhos que usavam para se proteger da “friagem que açoita pela madrugada no Nordeste”, o narrador traz essa informação vinculada ao tato, assim como quando conta que “bastava estirar o braço sobre a borda e logo apanhava a água fria ou fragmentos de algas e de outras plantas ribeirinhas”. Encontram-se ainda nessa passagem outras referências sensoriais, inclusive olfativas, quando Octacílio fala da manobra de atracação do “Soledade” ao trapiche do cais, com “o descarregamento das sacas de sementes, o cheiro forte do óleo queimado, os carregadores seminus trazendo apenas, entre a cintura e a coxa, grosseiros calções de estopa, o tecido das sacas, e a chaminé vermelha da fábrica golfando rolos de fumaça”, que para ele “são reminiscências que ainda se agarram muito vivas” à sua memória.

Esse Capítulo I, que, como dito acima, intitula-se Zumbido de berimbau, termina com mais sensações auditivas evocadas por esse instrumento, além de metáforas que envolvem frutos típicos da terra tão saborosos ao paladar, como o caju e o milho verde:

Mas, sublinhando tais reminiscências, não posso esquecer de quando, rodeado de garotos como eu, tocava o berimbau de feira, prendendo-o nos dentes e fazendo a lingueta zunir, puxando-a com o dedo indicador. Realmente, quem poderá esquecer a influência desse pequenino brinquedo sonoro nas alegrias da meninice, e aquele seu zumbido tão característico que faz lembrar a pronúncia arrastada e cantada do vocábulo pioooooolho!... pioooooolho!... piooooooolho!... Essa proeza de bom tocador de berimbau marca, sem dúvida, um dos instantes pitorescos na crônica da minha infância. Uma infância sem o berimbau, em agreste nordestino onde a feira livre manche com intensidade a paisagem dos costumes locais, seria como verão de dezembro sem caju ou inverno de junho sem mão de milho verde. (ALECRIM, 2008, p. 60).

Também no Capítulo II – Parafuso de redemunho, ao se referir ao momento em que ganhou seu pequeno cavalo Serelepe, cuja cavalgada possibilitou-lhe percorrer os arredores de Macaíba: Brejinho, Goitzeiro, Gondelo, Araçá e Jundiáí, o sentido olfativo é posto em relevo na evocação da memória do narrador: “Parece que esse episódio ocorreu ontem, pois, decorridos tantos anos, ainda como que sinto entrar de nariz adentro o ativo cheiro de couro daquela pequena sela!” (ALECRIM, 2008, p. 64).

Mas é no Capítulo III – Almanaque de lembranças, quando traz recordações afetivas de seus pais, de sua criação e dos costumes locais, que se faz notar com mais frequência a recorrência do narrador às sensações, de que são exemplares os dois trechos a seguir, marcados por sons e sabores, emoções de sua infância e juventude em Macaíba.

Atroando, porém, alegremente, rompia no sábado de carnaval, anunciando a chegada do Rei Momo, o animado Zé Pereira, com o seu bombo e tudo. É sem dúvida o zabumba o instrumento típico do carnaval de rua, sublinhado pelos versinhos chulos da musa popular:
 Viva o Zé-Pereira!
 Viva o Carnaval!
 Viva a brincadeira!
 Que a ninguém faz mal!
 E batendo no bombo, com pancadas fortes, surgia o “seu” João Trajano, um graudão pierrô bigodudo, com os seus olhos profundos de folião veterano, o seu carapuço de forma cônica, a mascarilha preta a sombrear-lhe a fisionomia garota e a sua velha paixão alucinante pelo zabumba. (ALECRIM, 2008, p. 93).

Outra coisa deliciosa que me fazia ficar com água na boca era a fritada de caranguejo preparada por “dona” Cândida, mulata pachola e de nariz chaboqueiro que por duas ou três vezes foi cozinheira, de forno e fogão, lá em casa.
 O batido do quebrar de pata de goiamum cozido com cabo de faca na quina da mesa da saleta ainda hoje retine na acústica de minha memória!
 O pimentão recheado, o guisado de quiabo, o picadinho de carneiro, o cozido com jerimum caboclo, a carne seca com farofa de coentro, o sobreco de galinha assada, o lombo de porco, a titela de pombo assada na grelha, a panelada de miúdos de boi, a tainha ao molho de escabeche e a fritada de siri são outros tantos motivos que, na perspectiva do tempo, encaixam a minha infância e a minha juventude na regalada e farta mesa do agreste nordestino. (ALECRIM, 2008, p. 101).

Esses trechos descritivos que tomam por base os sentidos produzem um efeito de beleza e têm o condão de nos transportar àquele tempo perdido naquele remoto lugar, por meio da audição: o zabumba atroando e dando o ritmo das

marchinhas de carnaval, o “batido do quebrar de pata de goiamum cozido com cabo de faca na quina da mesa que ainda hoje retine na acústica da minha memória”; do *paladar*: a “fritada de caranguejo” de dar “água na boca”, “o pimentão recheado, o guisado de quiabo, o picadinho de carneiro, o cozido com jerimum caboclo, a carne seca com farofa de coentro, o sobreco de galinha assada, o lombo de porco, a titela de pombo assada na grelha, a panelada de miúdos de boi, a tainha ao molho de escabeche e a fritada de siri”.

Para finalizar esta seção, recorreremos, ainda, a título de ilustração, a duas outras passagens também muito expressivas e sensíveis, que trazem dois episódios extraídos de sua memória. O primeiro é o incêndio no milharal, que aconteceu numas das concorridas festas de Santa Luzia, padroeira do povoado de Jundiá.

Guardo de uma dessas festas a visão de um episódio impressionante: estávamos à tarde, à hora do leilão, quando de repente pegou fogo o milharal: um verdadeiro mar de fogo. O mato estalando, tudo que era bicho saindo das locas, o gado aos pinotes e aos urros, homens cavando aceiros, cavalos em corcovas partindo as rédeas seguras às árvores, o gado botando abaixo os cercados, uma gritaria danada de mulheres e crianças, no céu escuro de fumaça as folhas de mato rodopiando doidas, um bafo quente de arrepiar lambendo já bem perto da gente, e depois de quase duas horas de desespero coletivo a calmaria do fogo acamado a nos afrouxar o nó na goela. (ALECRIM, 2008, p. 105)

Nessa descrição, podemos mesmo ouvir “o estalar do mato queimando”, “os pinotes e urros do gado”, “a gritaria danada de mulheres e crianças”; ver “o mar de fogo”, “os cavalos em corcova partindo as rédeas seguras às árvores”, “o gado botando abaixo os cercados”, “as folhas de mato rodopiando doidas”, “a fumaça no céu escuro”; sentir o cheiro da “fumaça” e na pele “um bafo quente de arrepiar lambendo já bem perto da gente”; até o alívio “depois de quase duas horas de desespero coletivo” com “a calmaria do fogo acamado a afrouxar o nó na goela”.

O outro episódio dispensa comentários tal a emoção que provoca ao exprimir, por meio da visão e da audição, num tom afetivo, ao mesmo tempo, solene e melancólico, como foi a última vez em que viu e ouviu sua mãe ao piano.

Parece que ainda a estou vendo, já aos cinquenta anos pouco mais ou menos, convidada especial de uma festa cívica realizada no Grupo Escolar “Auta de Souza”, para tocar um número clássico no programa da solenidade lítero-musical. Ela escolhera a Sonata ao Luar, op. 110, de BEETHOVEN, a chave de ouro do seu repertório. Sob vibrante salva de palmas, sentou ao piano, que era o seu que para ali fora

transportado, e, como se ali não estivesse ninguém, um tanto ausente e triste, inicia a sonata. Senti verdadeiro aperto no coração quando terminou a execução da extraordinária fantasia musical. Minha mãe havia tocado o mais belo *scherzo* de BEETHOVEN... Foi a última vez que a vi ao piano. (ALECRIM, 2008, p. 110, grifos no original).

3.3 REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA

Analisando as obras memorialistas *Boitempo*, *A idade do serrote* e *Baú de ossos*, dos escritores mineiros Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava, respectivamente, Antônio Candido observa, apesar das diferenças entre esses três livros, a existência de “um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura ‘de dupla entrada’, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa.” (CANDIDO, 1989, p. 54).

No esquema de representação do real-passado, observamos, pois, referências próprias aos acontecimentos pretéritos, estruturados a partir da espacialidade e considerando a evocação pelos sentidos e pela afetividade. Mas, nessa representação, existe também um aspecto criativo voltado para o embelezamento do texto. Dessa forma, além da questão espacial, da percepção sensorial e da emoção, como fatores determinantes no processo de representação da memória, sobressai ainda o trabalho com a linguagem.

Em todos os exemplos anteriormente analisados, podemos perceber a expressividade, alcançada pelo uso de recursos linguísticos variados. Ainda assim, podemos evidenciar isso em outras passagens. Na descrição que o narrador de *Província submersa* faz, por exemplo, da Lagoa do Tapará, já referida no item 3.1, tem-se passagem de beleza ímpar, enriquecida pela escolha do vocabulário que torna o texto bem poético:

No caminho de Utinga, (de uitinga, variedade de farinha), zona de areal, encontrava-se a grande Lagoa do Tapará, pojada de água doce, e cuja superfície belamente espelhenta vivia originalmente encrespada de maretas pelo sopro da viração. Águas profundas, no entanto quem nela entrasse para tomar banho, podia ver sua própria imagem refletida ou avistar o soalho de areia branca calçado de pedrinhas.

Entre as plantas aquáticas que rodeavam boiando as margens da lagoa, via-se muita bandeja d'água oferecendo seus cálices azuis. (ALECRIM, 2008, p. 121).

Essa descrição nos faz desejar conhecer a “lagoa pojada de água doce”, com sua “superfície belamente espelhenta” “encrespada de maretas”, em cujas águas pode-se “ver sua própria imagem refletida ou avistar o soalho de areia branca calçado de pedrinhas”, como também “muita bandeja d'água oferecendo seus cálices azuis. Como não observar nessas ocorrências uma influência de autores lidos por Octacílio ainda na juventude?

A esse propósito minha memória – uma espécie de roleiflexe prodigiosa da infância e da juventude – ainda retém como imagens bem vivas descrições de JOSÉ DE ALENCAR (*O Paraíba*), de COELHO NETO (*O Jequitibá*) e de AFONSO ARINOS (*O Buriti*) que me ensaiaram nas experiências da emoção estética. (ALECRIM, 2008, p. 161-162).

No Capítulo II – Parafuso de redemunho, no qual o narrador traz inúmeras referências a brinquedos e brincadeiras do seu tempo de menino, encontramos também belas páginas poéticas, como o trecho a seguir, no qual ele descreve sua relação com os passáros, compondo um quadro descritivo bem colorido e com imagens que tentam aproximar a vida animal com a vida humana, com suas violentas paixões, mas também com seus ternos afetos:

A patativa, linda e rara espécie azulada, ave de beira de rio, sublimava-se, pela manhã, nas suas doces sonatinas.

Era o amor dos passarinhoiros.

No entanto, fui, sobretudo, um canarista: ora, pegando canário novo, ainda esverdeado, por meio de visgo ou alçapão preso à gaiola com a “chama”; ora, juntando macho e fêmea para fazer casal, observando-os “em simpatia” através do corruchiar amistoso; e, ora, apreciando briga de canário, tradicional costume nordestino, só pra ver a canária toda assanhada “dando fogo” ao seu macho para vencer o outro contendor.

Numa gaiola grande de dois compartimentos, com porteira ao centro fechando em guilhotina, adquirida na cadeia pública local de um preso gaioleiro, conhecido por seu caprichoso artesanato, moravam meus casais de canários-da-terra.

Lembro-me bem de um macho casado, cuja fêmea, peito amarelo esverdeado e gargantilha e barriga quase brancas, também cantava, muito esbelto e sempre inquieto no poleiro, como se estivesse em permanente ponto de briga.

Feroz nas bicadas e na presa, era um encanto ouvi-lo, desde a madrugada, a acordar a gente de casa com o seu fabuloso canto de estalo.

Meu canário de estimação foi, todavia, Violeiro, que morreu de cantar: cruzamento de canário-da-terra com belga, cor de amarelo-limão, um

tanto grande e de peito em ressaltado; quando, após o banho, encorujava-se no poleiro, ou metendo o bico entre a plumagem quando dormia, parecia mais um chumaço de paina-deseda amarelecida.

O seu passatempo, entre uma e três horas da tarde, era maravilhar os ouvintes, cantando de corrida.

Em Macaíba, os viveiros mais falados eram os de “seu” Vicente Ribeiro, de “seu” Euclides Ribeiro e de “seu” Teodomiro Garcia, este chefe da estação telegráfica.

Aos domingos pela manhã, em frente do prédio da estação, também o de sua residência, distando da minha apenas uma casa de permeio, realizavam-se, então, as costumeiras brigas de canários.

Faz de conta que estou vendo as gaiolas à sombra da mungubeira, os canários, de plumagem arrepiada, a terem os primeiros contatos com bicadas recíprocas por entre os ponteiros das gaiolas; e, por fim, as porteiras abertas para cima, e o rolo dos fringilídeos de bico forte durante dez, quinze e até trinta minutos, enquanto saltam penas arrancadas e as fêmeas dos brigadores atizam a luta cantando baixinho em corruchéu (de corruchiar).

Guardo da minha infância de passarinho a lembrança de autêntica página de fabliau: os amores do azulão.

Assisti ao fato, duas ou três vezes, no terreiro da casinhola de Américo Sola, no Barro Vermelho, aonde gostava eu de ir, de vez em quando, para ver a sua criação de passarinhos.

O casal de azulões vivia em delicioso idílio: ora a fêmea dava ao macho grãos de arroz no bico, descascando-os antes; ora, o macho, entreabrindo as asas, corria chilreando e enfiava o bico na plumagem da companheira; e, finalmente, ambos juntavam os bicos, agitando as caudas e estremecendo os corpinhos, como se estivessem a trocar beijos de amor. (ALECRIM, 2008, p. 82-83)

Vê-se, pois, nessa passagem, a paixão que o menino Octacílio Alecrim nutre pelos pássaros, com destaque para a espécie dos canários, isso de tal forma que o autor se empenha, literariamente, numa tentativa de antropomorfização das aves: “juntando macho e fêmea para fazer casal, observando-os ‘em simpatia’ através do corruchiar amistoso”; “apreciando briga de canário, tradicional costume nordestino, só pra ver a canária toda assanhada ‘dando fogo’ ao seu macho para vencer o outro contendor”; “O casal de azulões vivia em delicioso idílio”; “a fêmea dava ao macho grãos de arroz no bico, descascando-os antes”; “o macho, entreabrindo as asas, corria chilreando e enfiava o bico na plumagem da companheira”; “juntavam os bicos, agitando as caudas e estremecendo os corpinhos, como se estivessem a trocar beijos de amor”.

Por último, mas não menos importante, convém mencionar um recurso estilístico utilizado por Octacílio Alecrim, sob o influxo de Proust, o que foi observado por Queiroz (2020). Em outra oportunidade, o pesquisador já havia chamado a atenção para o ensaio no qual Octacílio discorre sobre os motivos de Proust,

considerando sua obra como algo “linearmente caótico”, dada a sucessão de distintos elementos que vão sendo elencados um após o outro numa velocidade muito rápida.

No fim, a essência liberada das coisas, a aquarela das raparigas em flor, fragmentos da sonata de Vinteuil, marinhas impressionistas de Elstir, pensamentos de Bergotte, nêmenos, lilases e metáforas, “aubepines” de Ruskin, minúcias de Eliot, a multiplicidade do “eu” de Bergson, vitrais, obside e pórticos de igrejas góticas, as violetas de Odette de Crécy, os nenúfares de Combray, o salão dos Verdurin, a *soirée* de Madame de Saint-Euverte, pianíssimos de Debussy, as torres de Martinville, a *matinée* da Princesa de Guermantes, os nomes dos lugares, pastiches de Renoir, as casas e as ruas da província, *Um Amor de Swann*, a belíssima Grefülhe, tudo isto, porém, tão linearmente caótico, é sobretudo a pluridimensional “vivência” de Proust, o Procurador do Tempo perdido, através [d]o telescópio do n. 102 do Boulevard Haussmann. (ALECRIM, 2008b, p.149).

De acordo com Queiroz (2020), antes de ser visto por outros estudiosos e críticos da obra proustiana, como Léo Spitzer, esse fenômeno já fora observado por Octacílio Alecrim nesse ensaio publicado originalmente no Jornal de Letras, em junho de 1950. Essa mesma disposição encontramos-la em *Província submersa*, em algumas passagens, como na da descrição da feira, citada anteriormente, mas, notadamente, no episódio que põe termo ao Capítulo II – Parafuso de Redemunho. Nesse trecho, o narrador elenca uma série de elementos que parecem girar velozmente como um redemoinho, compondo um verdadeiro caos, mas linearmente construído, tão bonito e tão poético.

Impossível esquecer-me do que aconteceu certa tarde no quintal de casa quando, com um pequeno caneco de lata puxado a corda, tirava água salobra da cacimba para regar as plantas, ajudando de brinquedo minha mãe. O céu de repente escureceu. Bandos de periquitos vojavam alto e velozes fugindo num alarido incrível. As aves (perus, guinés, galinhas) corriam assustadiças para dentro de casa. As árvores gingavam sob o impacto da brusca ventania. Latas, papéis, pássaros, folhas, panos e gravetos rodopiavam no ar, e a poeira seca, embranquecendo tudo, chicoteava a cara da gente, enquanto, vindo de longe, reboava um profundo rumor surdo de mundo se acabando. Parado sob o efeito do pânico, somente dei de mim ao ouvir a exclamação de Quininha, a cozinheira, que vinha correndo para o quintal espalhando farinha pelo chão: “Valha-nos Santo Antônio! É o redemunho!” A visão de credice que me ficou do redemoinho é a de um imenso parafuso de folhas verdes que a estrela de seis pontas lá adiante comeu. Meninice – redemoinho de brinquedos que o parafuso do Tempo levou. (ALECRIM, 2008, p. 85).

Em face do exposto, quanto às relações da memória com a espacialidade e, por conseguinte, com a sensibilidade, a afetividade e a estética a esta vinculadas,

percebemos que o autor, considerado um *déraciné*, desenraizado de sua terra, dela afastado não só no espaço como no tempo, encontra nessa representação uma forma de ser novamente enraizado à sua província, à sua região Nordeste, retratada em cada episódio narrado como no quadro de Chagall que o transportara de volta à Macaíba e aos tempos de infância e juventude vividos, despertando-o para escrever.

4 AUTOBIOGRAFIA E ESCRITA LITERÁRIA

Todos reconhecem a importância de uma definição para delimitar e caracterizar um objeto de estudo. Phillipe Lejeune⁴², que buscou elementos teóricos para a compreensão do gênero autobiográfico, definiu a autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 2014, p. 16). Na base dessa definição, de acordo com o autor, concorrem elementos de distintas categorias: a forma de linguagem (narrativa, prosa); o assunto (vida individual, história de uma personalidade); a situação do autor (identidade do autor e do narrador); e a posição do narrador (identidade do narrador e do personagem principal e a perspectiva retrospectiva da narrativa).

É óbvio que essas categorias não são absolutamente rigorosas: certas condições podem não ser preenchidas totalmente. O texto deve ser principalmente uma narrativa, mas sabe-se a importância do discurso na narração autobiográfica; a perspectiva, principalmente, retrospectiva: isto não exclui nem seções de autorretrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo da redação, nem construções temporais muito complexas; o assunto deve ser principalmente a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. (LEJEUNE, 2014, p. 17).

Assim, após discussão sobre as diferentes manifestações ou ausência desses elementos no *corpus* estudado, Lejeune conclui que, das condições acima apresentadas, apenas se faz absolutamente necessário, na caracterização de um texto autobiográfico, que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem principal, o que, segundo ele, só poderá ser verificado, mediante uma espécie de contrato de leitura “implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto e engendra os efeitos que,

⁴² Phillipe Lejeune publicou, em 1971, *A autobiografia na França*; em 1975, lançou *O pacto autobiográfico*, que veio a ser revisto em 1986 com *O pacto autobiográfico (bis)*; e, em 2001, propôs uma releitura das obras anteriores em *O pacto autobiográfico, 25 anos depois*. A essas publicações, juntam-se, ainda, dois estudos de 2002 sobre poesia autobiográfica (*Autobiografia e poesia*) e sobre a questão do valor artístico da ficção e da autobiografia (*Autobiografia e ficção*). Esses ensaios, traduzidos para o português, constituem a Parte I da obra organizada por Jovita Maria Gerheim Noronha, cuja primeira edição foi publicada no Brasil, em 2008, pela Editora UFMG (Cf. LEJEUNE, 2014, p. 8).

atribuídos ao texto, nos parecem defini-lo como autobiografia.” (LEJEUNE, 2014, p. 53-54). Trata-se do chamado pacto autobiográfico, que, coextensivo a um pacto referencial, estabelece um discurso sobre si, mas também “uma realização particular desse discurso, na qual a resposta à pergunta ‘quem sou eu?’ consiste em uma *narrativa* que diz ‘como me tornei assim’.” (LEJEUNE, 2014, p. 64, grifos no original).

Em análises posteriores, tratando do vocabulário empregado, Lejeune (2014, p. 61) observa que, em alguns estudos, o termo autobiografia cede lugar a expressões como “relatos de vida”, para englobar a narrativa oral e a história de terceiros; “escritas do eu” ou “escritas de si”, que procuram ampliar o campo para incluir a ficção.

Para Bourdieu (1998) falar de história de vida é pressupor que a vida é uma história, como um conjunto dos acontecimentos de uma existência individual envolvendo uma história e o relato dessa história. Segundo ele, faz parte do senso comum pensar a vida como um caminho que percorremos, com começo, etapas e um fim, seja no sentido de término como de finalidade. É o mesmo que “aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos [...], em suma, numa teoria do relato, relato de historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia.” (BOURDIEU, 1998, p. 183-184).

Considerar essa visão de história de vida, portanto, de acordo com Bourdieu (1998, p. 184-185) é supor que

o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tomar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. E é provável que esse ganho de coerência e de necessidade esteja na origem do interesse, variável segundo a posição e a trajetória, que os investigados têm pelo empreendimento biográfico. Essa **propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência**, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido. (BOURDIEU, 1998, p. 184-185, grifos nossos).

De acordo com Maria da Conceição Passeggi, no contexto da reflexão sobre a autonomia do método autobiográfico para investigação sociológica, “a crítica bourdieusiana volta-se contra a possibilidade de os sociólogos aceitarem, por intermédio de uma noção do senso comum, uma teoria da narrativa, repousando numa lógica insidiosamente gerada pela criação artificial de sentidos.” (PASSEGGI, 2014, p. 226). Isso porque, segundo ela, seria um contra senso admitir que a ciência se conformasse com uma versão construída a partir de uma representação pública ou privada da vida.

De fato, como afirma Passeggi (2014, p. 227), “a história de uma vida não é linear. É a narrativa que empresta à vida uma sequência, cria um percurso orientado, linear, da história” e é justamente – declara ela, citando Pineau e Le Grand (2012, p. 60) – “porque a vida humana não é uma história, mas intervalos de turvação às voltas com múltiplas histórias, continuidades e descontinuidades a serem articuladas, que os vivos procuram fazer da vida uma história.” E, analisando outras duas obras de Pierre Bourdieu, Passeggi (2014, p. 232, grifos da autora) vai demonstrar ainda que, no seu entender, o sociólogo francês “aderiu ao biográfico em *A Miséria do Mundo* e escreve sua autobiografia intelectual em *Esboço de auto-análise*, comprovando a sua ‘conversão’ ao gênero” e, por conseguinte, sua validação ao método autobiográfico para pesquisa nas ciências sociais.

Sem ignorar que possa haver uma representação autobiográfica, Lejeune reconhece a dificuldade de definir o que é autobiografia, dado que esta pode ser entendida em sentido mais estrito tal como ele assim o quis estabelecer, tendo como eixo central a confissão e seu caráter de “verdade”; e num sentido mais amplo, em que, mesmo contando a própria vida, o autor não é obrigado a ser exato quanto aos fatos ou a dizer toda a verdade. Em face disso, ele diz que a autobiografia pode pertencer a dois sistemas diferentes: um sistema referencial “real” e um sistema literário, “no qual a escrita não tem pretensões à transparência, mas pode perfeitamente imitar, mobilizar as crenças do primeiro sistema.” (LEJEUNE, 2014, p. 67).

Conforme Lejeune (2014, p. 103), uma narrativa autobiográfica tradicional começaria pelo nascimento do autor, exploraria as etapas de sua formação, a história de sua personalidade, inscrevendo-se essa história em um contexto preciso, com nomes, datas etc., mas “esses usos mudam e a narrativa autobiográfica *stricto sensu*

tende a absorver progressivamente as técnicas experimentadas na ficção. [...] Isso também é verdadeiro quanto ao estilo [...], deixando visível o trabalho com as palavras – quer se trate de paródia, de jogos com os significantes ou de versificação.”

No seu ensaio *Autobiografia e ficção*, publicado em 2002, Lejeune considera que “a autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística.” (LEJEUNE, 2014, p. 121). Ao discutir uma possível atitude ficcionalizante de certas obras, que, para alguns, tocariam mais profundamente o leitor por se aterem ao essencial e não ao anedótico e contingente, ele distingue a autobiografia “autêntica” (direta) da autobiografia “figurada” (indireta), mas situando ambas num conceito de “verdade”. Isso, porque, considerando a memória como uma construção imaginária, para Lejeune (2014, p. 123), em relação a esta, pode-se assumir duas atitudes diametralmente opostas: observar essa construção, fixando seus traços com precisão, refletindo sobre sua história, confrontando-a com outras fontes etc.; ou continuá-la.

Sob essa perspectiva, conforme Lejeune (2014, p. 123), a autobiografia autêntica pode também atingir a função constante da literatura e do mito de “propor formas ‘gerais’ que ajudem os leitores a estruturar sua identidade”, da mesma forma que não se pode garantir que “a ficção expresse sempre, melhor do que uma autobiografia, a verdade individual profunda de seu autor”. E, fazendo referência à tríade clássica o Belo, o Bem, o Verdadeiro, conclui que “a autobiografia levanta fatalmente problemas éticos; e na medida em que é literária visa ao mesmo tempo o Belo e o Verdadeiro.” (LEJEUNE, 2014, p. 127).

Na sua argumentação em favor da “verdade” da autobiografia, a propósito da estruturação da identidade conferida pela narrativa, Lejeune recorre ao filósofo Paul Ricœur⁴³:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricœur, em que consiste qualquer vida. É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos da minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não

⁴³ Paul Ricœur discorre sobre a poética da narrativa nos três volumes da obra *Tempo e narrativa*, na qual procura demonstrar como a realidade (pré-figuração) é narrada no texto (configuração) e apreendida pela leitura do texto (refiguração).

brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (LEJEUNE, 2014, p. 121).

Nesse contexto, ele chama a atenção para a recepção do texto que é feita com intensidade pelo leitor para a construção da identidade narrativa, que lhe parece “não poder vir senão do eu profundo do autor. O intenso parece ‘verdadeiro’, e o verdadeiro só pode ser autobiográfico.” (LEJEUNE, 2014, p. 124).

Para Ricœur (1997), a atividade mimética da narrativa, através dos dois grandes modos de narrar: a história e a ficção, pode ser esquematicamente caracterizada pela invenção do terceiro-tempo (histórico e humano), que se coloca entre o tempo fenomenológico (vivido e percebido pelo homem) e o tempo cósmico (universal, do mundo, da física). Nesse processo de representação, que ele prefere chamar de refiguração, entra em jogo a capacidade criadora da história pela invenção e o uso de instrumentos de pensamento, tais como o calendário, a ideia de sequência das gerações, dos contemporâneos, dos predecessores e dos sucessores, e o recurso a arquivos, documentos e rastros, como, da parte da ficção, operam as variações imaginativas.

A partir daí, ele discute o entrecruzamento entre história e ficção e sua relação de complementaridade na relação da narrativa com a realidade, entre a explicação histórica e a configuração por armação de intriga, entre o passado “real” e a ficção “irreal” no mundo do texto e, por conseguinte, os efeitos de revelação e de transformação da literatura, cuja leitura permite retornar à vida, ao campo prático (agir) e pático (padecer) da existência. Assim, ele procura mostrar como a refiguração do tempo pela história e pela ficção se realiza por meio de empréstimos que um modo narrativo toma do outro.

Esses empréstimos consistirão no fato de que a intencionalidade histórica só se efetua incorporando à sua intenção os recursos de *ficcionalização* que dependem do imaginário narrativo, ao passo que a intencionalidade da narrativa de ficção só produz os seus efeitos de detecção e de transformação do agir e do padecer assumindo simetricamente os recursos de *historicização* que lhe oferecem as tentativas de reconstrução do passado efetivo. Desses intercâmbios íntimos entre historicização da narrativa de ficção e ficcionalização da narrativa histórica, nasce o que chamamos de tempo humano, e que

não é senão o tempo narrado. (RICŒUR, 1997, p. 177, grifos do autor).

De acordo com Ricœur (1997, p. 424), da união da história e da ficção, surge uma identidade específica que é atribuída a um indivíduo (ou a uma comunidade), a chamada identidade narrativa, que consiste na resposta à pergunta: quem fez tal ação ou quem é o seu agente, o seu autor?, à qual se responde com a designação de um nome próprio. E a narração revela um sujeito que não é sempre o mesmo, mas passa por mudanças ao longo de sua vida, desde o nascimento até a morte. Assim, a identidade compreendida no sentido de um mesmo (*idem*) é substituída pela identidade compreendida no sentido de um si mesmo (*ipse*), e a diferença é que aquela corresponde a uma identidade substancial ou formal, ao passo que esta constitui-se como uma identidade narrativa.

Bourdieu (1998, p. 185), por outro lado, procura mostrar o caráter arbitrário da representação discursiva da narrativa como história coerente e totalizante e mesmo da filosofia da existência que tal convenção retórica implica. Para ele, o nome próprio, como instituição de totalização e unificação do “eu”, enquanto “identidade social constante e durável garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as histórias de vida possíveis”, mas só à custa de muita abstração poderia “atestar a identidade da personalidade, como individualidade socialmente constituída” (BOURDIEU, 1998, p. 186-187).

Contudo, ao tratar da identidade narrativa, que envolve a ipseidade, Ricœur (1997, p. 177) observa:

O sujeito mostra-se, então, constituído ao mesmo tempo como leitor e como escritor de sua própria vida, segundo o voto de Proust. Como a análise literária da autobiografia verifica, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas.

Dessa forma, o filósofo conclui que essa conexão entre ipseidade e identidade narrativa confirma que

o *si* do conhecimento de si não é o eu egoísta e narcísico cuja hipocrisia – e ingenuidade –, bem como o caráter de superestrutura ideológica e o arcaísmo infantil e neurótico as hermenêuticas da suspeita denunciaram. O si do conhecimento de si é o fruto de uma

vida examinada, segundo a frase de Sócrates na *Apologia*. Ora, uma vida examinada é, em ampla medida, uma vida depurada, explicada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas quanto fictícias veiculadas pela nossa cultura. A ipseidade é, assim, a de um si instruído pelas obras da cultura que ele aplicou a si mesmo. (RICŒUR, 1997, p. 425, grifos do autor).

Em estudos posteriores, Ricœur⁴⁴ distingue a identidade como mesmidade (*idem*) da identidade como ipseidade (*ipse*), a partir da dimensão temporal do si e da ação. Para ele, a pessoa de quem se fala e o agente do qual a ação depende têm uma história, de modo que a identidade pessoal só se pode articular precisamente na dimensão temporal, sendo, portanto, no âmbito da teoria da narrativa, que a dialética concreta entre ipseidade e mesmidade atinge pleno desenvolvimento (RICŒUR, 2014, p. 112).

É na história narrada, com seus caracteres de unidade, articulação interna e completude, conferidos pela operação de composição do enredo, que a personagem conserva ao longo de toda a história uma identidade correlativa à da própria história. (RICŒUR, 2014, p. 149).

A par dessas questões que envolvem o gênero autobiográfico e a escrita de si, em suas relações com a identidade narrativa, voltamo-nos para a obra em estudo, buscando verificar de que forma essas questões aí aparecem, mas, antes, vejamos algumas especificidades da autobiografia como gênero literário indicadas pelo próprio Octacílio Alecrim na introdução à temática do *suvenir* que precede o texto de *Província submersa* e em dois outros estudos que analisam obras nacionais de caráter autobiográfico.

4.1 AUTOBIOGRAFIA COMO GÊNERO LITERÁRIO

Bakhtin (1993) situa as origens da biografia e da autobiografia como gênero literário na Antiguidade, no encômio grego, que consistia numa espécie de discurso ou hino em louvor de alguém, evoluindo para um relato apologético e público da própria vida. Em sua constituição, estão consignados elementos puramente privados,

⁴⁴ O si-mesmo como outro, publicado originalmente em francês, *Soi-même comme un autre*, em 1990, busca marcar o primado da mediação reflexiva sobre a posição imediata do sujeito “eu”, dissociar os dois significados importantes de identidade (*idem/ipse*) e mostrar a relação entre “o si” e “o outro que não o si”, como também “o si-mesmo” não apenas como “o outro que não é o si”, mas como “o si” na qualidade de “outro”.

estritamente profissionais, sociais e nacionais e ideias filosóficas, com vistas à construção de uma imagem homogênea do homem: única, integral e plástica.

A conscientização do homem apoia-se, aqui, somente sobre os aspectos de sua personalidade e de sua vida que são voltados para o exterior, concernentes tanto aos outros como a si próprio, sendo que apenas neles a consciência procura seu apoio e sua unidade, ela não conhece absolutamente outros aspectos intimamente pessoais, “por si só”, individuais e irrepetíveis.

Daí o caráter específico, normativo e pedagógico dessa primeira autobiografia. No final surge nitidamente um ideal educativo e formador. Mas esse esclarecimento normativo-pedagógico é dado também para todo o material da autobiografia. (BAKHTIN, 1993, p. 255-256).

Já as formas romanas correspondentes, por sua vez, de acordo com Bakhtin, tinha como referência a família em união com o Estado, de modo que “a consciência é orientada para uma lembrança concreta da linhagem e da ascendência, e ao mesmo tempo é orientada para a hereditariedade”, sendo a autobiografia “escrita com o objetivo de transmitir as tradições familiares-patriarcais de descendente a descendente”, o que faz da consciência autobiográfica um fato público-histórico e nacional.” (BAKHTIN, 1993, p. 256).

Ainda segundo Bakhtin, no aperfeiçoamento dessas formas autobiográficas embrionárias românico-helênicas, que contribuirão para a formação do romance europeu e da autobiografia moderna, tem-se a influência do esquema platônico do caminho do indivíduo que busca o conhecimento, como também de Aristóteles com a doutrina da realização do ser, sendo a juventude do homem tratada como prefiguração da maturidade. Derivadas, pois, dessa consciência autobiográfica, destacam-se três grandes obras de referência da escrita em primeira pessoa no Ocidente: Confissões, de Agostinho de Hipona, no século V; Ensaio, de Montaigne, no século XVI; e Confissões, de Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII.

Esta última, aliás, compondo série com Diálogos e com Sonhos, do mesmo autor, inaugura a autobiografia moderna, abrindo “o arco da literatura subjetiva: essa literatura na qual reina o ponto de vista de um ser que diz eu e que chega, com Proust e com Joyce, às suas últimas possibilidades.” (LARROSA, 2017, p. 20). De fato, na introdução sobre a temática do souvenir em Província submersa, a extensa relação de obras citadas como exemplo clássicos do gênero autobiográfico, depois de Goethe e

Byron, é encabeçada pelas Confissões, de Rousseau, e termina ao pé de Em busca do tempo perdido, de Proust.

Octacílio Alecrim traz, assim, distintos escritores da literatura ocidental que, em prosa e poesia, falaram de si mesmos em primeira pessoa, de forma romanceada ou não, incluindo escritos de caráter confessional, que tratam de reminiscências pessoais, e também, mais especificamente, obras que trazem recordações da infância e juventude e do lugar onde viveram seus autores, assim como de memórias de sua formação. Na Figura 22 a seguir, apresentamos um quadro, no qual estão listadas, por ordem de ocorrência, as obras literárias e/ou os autores citados por Alecrim nessa parte introdutória, com as referências de local e data existentes, além do contexto da citação, tal como foram apresentadas por Octacílio Alecrim. Em algumas referências, percebemos que os dados estão incompletos.

Figura 22 – Quadro de obras de memórias de infância e juventude e de lugar

| Nº | OBRA | AUTOR | LOCAL/DATA | CONTEXTO DA CITAÇÃO |
|----|---|-------------------|------------------|---|
| 1 | <i>Dichtung und Wahrheit</i> | Goethe | Alemanha | Exemplo de clássico de gênero autobiográfico (p. 23) |
| 2 | <i>Childe Harold</i> | Byron | | |
| 3 | <i>Confessions</i> | Rousseau | França | |
| 4 | <i>Adolphe</i> | Benjamin Constant | | Exemplo de biografia romanceada (p. 23) |
| 5 | <i>Copperfield</i> | Charles Dickens | | |
| 6 | <i>Jude the obscure</i> | Hardy | | |
| 7 | <i>Journal</i> | Amiel | | Exemplo de grande criação literária da prosa de reminiscências pessoais (p. 23) |
| 8 | <i>Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse</i> | Ernest Renan | França, 1883 | |
| 9 | <i>Memoirs</i> | Moore | | |
| 10 | <i>Prelude</i> (poema) | Wordsworth | Inglaterra | Auto-retrato de um poeta que faz confidências (p. 23) |
| 11 | <i>Apostate</i> | Forrest Reid | Inglaterra, 1926 | “[...] embora escritos sem a preocupação de uma formal apresentação da vida de seus autores, impuseram-se, no entanto, à sensibilidade dos críticos como deliciosas narrativas de meninice e adolescência (<i>Depiction of sensitive childhood and adolescence</i>) valorizadas, sobretudo, quanto à urdidura, pelas suas excitantes impressões |
| 12 | <i>Gallipoli Memories</i> | Compton Mackenzie | Inglaterra, 1929 | |
| 13 | <i>Heaven Lies About Us</i> | Howard Spring | Inglaterra, 1939 | |

| | | | | |
|----|--|---------------------|-----------------------------------|--|
| | | | | de franqueza e intimidade” (p. 23-24) |
| 14 | <i>Impressions That Remained</i> | Ethel Smyth | Inglaterra, 1919 | Matéria de reminiscências literárias – <i>years pass autobiographies</i> (p. 24) |
| 15 | <i>Arches of the Years</i> | Halliday Sutherland | Inglaterra, 1933 | |
| 16 | <i>Le petit chose</i> | Alphonse Daudet | França, 1868 | Romances que tratam da infância e juventude (p. 24) |
| 17 | <i>Jack</i> | | França, 1876 | |
| 18 | <i>Souvenirs de mon enfance</i> | | França | Memórias da infância e juventude (p. 24). |
| 19 | <i>Trente ans de Paris</i> | | França, 1887 | Memórias da infância e juventude [e de formação?] (p. 24) |
| 20 | <i>Souvenirs d'un homme de lettres</i> | | França, 1888 | |
| 21 | Trilogia [Infância, Ganhando meu pão e Minhas universidades] | Maximo Gorki | Rússia, [1914] | “[...] após o sucesso de sua novela proletária <i>Mãe</i> com o filme de Pudovkine, inicia a trilogia de suas memórias íntimas, de infância e de vida literária.” (p. 24). |
| 22 | <i>Le Grand Meaulnes</i> | Alain Fournier | 1912 | “[...] infância, como precioso documento de fabulação” (p. 24). |
| 23 | <i>Le Petit Pierre</i> | France | França, 1918 | Exemplo de infância romaneada (p. 24) |
| 24 | <i>La Vie en fleur</i> | | França, 1922 | |
| 25 | <i>Prime Jeunesse</i> | Loti | França, 1919 | |
| 26 | <i>Hermelin</i> | Lacretelle | França, 1920 | |
| 27 | <i>Silberman</i> | | França, 1922 | |
| 28 | <i>Les Temps innocents</i> | Henriot | França, 1920 | |
| 29 | <i>L'Inquiète Adolescence</i> | Chadourne | França, 1920 | |
| 30 | <i>L'Enfant Inquiet</i> | André Obey | França, 1920 | |
| 31 | <i>Le Premier de la Classe</i> | Cremieux | França, 1921 | |
| 32 | <i>Seize ans</i> | Georges Imaun | França, 1928 | |
| 33 | <i>Les Enfants terribles</i> | Cocteau | França, 1929 | |
| 34 | Minha formação | Joaquim Nabuco | Brasil, 1900 [Recife, Pernambuco] | “Entre nós, as recordações do escritor menino e moço entram para a literatura através de alguns livros que por suas boas qualidades artísticas (estilo, análise e poder descritivo) já conquistaram lugares à parte na história de nossa prosa de informação – a etiqueta de certo “new-criticism” inglês para tal espécie do gênero autobiográfico.” (p. 24). |
| 35 | O Ateneu | Raul Pompéia | Brasil, 1905 | |
| 36 | O meu próprio romance | Graça Aranha | Brasil, 1931 | |
| 37 | Memórias | Humberto de Campos | Brasil, 1933 | |
| 38 | Memórias Inacabadas | | Brasil, 1935 | |
| 39 | História da minha infância | Gilberto Amado | Brasil, 1954 | |
| 40 | Minha formação no Recife | | Brasil, 1955 | |
| 41 | Recordações de um Mundo Perdido | Agripino Grieco | Brasil, 1955 | |
| 42 | | Rousseau | França | |

| | | | | |
|----|---|--------------------------------------|--------------------------|---|
| | | | [Charmetes] | “O souvenir afetivo da Província, de nascimento ou não, sob a forma de memória.” (p. 25). |
| 43 | | Chateaubriand | França [Comburgo] | |
| 44 | | Renan | França [Tréguier] | |
| 45 | | Joaquim Nabuco | Brasil [Massagana] | |
| 46 | | Afrânio Peixoto | Brasil [Barro Branco] | |
| 47 | | Júlio Belo | Brasil [Queimadas] | |
| 48 | | Roland Dorgelès | França [Boêmia] | |
| 49 | | Spring | Cardife | |
| 50 | | Humberto de Campos | Brasil [Parnaíba] | |
| 51 | | Gilberto Amado | Brasil [Itaporanga] | |
| 52 | Meus oito anos/ Canção do exílio ⁴⁵ | Casimiro de Abreu/ Gonçalves Dias | Brasil | |
| 53 | Evocação do Recife | Manuel Bandeira | Brasil [Recife] | “Na linha evocativa da poesia do Nordeste predomina a nuance afetiva dos pretextos regionais.” (p. 25). |
| 54 | Poemas das Serras | Jorge Fernandes | | |
| 55 | Imagens do Nordeste | Joaquim Cardoso | | |
| 56 | Meninice | Ascenso Ferreira | | |
| 57 | <i>François Le Champi</i> | George Sand | França [Berry] | “É no romance, principalmente o de estilo naturalista, que os anos passados dos escritores mais se misturam com as impressões e imagerias dos lugares donde foram nascidos ou deles receberam a marca de afetividade mais profunda. “Raro também é o romancista de fundo romântico que não recolhe um recanto de província, que a sua memória afetiva guardou, para ambiente do enredo, e não transfere para seus personagens |
| 58 | <i>Valentine</i> | | | |
| 59 | <i>Les Cigales</i> | Jean Aicard | França [Provença] | |
| 60 | <i>Le fils Maugars</i> | André Theuriet | França [Civray] | |
| 61 | <i>La douce enfance de Thierry Seneuse</i> | Pol Neveux | França [Champanha] | |

⁴⁵ Observamos um equívoco, nas duas edições de *Província submersa*, ao atribuir a Gonçalves Dias o poema *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu. Acreditamos que pode ter havido uma omissão do nome do poema *Canção do Exílio*, de autoria de Gonçalves Dias, como também do nome de Casimiro de Abreu, este sim autor do poema *Meus oito anos*. Isso porque ambos os poemas tratam da temática que Octacílio Alecrim pretendia ilustrar com tais referências poéticas.

| | | | | |
|----|--|--------------------------|----------------------------|--|
| | | | | impressões e sensações de sua primitiva existência. “A criação é na verdade quase uma recriação.” (p. 25-26) |
| 62 | Rosa | Joaquim Manuel de Macedo | 1849 | “A investigação do fenômeno no romance brasileiro revela igualmente uma safra surpreendente de experiências do processo pelo qual o autor participa de sua obra com reminiscências de infância ou juventude, quer vinculadas ao ambiente pitoresco e afetivo da província, quer associadas apenas ao contingente de ventura inefável de impressões vividas.” (p. 26) |
| 63 | Iracema | José de Alencar | Brasil, 1865 [Ceará] | “O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivazes de uma imaginação virgem. Para lá, pois, que é o berço seu, o envio.” [Prólogo de <i>Iracema</i>]. (p. 26). |
| 64 | Guarani | | Brasil, 1857 [Ceará] | “[...] a inspiração do Guarani, por mim escrito aos vinte e sete anos, caiu na imaginação da criança de nove, ao atravessar as matas e sertões do Norte em jornada do Ceará à Bahia”. <i>Como e porque sou romancista</i> , Rio. 1893. (p. 26) |
| 65 | Sertão: A tapera; Firmo, o vaqueiro (contos) | Coelho Neto | Brasil, 1896 [Maranhão] | “ressurreições do passado no interior maranhense, que o poder de evocação do escritor estilizou na novelística do Sertão, 1896.”(p. 26-27). |
| 66 | Canaã | Graça Aranha | Brasil, 1902 [Maranhão] | “memória evocativa de cenas de sua vida passada na terra natal”. (p. 28). |
| 67 | O meu próprio romance | | Brasil, 1931 [Maranhão] | |
| 68 | Malasarte | | Brasil, 1911 [Maranhão] | |

| | | | | |
|----|--|---------------------------|--|---|
| 69 | Aheneu | Raul Pompeia | | “crônica de saudade” (p. 28). |
| 70 | Missa do Galo (conto) | Machado de Assis | Brasil [Rio de Janeiro] | “referência a uma conversação do autor quando ainda contava dezessete anos” (p. 28). |
| 71 | Menino de Engenho | José Lins do Rego | Brasil, 1932 [Paraíba] | “narrativa da infância em um banguê nordestino”. (p. 28). |
| 72 | Infância | Graciliano Ramos | Brasil, 1945 [Alagoas] | “descrição, em forma de romance, de sua própria meninice”. (p. 28). |
| 73 | Memórias de um sargento de milícias | Manuel Antônio de Almeida | Brasil, 1854-5 | “capas de livros de vários dos nossos ficcionistas trazem, ainda que às vezes em sentido simbólico, o signo mágico da palavra ‘memória’”. (p. 28). |
| 74 | Memórias póstumas de Brás Cubas | Machado de Assis | Brasil, 1881 | |
| 75 | Memorial de Aires | | Brasil, 1908 | |
| 76 | Memórias de um Condenado | Aluízio de Azevedo | Brasil, 1882 | |
| 77 | Memórias Sentimentais de João Miramar | Oswald de Andrade | Brasil, 1924 | |
| 78 | Memórias do Cárcere | Graciliano Ramos | Brasil, 1953 | |
| 79 | O índio Afonso | Bernardo Guimarães | Brasil, 1873 [Paracatu, Minas Gerais] | “reminiscência do rio de Paracatu, lugar de nascimento do romancista”. (p. 29). |
| 80 | Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais | | Brasil, 1872 [Uberaba, Minas Gerais] | “evoca as campinas, os horizontes e as colinas de Uberaba nas suas distâncias sem fim, como se a pena do escritor feito estivesse a correr no papel com a imaginação do antigo menino perdido no cenário do planalto”. (p. 29). |
| 81 | Rosaura, a Enjeitada | | Brasil, 1883 [Paulicéia de 1845] | “fragmentos de reminiscências da própria mocidade acadêmica”. (p. 29). |
| 82 | Contos regionalistas sobre o tropeiro Mironga | Afonso Arinos | | “persistentes impressões de meninice na charneca mineira” (p. 29). |
| 83 | O sargento Pedro | Xavier Marques | Brasil, 1910 [Ilhéus, Bahia] | “reminiscências de Ilhéu”, em que se resgata “um dos recantos mais pitorescos da sua Ilha de Itaparica: a praia de Amoreiras”. (p. 29). |
| 84 | | Humberto de Campos | Brasil [antiga Miritiba, atual Humberto de | “não se despreza quase nunca, nas peregrinações de sua meninice pobre e sensitiva, dos sutis |

| | | | | |
|----|---|---------------|-------------------|--|
| | | | Campos, Maranhão] | <p>encantamentos da província natal.</p> <p>“O garoto de Miritiba – a cidadezinha que na geografia literária foi crismada com o seu grande nome de prosador – revive a todo o instante nas pungentes recordações do escritor, através de um realismo dilacerante que somente a poesia da terra recobre de beleza e ternura.” (p. 30).</p> |
| 85 | <p>Em busca do tempo perdido</p> <p>- <i>Jean Santeuil</i> (escrito entre 1896 e 1904 e publicado depois da morte do autor, em 1952)</p> <p>- <i>Épines blanches, épines roses</i> (Crônica publicada em <i>Le Figaro</i>, em 1927)</p> <p>- <i>Swann</i>, 1913</p> <p>- <i>A L'Ombre des Jeunes Filles en Fleurs</i>, 1918</p> | Marcel Proust | | <p>“como preocupação de arte, a reminiscência literária desencadeia uma irreprimível tendência à poetização dos lugares de infância e juventude, e a imaginação da primeira pessoa da narrativa, tocada pelo inefável, vê nos seres e nas coisas a sua própria imagem de Narciso.”</p> <p>“Em Proust, a província das leituras do seu tempo de menino, à sombra do castanheiro em flor do jardim de sua casa, é um ser sem equivalente nas maravilhosas esfumaturas impressionantes da sua inexcedida arte descritiva.” (p. 30).</p> <p>“a infância dos passeios e férias de Proust nos arredores de Illiers – paraíso do seu fabuloso souvenir visual – é um imenso pano de fundo de suas persistentes recriações de romanceiro da sua província afetiva, submersa na memória dos olhos e recolhida pela memória do coração.” (p. 30).</p> <p>“Para preservar então a frescura das impressões cativas que trazia das paragens pinturescas por onde andava quando menino leitor de George Sand(*), Proust usou evidentemente de um</p> |

| | | | | |
|----|-----------------|-------------------|----------------|--|
| | | | | <p>intencional processo literário: a duração.”</p> <p>“Procurarei esboçar o processo através de dois grandes temas dentre aqueles que fizeram a fortuna da paisagística proustiana tomada de recordações de infância e adolescência: os pilriteiros e os lilases.” (p. 31).</p> <p>“Esse Proust – o das peregrinações ruskinianas em busca da Província perdida – é sem dúvida o que sempre mais senti e por isso o que sempre mais admirei.”</p> <p>“Impressiona-me nele, quando o releio desse modo particular, qualquer coisa de indizível mas que me faz viver delícias de leituras até então não experimentadas.”</p> <p>“Ele aprofundou e poetizou um tema – o souvenir afetivo da infância na província – que na literatura do gênero haverá de sobreviver com o odor evocativo dos lilases de Illiers.” (p. 34)</p> <p>*O <i>François le Champi</i>, onde a sentimental romancista francesa descreve as paisagens da Provença, foi sempre para Proust, quer na infância, quer na maturidade, um misterioso atrativo.</p> |
| 86 | O País das Uvas | Fialho de Almeida | Portugal, 1893 | <p>“A título de curiosidade comparativa, e também de encantamento, transcrevo aqui, a propósito do pilriteiro, esta miniatura”. (p. 32)</p> |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos de ALECRIM, 2008, p. 23-34

As referências constantes no quadro apresentado na Figura 22 revelam a vasta cultura literária de Octacílio Alecrim, ao mesmo tempo em que desvelam certa preocupação do autor, enquanto voraz e atento leitor, mas também como estudioso e crítico da literatura, de situar seu livro entre as tantas obras de natureza autobiográfica,

centradas em afetivas recordações de infância e juventude e de lugar de origem ou de vivência, dos mais diversos autores, consagrados nacional ou internacionalmente, citando, por último, como o mais importante e com uma exposição mais extensa que os demais, Marcel Proust, sua preferência, como era de se esperar, dada a influência que este tem na criação de sua obra.⁴⁶

Além disso, essa quantidade e diversidade de obras e escritores apresentados também nos parece, de certa forma, concorrer para justificar a escolha de Octacílio pelo gênero autobiográfico para a composição de *Província submersa*, uma vez que sua recorrência em tantos e tão importantes autores poderia demonstrar por si mesma o valor e o prestígio que tal gênero gozaria no meios literários, como se escrever as próprias memórias fosse “um dever indeclinável de todo homem de letras” (ALECRIM, 2008, p. 268).

Assim, Octacílio coloca sua obra dentre aquelas de cunho memorialístico, que, no Brasil, segundo ele, por sua qualidade artística, em termos de estilo, análise e poder descritivo, muitas constituem-se em clássicos nesse gênero, tais como: *Minha formação* (1900), de Joaquim Nabuco; *O Atheneu* (1905), de Raul Pompeia; *O meu próprio romance* (1931), de Graça Aranha; *Memórias* (1933) e *Memórias Inacabadas* (1935), de Humberto de Campos; *História da minha infância* (1954) e *Minha formação no Recife* (1955), de Gilberto Amado; e *Recordações de um mundo perdido* (1955), de Agripino Grieco.

A respeito de obras brasileiras desse gênero, aí incluídas também *Memórias de um senhor de engenho* (1938), de Júlio Belo; *Meus Verdes Anos* (1956), de José Lins do Rego; e *Explorações no Tempo* (1963), de Cyro dos Anjos, Maria de Lourdes Teixeira reconhece que as memórias como realização literária constituem uma das grandes heranças da França do século XIX. De acordo com essa autora,

todos esses repositórios se baseiam na pertinência à terra, ao lar, à família; desvendam todo o processo de influências inalienáveis; promanam do desejo mais ou menos proustiano de ressuscitar o tempo que se foi, conservando-o fora da alçada da morte e do olvido com as criaturas que lhe deram significação, com as paisagens e os ambientes que lhe serviram de cenário – velhas casas, mundos submersos, saudade inconsciente, memória involuntária, tudo enfim que é relativo ao passado. (TEIXEIRA, 1968, p. 88-89).

⁴⁶ O autor português Fialho de Almeida, que se segue, na relação de autores, ao romancista francês, conta apenas como um reforço, “a título de curiosidade comparativa” com a descrição proustiana do pilriteiro.

Com a publicação de *Província Submersa*, em 1957, Octacílio Alecrim se inscreve, portanto, no quadro de escritores voltados para essa tendência memorialista, aos quais se somam, ainda, em nível nacional, outros dois de seus contemporâneos, o gaúcho Augusto Meyer com *Segredos da infância* (1949) e *No tempo da flor* (1966) e o mineiro Pedro Nava com *Baú de ossos* (1972); e, em nível local, os escritores norte-rio-grandenses Raimundo Nonato com *Memórias de um retirante* (1957) e *Somando os dias do tempo* (1973), Madalena Antunes com *Oiteiro* (1958) e Nilo Pereira com *Imagens do Ceará-Mirim* (1969).

Nos anos 1980, ao estudar a literatura memorial produzida no Brasil, com ênfase nas memórias de infância como subgênero deste tipo literário, Eliane Zagury avaliava tratar-se de “matéria difusa e pouco estudada, talvez vítima de um purismo esteticista que a tenha desdenhado, por estar mais próxima de suas motivações sociais e psicológicas que o fascinante produto de transformação que são a poesia, a ficção ou o teatro – não por outras razões ainda detentores com exclusividade da denominação de *grandes gêneros*.” (ZAGURY, 1982, p. 14, grifos no original). E, rejeitando a ideia dos que a consideram forçosamente como um gênero *menor*, “pouco denso esteticamente, não analisável sem a compreensão da dolorosa trama das relações do texto com seu referente”, ao invés, afirma que a autobiografia “é um gênero complexo, que participa, em princípio, de duas linhas bem contrastantes de desenvolvimento da matéria literária: a narrativa histórica e a prosa lírica”, isso de tal forma que “o escritor há de ver-se ora puxado para um lado ora para o outro, tendendo às vezes a assumir formalmente uma das diretrizes, mas acabando por ser atraído sem remédio pela intromissão da outra.” (ZAGURY, 1982, p. 15).

Isso é o que, em outras palavras, conforme mencionado, observa, em determinados livros de memórias de grandes autores da literatura brasileira, Candido (1989, p. 54): “têm um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura ‘de dupla entrada’, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa”. A força desse gênero estaria, então, naquilo que se supõe como um de seus pontos fracos? Será que, mesmo não se compondo como “puro” universo ficcional e simbólico, a exemplo de outros gêneros

literários, com ele se poderia adentrar um mundo existencial e emocional capaz de extrair do leitor o “sofrido prazer” de que fala Bloom (2001)?

Para Zagury (1982, p. 15),

falar de si mesmo é uma ruptura de perspectiva, um desequilíbrio em que o sujeito sendo o seu próprio objeto, como que caminha sobre uma perna só. O distanciamento temporal – um eu objeto passado em relação a um eu sujeito presente – representa o perfil de uma segunda perna fantasmagórica, porque a memória é sempre fluida e inconstante. A literatura memorial, portanto, há de ser sempre uma literatura crítica, no sentido de *ser em crise*. Se em face de si mesmo, frequentemente o homem está indefeso, em face da literatura memorial, o escritor está sempre inerte. [grifos no original].

Ainda de acordo com essa autora, cujo estudo analisa acervo literário de memórias de infância originado nos fins do século XIX e desenvolvido ao longo do século passado⁴⁷, “cada obra que se preze equivale a um reinício do gênero, porque sua matéria só se pode acreditar como especialíssima” (ZAGURY, 1982, p. 15). Para ela, a escrita de memórias não pode ser considerada meramente como “veleidade pessoal”, uma vez que “a reflexão sobre si mesmo com que o foi pelo escritor brasileiro, só pode ser encarada como um nobre coroamento de uma atividade de pensamento fecundo e criador.” (ZAGURY, 1982, p. 17).

A par das diferenças que possa haver entre *realidade vivida* e *realidade imaginada*, para justificar o espaço que as memórias – particularmente as memórias de infância – merecem ocupar dentro do *corpus* literário brasileiro, o estudo de Eliane Zagury, além de apresentar o quantitativo de documentos autobiográficos produzidos até então⁴⁸, traz uma análise detalhada da problemática estrutural que assume cada livro autobiográfico analisado e dos respectivos recursos estilísticos empregados, que demonstram uma evolução na construção do gênero, permitindo chegar a algumas conclusões.

⁴⁷ O estudo, que inicia com a análise de *Trechos da minha vida* (1921) e *Memórias do Visconde de Taunay* (1948), de Visconde de Taunay, inclui algumas das obras referidas por Octacílio Alecrim na introdução de *Província submersa*, como *Minha formação* (1900), de Joaquim Nabuco, *Memórias* (1932) e *Memórias inacabadas* (1935), de Humberto de Campos, e *O meu próprio romance* (1931), de Graça Aranha, além de *Minha vida – da infância à mocidade* (1933), de Medeiros e Albuquerque, *Memórias da Emília* (1939), de Monteiro Lobato, apresentada como paródia do gênero, bem como daquelas consideradas como expoentes do gênero: *Infância* (1945), de Graciliano Ramos, *Segredos da infância* (1949), de Augusto Meyer, e *O menino e o palacete* (1954), de Thiers Martins Moreira.

⁴⁸ De acordo com levantamento apresentado, foram catalogados 76 documentos autobiográficos brasileiros até o ano de 1931; de 1936 até 1970, são registrados 365 títulos; e de 1971 até 1975, 95 obras desse gênero (Cf. ZAGURY, 1982. p.103.108).

O memorialista expressa uma fidelidade a si mesmo assumida e erigida a gênero literário, enquanto que o ficcionista, não menos fiel a si mesmo, expressa sempre uma busca de linguagem para expressar essa fidelidade, com as angústias e os acertos parciais de uma mística. De certa forma, escrever ficção vem a ser o ato ritual de encontrar-se a si mesmo cada vez repetido, buscado e perdido, numa atitude lúdica de automanipular-se cada vez mais requintada. O memorialista, de certa forma, volta à infância porque já a superou totalmente: é a emoção dessa superação que o faz revivê-la. O ficcionista não supera a infância – integra-a na vida adulta.” (ZAGURY, 1982, p. 113-114).

Obviamente, como declara a autora, essa distinção não acontece de maneira absoluta, mesmo porque muitas vezes o autor pode ser ficcionista e memorialista, mas ela fala de uma “disposição anímica do escritor *quando está escrevendo isso ou aquilo*” e não ignora, afinal, que “todos temos uma infância superada para a qual nos debruçamos emocionados e uma infância integrada e presente que mal distinguimos, mas comanda uma boa parte de nossa vida.” (ZAGURY, 1982, p. 114, grifos no original).

Outro contraponto entres os dois modos discursivos refere-se a um processo de falsificação, que, segundo Zagury (1982, p. 153-154), corresponde ao avesso da estética clássica da imitação da natureza, mas a qual se confirma justamente pela consciência dessa imitação, ao tentar-se “objetivar a matéria pessoal e única da memória” e “subjetivar uma matéria enunciável como tema objetivo ficcional.” Assim, prossegue a autora, é “o não-ser que comanda seu fascínio”, pois “quando relatamos um fato real ele deve parecer com a ficção” e “quando relatamos um caso de ficção ele deve ter a aparência de fato real ou provável.” Para ela, “é no ponto médio dessa interação real-ficcional – que se desloca em cada caso específico – que podemos encontrar o campo da vivência literária, o âmbito da fruição existencial que o leitor efetua face ao texto.”

Já no início dos anos 1990, quando é publicada a primeira edição de *Corpos escritos*, Wander Miranda também se debruça sobre o gênero autobiográfico como ato de discurso literariamente intencionado, a partir de um estudo comparativo da obra de Graciliano Ramos e de Silviano Santiago, buscando apreender os “mecanismos internos de organização textual, sem desprezar sua articulação com um determinado regime de leitura no âmbito literário e social, a fim de estabelecer os traços configuradores de uma modalidade narrativa que, apesar de suas

características particulares, mantém afinidades com outras modalidades vizinhas.” (MIRANDA, 2009, p. 25).

Nesse estudo, apoiado em vários teóricos da escrita memorialista e autobiográfica, Miranda discute a ilusão autobiográfica e permite fazer um paralelo entre a ficção autobiográfica de Graciliano Ramos e a autobiografia ficcional de Silviano Santiago, como também uma caracterização do texto autobiográfico como reflexivo, da memória e do leitor, além de sua relação com a história. Isso, de certa forma, nos faz retornar à questão comum a esse gênero que envolve experiência vivida e fabulação narrativa, com todas as implicações envolvidas.

A nosso ver, o deslocamento ou a gradação que ocorrem nessa relação entre representação literária e experiência vivida podem estar relacionados com as possíveis motivações que têm o autor ao escrever um texto autobiográfico. Bourdieu (1998, p. 184) já apontava para uma “propensão de tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência.”

Da análise que fazem Zagury e Miranda dos textos dos memorialistas por eles estudados, depreendemos algumas das disposições que podem estar na base do desenvolvimento da autobiografia no Brasil e, por conseguinte, em Província submersa, de Octacílio Alecrim, a saber:

- a) diletantismo ou aptidão para o exercício da atividade intelectual;
- b) dever de testemunhar através da escrita literária o saber vivenciado;
- c) preocupação com registros genealógicos, histórico-geográficos e culturais;
- d) grau de satisfação com sua própria verdade;
- e) senso de cumprimento de um papel de exemplaridade;
- f) convicção acerca da dimensão ética da tarefa empreendida e de sua comunicabilidade;
- g) intenção político-ideológica ou didático-pedagógica;
- h) liberdade de escolha da linguagem para expressão da realidade vivida ou imaginada;
- i) prazer intrínseco em evocar episódios ou figuras pitorescas sem compromisso com exemplaridade;
- j) necessidade de autoanalisar-se para compreender as características de sua personalidade;

- k) desejo de comunicar uma emoção a ser revivida a partir de elementos sensoriais e afetivos;
- l) cultivo de lirismo autocontemplativo sem preocupação direta com o leitor.

Trata-se de motivações que envolvem aspectos cognitivos, éticos e estéticos, enquanto domínios da cultura humana, que, de acordo com Bakhtin (1993), correspondem ao saber científico (ciência), ao modo de ser e de agir (vida) e ao fazer estético (arte), sendo que, embora cada domínio possua seu valor individual, nenhum deles se define por si mesmo, mas somente em suas correlações com os demais. Ou seja, suas especificidades apenas se configuram na rede de relações e indeterminações com os outros domínios na totalidade da cultura humana.

Com base nisso, para Bakhtin, a atividade estética consiste em recortar elementos da realidade, do mundo da vida e da cognição, e transpô-los para um plano externo a este mundo, dando-lhes um acabamento que se concretiza numa forma composicional, que, no caso da obra literária, se apoia no material linguístico.

No que se refere à linguagem, é possível traçar um paralelo com o esquema de Frye (2017, p. 19), que atua nos três níveis de operação da mente: consciência e perceptividade (linguagem da autoexpressão); participação social (linguagem do senso prático); e imaginação (linguagem literária), como também com os elementos da tríade clássica, que busca a *verdade* (do saber científico), para o *bem* (viver neste mundo) com a *beleza* (da arte).

Dessa forma, entendemos a autobiografia literária como um gênero que procura abarcar em si esse complexo universo, reunindo o saber da ciência e o senso prático, sem abrir mão de sua especificidade artística. Tomando, pois, como referência, os aspectos até aqui discutidos sobre o gênero autobiográfico e a escrita de si, passamos então a analisar a configuração da narrativa autobiográfica na obra de Octacílio Alecrim, quanto às pessoas e aos tempos verbais utilizados pelo autor, a estrutura e os modos discursivos encontrados na obra, além da relação entre pacto autobiográfico e ilusão retórica.

4.2 CONFIGURAÇÃO DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Começando pelo trecho tomado como epígrafe, para *Província submersa*, das memórias de Ernest Renan, *Souvenirs d'Enfance et Jeunesse* (1883), sem tradução no Brasil, entendemos que Octacílio Alecrim parece querer expressar o sentido das recordações de sua infância e juventude em sua terra natal, e como, através desse gênero e da escrita de si, podem-se desvelar um pouco de seu pensamento e de si mesmo. No trecho em questão, o memorialista francês tem em conta que, para expressar certas nuances de seu pensamento que não constam em outros de seus escritos, convém o uso do gênero autobiográfico, pois, segundo ele, o que se diz sobre si mesmo é sempre poesia, podendo, dessa forma, escrever para transmitir aos outros a teoria do universo que traz em si. Renan refere-se também a uma cidade lendária, que, em um tempo desconhecido, teria sido engolida pelo mar, o que dá margem à criação de diversas histórias, concluindo, assim, que, da mesma maneira, haveria no fundo do seu coração uma cidade como essa, que toca sinos e que, em sua evocação, ele tem prazer em recolher esses sons distantes.⁴⁹

Logo de início, portanto, Octacílio Alecrim já mostra que se constituirá ao mesmo tempo como leitor e como escritor de sua própria vida e que sua história de vida será refigurada pelas várias histórias verídicas ou fictícias que vai contar sobre si mesmo, e essa refiguração fará de sua própria vida um tecido de histórias narradas, conforme declarara Ricœur (1997, p. 177). Assim, nessa primeira referência intertextual sob a forma de epígrafe⁵⁰, verificamos alguns pontos de contato entre o que é dito por Renan e o que é feito por Octacílio Alecrim, ao longo de sua obra. A escrita autobiográfica permite-lhe falar diretamente sobre si mesmo, seus saberes, seu pensamento e sua forma de ser e de viver no mundo, tudo isso de modo

⁴⁹ *La forme de Souvenirs m'a paru commode pour exprimer certaines nuances de pensée que mes autres écrits ne rendaient pas. Ce qu'on dit de soi est toujours poésie. On écrit de telles choses pour transmettre aux autres la théorie de l'univers qu'on porte en soi. Une des légendes les plus répandues en Bretagne est celle d'une prétendue ville d'Is, que, à une époque inconnue, aurait été engloutie par la mer. On montre, à divers endroits de la côte, l'emplacement de cette cité fabuleuse, et les pêcheurs vous en font d'étranges récits. Il me semble souvent que j'ai au fond du cœur une ville d'Is qui sonne encore des cloches. J'ai pris plaisir, pendant le repas de J'été, à recueillir ces bruits lointains. (Souvenirs d'Enfance et Jeunesse, de Ernest Renan, 1883, apud Alecrim, 2008, p. 5)*

⁵⁰ Esse recurso à epígrafe, aliás, se repetirá ao longo de todo o livro, de modo que, antes de cada capítulo, o autor apresentará um fragmento de texto em prosa ou em verso, literário ou não, servindo para introduzir o tema, resumir o sentido daquela unidade textual ou simplesmente motivar a leitura, como uma espécie de mote.

expressivo e poético, além de fazer vir à tona, como representação de si mesmo, Macaíba, a cidade lendária, que, uma vez engolida pelo mar do tempo, jazia submersa em sua memória.

Na introdução sobre a temática do souvenir, que antecede o texto de *Província submersa*, Octacílio vai novamente recorrer à intertextualidade para firmar este mesmo propósito narrativo autobiográfico, desta vez lançando mão, como vimos, de uma grande quantidade de obras de escritores que “em prosa e poesia, falaram de si mesmos através do gênero autobiográfico”, escreveram “suas recordações de infância e juventude”, com “franqueza e intimidade”, considerando ele “o souvenir afetivo da província, de nascimento ou não”, no qual se inscreve a obra proustiana, uma das formas mais sensíveis e admiráveis (ALECRIM, 2008, p. 23-34). Nessa mesma introdução, Octacílio Alecrim declara ainda que, “como preocupação de arte, a reminiscência literária desencadeia uma irreprimível tendência à poetização dos lugares de infância e juventude, e a imaginação da primeira pessoa da narrativa, tocada pelo inefável, vê nos seres e nas coisas a sua própria imagem de Narciso.” (ALECRIM, 2008, p. 30).

Vemos, portanto, a partir dessas referências introdutórias de Octacílio Alecrim características básicas inerentes aos gêneros que se baseiam na reminiscência literária e que se acham em *Província submersa*, numa configuração bem específica da autobiografia literária, enquanto souvenir afetivo da província, envolvendo a poetização dos lugares de infância e juventude e a imaginação da primeira pessoa da narrativa, que, ao se ver refletida em sua terra natal, termina por projetar essa imagem naquilo que escreve sobre si mesmo. Isso confere ao gênero autobiográfico em análise uma caracterização bem específica.

Dado que, no primeiro capítulo desta tese, apresentamos os aspectos estruturais da obra, dividida em cinco partes, correspondentes às temáticas já mencionadas da Memória, da Terra, dos Episódios, das Ideias e dos Escritores e Livros, e que, no segundo capítulo, centramos esforços em demonstrar como os lugares da infância e juventude são poetizados em *Província submersa*, constituindo-se como base para a construção da obra em suas relações com a memória e a imaginação, passamos à análise destes elementos na configuração da narrativa autobiográfica de Octacílio Alecrim, em suas relações com os demais aspectos até aqui discutidos sobre gênero autobiográfico e escrita de si.

Assim, buscamos verificar como se constrói, na obra em estudo, a identidade dessa primeira pessoa que se apresenta simultaneamente como autor, narrador e personagem principal, conforme definido por Leujeune (2014, p. 18), observando, nessa construção, a personalidade e os tempos verbais, a problemática estrutural e os modos discursivos e os elementos do pacto autobiográfico.

4.2.1 Pessoas e tempos verbais

Em *Província submersa*, a narrativa é construída na primeira pessoa do singular (“eu”), assumida pelo sujeito da enunciação, recorrendo às formas verbais do pretérito perfeito, que é peculiar ao fluxo retrospectivo da narração. Essas formas verbais atuam como coluna dorsal para contar a história, mas o narrador também recorre a outras formas verbais do tempo pretérito imperfeito e do presente, parando muitas vezes o fluxo narrativo, para engendrar passagens descritivas ou expositivas.

Ao longo de toda a obra de Alecrim (2008), encontramos formas verbais do pretérito perfeito atreladas à primeira pessoa do singular, como demonstram os exemplos a seguir, em que sublinhamos as expressões de primeira pessoa do singular e as formas verbais de pretérito perfeito: “A casa com gradil onde nasci...” (p. 37), “Um dia ganhei do meu pai...” (p. 63), “Creio que a primeira vez em que ouvi falar...” (p. 169), “Quando somente me senti habilitado, resistindo à minha própria impaciência e aturando a estranheza dos outros, matriculei-me na Academia do Recife...” (p. 223).

Em alguns momentos esse “eu” dá lugar ao “nós”, pressupondo a existência de terceiros que acompanham o protagonista, como vemos no trecho a seguir, no qual sublinhamos as formas verbais na primeira pessoa do plural. Paralelamente a estas, distinguimos, ainda, em negrito, uma forma verbal de primeira pessoa do singular que ocorre, mantendo-se, nesse caso, o “eu” como sujeito exclusivo da ação.

Certa vez, em que inadvertidamente mexemos num cortiço de arapuá, **passei** dia e noite aplicando faca de mesa bem fria nos calombos do rosto, da cabeça e dos braços, produzidos pelas ferroadas de suas terríveis abelhas pretas. Nesse dia, em vez de sairmos pela entrada natural do sítio, um porteirão senhorial com moirões de aroeira, fugimos pelos fundos, forçando a cerca de arame farpado que dava para a Rua do Vintém. (ALECRIM, 2008, p. 41, grifos nossos).

Encontramos, também, o uso da expressão coloquial de terceira pessoa “a gente”, mediante a qual o sujeito da enunciação se inclui na ação e cujas ocorrências são sublinhadas a seguir: “os carneirinhos com fitas ao pescoço pra gente montar” (p. 43), “Vieram mais tarde os pinhões de madeira [...] que a gente jogava com destreza” (p. 65) e “Eis como perduram na formação da gente as impressões que na província deixaram marcas em **nosso** espírito.” (p. 161).

Nesta última ocorrência, vale ressaltar a mistura da terceira pessoa do singular (“da gente”) atribuída ao substantivo “formação” com a primeira pessoa do plural (“nosso”) destacada em negrito e vinculada ao substantivo “espírito”, a qual nos parece ser utilizada para incluir, não só a pessoa do autor (eu) e de terceiros (a gente), mas também o próprio leitor (tu, você), que se juntaria ao “nós” expresso em “nosso”.

No parágrafo final do livro, localizamos, por fim, uma forma de terceira pessoa, em que Octacílio Alecrim se refere a si mesmo como “o autor”: “No enredo, o autor esforçou-se sobretudo por situar-se apenas como um acidente de interessantes depoimentos de um ‘meio’ e de uma ‘época’”. (ALECRIM, 2008, p. 268).

Assim, vemos que a narrativa autobiográfica de Octacílio Alecrim está marcada pela presença do “eu” individual e de suas variações coletivas (“nós”, “a gente”) e ainda um caso de terceira pessoa, com formas verbais de ação no pretérito perfeito. Contudo, não é esse tipo de construção que dá volume à obra, mesmo porque o fluxo narrativo não se apresenta encadeado numa ordem cronológica e, em muitas partes, não se identifica o tempo nem o espaço exatos em que acontece a ação e, em tantas outras, o tempo passado fica abstraído, fixando-se a narrativa no presente contemporâneo, de modo que, a sequência dos fatos no tempo só é plenamente recuperada ao final da narrativa.

Como alertara Lejeune (2014, p. 17), ao dizer que “a narrativa autobiográfica não exclui seções de autorretrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo da redação”, verificamos que o texto octaciliano é encorpado pelas inúmeras descrições que permeiam os marcos narrativos, dando largas ainda a definições, explicações ou informações de caráter etnográfico, utilizando-se tempos verbais no presente ou no pretérito imperfeito. O trecho a seguir pode ser tomado como exemplo disso:

Próximo à Matriz, havia o sítio do “major” Zé Ribeiro, delegado civil do município, com o seu bengalão de junco e a sua fisionomia severa de

minhoto, onde cerrado coqueiral, misturado com plantações de banana, caju, maracujá, jenipapo e araticum, cercava pitoresca piscina rústica que era a atração, aos domingos pela manhã, da gurizada do *bumba-canastra*, folguedo típico que consistia em se rolar pelo chão com os pés atados à cabeça, feito bola, e que fora introduzido pelos palhaços de circo.

A designação simbólica de embolado originava-se do jeito do tatu-canastra na sua correria aos embolés mata adentro, fugindo à caça do perdigueiro.

Essa espécie de ginástica infantil era praticada mais a miúdo nas beiras dos açudes, onde havia relva, e para estimular o calor do corpo contra o frio.

Após o banho, durante o qual quase sempre usávamos o bagaço do caju vermelho para não pegarmos coceira-caicó, tipo de sarna cordial, íamos então às escondidas à procura dos cortiços de abelha-mosquito, pendurados das forquilhas dos cajueiros. (ALECRIM, 2008, p. 41, grifos nossos)

Nesse fragmento, observa-se o tom descritivo (“delegado civil do município, com o seu bengalão de junco e a sua fisionomia severa de minhoto”, “pitoresca piscina rústica”) com o uso de verbos no pretérito imperfeito (“havia”, “cercava”, “era”, “consistia”, “originava-se”, “usávamos”, “íamos”) e a inserção de definições, explicações e informações etnográficas (“*bumba-canastra*, folguedo típico que consistia em se rolar pelo chão com os pés atados à cabeça, feito bola, e que fora introduzido pelos palhaços de circo”, “A designação simbólica de embolado originava-se do jeito do tatu-canastra na sua correria aos embolés mata adentro, fugindo à caça do perdigueiro”, “coceira-caicó, tipo de sarna cordial”).

Como também adiantara Leujeune (2014, p. 17), a redação discursiva no presente contemporâneo é frequentemente encontrada em narrativas autobiográficas. Em *Província submersa*, sobretudo nas três últimas partes do livro, que correspondem a temáticas mais voltadas para o pensamento e nas quais são mencionados vários escritores e obras, é esse tipo discursivo que vai preencher significativo número de páginas, como demonstra o seguinte excerto em que Octacílio discorre sobre Ronald de Carvalho, constituindo-se o texto de forma eminentemente dissertativa:

Os estudos de RONALD, a respeito do espírito grego, da poesia japonesa, da pintura de WATTEAU, a literatura flamenga e a arte ibérica e os perfis de WILDE, JONG KIND, CARRÈRE e STEINLEN, entremeados aqui e ali de certos grifos desdenhosos e compostos com juízos críticos, rápidos e incisivos, pareceram-me, então, com os de um leitor assíduo dos volumes da *Vie Littéraire* de ANATOLE FRANCE, por sinal a primeira obra estrangeira de crítica literária lida àquela época na província pelos intelectuais da minha geração.

A crítica social e política aplicada à história pátria surgiu para RONALD com a leitura das obras de BUCKLE, TAINE, VARNHAGEN, CAPISTRANO, ROCHA POMBO, OLIVEIRA LIMA, OLIVEIRA VIANA e JOÃO RIBEIRO. O estudo – *Bases da Nacionalidade Brasileira* – fixando e interpretando o papel do jesuíta, do senhor de engenho, do fidalgo, do bandeirante e do nativista na formação histórica da nacionalidade brasileira, inscreve o autor entre os mais penetrantes e renomados ensaístas americanos.

A primeira série dos *Estudos Brasileiros* foi dedicada a JOSÉ VASCONCELOS, o notável filósofo-político mexicano de *Ulises Criolo* e *Raza Cósmica* e que no seu país era chamado o mestre da juventude americana.

Síntese admirável da nossa evolução estética está contida noutra ensaio de fôlego – *Arte Brasileira*, onde os três períodos (indígena, colonial e nacionalista) da arte nacional, no curso da nossa história, são estudados com surpreendente senso crítico e apurada cultura artística.

Por fim, antecipando-se ao ruidoso ensaio sobre a tristeza brasileira (PAULO PRADO, *Retrato do Brasil*, 1928), onde nem ao menos foi citado, RONALD DE CARVALHO trabalhou com engenho e arte outro estudo fundamental – *A Psique Brasileira*, através de cuja prosa translúcida emerge a tese original das três grandes melancolias que compuseram historicamente a sensibilidade do homem brasileiro: o amolegamento da saudade português, o animismo da imaginação selvagem e o travo da velhacaria africana.

Entre as estrelas cadentes que riscaram o céu da província literária da minha juventude, o encontro de circunstância com RONALD DE CARVALHO, poeta, ensaísta e esteta, foi como uma feliz aparição de Ariel – invenção generosa do Espírito. (ALECRIM, 2008, p. 204-205).

Sendo assim, considerando os aspectos concernentes à personalidade e à temporalidade verbal na narrativa, convém verificarmos de que forma a obra se organiza estruturalmente, situada no tempo e no espaço e de acordo com seus modos discursivos, nas cinco partes temáticas em que se divide, compreendendo os nove capítulos.

4.2.2 Estrutura e modos discursivos

Na construção da narrativa de Província submersa, os acontecimentos são relatados em estreita articulação com as cinco unidades temáticas que estruturam a obra: Memória, Terra, Episódios, Ideias, Escritores e Livros. Como vimos, a obra está dividida nessas cinco partes, sendo a primeira composta de três capítulos (I. Zumbido de berimbau, II. Parafuso de redemunho e III. Almanaque de lembranças); a segunda, de um único capítulo (IV. Brevetes do fabulário); a terceira, de três (V. Fogueira de guia, VI. Evocações de estrelas cadentes e VII. Nostalgia do infinito); a quarta, de um

capítulo somente (VIII. Signo de Escorpião); e a quinta e última parte, também de apenas um capítulo (IX. Sobrevivência de Anteu).

A primeira parte do livro, que corresponde à Memória, compreende o tempo da infância em Macaíba, em que, como vimos, o narrador explora poeticamente os lugares, os brinquedos e brincadeiras, as festas e as vivências familiares, em especial com o pai e a mãe. Mas, no final do terceiro capítulo, que conclui essa primeira parte, acontece um salto no tempo, remontando ao início da fase adulta e, portanto, ao fim do período até o qual o autor propõe contar a história de seu personagem, e aí se apresenta o rapaz Octacílio, já formado, regressando à casa materna.

.....
 Janeiro de 1934... Minha chegada de bacharel em Macaíba.
 Que mal pergunto: que foi feito da fazenda? A “lua comeu”... E o armazém? A “lua comeu”... E o sítio? A “lua comeu”... Afinal, a prensa de algodão, e o piano? Também a lua havia comido...
 “O seu pai, dizia o povo, era muito bom, e em negócios não se põe o coração”...
 Minha mãe, convencida na sua crença, respondeu-me, porém, sem amargura: “Meu filho, foi a vontade de Deus!”
 No dia seguinte, de manhãzinha, lá estava ela, com um chapelão de palha a cobrir-lhe a idade de sessenta e quatro anos, mostrando-me a pequena “roça” do quintal: o sapotizeiro, com os frutos envolvidos em panos para o passarinho não comer, o pé de mamão sustentado por forquilha, a goiabeira, a jaqueira, o pé de pimentão, as bananeiras, a touça de jerimum caboclo, a plantação de macaxeira, a pitombeira onde um concliz afoito lascava o bico de cantar, e, entre mais coisas, o bem tratado milhoal onde ela catou a meia-mão de milho (vinte e cinco espigas) com que fez para mim as deliciosas pamonhas da ceia. Ao bacharel, as pamonhas! (ALECRIM, 2008, p. 110)

O salto no tempo é marcado no texto por uma linha pontilhada, seguida pela indicação da data: “Janeiro de 1934...” e pelo solene anúncio: “Minha chegada de bacharel em Macaíba.” Trata-se de uma passagem bastante expressiva e decisiva, na qual Octacílio faz a transição abrupta da fase romântica e idealizada para a vida adulta, com seus percalços. Mostra, assim, de maneira realista e inusitada, a falência econômica de sua família, mas também seu próprio fracasso, pois, uma vez formado, desejando se estabelecer na sua província, sofre “duas decepções: é preterido para professor interino do Atheneu e não tem o apoio de José Augusto no acordo com a oposição” (SEREJO, 2008, p. 16), o que lhe poderia garantir um futuro brilhante na sua terra.

Esse trecho, portanto, pode ser considerado um marco na narrativa, porque a partir daí termina sua saga na província e ele se prepara para mudar o rumo de sua vida, buscando galgar outros patamares de desenvolvimento longe de sua terra. Destacamos também quanto à expressão “a lua comeu”, a qual se repete por quatro vezes como resposta às perguntas que Octacílio faz retoricamente, que pode estar associada a algumas das histórias de trancoso das tradições populares que não chegamos a identificar. Em todo caso, não é demais lembrar a imagem da lua, representando a instabilidade e a mudança, por ser de fases, além do lado escuro e sombrio evocado pela noite.

Ainda a respeito dessa passagem de Província submersa, Serejo (2008, p. 17) afirma que, “como um proustiano já tocado pela angústia da busca do tempo perdido, [Octacílio] pergunta para ele mesmo responder, entre melancólico e triste [...] E desabafa, cético e irônico, como um machadiano, numa clara alusão ao gosto de um prato que na festa de São João perfumava a mesa da infância, suas madeleines: – *Ao bacharel, as pamonhas!*” Essa última frase, como se sabe, alude ao enunciado “ao vencedor, as batatas”, do personagem Quincas Borba, que aparece nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis. Se não chega a ser parodiada, entendemos que a expressão é evocada nesse contexto por Octacílio Alecrim para expressar seu sentimento de ter lutado para obter o título de bacharel, recebendo como recompensa as pamonhas feitas por sua mãe Donana, não a promissora carreira política que almejava, como fica explícito mais adiante, no penúltimo capítulo do livro:

Com efeito, raro era o bacharel que, por sua formação humanística, aprendizado liberal, prestígio social da profissão ou prática de falar em público, não tivesse feito ou não estivesse fazendo carreira política no Estado [...].

Assim, quando o Governador José Augusto, amigo da mocidade, me nomeou para o cargo de oficial do seu gabinete, estava escrito que, além de ajuda aos meus estudos de formatura, o gesto significava também, dentro da tradição e à luz do senso comum, que ali estava, pelo menos, a inexorável perspectiva de um futuro promotor do interior que, se bem comportado no cargo, ganharia depois como prêmio uma cadeirazinha de deputado na Assembléia Estadual – primeiro degrau no pau de sebo da política local. (ALECRIM, 2008, p. 221-222).

Por esses exemplos, vemos que, na estruturação da narrativa, não existe preocupação com um encadeamento temporal dos fatos, de modo que há uma descontinuidade na evocação da memória, guiada tão-somente pelas temáticas

previamente definidas. No caso do salto acima mencionado, este se dá, justamente, em razão de que o autor vinha falando sobre sua mãe, por isso seu regresso à casa materna é narrado logo após ele contar sobre a última vez em que a vira e ouvira ao piano, em outro tempo anterior a este em que volta para casa.

A partir daí, dando início à segunda parte do livro, que trata da Terra com suas tradições populares, a narrativa volta, por um momento, para o tempo de colegial de Octacílio, como vemos no trecho a seguir: “Suponho que a primeira vez em que o meu interesse pelos assuntos de tradição popular foi despertado remonta a uma conversa do tempo de colegial em Macaíba.” (ALECRIM, 2008, p. 113). Ao longo do Capítulo IV, que compõe toda essa segunda parte, há alguns fios narrativos esparsos, que vão e vêm indefinidamente no tempo, para falar do contato do autor com pessoas ou lugares, que o ajudaram, em diversas circunstâncias, a resgatar contos populares tradicionais da região:

Lembro-me da atenta escuta que no Colégio Santo Antônio prestei à estória contada por Joaquim Inácio Ribeiro Dantas, louro, de olhos azuis e rixento, sobre a misteriosa Cobra-Grande que morava nas profundezas da Lagoa do Bonfim, em São José de Mipibu.

[...]

A propósito, quando já taludo ia eu tomar banho na Lagoa das Pedras, em Macaíba, ouvi certa vez outra invencionice popular, segundo a qual a cobra-coral, a que tem três anéis pretos no corpo, quando vai beber água, cospe numa folha de concha o seu veneno, e, se, ao voltar, não o encontra, fica tão danada que ali mesmo morre se estrebuchando. (ALECRIM, 2008, p. 115).

Todavia, a construção textual dessa quarta parte se atém mais ao presente contemporâneo, recorrendo à lógica discursiva previamente determinada para descrever os lugares com suas tradições. Representativa disso é a passagem transcrita logo a seguir, na qual Octacílio descreve uma localidade de Macaíba chamada Guarapes, onde nascera seu pai, trazendo informações históricas, geográficas, econômicas e etnográficas, além de fazer constar em nota de rodapé dados históricos e genealógicos relacionados à família paterna. Guarapes consta, pois, paralelamente a outras localidades, como Lagoa do Tapará, Porto do Flamengo, Ferreiro Torto, Estremoz⁵¹, Utinga, Forte dos Reis Magos, Ponta Negra, A Ema do Holandês, Cova do Trapia, Barra do Tibau e Lagoa de Papari.

GUARAPES(*)

⁵¹ V. nota 34, à p. 78.

No Diário da expedição dos holandeses à Capitania, lê-se que, para o primeiro ataque ao engenho do Ferreiro Torto, desembarcaram eles no estreito Passo do Potiji, não identificado pelos cronistas.

No entanto, depois de Ferreiro Torto, na estrada de Macaíba para Natal, existia, à margem direita do rio Jundiá, o estreito embarcadouro de Guarapes, aonde antigamente chegavam barcaças para receber carregamentos de açúcar, mamona e algodão, vendidos para o Recife. Ora Guarapes é a abreviatura popular do vocábulo gentio guararapes, cujo significado pretende expressar o rumor das águas batendo nas concavidades por elas produzidas!

Região de tabuleiro estendendo-se pela direita e cortada pela atual estrada de rodagem, erguem-se então nas suas encostas os chamados Morros de Guarapes, cuja areia fina, onde se brincava descendo de arrastão, é de uma bela cor de ocre amarelo, e numa colina, mais ou menos defronte do passo, a branca casa-grande de Guarapes, aonde a gente não ia por ser mal-assombrada.

A alma do outro mundo que atemorizava os moradores da vizinhança era a sinistra mãe-da-lua, que nas noites de luar aparecia no alpendre da casa-grande lá do alto e dava prolongadas e estranhas gargalhadas, semelhantes a profundos lamentos de dor.

A superstição prende-se naturalmente à existência, muito comum na mata nordestina, da ave noturna urutau (ave fantasma), que em noites de luar, empoleirada nos troncos secos das árvores, entoava o seu canto lamentoso, que o povo traduz na conhecida melopéia Meu filho foi, foi foi...

(*) Lugar do nascimento do meu pai, alguns anos depois do meado do século XIX, quando o porto, um dos três mais importantes da Província imperial, servia de escoadouro à produção do Agreste e do Seridó.

Terminada em 1849 a rebelião Praieira, na qual havia tomado parte no reduto de Nazaré, em Pernambuco, meu avô, paraibano de Pedras de Fogo, veio residir em Guarapes.

Família de arraigados sentimentos republicanos, por ocasião da proclamação da Confederação do Equador, 1824, os irmãos José e João da Costa Alecrim, após jurarem fidelidade à nova República, no palácio do Governo do Ceará, foram eleitos Deputados à Constituinte, que deveria se reunir no Recife, sede do novo movimento liberal do Nordeste, após a revolução de 1817. (ALECRIM, 2008, p. 129-130).

Da segunda para a terceira parte, que estamos considerando como Episódios, o autor reúne, em três longos capítulos (V, VI e VII), pessoas (pais, professores, escritores, intelectuais e amigos) e livros (literários ou não) com os quais interagiu e que contribuíram para sua formação. Ele inicia o Capítulo V com um recuo no tempo, voltando ao tempo de sua infância, para contar como se deu seu processo de alfabetização, tendo como tutora sua mãe:

Aprendi o bê-á-bá com minha mãe, um privilégio natural de todas as mães, através de uma cartilha vermelha, onde as letras se achavam impressas em tipos negritos e graúdos, e cujas lições eu decorava pela

manhã sentado no jardimeto de casa e perto do pé de bogari. (ALECRIM, 2008, p. 141).

Depois da iniciação às primeiras letras com sua mãe, identificamos, em continuidade, tempos e espaços correspondentes ao período e às instituições em que estudou e teve contato com professores que contribuíram para sua formação nos tempos do ensino primário no Grupo Escolar Auta de Souza, em Macaíba – D. Joanhina (primeira professora particular), D. Julita (professora dos primeiros anos do primário), Drs. Meiroz Grilo e Bartolomeu Fagundes (diretores e professores dos últimos anos do primário); e nos tempos de colegial no Colégio Santo Antônio⁵² e no Atheneu, em Natal – Profs. Floriano Cavalcanti (Exame no Atheneu), Antônio Gentil Fernandes e José Tavares (Língua Portuguesa), Padre Francisco Domingos Carneiro (Círculo de Estudos), João Tibúrcio (Latim e Filologia), Padre Calazans Pinheiro (Geografia e Língua Francesa), Padre João da Mata Paiva (História do Brasil), Peregrino da Rocha Fagundes (Álgebra e Geometria), Chabal (Língua Francesa), Celestino Pimentel e Alberto Roselli (Língua Inglesa) e Monsenhor Manuel de Almeida Barreto (Diretor e grande orador). (Cf. ALECRIM, 2008, p. 142-158).

Esse primeiro capítulo da terceira parte termina discorrendo sobre a iniciação literária do autor: “Entre o encerramento do ciclo colegial e a minha ida para Natal medeiavam mais ou menos uns dois anos, tempo este que constituiu verdadeiramente a minha iniciação literária na província donde fui nascido.” (ALECRIM, 2008, p. 161). Nesse ponto, Octacílio Alecrim fala da descoberta de sua “vocação para as belas-lettras” e comenta sobre as leituras que fez das obras de autores como Rui Barbosa, José de Alencar, Coelho Neto, Afonso Arinos, Euclides da Cunha, Aluísio de Azevedo, Graça Aranha, Taunay, Gustavo Barroso, Afrânio Peixoto, Raul Pompéia, Julio Dinis, Fialho de Almeida, Almeida Garret, Eça de Queiroz, Montalvão, entre outros, culminando com as impressões que teve quando, ainda adolescente, leu Machado de Assis.

No Capítulo VI, o segundo dessa terceira parte, por sua vez, o narrador dedica-se a falar do seu contato com grandes personalidades do mundo literário que também influenciaram na sua formação de leitor e escritor, como os intelectuais norte-

⁵² Octacílio Alecrim conta que esteve aí “internado durante quatro anos, salvo duas breves interrupções em consequência de decisão superior do Bispado, a respeito da vida interna do tradicional educandário.” (ALECRIM, 2008, 148-149). Nesse período ainda morava em Macaíba.

rio-grandenses Luís da Câmara Cascudo, Palmyra Wanderley e Jorge Fernandes, além dos amigos Nunes Pereira e Antônio Bento.⁵³ Esse capítulo se encerra com uma exposição laudatória de dois escritores que Octacílio considera expoentes: Gilberto Freyre e Ronald de Carvalho, os quais conheceu, ainda na Província, por volta dos anos 1920, através da leitura de suas obras.

Já o Capítulo VII, que é o último da terceira parte e tem o sugestivo título *Nostalgia do infinito*, organiza-se quase como uma digressão, como “certas evasões episódicas”, mas que se ligam à temática da formação, desenvolvida nos dois capítulos anteriores, na medida em que mostra uma ampliação do campo de visão de Octacílio, mirando leituras mais voltadas para a especulação filosófica e a transcendência, com destaque para as obras de Jackson de Figueiredo, Farias Brito, Tristão de Ataíde, Tobias Barreto, João Ribeiro e Jacques Maritain, como também para temas muito em voga na época, suscitados pelas obras de Henri Bergson, Sigmund Freud e Albert Einstein. Em meio aos comentários embevecidos sobre a “extraordinária receptividade” que teve nele a leitura de tais escritores, encontramos algumas referências espaço-temporais que situam o contexto de tais leituras, nos anos finais da década de 1920 ao início de 1930, na Província do Rio Grande do Norte, entre viagens ao Recife e ao Rio de Janeiro: “Na minha primeira viagem ao Rio, creio que em princípios de 1930, pensei em sortir o meu racionado estoque de volumes de filosofia...” (p. 216); “Ao regressar, porém, à Província, irrompeu meses depois [outubro de 1930] a Revolução, interrompendo-se, em consequência, o ciclo das minhas leituras de filosofia...” (p. 217); e “Às vésperas de viajar para o Recife, a fim de retomar o curso de direito na Academia, o meu cunhado Virgílio Dantas ofereceu-me dois livros valiosos...” (p. 218).

A quarta parte, por sua vez, que compreende o Capítulo VIII e gira em torno das Ideias que ocupavam a mente do protagonista de *Província submersa*, remonta ao início dos anos 1920, “quando o Governador José Augusto, amigo da mocidade, me nomeou para o cargo oficial do seu gabinete”; como também “quando, em começos de 1926, irrompeu no Estado a grave crise política quase culminando com a renúncia forçada do Governador”. (ALECRIM, 2008, p. 221.222).

⁵³ Palmyra Wanderley destaca-se entre as grandes personagens citadas por Octacílio Alecrim, por ser a única mulher em um universo dominado por uma intelectualidade masculina.

Na quinta e última parte, por fim, no denominado Capítulo IX – Sobrevivência de Anteu, em que o autor, vinculado a recantos de Macaíba, reporta-se à temática dos Escritores e Livros a partir de sua própria perspectiva, como autor de *Província submersa*, o fluxo temporal é abstraído, e só encontramos algumas referências temporais esparsas e indefinidas, predominando, nas descrições e explanações, o presente contemporâneo.

Assim, após esse esforço de leitura, deslindamos a problemática estrutural da obra. É possível situar a narrativa de *Província submersa* no tempo-espaço que compreende desde os primeiros anos da infância até o início da fase adulta de Octacílio Alecrim, vividos em Macaíba e Natal, estado do Rio Grande do Norte, e de passagem pelo Recife, capital do estado de Pernambuco, e Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, e à época capital federal. Portanto, a história abrange, provavelmente, o período que vai de 1908, mais ou menos, quando inicia seu processo de alfabetização, até 1934, quando retorna de Recife para Macaíba depois de formado em Direito, com destino posterior para o Rio de Janeiro.

A par disso, ressaltamos que essa perspectiva retrospectiva, embora constante ao longo da narrativa, pois, como vimos, é a espinha dorsal que dá sustentação ao discurso, parece ocultar-se, dando lugar ao presente contemporâneo na maior parte da obra. Em raríssimas passagens, o narrador deixa entrever marcas espaço-temporais desse presente, relativas ao momento e lugar da enunciação, no caso compreendendo os anos de 1954 a 1956, quando o livro é escrito na cidade do Rio de Janeiro.

Para finalizar, a título de ilustração, transcrevemos a seguir três dessas ocorrências na obra em estudo, nas quais aparecem sublinhadas as marcas de tempo e espaço, a primeira das quais, inclusive, com a presença de um elemento dêitico:

Afirma agora Câmara Cascudo (*História do Rio Grande do Norte, Rio, 1955*) que a espécie rara fora plantada “por curiosidade” pelo negociante Fabrício Gomes Pedroza, na sua residência. (ALECRIM, 2008, p. 114)

Para se avaliar da impressão e da influência que me vem causando desde então esse escrito tão vigoroso e tão lúcido, basta dizer que de parte dele se acha impregnado um ensaio de ciência política que escrevi há alguns anos (OCTACÍLIO ALECRIM, *Idéias e Instituições no Império, Rio, 1953*). (ALECRIM, 2008, p. 155).

“[...] com efeito, não obstante os contratempos peculiares à formação de todo autodidata, sem a aguda visão inicial do problema, que aquela sugestão me proporcionou, talvez eu não estivesse, como estou, de corpo inteiro, na *Introdução aos meus Ensaios de Literatura e Filosofia*, publicados em 1955.” (ALECRIM, 2008, p. 186).

4.2.3 Pacto autobiográfico e ilusão retórica

Vimos que, para Phillippe Lejeune, a narrativa autobiográfica se caracteriza pela relação de identidade existente entre autor, narrador e protagonista da história, a qual, em sua forma tradicional, geralmente começa pelo nascimento do autor, explora as etapas de sua formação, a história de sua personalidade, inscrevendo-se essa história em um contexto preciso, com nomes, datas etc. Assim, de acordo com ele, o assunto da autobiografia deve ser principalmente a vida individual, a gênese da personalidade, mesmo que a crônica e a história social ou política possam também ocupar um certo espaço.

Sob essa perspectiva, tal como verificamos no subitem anterior, ao analisarmos a problemática estrutural da obra, em face do teor das cinco partes em que esta se divide, podemos afirmar que *Província submersa* apresenta-se como uma narrativa autobiográfica tradicional, uma vez que, nessa obra, encontramos a história de Octacílio Alecrim desde sua infância até o início de sua vida adulta, passando pelas etapas de sua formação, do ensino primário ao colegial e depois na Academia, durante o tempo em que viveu na Província do Rio Grande do Norte, entre Macaíba e Natal, e de passagem pelo Recife e pelo Rio de Janeiro. Sua história de vida se inscreve, assim, em um contexto preciso, com nomes, datas e lugares determinados, elementos que reforçam o pacto autobiográfico.

Bourdieu (1998, p. 184), por sua vez, como vimos, contrapondo-se inicialmente a essa visão de história de vida, segundo a qual a vida poderia ser (re)constituída como um conjunto coerente e orientado, capaz de ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, observa que a vida não se organiza como uma história que transcorre segundo uma ordem cronológica. Por isso, para ele, considerando essa visão de história de vida como trajetória, o relato autobiográfico se preocupa em dar um sentido e apresentar um todo coerente. É provável, de acordo com Bourdieu (1998, p. 184-185) que, na origem do interesse

para escrever uma autobiografia, haja essa “propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência.”

De fato, a história de uma vida não é linear e, justamente por essa razão, busca-se por meio da narrativa conferir à vida uma ordem, criar um percurso e uma sequência inteligível. Essa coerência não só é possível como é algo desejável na autobiografia para dar sentido à existência, ordenar o caos da vida e construir a própria identidade. Assim, em *Província submersa*, são estabelecidas as referências que indicam o “eu”, o “aqui” e o “agora”, elementos envolvidos no ato de contar uma história.

Logo no início da obra, no final da introdução que trata da literatura do *souvenir*, após toda a explanação que termina com as considerações sobre a obra de Proust, Alecrim (2008, p. 34) assume que vai falar de si mesmo e da sua cidade Macaíba, e, identificando-se como “o filho cinquentão”, assina com as iniciais do próprio nome, “O.A.” (*eu*), registrando, ainda, o espaço e o tempo de sua enunciação, “Praia do Flamengo, 122. Avenida Atlântica, 1.186” [Rio de Janeiro] (*aqui*), nos anos “1954 – 1956” (*agora*), conforme transcrito a seguir:

MACAÍBA (de *ma'ka*, e *ü'ba*, na língua tupi) – o recanto de província onde nasci – emerge agora como uma saga da memória do filho cinquentão, como se um trecho de terra interior houvesse escapado de sua represa afetiva, sob o impacto da erosão do Tempo.

O. A.

Praia do Flamengo, 122.
Avenida Atlântica, 1.186.
(1954 – 1956)

Bourdieu (1998, p. 186) considera o nome próprio como uma das principais instituições de totalização e de unificação do eu, a despeito da ilusão retórica estabelecida. Trata-se, segundo ele, de um “designador rígido”, através do qual se institui “uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis.” E a *assinatura*, *signum authenticum*, ainda segundo Bourdier, é que autentica essa identidade. Assim, no nome Octacílio Alecrim (O.A.) concentra-se, ao mesmo tempo, o filho do Coronel Prudente e Donana, o aluno aplicado da Escola Auta de Sousa, o jornalista de A

República, o acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, o estudioso da obra de Proust, o autor de *Idéias e Instituições no Império*, etc.

Contudo, para Bourdieu (1998, p. 187), essa seria uma forma arbitrária por excelência, pois ignora particularidades circunstanciais e acidentes individuais, no fluxo das realidades biológicas e sociais que estão em constante mutação, de modo que “as descrições seriam válidas somente nos limites de um estágio ou de um espaço. Em outras palavras, ele [o nome próprio] só pode atestar a identidade da personalidade, como individualidade socialmente constituída, à custa de uma formidável abstração.”

Para tanto, concorre a construção da chamada identidade narrativa. Como salienta Ricœur (1997, p. 424), trata-se de uma identidade específica que é atribuída a um indivíduo (ou a uma comunidade) e que consiste na resposta à pergunta: quem fez tal ação ou quem é o seu agente, o seu autor?, à qual se responde com a designação de um nome próprio. Dessa forma, o sujeito, que não é sempre o mesmo, pois passa por mudanças ao longo de sua vida, desde o nascimento até a morte, vai se revelando na narrativa. Distingue-se, pois, a identidade entendida como um mesmo (*idem*) substancial ou formal da identidade compreendida no sentido de um si mesmo (*ipse*), que corresponde a uma identidade narrativa, para a qual convergem todos os elementos da história.

Na primeira parte propriamente dita da obra, encontramos muitos dados referenciais que convergem para formar essa identidade e poderiam ser facilmente atestados como autobiográficos, os quais se manifestam na descrição do lugar, compreendendo a residência da família de Octacílio: “A casa com gradil onde nasci, na Rua da Conceição...” (p. 37); as ruas: “No fim da rua, sem calçamento, à direita de quem saísse da casa, estava a Matriz...” (p. 40); a vizinhança: “Próximo à Matriz, havia o sítio do ‘major’ Zé Ribeiro, delegado civil do município...” (p. 41); e as principais localidades de Macaíba: “Defronte do Mercado, edifício velho, acachapado, com pintura de ocre vermelho já desbotado [...], alargava-se a praça local da feira livre aos sábados...”.

Um exemplo palpável do caráter de verdade é atestado com imagens recolhidas do acervo do Instituto Tavares Lyra, uma das quais corresponde a um personagem da vida real que trabalhava na prensa de algodão do pai de Octacílio Alecrim e que aparece no seguinte trecho de *Província submersa*:

Num edifício de fachada cinza, porque embora construído de tijolo tinha a frente coberta de cimento, situado na rua do Porto, achava-se instalada a prensa de algodão, de propriedade de meu pai.

O motor de descarçar era de marca Diesel e fora armado por técnicos enviados pela fábrica, sendo que um deles, o mecânico, um judeu suíço de nome Hans, demorou-se mais tempo, até que o empregado da prensa, apelidado Biu, um gigante caboclo adolescente, se inteirasse dos “mistérios” do motor.

[...]

Quando o mecânico suíço foi embora, levando consigo os cinco idiomas, inclusive o árabe, que tão bem conhecia, falando e escrevendo, o caboclo Biu, analfabeto dos pés à cabeça, ficou tomando conta do motor, e que coisa fabulosa e surpreendente era ver aquele técnico de oitava desarmar e armar novamente toda aquela engrenagem sutil!

Na Figura 22, “observa-se Biu (terno e chapéu), nos anos 1920, em fotografia de João Galvão, comandando a casa das máquinas da pedreira pertencente ao Coronel Manoel Maurício Freire e que foi responsável pelo calçamento de boa parte de Natal”, conforme registra o historiador Anderson Tavares de Lyra, em seu perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/andersontavaresrn/posts/1613834952012556>).

Figura 23 – Fotografia de personagem de Província submersa



Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra

Da mesma forma, verificamos a citação de nomes de pessoas cuja veracidade de sua identidade poderia ser atestada numa pesquisa para tal fim, como no trecho a seguir em que ele enumera nomes e apelidos de pessoas “relebráveis

por sua originalidade”. Trata-se de uma passagem muito pitoresca, em que fica patente a abundância da sabedoria do povo expressa na alcunha de tipos populares de maneira até certo ponto escrachada.

João Macaíba, Maria Relâmpago, Manuel Zumba, Lulu Ferreiro Torto, Nenê do Mangue, Zé Taboca, Maria Furadinha, Hermínio Palhaço, Luiz de Cocó, Manuel do Catimbó, Zé Calango, Zumba do Timbó, Luíza Saloia, Chico de Coló, Maria Trancão, Aninha do Pastoril, Maria sem Medo, Zé Caxaneta, Luís Badaru, Maria Mombaça, Zuza Pedra de Fogo, Joaquim Chocalheiro, Chico do Marizeiro, Manuel do Riachão, Isabel Meia Bala, Manuel Mulambo Ligeiro, Ignácio dos Lampiões, Manuel Carcará, Manuel Cudelo, Xaninho Lira, Joaquim Macambira. Américo Sola, Antônio Lubisome, Maria Catraia, Zé Bozó, Elvira Piriquiti, Mané Xique-Xique, Pedro Xandão, “seu” Venta, Manuel da Carochinha, Chico do Cunhão, Fabião das Queimadas e Boa-Noite para Todos. (ALECRIM, 2008, p. 59).

Por outro lado, em outro trecho, os nomes de algumas jovens são indicados apenas pelas iniciais, provavelmente para preservar sua identidade, conforme sublinhados no trecho a seguir:

A feira era também um grande pretexto para a movimentação das meninas e moças da cidade, razão porque raro era o sábado que eu não encontrasse conhecidas, principalmente colegas da escola pública local: S., uma bonita garota de sangue quente; C., uma elegante morena de olhos verdes; A., autêntica cabocla da terra; M., um atraente tipo de praieira; L., uma bela guria de olhos profundos; N., uma brasileira queimada de sol; e, I. e J., típicas belezinhas nordestinas. Para vê-las juntas era só caminhar para a barraca de “seu” Miguel Turco, cujo baú de miudezas (sabonetes, pós-de-arroz, marrafas, leques, espelinhos, meias, lenços, vidrilhos, colares, fitas, chamalotes, sedas, crepes, etc.) transformava aquele grupo de meninas aos gritos de “quanto é” em verdadeiro bando de marrecas em arribeação. (ALECRIM, 2008, p. 43, grifos nossos).

Mas é, sobretudo, na apresentação formal de seu próprio nome e de sua filiação que se verifica mais fortemente o caráter autobiográfico da obra. Os genitores do autor são indicados nominalmente no Capítulo III: “Meu pai (‘coronel’ Prudente), nome por extenso Prudente Gabriel da Costa Alecrim, e minha mãe (Donana), nome por extenso Ana Pulcheria de Melo Alecrim, ambos nordestinos” (ALECRIM, 2008, p. 87). Seu pai e sua mãe, “nordestinos”, se juntam para conferir-lhe sua identidade. E no trecho a seguir, tem-se uma referência de Octacílio ao próprio nome logo após o uso da primeira pessoa do singular:

Para se avaliar da impressão e da influência que me vem causando desde então esse escrito tão vigoroso e tão lúcido, basta dizer que de

parte dele se acha impregnado um ensaio de ciência política que escrevi há alguns anos (OCTACÍLIO ALECRIM, *Idéias e Instituições no Império*, Rio, 1953). (ALECRIM, 2008, p. 155)

Tudo isso sem falar dos inúmeros fatos que se reportam à sua biografia de homem público, como o fato por todos conhecido de sua atuação como orador e jornalista de A República, que ele registra diversas vezes em *Província submersa*:

Narrarei a propósito, dois fatos que, como exemplos capitais, ilustram essa experiência retrospectiva: o primeiro ocorreu quando o então Prefeito de Natal, engenheiro Omar O' Grady, entusiasmado com os planos do urbanista Agache, pretendeu um para a capital que administrava; por solicitação dele e com monografias que me foram emprestadas pelo Nunes (LE CORBUSIER, ANHAIA MELO, etc.) escrevi n' *A República* (27-4 e 3-5 de 1929) uma série de artigos de divulgação sobre o assunto [...]. (ALECRIM, 2008, p. 186).

Esse zelo pelo registro documental, talvez até para franquear a todos o conhecimento de sua produção intelectual, chega a tal ponto que Octacílio encontra uma forma de enxertar no seu livro a transcrição de um discurso dirigido ao então Presidente do Estado Juvenal Lamartine (que sucedeu o ex-Governador José Augusto) e de um artigo encomendado sobre as realizações da Prefeitura de Natal, ambos, de acordo com ele, publicados no jornal A República, respectivamente, em 5 de janeiro de 1928 e 3 de outubro de 1929. (Cf. ALECRIM, 2008, p. 226-228.230-235).

Outro dado autobiográfico curioso sobre Octacílio Alecrim consignado no livro diz respeito a uma particularidade cardíaca incomum que ele possuía. Não sabemos se isso poderia tê-lo levado a uma morte relativamente prematura, antes de completar 62 anos. Está registrada quando ele se refere à leitura que fazia dos almanaques das livrarias Bertrand e Garnier: “foi num exemplar deste último, adquirido por meu pai, que eu li a sensacional história da heterotaxia congênita (coração do lado direito) do Dr. Otávio Varela, médico conterrâneo, longe de supor que, anos depois, o Dr. Valdemar Antunes, médico da Fundação Rockefeller em Natal, iria constatar em mim idêntico fenômeno” (ALECRIM, 2008, p. 165).

Em todas essas passagens, vemos a associação de elementos descritivos e de ação a um e mesmo nome próprio, mas que sofre mudanças na sua identidade ao longo da história. Paralelamente, embora o assunto da autobiografia seja principalmente a vida individual de Octacílio Alecrim, a gênese de sua personalidade, também se alarga para abrigar a crônica e a história social e política.

Portanto, não resta dúvida de que, na obra de Octacílio Alecrim, existe essa relação de identidade entre as três instâncias, autor, narrador e protagonista, porque, do início ao fim, o pacto autobiográfico se estabelece apoiado em copiosos dados referenciais e autobiográficos, ao mesmo tempo em que se estabelece a dinâmica da ilusão retórica, propugnada por Bourdieu, a qual é responsável por dar unidade e coerência à narrativa, como projeção de sua própria vida.

5 LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA

Antonio Candido, um dos maiores críticos literários brasileiros, define a literatura da maneira mais ampla possível, como toda criação de toque poético, ficcional ou dramático, que está presente em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, como uma das mais ricas formas de sistematização da fabulação, em resposta à necessidade universal que tem todo homem de ficção e fantasia, seja este primitivo ou civilizado, criança ou adulto, instruído ou analfabeto. Nessa criação, incluem-se desde as formas simples, como anedota, adivinha, trocadilho, rifão, até as formas complexas, na modalidade oral, como narrativas populares, contos folclóricos, lendas, mitos, e na modalidade escrita, como poema, conto, romance, narrativa romanceada, veiculadas em livros, folhetos, jornais e revistas, e, ainda, as formas ligadas à comunicação pela imagem e à redefinição da comunicação oral pela tecnologia, como fita de cinema, radionovela, fotonovela, história em quadrinhos, telenovela, como também a publicidade, que se apoia em elementos de ficção, de poesia e, em geral, da linguagem literária. (CANDIDO, 1972; 1995).

Antes de pensarmos a literatura como meio para a formação humana, buscamos compreender o que se entende por formação. Em artigo sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica, Inês Bragança traz algumas referências. Do ponto de vista filosófico, de acordo com ela, pensar a formação traz o humano para o centro de nossa reflexão. Sendo sujeitos históricos, somos formados a partir das relações que estabelecemos conosco mesmos, com o meio e com os outros; são as interações humanas, segundo a autora, que vão constituindo a cultura, consistindo a educação em apropriar-se do conhecimento acumulado pela humanidade e recriá-lo com vistas a atuar no mundo de forma crítica, propositiva e humana. Assim, ela entende a educação como prática social, ao passo que a formação é compreendida como um processo interior, que está ligado à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. (BRAGANÇA, 2011, p. 158).

São as experiências formadoras, na força do que nos atinge, que nos sobrevivem, nos derrubam e transformam, inscritas na memória, que retornam pela narrativa não como descrição, mas como recriação, reconstrução. Assim, “a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1993, p.

198), ou seja, a experiência é a fonte da narração e dos narradores. (BRAGANÇA, 2011, p. 159).

Sob a ótica da experiência e da linguagem, a formação, para Larrosa (2017, p. 40), “não é outra coisa senão o resultado de um determinado tipo de relação com um determinado tipo de palavra: uma relação constituinte, configuradora, aquela em que a palavra tem o poder de formar ou transformar a sensibilidade e o caráter do leitor.”

Assim, apoiando-se em diferentes pesquisadores que trabalham com histórias de vida, como Josso (2002) e Pineau (1988), Bragança (2011) procura compreender o conceito de formação numa perspectiva ontológica, como busca de bem viver, da felicidade, do sentido e do conhecimento, havendo “uma dialética indissociável entre o ‘eu’ e o ‘nós’ na constituição da formação”. (BRAGANÇA, 2011, p. 159). Além disso, conforme a relação que se estabelece (eu, os outros e as coisas), é tripolar: auto, hetero e ecoformação.

A autoformação é a dimensão pessoal de reencontro reflexivo em que as questões do presente levam-nos a problematizar o passado e a construir projeto sobre o futuro; a heteroformação aponta para a significativa presença de muitos outros que atravessam nossa história de vida, pessoas com quem aprendemos e ensinamos; a ecoformação aborda nossa relação com o mundo, o trabalho e a cultura. (BRAGANÇA, 2011, p. 159).

Vimos, ainda no contexto da pesquisa autobiográfica, conforme Josso (2010, p. 61), que “a palavra formação apresenta uma dificuldade semântica, pois designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado.” Ao designar seu objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, a autora indica seu interesse pela compreensão da atividade. Todavia, segundo ela, “mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se.” (JOSSO, 2010, p. 61).

Nesse mesmo contexto, Nóvoa (1988, p. 116), que também procura repensar as questões da formação, acentua “a idéia de que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ [...]”. Daí que, além de elucidar o conceito de formação, precisamos também compreender se a formação acontece no sentido de uma autoformação.

Na tentativa de elucidar essa questão e buscar o sentido da formação em outra perspectiva, trazemos o pensamento da filósofa Edith Stein. Na conferência “Sobre o conceito de formação”, proferida na Alemanha, em 1930, ela afirma que, ao termo formação, podem-se atribuir vários significados. Considera que, se, por um lado, significa a ação de formar ou o processo de ser formado, por outro lado, constitui também o resultado desta atividade, o que é conferido a algo ou a alguém que é formado. Formar, de acordo com ela, pode significar dar forma a uma matéria ou criar uma imagem ou uma obra. Quando se fala em obra, trata-se de algo formado, plasmado, enquanto que imagem dá a ideia de reprodução de uma imagem original. Assim, Stein (2003, p. 180) esboça a ideia do processo formativo com a seguinte asserção: “pertence ao processo formativo que uma matéria assuma uma forma que a constitui em imagem de uma imagem original”.

Por matéria, ela entende tudo o que não está “de todo” formado e é suscetível de tomar forma, porquanto lhe é inerente a ductilidade, a predisposição para receber novas formas. A matéria, que pode ser inanimada (objetos) ou animada (vegetais e animais), deixa-se formar desde fora ou desde dentro. E, quando se trata da formação do homem, Stein (2003, p. 183) afirma:

A alma do homem não é apenas a forma interna, que estrutura, forma e governa o corpo, e que percebe em si o que lhe acontece ou pode acontecer. É uma alma racional, é espírito; ser a forma do corpo é, em certo sentido, apenas sua função inferior; tem uma existência própria e superior à do corpo; tem de se estruturar, formar e governar e, ao mesmo tempo, construir um mundo em que possa viver e trabalhar: seu ambiente, um mundo espiritual. Para o corpo e para a alma, para o ser inteiro, que é alma e corpo, que é uno, ou seja, para a pessoa toda, se planeja seu processo formativo, a forma interna atua para formar o corpo e a alma segundo seu próprio arquétipo. (STEIN, 2003, p. 183).⁵⁴

Para tanto, a filósofa diz que nosso corpo recebe material estrutural do mundo material, que é assumido por ele e formado interiormente, mas nossa alma, para ser formada, deve receber material estrutural do tipo espiritual. De acordo com Stein, este material é recebido pelos nossos sentidos (audição, visão, tato, paladar e olfato) e pelo nosso intelecto, que possuem uma profunda força interior, podendo sentir e saber que provisões acumuladas têm ou não valor, de modo que o que

⁵⁴ Tradução feita livremente por mim do espanhol, que, por sua vez, é a tradução direta do original alemão feita por Francisco Javier Sancho, José Mardomingo, Constantino Ruiz Garrido, Carlos Díaz, Alberto Pérez e Gerlinde Follrich de Aginaga.

convém a nossa alma como material estrutural é assimilado no mais profundo de nosso interior e cresce conosco. Assim, nossa alma cresce, se enriquece e se amplia, e, ao mesmo tempo, cresce também nosso mundo interior que exploramos discernindo e no qual podemos atuar configurando.

Stein diz ainda que o significado das coisas que se dispõem para nossa alma pelos sentidos e pelo intelecto e que a alimentam, visando à estruturação de nosso próprio mundo, são selados como objetos de valor ou como bens. E, na medida em que estes bens são produtos do espírito humano, suscitados por sua atividade criativa, são designados como bens culturais. Segundo Stein, estes bens, por humanos que sejam, são autônomos em relação a quem os produziu e possuem um valor espiritual que pode ser assimilado pela alma que entra em contato com eles e, sob esse ponto de vista, constituem-se como bens de formação. E, na relação com estes bens, ela assegura que a alma ganha mais ainda ao relacionar-se com seus eventuais autores, com as pessoas vivas. (STEIN, 2003, p. 184).

O intelecto, ainda de acordo com Stein, no sentido mais amplo de entendimento ou compreensão, enquanto faculdade de nossa alma que nos abre para o mundo, é, ao mesmo tempo, ativo e passivo: ativo, na medida em que elabora livremente sua propriedade intelectual; passivo, na medida em que recebe algo de fora, algo que se lhe oferece primeiramente sem sua intervenção e de cuja posse goza de novo depois que o toma para si. Diz ainda Stein que, como no rendimento ativo do intelecto toma parte nossa vontade, está em nossas mãos o “sim” e o “como” queremos deixar trabalhar nosso intelecto e, conseqüentemente, o “quanto” queremos ampliar nosso mundo interior e o que queremos receber dos elementos da formação, o que tem implicações na questão da autoformação.

Mas ela ressalta que outros fatores, como a saúde e juventude do corpo, intervêm em nossa vida e crescimento, além da graça sobrenatural, e afirma que nossa responsabilidade não é apenas assimilar e crescer, mas também organizar o que foi assimilado e assim configurar-se, formar-se, formar-se à imagem e, além disso, finalmente, intervir de maneira formativa sobre o mundo exterior. (STEIN, p. 2003, p. 184-185).

Assim, entendendo a formação do homem, como formação do espírito, Stein mostra a necessidade de adestramento das forças da alma que atuam no desenvolvimento da formação, que são nossas faculdades, além dos sentidos e do intelecto, a memória, a afetividade, a vontade e a imaginação, as quais precisam ser

exercitadas, sendo já o adestramento dessas forças parte do processo formativo. Os sentidos podem ser exercitados na medida em que recebem informações sensoriais, mediante as quais somos levados a reconhecer a claridade, as cores, as formas e as texturas, distinguir sons, timbres e ruídos, experimentar sabores, apreciar perfumes; o intelecto apenas é treinado se pensarmos em algo, conhecermos algo, raciocinarmos sobre algo, deduzirmos algo, entre outras ações mentais; a memória se instrui quando memorizamos algo e nos ocupamos depois em recordar novamente; a afetividade se põe em movimento pelo contato com coisas ou acontecimentos valiosos ou importantes para nós; a vontade se adestra quando devemos fazer escolhas, decidir, superar, perseverar etc. (STEIN, 2003, p. 185 - 186).

De acordo com Stein, cada vez que nossas faculdades são exercitadas, nossa alma recebe material estrutural, mesmo que nem tudo sirva para nossa formação, pois aquilo que os sentidos e o intelecto registram e se acumula na memória e que, muitas vezes, é designado indevidamente como “formação” permanece como matéria morta, se não for bem assimilado; somente o que é assimilado no interior da alma se converte em uma parte dela mesma.

Quando a alma recebeu em si uma grande quantidade de material espiritual e o elaborou racionalmente, ela está pronta para agir e se mover. Junto com o alimento espiritual, recebe o estímulo para se criar e se formar; sente-se impelida a fazer com que sua própria essência, que a molda interiormente, manifeste sua eficácia exteriormente, em feitos e obras que dela dão testemunho. Esta atividade exterior, de se expressar, criar e configurar, é uma parte essencial da personalidade, pelo que o exercício das correspondentes capacidades práticas e criativas, como competências prontas para a ação, é uma parte essencial do processo de formação. Nisto consiste certamente o significado mais profundo do trabalho escolar. (STEIN, 2003, p. 187).⁵⁵

Feitas essas considerações sobre a formação, Stein retoma o problema dos vários significados desse termo, para explicar como entende a autoformação. Assim, ela tenta novamente desfazer a ambiguidade do termo na frase que consta como orientação em determinadas programas formativos de sua instituição: toda formação é autoformação. Para livrar-se das implicações dos múltiplos sentidos do termo formação contidos também na palavra autoformação, ela a substitui na frase por uma forma verbal: “todo formar é autoformar-se” ou, dizendo de outra maneira, “em toda ação formadora o agente forma-se a si mesmo”; na perspectiva da formação

⁵⁵ Idem.

como resultado do trabalho formativo, ter-se-ia “toda formação é formação auto-elaborada”; e, considerando a formação como o material recebido, “toda formação é formação auto-adquirida”. E, para eliminar de vez a ambiguidade do termo formação, quando se pode referir à atividade e ao resultado dessa atividade, ela sugere que se entenda o processo de formação como processo de crescimento, então se descartaria o “auto” e se poderia dizer “toda formação é crescimento daquele que forma a si mesmo”, de modo que o “si mesmo” excluiria a contradição entre o que forma e o que é formado. Se, contudo, entende-se a formação como atividade formadora, aí haveria a contradição entre o formar e o ser formado, e a ação seria interpretada como uma ação reflexiva, sendo excluído qualquer outro sujeito ou objeto da ação. Caso se entenda a formação como posse alcançada ou forma elaborada da personalidade, o “si mesmo” confere novamente contradição contra alguém do qual seria devedor, como algo que brota da própria atividade. (STEIN, 2003, p. 188-189).

Entendendo, todavia, a formação como crescimento, Stein chama a atenção para o fato de que todo crescimento implica realizar e sofrer a ação de formar, como duas faces da mesma moeda, o que a leva a questionar se o sujeito que alcança a formação, o alcança por si mesmo, pois nesse caso o formador e o formado são diferentes. Assim, para ela, a formação não é sempre um ato livre ou consciente; pode ser influenciado por ações externas, e um ser livre e ativo pode intervir sistematicamente no processo de formação, atuando aqui, portanto, conjuntamente forças exteriores e interiores. (STEIN, 2003, p. 189).

A formação do homem se leva a cabo, por um lado, como nos seres animados inferiores, através da forma interior, da impostação germinativa que determina o processo de desenvolvimento do corpo e da alma. Além disso, [...] o homem pode colher do ambiente circundante o alimento disponível para o corpo e a alma, pode escolher o que é apropriado e rejeitar o que é prejudicial; mas também pode renunciar a isso, pode negligenciar e, conseqüentemente, pode culpar a si mesmo se permanece ‘inculto (não-formado)’ ou ‘deformado’. Mas vimos também que não é só ele o responsável por isso. Por um lado, não pode ‘realizar por si mesmo’ o que quer. A seu querer racional lhe são impostos limites por sua constituição natural. Se passa por cima dela, se não se contenta com o que para ele está determinado, então não nenhuma formação autêntica, mas uma formação fictícia, uma ‘aparência exterior’. [...] Na medida em que coloca em ação [o cultivo das faculdades], o que depende da liberdade da pessoa, como acontece claramente quando se põe em ato o intelecto e a vontade, então o sujeito livre pode instruir-se a si mesmo, também aqui dentro dos limites traçados pela própria natureza, uma vez que, onde falta o dom natural necessário, pouco pode ser alcançado com exercícios.

Por outro lado, nem todo adestramento provém do sujeito livre. Também 'involuntariamente' as faculdades são estimuladas a se colocarem em ação e são adestradas. (STEIN, 2003, p. 190).⁵⁶

Com base nisso, Stein conclui que não se pode dizer que toda formação é autoformação, pois isso só acontece quando a vontade e os atos do sujeito são livres, o que ainda não acontece com as crianças, por exemplo, que, antes de alcançar o uso de sua liberdade, não podem intervir formativamente sobre si mesmas. E mesmo, quando se trata de sujeitos livres, a formação não depende somente deles. Dessa forma, considerando que o homem, pelo menos enquanto não possa trabalhar ele mesmo na sua formação, está submetido a ação dos outros, de formadores humanos, e estes podem e devem proporcionar os materiais formativos necessários, sendo isto uma obrigação e uma responsabilidade; estes materiais devem ser o mais adequados possível e devem ser oferecidos de forma que a assimilação seja o mais proveitosa possível, diz Stein.

Além da disposição natural para ser formado e da ação livre do formando no processo formativo, Stein chama a atenção ainda para adequada consideração sobre os materiais formativos que vêm de fora. Para ela, é um erro pensar o processo formativo como aquisição de algo exterior, definindo-se como "formado" o sujeito que adquiriu determinados conhecimentos, pois se confunde o material formativo bruto com a formação mesma.

Concluindo sua exposição, Stein trata, por fim, do ponto de vista de sua fé judaico-cristã, da ação de Deus como formador das almas e fala também sobre o arquétipo, isto é, o modelo pelo qual se há de formar o homem, discutindo, assim, as (im)possibilidades de formação e as metas formativas. Em relação ao primeiro aspecto, ela afirma:

Segundo nossa fé, o caminho formativo do homem é uma obra da providência divina. Deus deu ao homem sua disposição natural e a deu sob a forma de uma semente que está destinada a se desenvolver e a evoluir. Ele fez o processo evolutivo dependente de diversos fatores externos e do livre arbítrio correspondente ao homem. [...] E reservou para si neste jogo uma forma particular de intervenção. Assim como de vez em quando – o que chamamos de "milagre" – intervém no curso dos fenômenos naturais externos e faz que as coisas sejam capazes de realizar o que não está em sua natureza, desse modo também realiza "milagres" no mundo interior; o que designamos como efeito da graça. Nenhum material do âmbito das obras humanas, nenhuma medida formativa de um educador pode

⁵⁶ Idem.

mudar a natureza de um homem, só podem contribuir para que siga, dentre suas possíveis direções formativas, uma ou outra. Deus, contudo, pode conceder dons que não colocou na natureza. Ele pode remover aspectos desprezíveis que são inatos na disposição herdada ou que se enraizaram na alma por culpa própria; Ele também pode transformar a natureza e assim influenciar o processo formativo desde o interior, de tal forma que resulta surpreendente e assombroso, especialmente para aquele a quem isso acontece. (STEIN, 2003, p. 192).⁵⁷

Quanto ao arquétipo e, por conseguinte, à meta formativa, Stein diz que, enquanto o homem não puder trabalhar livremente em sua formação, não terá ainda uma imagem do que ele deve ou quer chegar a ser, mas, tão logo ele começa a trabalhar conscientemente, passa a ter uma imagem que vê fora dele, quando escolhe alguém como modelo a quem imitar. Ela adverte que há nisso um perigo, porque as naturezas das pessoas são diferentes e pode-se estar aspirando a algo que não faz parte daquele que segue o exemplo, de sorte que, nessas situações, não se chega a uma autêntica formação desde o interior ao exterior, mas somente a uma imitação, a menos que se trate de características humanas gerais, alcançáveis a todo homem.

Ela diz ainda que, conforme seja a concepção do mundo, assim serão os mais variados ideais formativos que como meta formativa têm os formadores, mas somente quando se junta a esta meta o que está determinado como meta para cada homem com o que está prescrito para ele como indivíduo, pode-se contar com o êxito no trabalho de formação.

Mas o que está determinado para o homem enquanto homem e para o indivíduo como meta não é perfeitamente conhecido por nenhum olho humano. Alguma coisa disso é conhecida, algo é sentido e algo se intui. De forma clara e plena, ela só é vista por Deus, que determinou uma meta para cada natureza e que colocou em seu interior a tendência para essa meta. (STEIN, 2003, p. 193).⁵⁸

E termina dizendo que, tendo sido o homem criado por Deus à sua imagem, é só a divindade que pode ver em plenitude essa imagem. Ainda que possamos ver reflexos dessa imagem nas criaturas, trata-se de uma visão imperfeita e unilateral, mas podemos encontrá-la na imagem do Filho de Deus e na Palavra da Revelação que nos dá notícia de Deus.

Em outra conferência, intitulada “Fundamentos teóricos do trabalho social de formação”, proferida também na Alemanha, em 1930, Stein trata da formação na

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.

perspectiva de educar, formar e preparar os indivíduos para viverem em comunidade, colocando isso como meta última do homem, uma vez que, para ela, o homem, por natureza, é membro da comunidade, e esta se beneficia do indivíduo formado, para também se desenvolver plenamente. Stein se refere à comunidade humana de um modo geral, da qual todos os homens fazem parte, mas também a outras comunidades mais restritas, como uma raça, um povo, uma classe social, uma classe profissional etc. das quais o indivíduo participa como membro, devendo por isso, na formação humana, também ser levada em conta essa condição comunitária.

Assim, de acordo com ela, o homem deve ser formado não apenas em sua individualidade, mas também como membro da comunidade, e alerta para os perigos de não haver essa formação, deixando-a ao natural, ou de esta ser conduzida com intervenções sistemáticas fundamentadas em teorias errôneas. Por isso, ela fala do cuidado que se deve ter para que, demasiadamente fixado em suas características, o indivíduo não rompa com a comunidade, como também, caso não seja respeitada sua individualidade, as forças sociais venham a sufocá-lo.

Para Stein, portanto, um processo de desenvolvimento saudável tem de conduzir à harmonia das forças individuais e sociais e, nesse sentido, a formação deve ser realizada com base em um autêntico conhecimento e uma correta teoria da vida social. Nesse ponto, ela tece críticas ao individualismo e ao socialismo como “teorias unilaterais, cujos efeitos devastadores sobre a vida prática podem ser percebidos hoje por toda a parte.” (STEIN, 2003, p. 135).

O *individualismo* acentua somente o direito do indivíduo ao livre desenvolvimento: não conhece nenhuma comunidade original e natural, mas apenas grupos sociais, que servem à utilidade do indivíduo, e que tem sido fundados por ele livremente com o fim de alcançar seus objetivos e que, do mesmo modo, são dissolvidos livremente [...]. Este individualismo, que começou a propagar-se com o início da Idade Moderna, constituindo-se um dos aspectos característicos, e que exerceu plenamente seu influxo a partir da Revolução francesa, tem conduzido de maneira relevante a desfazer as comunidades orgânicas que haviam predominado na vida social, tanto na Antiguidade como na Idade Média: desagregação da família, ruptura da Igreja, desmembramento do povo. (STEIN, 2003, p. 135, grifo da autora).⁵⁹

Do ponto de vista contrário, que ela chama de socialismo, sem querer vincular a um determinado partido, mesmo porque, segundo Stein, o que se propunha,

⁵⁹ Idem.

nos programas e na práxis dos partidos socialistas de então, não se constitui como exemplo puro de tal concepção, uma vez que estes se desenvolveram historicamente a partir do liberalismo e, conseqüentemente, está fortemente entremeado de tendências individualistas. No caso do socialismo, ela afirma que este:

ordena completamente o indivíduo na coletividade e a ela o subordina; não reconhece nenhuma individualidade, mas apenas a natureza humana igual em todas as partes, e não consente vida fora da comunidade e sem ser útil para esta. [...] E, assim, observamos as conseqüências na falta de personalidades fortes e autônomas, de empresas grandiosas e originais, no predomínio de manufaturados e clichês, não só em objetos de uso, mas também no setor intelectual: gente comum, opiniões medíocres – vazias e inautênticas, sem caráter próprio, sem alma. (STEIN, 2003, p. 135).⁶⁰

Assim, ela propõe uma visão acertada de quem é o indivíduo e a comunidade, uma compreensão adequada da natureza de determinados indivíduos e das necessidades de uma comunidade especial, e diz que o trabalho de formação deve considerar ambos e formá-los entre eles e para eles, pois cada um deve ocupar seu lugar no todo. De fato, para Stein, “a comunidade se constrói de indivíduos, assim como um organismo de membros de múltiplas formas. Quem prejudica um membro, prejudica todo o organismo. E separado do organismo nenhum membro pode existir.” (STEIN, 2003, p. 136).

Stein aponta incongruências na relação dos indivíduos entre si e com a comunidade e os efeitos que se produzem sobre esta. E trata especificamente de algumas comunidades que são relevantes no trabalho social de formação humana: família, povo, igreja e escola, dentre as quais distingue a escola por não ser uma comunidade como as demais que ela considera naturais. Tendo sido criada como uma instituição social segundo um plano definido e com fins determinados, a escola termina por haurir das outras comunidades certos princípios, de acordo com a filósofa.

A escola está a serviço do povo e da humanidade, a partir do momento em que sua missão é a de transmitir bens culturais, de transmitir ao futuro o que o passado e o presente criaram. Para isso, é necessário uma relação viva entre as gerações, isto é, entre os homens maduros – que participam na cultura criando eles mesmos ou ao menos tornando-se intérpretes –, e os jovens que devem ser dirigidos a tornar-se intérpretes ou à participação. (STEIN, 2003, p. 142).⁶¹

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

No contexto da escola, que Stein entende ser necessária para ampliar a participação do indivíduo na vida cultural, ela ressalta a importância da figura profissional do professor como mestre e formador, “que, graças ao talento natural e aos estudos organizados, domina vivamente determinados campos culturais e é capaz de transmiti-los a outros.” (STEIN, 2003, p. 142). Também aponta problemas e perigos do trabalho de formação na escola advindos dos desvios de seu sentido e finalidade, como também de uma imposição equivocada da escola por influência de teorias pedagógicas errôneas.

O individualismo e o socialismo, que reconhecemos como perigos para a formação de uma vida social em conjunto, nos últimos tempos da pesquisa pedagógica têm conseguido influenciar fortemente na essência da escola. O princípio individualista forma tipos raros, verdadeira ou presumidamente originais, homens presunçosos, arrogantes e hipersensíveis, de tal forma que não são capazes de adaptar-se sem problemas em nenhuma comunidade; o princípio socialista prefere homens gregários, sem consistência ou rebeldes. (STEIN, 2003, p. 143).⁶²

Stein encerra sua exposição salientando os meios que, segundo sua ótica judaico-cristã, poderiam contribuir para o trabalho social da formação humana, no sentido de reconduzir as comunidades a seu sentido original através de uma correspondente formação dos membros da comunidade, envolvendo a restauração da comunhão com Deus, a atuação dos formadores com amor, confiança e respeito às individualidades, o exercício adequado da autoridade, com vistas ao desenvolvimento do espírito de solidariedade e da disponibilidade para incorporar-se e submeter-se.

Feitas essas considerações sobre as implicações que envolvem o conceito de formação humana pensado por Stein, e a par da definição de literatura apontada por Candido, passamos agora a uma aproximação entre esses dois campos, primeiro a partir de estudos literários e depois do ponto de vista de pesquisas educacionais, e, em seguida, abordamos alguns aspectos sobre o método biográfico e a aprendizagem ao longo da vida; buscando, com isso, levantar elementos que contribuam para a análise da obra *Província submersa*, na tentativa de compreender a educação literária de Octacílio Alecrim, no contexto de sua biografização, na direção de uma

⁶² Idem.

“pedagogização da literatura” até a “literaturização da pedagogia”, no dizer de Brayner (2005).

5.1 ESTUDOS LITERÁRIOS SOBRE FORMAÇÃO HUMANA

No campo dos estudos literários, tomamos como referência inicial os ensaios de Antonio Candido, que considera a literatura não como um privilégio conferido a uma elite cultural, mas como um direito de toda pessoa:

[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 1995, p. 174).

Considerando a literatura como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, Candido (1995) afirma que não há povo nem homem algum que possam viver sem ela, pois sempre estamos em contato com algum tipo de fabulação. Dessa forma, a literatura corresponderia a uma necessidade que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Para ele, atuando em grande parte no subconsciente e no inconsciente, a literatura pode também contribuir para o equilíbrio social, em nível de importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar.

Ainda de acordo com Candido (1995), os valores de uma sociedade estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática, por isso a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos e sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Em face disso, ele propõe uma reflexão a partir da capacidade de humanização da literatura, enquanto “processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (CANDIDO, 1995, p. 249).

Considerando a validade da obra literária e sua função como síntese e projeção da experiência humana, Candido (1972, p. 804) ressalta a força

humanizadora da literatura, “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”, podendo suprir a necessidade universal que temos de ficção e poesia; contribuir para a formação de nossa personalidade; e nos proporcionar o conhecimento do mundo, do outro e de nós mesmos.

A função integradora e transformadora da literatura estaria, de acordo com ele, na relação entre a imaginação literária e a realidade concreta do mundo, de modo que

a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar (CANDIDO, 1972, p. 805).

Sob essa perspectiva, Candido considera que as obras talvez atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança ou de um adolescente. Mas, para ele, não se trata de uma formação pedagógica que costuma ver a literatura “ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Bom, o Belo, o Verdadeiro, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço de sua concepção de vida.” Longe disso, “ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, – com altos e baixos, luzes e sombras.” (CANDIDO, 1972, p. 805).

Por outro lado, conforme Frye (2017), o valor prático ou cultural de estudar literatura está na riqueza advinda do repertório de leituras que vamos construindo, sem esquecer, contudo, que, embora com ressonâncias no mundo real, a literatura se constrói como um mundo imaginário. Por essa razão, requer do leitor discernimento para saber se o mundo oferecido pela imaginação é melhor ou pior do que o mundo real.

De acordo com Emerson (1994, p. 27), “o homem que progride descobre quão profundas são as origens de sua propriedade na literatura – em todas as fabulações, assim como em toda história. [...] Sua própria biografia íntima, ele a encontra em linhas que lhe são maravilhosamente inteligíveis, traçadas antes mesmo de ele nascer.” Isso porque, segundo ele, tais fabulações, enquanto criações da imaginação, e não de uma crença infundada, se constituem como verdades universais.

A voz da fábula tem em si algo de divino. Ela veio de um pensamento acima da vontade do escritor. Essa é a melhor parte de cada escritor, parte que não tem em si nada de particular; parte que é a melhor, pois ele a desconhece; que flui de sua constituição, e não de sua ágil invenção; aquela que podereis ter dificuldade em encontrar no estudo de um único artista, mas que no estudo de muitos, abstraríeis como o espírito de todos eles. (EMERSON, 1994, p. 76).

Para Candido (1972; 1995), o papel formador da literatura está relacionado à complexa natureza da obra literária, compreendendo três aspectos: o primeiro diz respeito ao fato de ser a literatura uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; o segundo refere-se a sua constituição como forma de expressão de emoções e da visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; e o terceiro consiste em ser também uma forma de conhecimento, que a ela se incorpora, inclusive, de modo difuso e inconsciente.

Trata-se, portanto, daqueles aspectos estéticos, éticos e cognitivos, enquanto domínios da cultura humana, de que fala Bakhtin (1993), correspondendo ao fazer estético (arte), ao modo de ser e de agir (vida) e ao saber científico (ciência), sendo que, embora cada domínio possua seu valor individual, nenhum deles se define por si mesmo, mas somente em suas correlações com os demais. Ou seja, suas especificidades apenas se configuram na rede de relações e indeterminações com os outros domínios na totalidade da cultura humana. Com base nisso, para Bakhtin, a atividade estética consiste em recortar elementos da realidade, do mundo da vida e da cognição, e transpô-los para um plano externo a este mundo, dando-lhes um acabamento que se concretiza numa forma composicional, que, no caso da obra literária, se apoia no material linguístico.

Nessa mesma direção, como vimos anteriormente, vai o esquema de Frye (2017, p. 19), segundo o qual a linguagem atua em três níveis de operação da mente: consciência e perceptividade (linguagem da autoexpressão); participação social (linguagem do senso prático); e imaginação (linguagem literária). Relacionando o intelecto e a emoção a operações mentais características, respectivamente, do Ocidente e do Oriente, ele explica que intelecto e emoção nunca se unem em nossa mente quando nos limitamos a olhar para o mundo, alternando e mantendo-os divididos. Daí o valor social do estudo da literatura e o lugar da imaginação, inerente à literatura, no processo de aprendizagem, em suas relações com a linguagem, nesses três níveis de operação da mente.

Com isso, entendemos que também se colocam os elementos da tríade clássica, aos quais Candido (1972) se refere criticamente: o Bom, o Belo, o Verdadeiro, que, a nosso ver, convergem na obra literária, em estrita dependência de sua criação pelo autor e de sua recepção pelo leitor, mas que, em sua essência, buscam a verdade (do saber científico), para o bem (viver neste mundo) com a beleza (da arte), ressaltando, contudo, que os elementos que constituem o mundo criado pela literatura pode ser verdadeiro ou falso, bom ou mau, belo ou feio.

Dessa forma, a literatura constitui uma modalidade privilegiada de acesso ao conhecimento por abarcar em si esse complexo universo, constituído pelo saber da ciência e o senso prático, imbrincados em sua especificidade artística. Nesse ponto, acreditamos, então, com Candido, Bakhtin e Frye, que o poder que a literatura tem de formar o homem, de humanizá-lo, está apoiado nesse tripé, sendo que o caráter autônomo, estético e imaginativo da obra literária é o aspecto mais importante, uma vez que esta é, antes de mais nada, objeto artisticamente construído, e o poder humanizador reside exatamente nessa construção.

Quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. [...] quer percebamos ou não, o caráter da coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 1995, p. 245)

Candido (1995) considera ainda que, ao tirar do nada as palavras e dispô-las como um todo articulado, a produção literária nos humaniza, pois a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Para ele, mais do que um código, as palavras organizadas comunicam algo que nos toca porque segue determinada ordem.

Quando recebemos o impacto de uma obra literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais, o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo um proposta de sentido. (CANDIDO, 1995, p. 246).

Assim, Candido (1995) conclui que o conteúdo atuante pela forma constitui com esta um par indissolúvel que produz certo tipo de conhecimento, o qual pode ser uma “aquisição consciente de noções, emoções, sugestões, inculcamentos, mas na maior parte se processa nas camadas do subconsciente e do inconsciente, incorporando-se em profundidade como enriquecimento difícil de avaliar”, e que “satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo.” (CANDIDO, 1995, p. 248).

De acordo com Emerson (1994, p. 209), a literatura é um ponto exterior ao nosso círculo hodierno, por meio do qual um novo círculo pode ser descrito, consistindo sua utilidade em oferecer-nos uma plataforma a partir da qual é possível ver nossa realidade e por meio da qual podemos transformá-la. E, percebendo o que nos deleita em certos escritores, apreendemos o que ele tem da verdade. “Cada verdade que um escritor obtém é uma lanterna que ele dirige em cheio para os fatos e pensamentos que já se encontram em sua mente”, de tal sorte que mesmo um “fato trivial de sua biografia se torna ilustração desse princípio, revisita o dia e deleita a todos os homens por seu sabor e novo encanto.” (EMERSON, 1994, p. 223).

De fato, “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes.” (TODOROV, 2009, p. 22-23). E, ao nos depararmos com o texto literário, podemos lê-lo, conforme Bloom (2001), “por várias razões, a maioria das quais conhecidas: porque, na vida real, não temos condições de ‘conhecer’ tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida.”

Contudo Bloom ressalta que o motivo mais marcante e autêntico é a busca por um “sofrido prazer”, advindo dessa experiência. De acordo com ele, para que sejamos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana, precisamos ler como seres humanos – e fazê-lo plenamente, pois somos mais do que ideologia, sejam quais forem as nossas convicções. É essa abertura para o texto literário, na perspectiva do encontro com o autor através da linguagem que contribui significativamente para nossa formação.

Poderíamos falar ainda mais sobre a aproximação entre literatura e formação humana, do ponto de vista dos estudos literários, mas devemos ainda considerar como essa relação é vista por especialistas em educação e em que contexto se propõe a leitura de obras literárias com fins educacionais.

5.2 PESQUISAS EDUCACIONAIS COM LITERATURA

Em se tratando do uso da literatura com objetivos educacionais, vimos que Brayner (2005, p. 63) fala de um trabalho pedagógico a partir da leitura de obras literárias buscando elementos que possam contribuir para a formação, proporcionando “uma espécie de autoconstrução de si (perdão pelo pleonasma) a partir de diferentes perspectivas permitidas pela substância literária: uma singularização no interior de um mundo plural, uma capacidade de escolha, de julgamento e de decisão.

Nessa aliança, segundo Brayner, poderiam ser adotadas pelo menos duas orientações diferentes. Na primeira, que ele chamou de “pedagogização da literatura”, retoma-se a ideia do romance de formação, visando a uma construção de si por meio de uma leitura acompanhada e refletida com o intuito de aperfeiçoamento pessoal para além da educação formal, ao passo que, na segunda orientação, busca-se uma solução que ele define como “literaturização da pedagogia”.

Se no primeiro caso a literatura fornece os elementos para um diálogo interior através da experiência de outros homens (ficcionais ou não), no segundo as ambições são mais amplas: fazer da educação uma reescrita de si, em que o ato educativo exercido sobre si mesmo (como uma espécie de auto-subjetivação) se confunde com a escrita ficcional, na qual a vida e a literatura se interpenetram e tomam a forma de uma “estética da existência”. (BRAYNER, 2005, p. 64, grifos do autor).

Brayner observa ainda que essas duas formas de pensar o poder formador e regenerador da literatura são apontados, respectivamente, por Philippe Meirieu e Jorge Larrosa e questiona, por fim, “se a literatura poderá fornecer os predicados necessários a essa redescritção [de subjetividades] e, se assim fazendo, não estará se transformando numa nova – e ainda mais sofisticada – ‘tecnologia do eu’.” (BRAYNER, 2005, p. 71).

Em que pese a crítica de Brayner a uma perspectiva salvífica da literatura na educação dos indivíduos, conforme proposta por tais autores, o que se reflete até

mesmo no uso dos termos pedagogização da literatura e literaturização da pedagogia, que carregam em si uma conotação até certo ponto negativa, acreditamos que, se pensada de maneira adequada, a relação entre literatura e educação pode favorecer o desenvolvimento humano.

Os desafios postos pela sociedade contemporânea, em que o conhecimento tornou-se a matéria prima das economias modernas, constituindo-se a grande moeda de troca e mesmo de sobrevivência em nossos dias, requer, cada vez mais, do sujeito o desenvolvimento de novas competências que atendam às exigências do mundo globalizado, impulsionado pelo vertiginoso avanço científico e tecnológico, que encurtou as distâncias e tornou mais velozes os processos de comunicação e produção.

Nesse complexo quadro social, a escola emerge como espaço de educação e formação no contexto das políticas educativas transnacionais, e o professor, por seu caráter privilegiado na administração do conhecimento, constitui-se como um importante elemento. Ao tratar do ensino na sociedade do conhecimento, Hargreaves (2003) apresenta a profissão de professor como paradoxal, considerando que, ao mesmo tempo em que têm de gerar as habilidades e as capacidades necessárias ao fazer profissional inventivo, em vista do desenvolvimento econômico, os professores também devem lutar contra os problemas advindos da forma como ela está organizada, tendo, ainda, de conviver com as vicissitudes inerentes ao processo educacional, o qual, para responder aos desafios dessa mesma sociedade, também está a exigir mudanças.

Ainda de acordo com esse autor, a exigência que hoje se tem de educar para a inventividade está pautada nas dimensões que envolvem a sociedade do conhecimento, quais sejam: esfera científica, técnica e educacional ampliada; formas complexas de processamento e circulação de conhecimento e informações em uma economia baseada em serviços; e transformações básicas da forma como as organizações empresariais funcionam de modo a poder promover a inovação contínua em produtos e serviços, criando sistemas, equipes e culturas que maximizem a oportunidade para a aprendizagem mútua e espontânea.

Essas condições representam bem os desafios impostos à ação educacional num modelo de currículo integrado que se fundamenta na globalização das aprendizagens e na interdisciplinaridade, buscando uma compreensão global do conhecimento, mas sem deixar de pensar na humanização do sujeito, que se pode

buscar através da literatura, uma vez que esta, conforme Candido (1995, p. 249), “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.”

Não há dúvida da importância do ato de ler como um dos fatores que contribuem para a formação humana, entendida como o amplo desenvolvimento da capacidade do sujeito em suas várias dimensões. Garcez (2001, p. 23) define a leitura como “um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção”. E, acrescenta a autora, a leitura lida com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra, envolvendo não apenas elementos de linguagem, mas também a própria experiência de vida dos indivíduos, favorecendo o acesso à informação e a análise e a reflexão da realidade. Assim, o exercício da leitura pode ajudar a raciocinar de modo persuasivo e fundamentado, adquirir conhecimentos, despertar o senso crítico, compreender melhor o mundo, as pessoas e a si mesmo, constituir-se como cidadão, entre outras habilidades requeridas no mundo moderno.

Nesse contexto, Philippe Meirieu atribui um papel importante à literatura como contributo na formação docente. Para ele, o diálogo consigo mesmo e com o outro proporcionado pela literatura pode ajudar o leitor a chegar à universalidade da educação, considerando que educar supõe uma “arte de fazer”. Também considera que, nos seus “vazios”, o texto literário permite ao leitor reconhecer-se a si mesmo mediante o diálogo com outros homens, num movimento que é já uma forma de universalidade (MEIRIEU, 1999, p. 18).

Na recepção dos textos literários com fins formativos, o filósofo francês observa que sua eficácia formadora pode estar ligada à distância que eles têm com o leitor:

muito próximos dele, correm o risco de suscitar processos de identificação que tornarão difícil a distância crítica; muito exóticos, eles correm o risco de serem rejeitados, considerados como radicalmente estranhos aos problemas encontrados quotidianamente, e, finalmente recusados. [...] Só existe formação se um conflito “sociocognitivo” entra em jogo. (MEIRIEU, 1999, p. 16, grifos do autor).

Em relação ao papel do professor nesses contextos formativos, Meirieu (2000) considera que, se cada pessoa se empenha em sua própria formação, de modo que o corpo docente já não detém a exclusividade no processo educacional, a

“sociedade sem escolas” de que fala Ivan Illich poderia se transformar numa escola, embora reconheça que a realidade ainda mostra o professor como principal agente desse processo.

Larrosa (2014), por sua vez, considerando a necessidade de inovar o campo pedagógico, que, segundo ele, está dividido entre os *experts*, que valorizam mais ciência e técnica, partidários da educação como ciência aplicada; e os chamados críticos, que atuam mais na perspectiva de teoria e prática, partidários da educação como práxis política⁶³, e apropriando-se do conceito de experiência de Martin Heidegger e de Walter Benjamin, propõe pensar a educação de outro ponto de vista, segundo ele, nem melhor, nem pior, mas de outra maneira, a partir do par experiência e sentido, tendo, para isso, a linguagem como locus privilegiado.

De acordo com Larrosa (2014, p. 49),

a linguagem não é apenas algo que temos e sim que é quase tudo o que somos, que determina a forma e a substância não só do mundo mas também de nós mesmos, de nosso pensamento e de nossa experiência, que não pensamos a partir de nossa genialidade e sim a partir de nossas palavras, que vivemos segundo a língua que nos faz, da qual estamos feitos. E aí o problema não é só o que é aquilo que dizemos e o que é que podemos dizer, mas também, e sobretudo, como dizemos: o modo como diferentes maneiras de dizer nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros.

É a linguagem que dá sentido à experiência, que, para Larrosa (2014), tem a ver com aquilo que nos (trans)passa, o que é bem diferente de conhecer ou estar informado. De acordo com ele, na sociedade da informação, temos cada vez mais conhecimento e menos experiência. Além do excesso de informação, ele considera também, como sinais desses tempos que inibem a experiência, querer opinar sobre as coisas e não ter tempo para vivenciar os momentos, silenciar, recordar em face da velocidade dos acontecimentos, dos inúmeros compromissos e do excesso de trabalho.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos

⁶³ Para Larrosa (2014, p. 29) tanto os *experts* como os críticos continuam tendo um lugar no campo pedagógico, pois enquanto aqueles podem ajudar a avançar no conhecimento e melhorar as práticas, estes são importantes para que a educação continue lutando “contra a miséria, contra a desigualdade, contra a violência, contra a competitividade, contra o autoritarismo”, mas, de acordo com ele, tanto uns como os outros “já disseram o que tinham de dizer e já pensaram o que tinham de pensar, ainda que continue sendo importante seguir falando, seguir pensando e seguir fazendo coisas nas linhas que eles abriram.”

tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2014, p. 18).

O sujeito da experiência, para Larrosa (2014, p. 18 -19), “se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”, mas essa passividade é “feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.” Dessa forma, o sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”, pois o que conta, na experiência, segundo Larrosa (2014, p. 19),

não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2014, p. 19, grifos do autor).

Nesse sentido, a proposta de Larrosa de “salvar o sujeito” pela literatura vai ao encontro de um futuro em que muitos estudiosos e críticos literários apostam, que “consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar.” (CALVINO, 2000, p. 43). Larrosa (2017) pensa, pois, a formação humana pela literatura, procurando discutir as implicações da pergunta nietzscheana como se chega a ser o que se é, mas sabendo que

não há um caminho traçado de antemão que bastasse segui-lo, sem desviar-se, para se chegar a ser o que se é. O itinerário que leve a um “si mesmo” está para ser inventado, de uma maneira sempre singular, e não se pode evitar nem as incertezas nem os desvios sinuosos. De outra parte, não há um eu real e escondido a ser descoberto. Atrás de um véu, há sempre outro véu; atrás de uma máscara, outra máscara; atrás de uma pele, outra pele. O eu que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está para ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser

explorado, mas para ser criado. (LARROSA, 2017, p. 9, grifos do autor).

Nesse trajeto não normatizado da formação, Larrosa (2017, p. 10) chama a atenção ainda para a necessidade de “se aprender a ler (e a percorrer) o mundo. Mas para isso, para que o mundo seja legível (e ‘percorrível’), tem-se de, primeiro, dissolver todos os esquemas de interpretação que nos são dados já lidos e interpretados”, daí o convite a recuperar a inocência da experiência e “romper com os sistemas de educação que dão o mundo já interpretado, já configurado de uma determinada maneira, já lido e, portanto, ilegível.” Com isso, a experiência da leitura aparece como uma “experiência de abandono das seguranças do mundo administrado, incluindo as que constituem a própria identidade do leitor, e como uma entrega a um outro mundo que “inquieta”, interrompe e transforma o primeiro.” (LARROSA, 2017, p. 12).

Para Charlot (2000), na compreensão do sujeito, a aprendizagem está sempre presente e é condição obrigatória no seu processo de construção, que envolve tornar-se um membro da espécie humana (hominizar-se), um ser humano único (singularizar-se) e um membro de uma comunidade, ocupando nela um lugar (socializar-se). É através do aprender que o sujeito se constrói, relacionando-se consigo próprio, com os outros a sua volta e com o mundo no qual está inserido.

Aprender para viver com os outros homens com quem o mundo é compartilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda a parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros. (CHARLOT, 2000, p. 53).

Nesse contexto, a literatura emerge como uma inesgotável fonte de saber, que permite conhecer os homens, as coisas, a vida e a nós mesmos. Por isso, diversos autores tem defendido utilizar o estudo de textos literários não apenas para ajudar a entender e dominar a língua, mas também para levá-lo a alcançar, em maior profundidade, sua significação artística e humana. (COELHO, 1966, p. 91). Assim, estudiosos como Chiappini (1983) reconhecem as potencialidades da literatura para o aprendizado, na medida em que esta provoca e desperta para o conhecimento, alargando expectativas, mas propõe abordá-la de uma forma prazerosa.

Bordini e Aguiar (1993), por sua vez, afirmam que todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Segundo essas autoras, enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, uma vez que, na sua representação mimética, termina por atingir uma significação mais ampla. Elas também veem a leitura como um fator essencial para formação da cidadania, considerando que a língua nasce da convivência social e é uma necessidade do indivíduo para viver em sociedade.

Partindo da noção de letramento, cujo conceito está relacionado ao uso da língua no contexto significativo das práticas sociais, Cosson (2006) fala da necessidade de haver também um letramento literário, que, enquanto prática social, é de responsabilidade da escola. O autor observa que estamos diante da falência do ensino da literatura, pois não há objetivos no ensino e falta ao professor não apenas conhecimento e coragem para romper com o ensino tradicional, mas também compromisso.

Para ele, a leitura literária na escola é um “lócus de conhecimento”, e como tal deve ser vista e explorada, constituindo-se uma troca de sentidos, que resulta de “compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.” (COSSON, 2006, p. 27). Por isso, a abordagem do texto literário requer análise e estratégias diferentes de leitura, que possibilitem ao aluno penetrar-lhe os sentidos e com ela interagir.

Sob essa perspectiva, na experiência da leitura literária na escola, Larrosa (2017) reflete sobre dois aspectos: seu controle pedagógico e sua relação com a formação e a transformação de quem somos. No primeiro caso, considera as possíveis sanções que pode sofrer a literatura quando introduzida na ordem pedagógica, que vão desde relegá-la a um plano inferior em relação às demais áreas, passando pela proibição da leitura de determinados textos até a sua expulsão, mas também sua subversão pelo discurso pedagógico⁶⁴.

Quanto à relação da literatura com a formação e a transformação humana, Larrosa (2017) refere-se à tradição pedagógica humanística, que se expressa nos conceitos de *Paideia*, *Humanitas* e *Bildung*, a qual, segundo ele,

⁶⁴ A partir do pensamento de Basil Bernstein, Larrosa (2017, p. 105) discute até que ponto o texto literário “pode escapar do controle das regras didáticas e ideológicas do discurso pedagógico dominante ou pode contribuir para solapá-las.”

implica que a educação, no que essa tem de mais nobre, pode ser pensada como uma relação “formativa e humanizante” com os livros canônicos que constituem o depósito espiritual de uma comunidade humana: o conceito primário de uma cultura literária, humanística, implica que o conhecimento do melhor que se escreveu e pensou amplia e depura os recursos do espírito humano. (LARROSA, 2017, p. 11, grifos do autor).

De acordo com ele, nessa tradição, pelo menos até o início deste século, a relação da cultura literária com a perfeição moral do indivíduo e da sociedade foi evidente por si mesma, mas, por outro lado, aí residia certa ambiguidade quanto à moral, o que se tentava resolver pela “seleção dos (bons) textos e o da tutela pedagógica que garantisse a (boa) leitura. [...] De uma maneira sempre complexa, sempre ambivalente, como se os livros tivessem o segredo da salvação e da condenação da alma.” (LARROSA, 2017, p. 11).

Considerando a leitura como experiência de formação e de transformação e rejeitando a ideia tradicional de formação como desenvolvimento de disposições preexistentes ou conformação a um modelo ideal estabelecido, Larrosa (2017, p. 12) pensa na formação “como um devir plural e criativo, sem padrão nem projeto, sem uma ideia prescritiva de seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária e excludente de seu resultado”, e na prática da leitura “como acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido”.

Nesse contexto, o papel do professor para Larrosa é muito semelhante ao que propõem Meirieu:

o professor não oferece uma verdade da qual bastaria apropriar-se, mas oferece uma tensão, uma vontade, um desejo. Por isso, ao professor não convém a generosidade enganosa e interessada daqueles que dão algo (uma fé, uma verdade, um saber) para oprimir com aquilo que dão, para, com isso, criar discípulos ou crentes. E tampouco não lhe convêm os seguidores dogmáticos e pouco ousados que buscam apoderar-se de alguma verdade sobre o mundo ou sobre si mesmos, de algum conteúdo, de algo que lhes é ensinado. O professor domina a arte de uma atividade que não dá nada. Por isso, não pretende amarrar os homens a si mesmos, mas procura elevá-los à sua altura, ou melhor, elevá-los mais alto do que a si mesmos, ao que existe em cada um deles que é mais alto do que eles mesmos. O professor puxa e eleva, faz com que cada um se volte para si mesmo e vá além de si mesmo, que cada um chegue a ser aquilo que é. (LARROSA, 2014, p. 10).

Em face das sanções pedagógicas que visam controlar a experiência da leitura, reduzindo o espaço no qual ela poderia acontecer, impossibilitando sua pluralidade, evitando o que nela poderia haver de incerto ou submetendo-a ditames e regras, Larrosa (2017) considera que se deve tratar o ensino e a aprendizagem da leitura como a abertura do sujeito à linguagem.

Desse ponto de vista, a educação literária já não é nem conservação do passado, como queriam os tradicionalistas, nem fabricação do futuro, como queriam os progressistas, nem mesmo formação do humano no Homem, como queriam os velhos humanistas de todos os matizes. A educação literária não se baseia em nenhuma nostalgia, em nenhuma esperança, nem mesmo no consolo da cultura, esse lugar ao mesmo tempo acabado e inacabado, cada vez mais “rico”, no qual as obras existem como coisas duradouras, ordenadas, acumuláveis e transmissíveis. Sua única virtude é a sua infinita capacidade para a interrupção, para o desvio, para a “desrealização” do real e do dado (inclusive do real e do dado de alguém) e para a abertura ao desconhecido. A iniciação à leitura aparece, assim, como o início de um movimento excêntrico, no qual o sujeito leitor abre-se à sua própria metamorfose. (LARROSA, 2017, p. 12, grifos do autor).

Entendemos, portanto, que, abrindo-nos à linguagem, abre-se para nós múltiplas possibilidades de desenvolvimento, e, a partir da educação literária, dependendo da intensidade de nossa experiência e da qualidade do sentido que a esta atribuímos, mais do que informados, podemos ser (re)/(trans)formados, mesmo correndo riscos de também ser deformados. É somente nesse processo aberto e contínuo, rico em experiência e pleno de sentido, que podemos passar, então, de leitor a escritor, de aprendiz a professor, de formando a formador. E, assim, sem que nos demos conta, estaremos contribuindo para a conservação da memória, a construção do futuro e a formação do humano no homem.

5.3 MÉTODO BIOGRÁFICO E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

O uso do chamado método biográfico que se baseia no estudo de relatos de vida remonta às décadas de 1920 e 1930, quando este era muito empregado em pesquisas na área de ciências sociais, na Escola de Chicago, nos Estados Unidos. Tendo perdido espaço, nas décadas seguintes para os métodos empiristas, ele passa a ser utilizado como fonte heurística, na década de 1950. Contudo, por volta dos anos 1980, o método é retomado no campo da sociologia, a partir dos estudos de Franco Ferrarotti, com as histórias de vida, e hoje vem sendo largamente usado em pesquisas

na área de educação que investigam as trajetórias de escolarização, com vistas à compreensão e ao aperfeiçoamento dos processos de formação.

De acordo com Souza (2006, p. 26), as abordagens biográfica e autobiográfica dessas trajetórias, tomadas como narrativas de formação, no âmbito da pesquisa narrativa ou histórias de vida em formação, “inscrevem-se nesta abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-la como processo formativo e autoformativo, através das experiências dos atores em formação”, como também porque “esta abordagem constitui estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação”. (SOUZA, 2006, p. 26).

Na concepção de Ferrarotti (2014, p. 36), “os materiais utilizados pelo método biográfico são, na maioria, autobiográficos”, mas podem incluir várias modalidades de estudos com histórias de vida, quer sejam biográficas ou autobiográficas. Contudo, mais do que a multiplicidade de gêneros envolvidos, Christine Delory-Momberger considera importante a compreensão da natureza do discurso autobiográfico, que consiste em configurar narrativamente a sucessão temporal de sua própria experiência, possibilitando à pessoa que narra reinterpretar os acontecimentos dentro de um novo enredo e reinventar a si mesma. (DELORY-MOMBERGUER, 2008, 2012).

Trata-se, pois, de um método de natureza qualitativa, que nos permite aprofundar na subjetividade da narrativa construída por um sujeito que reflete sobre seu próprio percurso de formação. A partir daí, buscando uma compreensão de como os indivíduos se tornam quem eles são, como também a melhoria dos processos formativos para atender demandas da nova ordem mundial, desenvolveu-se a ideia de aprendizagem e formação ao longo da vida.

De acordo com Alheit e Dausien (2006, p. 177), o conceito de aprendizagem ao longo da vida tomou uma dimensão estratégica e funcional, de modo que é “a ele que se recorre para definir as missões de formação das sociedades pós-modernas”, como se observa no *Memorandum* sobre a educação e a formação ao longo da vida, ratificado em março de 2000, em Lisboa, pela Comissão Européia:

a aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) não é apenas mais um dos aspectos da educação e da aprendizagem; ela deve se tornar o princípio diretor que garante a todos o acesso às ofertas de educação e de formação, em uma grande variedade dos contextos de

aprendizagem (*Commission of the European Communities*, 2000, p. 3 apud ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 178).

Alheit e Dausien (2006, p. 178) observam que, antes de mais nada, essa forma de aprendizagem visa atender a uma necessidade econômica e social, por isso “não diz respeito apenas a elites tradicionais, mas a todos os membros da sociedade”. Nesse sentido, eles chamam a atenção para o teor de uma publicação do Ministério da Educação inglês, cuja proposta central declara:

Para fazer face à mudança rápida e ao desafio da era da informação e da comunicação, devemos garantir que as pessoas possam voltar a aprender ao longo de suas vidas. Nós não podemos contar com uma pequena elite apenas, qualquer que seja seu grau de educação. Ao contrário, necessitamos de criatividade, de espírito empreendedor e da instrução de todos. (*O Livro branco da educação ao longo da vida*. Department for Education and Employment, 1998, p. 7, apud ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 178, grifos no original).

A educação ao longo da vida concerne a todas as atividades significativas de aprendizagem, seja em processos formais “que ocorrem nas instituições de formação clássicas e que são, geralmente, validados por certificações socialmente reconhecidas”; não formais, “que se desenvolvem habitualmente fora dos estabelecimentos de formação institucionalizados – nos locais de trabalho, em organismos e associações, no seio de atividades sociais, na busca por interesses esportivos ou artísticos”; ou informais, “que não são empreendidos intencionalmente e que ‘acompanham’ incidentalmente a vida cotidiana”. (*Commission of the European Communities*, 2000, p. 8, apud ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 178).

Foi no contexto da aprendizagem ao longo da vida, identificada também como aprendizagem biográfica, que se formulou o conceito de biografização, que é justamente esse processo permanente de aprendizagem e de constituição sócio-histórica do sujeito que se narra a si mesmo, sendo a biograficidade a capacidade de o sujeito perlaborar a experiência vivida. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006). Trata-se, segundo Alheit e Dausien (2006, p. 179), de um “processo altamente organizado da perlaboração, da ligação e da (trans)formação dos primeiros processos de aprendizagem em uma figura biográfica de experiências, ou seja, de algum modo uma ‘segunda ordem’ de processos de aprendizagem.”

Sob essa perspectiva, os estudiosos falam de uma “revolução silenciosa” da educação, antevendo, assim, uma “nova ordem educativa”, orientada para o sujeito e para os aspectos não institucionalizados e auto-organizados da aprendizagem; um

“novo saber”, que não é mais capital cultural, no sentido dado por Pierre Bourdieu, mas um capital cerebral, no dizer de John Field, que produz economias novas e, ao mesmo tempo, virtuais; e, por fim, uma “nova função do saber”, que não é mais colocar à disposição nem tampouco transmitir saberes, valores e competências previamente determinados, mas “permitir, de algum modo, a ‘osmose dos saberes’, sob a forma de trocas permanentes da produção individual e da gestão organizada do saber”. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 182).

Assim pensada em suas relações com outros ambientes de aprendizagem, além da escola, o que lhe dá também um caráter social e não apenas individual, a aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) assume uma dimensão ainda maior, no sentido de uma aprendizagem que abarca todos os aspectos da vida (*lifewide learning*), o que demanda uma drástica mudança de paradigma na organização da aprendizagem, pois

A questão central da pedagogia não é mais saber como uma determinada matéria pode ser ensinada da maneira mais eficaz possível, porém quais são os ambientes de aprendizagem que são os melhores para estimular a responsabilização dos processos de aprendizagem pelos próprios aprendentes, ou seja, como o aprender pode ser “aprendido” (Simons, 1992; Smith, 1992). (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 183, grifos do autor).

Naturalmente, como afirma Alheit e Dausien (2006, p. 183), ainda será necessário o desenvolvimento das competências de base, como a leitura, a escrita, o cálculo e a utilização autônoma do computador, porém “até mesmo essas *basic skills* devem estar ligadas a experiências práticas e as habilidades cognitivas adquiridas devem ser relacionadas a competências sociais ou afetivas”.

Então, como processo biográfico, a formação passa a ser compreendida como processo relativamente autônomo diante das trajetórias da vida e dos currículos, não se reduzindo apenas às formas organizadas e institucionalizadas, mas englobando todo o complexo de experiências vividas cotidianamente.

Na dimensão vivida, a aprendizagem está, assim, sempre ligada ao contexto de uma biografia concreta. Por outro lado, é também a condição ou o instrumento de mediação no qual as construções biográficas, como formas reflexivas da experiência, podem se desenvolver e se transformar. Sem biografia, não há aprendizagem; sem aprendizagem, não há biografia. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 190).

Em face disso, no campo da teoria biográfica, na qual à aprendizagem se relacionam os termos “do cotidiano”, “a partir das experiências”, “por assimilação”, “ligadas ao mundo da vida” ou “autodidaxia”, como registram Alheit e Dausien (2006, p. 180), entendemos que aí pode ser inserida a literatura. Enquanto modalidade artística privilegiada, lócus do conhecimento mediado pela linguagem, ela pode muito bem constituir-se “ambiente de aprendizagem” com potencial “para estimular a responsabilização dos processos de aprendizagem pelos próprios aprendentes”.

Dada a validade da obra literária e sua função como síntese e projeção da experiência humana, acreditamos que a literatura pode contribuir para os processos formativos não institucionalizados e auto-organizados da aprendizagem biográfica. Nesse sentido, vislumbramos, com Candido (1972, p. 804), a força humanizadora da literatura, “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”, e também, com Larrosa (2014), o poder (trans)formador da literatura, através da linguagem que dá sentido à experiência.

Dito isso, voltamo-nos para a análise da obra *Província submersa*, de Octacílio Alecrim, a qual, embora possua um caráter de memórias, apresenta-se como uma autobiografia com todos os elementos próprios desse gênero, além de, no âmbito temático, ocupar-se de processos formativos por meio da leitura de obras literárias. Ainda que não se trate de uma narrativa oral guiada por meio de um entrevistador, como as histórias de vida em formação, escolhemos como método de análise o biográfico, por acreditarmos que este pode ajudar a compreender como Octacílio Alecrim percebe suas experiências de vida, formação e atuação, no que tange à especificidade da leitura de obras literárias, através da biografização.

Nesse sentido, buscamos analisar a obra, do ponto de vista da aproximação entre formação humana e literatura, por meio da abordagem qualitativa e da epistemologia hermenêutica desse método que compreende a análise compreensiva-interpretativa da narrativa, considerando a trajetória de formação de Octacílio Alecrim no que diz respeito aos processos de aprendizagem não formais, desenvolvidos habitualmente por ele na leitura de obras literárias.

De acordo com Souza (2014, p. 43), a análise compreensiva-interpretativa “deve evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação, seus objetivos e o processo de investigação-formação, numa perspectiva colaborativa, com vistas a apreender regularidades e irregularidades”, partindo “sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas na narrativa”. Para realizar a análise, Souza

(2014) propõe, então, “a ideia metafórica de uma leitura em três tempos, por considerar o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido”. Dessa forma, têm-se o tempo I, destinado à pré-análise e à leitura cruzada, visando à construção do perfil biográfico do pesquisado e à detecção de marcas de singularidade, regularidade e irregularidades; o tempo II, dedicado à leitura temática e definição das unidades de análise temática/descritiva; e o tempo III, referente à leitura interpretativa-compreensiva do *corpus*.

Desse ponto de vista, no desenvolvimento deste trabalho, num primeiro momento, de pré-análise da narrativa e leitura cruzada com outras fontes, como jornais da época, documentos, fotografias e outros estudos, procuramos construir o perfil biobibliográfico de Octacílio Alecrim, conforme consta no capítulo dois. Depois, numa segunda etapa, procuramos tematizar e definir as unidades de análise descritiva, correspondentes à memória, à escrita de si e, mais especificamente, à formação humana, compreendendo os capítulos três, quatro e cinco, respectivamente. Essa definição foi guiada, inicialmente, pelo que consideramos relevante na composição das memórias de Octacílio: a influência de Marcel Proust, cuja obra se organiza em torno de uma nova concepção da memória no tempo e no espaço, com destaque para as recordações de seu lugar de nascimento e vivências; a escolha do gênero autobiográfico, com todas as implicações decorrentes da escrita de si, suscitadas pela problemática estrutural e pelas noções de pacto autobiográfico e ilusão retórica; e, por último, sua relação com escritores e livros que contribuíram no seu processo de formação humana.

Nisso, também consideramos a tríplice dimensão do estudo de narrativas de cunho autobiográfico em percursos formativos do sujeito, enquanto “FENÔMENO (o relato; o acontecimento), MÉTODO (de investigação) e PROCESSO (de auto-conhecimento, de desenvolvimento identitário do sujeito que se narra)”, conforme salientado por Abraão (2005, p. 148). Logo, procuramos tratar o conteúdo emergente da memória de Octacílio Alecrim; a forma utilizada por ele para se expressar; e a reflexão que faz sobre seu próprio processo de formação a partir das leituras literárias, de modo que, relacionamos cada uma dessas dimensões aos campos de investigação onde se desenvolve nossa pesquisa: memória (fenômeno), escrita de si (método) e formação humana pela literatura (processo).

Para análise compreensiva-interpretativa da terceira e última unidade temática da obra *Província submersa*, achamos por bem dividi-la em duas unidades

menores, que apontam para os distintos movimentos de leitura e de escrita literárias. Assim, focalizamos educação literária e biografização, adotando, num primeiro momento, a perspectiva da “pedagogização da literatura” e, num segundo momento, a da “literaturização da pedagogia”.

5.4 EDUCAÇÃO LITERÁRIA E BIOGRAFIZAÇÃO

A educação por meio da literatura, porquanto esta envolve distintos aspectos da ciência, da vida e da arte, apresenta-se como alternativa viável de aprendizagem para atender os desafios da sociedade da informação. Mediante a leitura de obras literárias, acompanhada e refletida com o intuito de aperfeiçoamento pessoal, é possível adquirir um repertório de conhecimentos, desenvolver o senso ético e cultivar a percepção estética. Isso acarretaria inúmeros benefícios para o sujeito, individualmente, e também para os grupos sociais onde está inserido, dada a possibilidade de estender, para além da educação formal, os processos de autoformação, aumentando em muito suas “chances de partida”⁶⁵ para atuação na sociedade.

Contudo, em face da “nova ordem educativa”, na qual se exige “novo saber” com “nova função”, talvez não seja suficiente ficar simplesmente a ler, mas também colocar-se no texto, no contexto da aprendizagem ao longo da vida, identificada também como aprendizagem biográfica, que acontece quando o sujeito, narrando-se a si mesmo, vai se constituindo sócio-historicamente através da perlaboração da experiência vivida (ALHEIT e DAUSIEN, 2006). Assim, a partir dessa elaboração racional que faz de suas leituras e experiências, torna-se apto para agir e se mover no mundo.

Nesse processo, altamente organizado de perlaborar, relacionar e (trans)formar os processos de aprendizagem em uma figura biográfica de experiências, serão exigidas novas competências e habilidades do sujeito, que vão além da assimiliação da leitura. Emerson (1994) afirma que todos somos sábios, o que nos diferencia é a habilidade técnica para expressar, usar e classificar os fatos

⁶⁵ De acordo com Alheit e Dausien (2006, p.187), “por meio do sistema de formação geral da escola e dos níveis e perfis de qualificação que ele determina, são fixadas as chances de partida e são estabelecidos os pontos de desvio que orientarão o curso da vida vindoura e definirão o posicionamento social dos indivíduos.”

e experiências de nossa vida. Segundo ele, no intelecto construtivo, que popularmente chamamos de “gênio”, assim como no intelecto receptivo, há o mesmo equilíbrio de dois elementos. Ao gênio, contudo, são dados o pensamento e a capacidade de tornar público. O pensamento, para ele, “é revelação, sempre um milagre que nenhuma frequência de repetição ou estudo incessante poderá tornar familiar e que sempre deixará o inquisidor estupefato de admiração. É o advento da verdade no mundo [...]. Mas, para torná-la disponível, é necessário um veículo ou arte por meio do qual ela seja transmitida aos homens.” (EMERSON, 1994, p. 225). Como diria José Saramago, “somos todos escritores, só que alguns escrevem e outros não”⁶⁶.

Emerson (1994, p. 226 - 227) diz ainda que o pensamento do gênio pode até ser espontâneo, mas o poder de expressar requer um elemento de vontade e um certo controle sobre os estados espontâneos. E observa que o intelecto que discerne o mundo está sempre muito adiante do intelecto criativo, de modo que há muitos julgadores competentes do melhor livro e poucos escritores dos melhores livros. Para ele, “o progresso de todo homem ocorre por meio de uma sucessão de professores, cada um dos quais parecendo a seu tempo ter influência superlativa, mas cedendo, por fim, seu lugar a um novo.” (EMERSON, 1994, p. 230).

É nessa perspectiva que vislumbramos uma pedagogização da literatura, a partir da qual vamos sendo formados por meio de nossa experiência com a leitura literária, à qual atribuímos sentido e que se multiplica ao infinito, possibilitando, através de nossa abertura à linguagem, uma melhor compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo, podendo desembocar numa literaturização da pedagogia, que nos torna sujeitos cada vez mais conscientes dessa formação, a ponto de escrevermos nossa própria história, mesmo que, não sendo “gênios”, sejamos incapazes de torná-la pública mediante a arte. A seguir, guiados por essas considerações através da obra *Província submersa*, procuramos demonstrar como esse percurso pode ter acontecido na vida de Octacílio Alecrim.

⁶⁶ A frase foi enunciada em Frankfurt, em referência ao sr. José, um dos personagens de um livro seu. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1997 [Entrevista a Paulo Roberto Pires], cf. AGUILERA, Fernando Gómez (Org.). **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. Elaborado a partir de declarações do autor recolhidas na imprensa escrita. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

5.4.1 Pedagogização da Literatura

Começando já nos primeiros anos da infância, a leitura literária se reveste de grande importância para os processos educacionais, tendo em vista que, como observou Paulo Bungart Neto, a partir da descrição da experiência de leitura de Marcel Proust⁶⁷, a literatura “recria um mundo imaginário e edênico”:

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezásemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul; o jantar que nos fazia voltar para casa e em cujo fim não deixávamos de pensar para, logo em seguida, poder terminar o capítulo interrompido, tudo isso que a leitura nos fazia perceber apenas como inconveniências, ela as gravava, contudo, em nós, como uma lembrança tão doce (muito mais preciosa, vendo agora à distância, do que o que líamos então com tanto amor) que se nos acontece ainda hoje folhearmos esses livros de outrora, já não é senão como simples calendários que guardamos dos dias perdidos, com a esperança de ver refletidas sobre as páginas as habitações e os lagos que não existem mais (PROUST *apud* BUNGART NETO, 2007, p. 164).

Com isso, ela tem o poder de atrair nossa atenção, colocar em ação nossos sentidos e intelecto e seduzir-nos, fixando-nos em um universo paralelo imaginário, por meio de cuja estrutura e significado temos a possibilidade de organizar nosso próprio universo interior. Como toda atividade humana, precisamos, contudo, nisso também, buscar o equilíbrio para que o mergulho nesse universo não nos aliene do mundo real.

Para que possamos ser atraídos a esse universo e daí extrair o alimento para nutrição de nosso espírito, especialmente na fase mais importante de nossa formação, que se dá na infância e juventude, é necessário que haja algumas condições, começando pela criação do hábito de leitura, passando pela interação com leitores experientes até chegarmos a uma relação significativa com os livros e os

⁶⁷ PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. 4 ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 9 - 10.

escritores. É mais ou menos esse o percurso que depreendemos ter feito Octacílio Alecrim, conforme narrado em *Província submersa*.

5.4.1.1 Prazer da leitura

Nem toda formação é autoformação, observava Edith Stein, pois isso só acontece quando a vontade e os atos do sujeito são livres, o que ainda não acontece quando somos crianças, pois, enquanto não podemos trabalhar por nós mesmos em nossa formação, dependemos mais da ajuda de outras pessoas. Assim, no período da infância, estamos quase que totalmente submetidos à ação de nossos formadores, primeiramente nossos pais ou responsáveis pela nossa educação e depois nossos professores, os quais, por um dever de responsabilidade para conosco, devem proporcionar nosso acesso às condições e aos materiais necessários à nossa formação.

No caso da formação a ser proporcionada pela literatura, é indispensável antes a criação do gosto pela leitura até que venha a se tornar um prazer e um hábito incorporado à própria rotina ao lado de outras necessidades. Para tanto, faz-se necessário dispor de um ambiente que favoreça o contato com os livros ainda na infância. Isso pressupõe, não apenas dispor de livros em quantidade, variedade e qualidade, mas também de tempo e espaço para leitura, além da referência de leitores maduros ou pelo menos já iniciados nessa arte, o que é mais importante.

Sabemos que, ao lado dessas condições ordenadas positivamente, será necessário ainda combater situações que possam inibir ou ameaçar a atividade de leitura, sejam de natureza psíquica, cultural, social, econômica ou de qualquer outra ordem diversa, mas isso não constitui objeto de nossa pesquisa, razão pela qual não nos deteremos nessa questão.

Em *Província submersa*, logo nas primeiras páginas, ao descrever a sala de visitas, onde “repousava de certa maneira a fisionomia da residência”, Octacílio Alecrim deixa entrever como lhe estavam dispostas as condições necessárias para ler: “duas cadeiras de balanço numa das quais minha mãe costumava ler à tarde” (ALECRIM, 2008, p. 37). Além do ambiente tranquilo, que parece indicar o uso do vocábulo “repousava”, tem-se um horário específico (“à tarde”) e um local apropriado (“cadeiras de balanço” da sala de visitas) para a atividade de leitura, como também

uma leitora mais experiente que será uma importante referência para ele (“minha mãe”).

De fato, é Donana quem introduz o menino Octacílio Alecrim nas letras: “À minha mãe devo o conhecimento das primeiras letras, o a.b.c., através de uma cartilha em papel ordinário e capa vermelha, e dos números, graças a uma tabuada encardida e rasgada”. (ALECRIM, 2008, p. 101). Octacílio Alecrim também pode ter criado o hábito da leitura ao ver lendo sua mãe, cujo “refúgio natural era um ‘bom’ romance.” (ALECRIM, 2008, p. 101).

Entre os autores nacionais, recordo-me bem da sua preferência pelos livros de MANUEL DE MACEDO (*A Baronesa de Amor, Os Dois Amores, O Moço Louro, As Mulheres de Mantilha, Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*); de José de Alencar (*A Viuvinha, Diva, Iracema, Lucíola, Senhora, A Pata da Gazela, O Tronco do Ipê, As Minas de Prata*); de BERNARDO GUIMARÃES (*A Escrava Isaura, O Garimpeiro, Maurício*); e de ALUÍZIO DE AZEVEDO (*Uma Lágrima de Mulher, O Livro de uma Sogra, Memórias de um condenado*). Além de romances de ALEXANDRE DUMAS (*A Dama das Camélias, Os Três Mosqueteiros, Memórias de um Médico, O Conde de Monte Cristo*); de BALZAC (*Eugênia Grandet, O Lírio do Vale, O Tio Goriot, As Ilusões Perdidas*); e de WALTER SCOTT (*Ivanhoé, Talismã, Misantropo*), lidos em traduções portuguesas na sua cadeira de balanço, minha mãe releu várias vezes *Manon Lescaut*, de PRÉVOST, e relia sempre *Quo Vadis*, de SIENKEVICZ, o livro por excelência das famílias católicas, quase todas o eram, do Nordeste. (ALECRIM, 2008, p. 101).

Em outro momento, aparece também o pai como referência de leitor maduro e bastante influente sobre o filho, tendo em vista a biblioteca que coloca à disposição do menino. No trecho reproduzido a seguir, que, embora extenso, fazemos questão de transcrever para observar, não só a variedade de livros do Coronel Prudente, incluindo também obras literárias, mas também o contexto em que estão inseridos e, ainda, os relatos que Octacílio Alecrim faz acerca de sua experiência de leitura de alguns dos livros referidos.

Recordo-me bem de que, no seu armário, estilo antigo, havia obras traduzidas de Camilo Flammarion e Júlio Verne, a *Bíblia Sagrada*, tradução portuguesa, com notas de Delaunay; o *Chernoviz*; a *História do Rio Grande do Norte*, de Rocha Pombo; o *Lunário Perpétuo*, coleções dos almanaques Garnier e Bertrand, livros de Tavares de Lira e Tobias Monteiro, eminentes historiadores coestaduanos dos quais era amigo afeiçoado, opúsculos de Henrique Castriciano e Eloy de Souza; *Pela Educação Nacional*, de José Augusto; brochuras de discursos de RUI na campanha civilista, publicações sobre agricultura, o Dicionário ilustrado de Simões da Fonseca, coleções encadernadas de Eugène Sue, e muitos fascículos de Michel Zevaco, Sherlock

Holmes e Nick Carter, gênero esse, (ficção de mistério) que muito apreciava.

À sombra da estante, a literatura existente e de que lembro eram o *Monge de Cister*, *Eurico – o presbítero*, o *Bobo e as Lendas e Narrativas* de HERCULANO, todos em pequeno formato e encadernados em couro; *Viagens na minha terra*, de GARRETT; *Retirada da Laguna*, de TAUNAY; *A Esfinge*, de AFRÂNIO PEIXOTO; *Canaã*, de GRAÇA ARANHA; *Miragem*, *Rei Negro* e *Inverno em flor*, de COELHO NETO; *Poesias*, de BILAC, e, *Os Sertões*, de EUCLIDES DA CUNHA.

Meu pai, talvez por seu vivo temperamento político, era um apaixonado pelos assuntos históricos, e também muito dado à leitura de livros de narrativas e impressões de viagem, desde a numerosa coleção, em vermelho e preto, das *Viagens Maravilhosas* de JÚLIO VERNE, de que eu tanto gostava, até as dos países contados pelos escritores que viajavam pelo estrangeiro (NESTOR VITOR, *Paris*, OLIVEIRA LIMA, *No Japão*, RAMALHO ORTIGÃO, *A Holanda*, EMÍLIO CASTELAR, *Recordações da Itália*) e depois reuniam em livro as suas impressões da terra visitada.

Havia ainda uma valiosa e instrutiva coleção de livros em francês sobre países estrangeiros (*França*, *Turquia*, *Japão* e *China*, os que me vêm à memória), em papel que me faz lembrar o *bouffant* especial e todos com ilustrações coloridas semicoladas às páginas, que eu não me cansava de ler, mas, sobretudo, de folhear, para me alimentar de imagens.

Eu que tanto havia gostado, quando menino de feira, das louças de barro tabatinga, foi, sem dúvida, com indizível surpresa e amorável estesia que deparei com o ORTIGÃO aproveitando a Olaria de Delft como motivo para um capítulo de arte literária.

Não posso esquecer, por outro lado, a profunda impressão das paisagens artísticas do encantador país das cerejeiras em flor descritas no belo livro de OLIVEIRA LIMA, autêntico precursor brasileiro do estudo do pitoresco estético nas criações combinadas da Natureza e da Arte.

Em verdade, foram aqueles livros e aquelas estampas que me viciaram no hábito das leituras de impressões de viagem – essa forma tão sugestiva de se ver o mundo pelos olhos sensíveis dos outros.

Alguns desses livros lhe foram oferecidos pelo dr. Alberto Maranhão, outro comprovinciano ilustre de quem também era amigo e correligionário, pois, durante muito tempo, havia em casa retratos em tamanho grande do dr. Alberto, quando Governador do Estado. (ALECRIM, 2008, p. 88-89).

Mais importante do que dispor dos livros à mão, constituem o uso e o valor que a estes se atribuíam na família de Octacílio Alecrim. Da mãe, ele dizia anteriormente que seu “refúgio natural era um ‘bom’ romance”. Agora do pai, ele diz, no trecho acima, que “era um apaixonado pelos assuntos históricos, e também muito dado à leitura de livros de narrativas e impressões de viagem” e que “alguns desses livros lhe foram oferecidos pelo dr. Alberto Maranhão [...], governador do Estado.” Ou seja, em sua casa, os livros não apenas eram lidos e apreciados pelo pai e pela mãe,

como também eram validados por uma autoridade externa da magnitude de um governador.

Além disso, alguns dos livros apresentavam certos atrativos, como a temática exótica “de países estrangeiros (França, Turquia, Japão e China, os que me vêm à memória)”, o que mexe com a curiosidade do garoto; a qualidade da edição em papel especial que “faz lembrar o *bouffant*”; e as “ilustrações coloridas”, que são bastante interessantes para cativar os leitores mirins, ávidos por imagens.

Ainda nessa passagem, contemplamos a experiência de Octacílio Alecrim de “indizível surpresa” e “amorável estesia” ao encontrar, no livro de Ramalho Ortigão sobre a Holanda, imagens da porcelana de Delft, “como motivo para um capítulo de arte literária”, o que permitiu ao nosso pequeno leitor, que, “quando menino de feira”, gostava tanto “das louças de barro tabatinga”, fazer associações com a própria realidade.

Assim ele descreve as impressões que ficaram dessas experiências de leitura: “Em verdade, foram aqueles livros e aquelas estampas que me viciaram no hábito das leituras de impressões de viagem – essa forma tão sugestiva de se ver o mundo pelos olhos sensíveis dos outros.” Isso demonstra como foi se criando nele o gosto pelos livros, através das sensações e do conhecimento que estes lhe proporcionavam.

De acordo com Stein, o material que recebemos pelos nossos sentidos (audição, visão, tato, paladar e olfato) e pelo nosso intelecto, que são como portas de entrada para nossa alma, passa pelo nosso crivo, pois percebemos o que têm ou não valor, de modo que o que nos parece conveniente vai sendo assimilado no mais profundo de nosso interior e cresce conosco. É dessa forma que nossa alma cresce, se enriquece e se amplia, e, ao mesmo tempo, cresce também nosso mundo interior. É o que, de resto, começava a acontecer com o pequeno Octacílio Alecrim.

Mas, nesses contextos formativos da infância, dificilmente estamos logo aptos à leitura de formas literárias mais complexas em sua modalidade escrita, como poemas, contos e romances, que são veiculados em livros, folhetos, jornais e revistas, por isso é tão importante o contato com outras formas de fabulação mais simples, como anedota, adivinha, trocadilho, rifão, ou com aquelas formas complexas da modalidade oral, como narrativas populares, contos folclóricos, lendas, mitos etc. (CANDIDO, 1972; 1995). Como as demais formas, estas também buscam responder

à necessidade universal de fabulação que todo homem tem, independente da idade ou do nível sociocultural. Em muitos casos, tais gêneros, pela aproximação com a cultura popular e pela expressividade da linguagem, podem ajudar a despertar o gosto pela literatura.

Assim, a literatura pode surgir, nesse contexto das memórias de infância, como evocação do conhecimento de mundo ligado às credices e superstições que se refletem na obra literária como parte dos bens culturais: “As cinco janelas, com vidraça e postigos, eram escoradas, quando abertas, com buzos (búzios), pois a credice geral atribuía a tais conchas marinhas o efeito mágico de espantar infelicidades(*)” (ALECRIM, 2008, p. 40).

(*) No *Malasarte*, de GRAÇA ARANHA, peça simbolista representada pela primeira vez em Paris, 1911, no *Théâtre de l’Oeuvre*, a heroína Dionísia, de pés descalços, deitada sobre um pequeno rochedo, na Praia da Boa Viagem, escuta num búzio, os seus próprios cantos de amor, quando Malasarte, chegado de barca, toma a concha da Dama do Mar e, fremente que nem um tritão, sopra-lhe a tempestade no coração. (ALECRIM, 2008, p. 40, grifos no original).

Um fato corriqueiro como o uso de búzios para “escorar” as janelas reveste-se de um poder mágico. E isso irá reverberar no futuro homem, em sua constituição intelectual e cultural, por isso, já adulto, por meio dessa evocação da infância, Octacílio Alecrim se apropria do conhecimento e, pela biografização, pode reescrever sua história, fazendo as ligações do passado com o presente. Assim, ele é transportado cognitivamente para o universo literário de Graça Aranha (1868 - 1931), cuja obra *Canaã* (1902) iria ler no fim do colegial (ALECRIM, 2008, p. 175), e traz no rodapé informações sobre a peça *Malasarte* (1911), para mostrar a ampliação de seu repertório cultural com outros elementos míticos.

Graça Aranha, por sinal, é um dos autores mais citados em *Província submersa*, havendo 27 referências a ele e suas obras. Além de *Malasarte* e *Canaã*, são citados seu livro de ensaios *Estética da vida* (1921); a conferência *O espírito moderno* (1922), proferida na Semana de Arte Moderna; o romance *A viagem maravilhosa* (1929); e suas memórias *O Meu Próprio Romance* (1931). Em várias passagens, Octacílio Alecrim demonstra seu encanto pela obra de Graça Aranha.

Ao lembrar da conferência *O espírito moderno*, a cujo texto teve acesso por meio de um exemplar da revista *América Brasileira*, que lhe foi dado pelo escritor Henrique Castriciano, Octacílio Alecrim diz: “este pequeno acontecimento, renovando

em mim o primitivo elã pelo autor de *Canaã*, cuja primeira leitura me aturdiu como um corisco, é o responsável longínquo pela existência da primeira parte de meus *Ensaio de Literatura e Filosofia*, Rio, 1955.” (ALECRIM, 2008, p. 195-196, grifos no original). Nessa obra de Octacílio Alecrim, constam quatro ensaios sobre a figura de Malasarte, que, para nosso escritor, é “o metafísico da alegria, transfigurado pela nova estética da vida, zomba da gente triste e confessa que ele próprio é uma fonte de inspiração da energia nacional.” (ALECRIM, 2008b, p. 56).

Na citação a seguir, retirada da “Introdução à temática do souvenir”, Octacílio Alecrim mostra a relação entre a ficção e a realidade na obra de Graça Aranha, ressaltando o caráter educativo das histórias sobre a imaginação.

No romance *Canaã*, 1902, de GRAÇA ARANHA, embora escrito em terra estranha, a narração da assombração do corrupira e a descrição do verão sertanejo são puras transposições, pela memória evocativa, de cenas de sua vida passada na terra natal – o Maranhão – com sua fazenda do Pindobal e seus campos de Cajapió.

Na sua autobiografia, diz ele: “A velha Militina foi uma das educadoras essenciais da minha imaginação. Alimentou-me o espírito infantil de histórias de mil e uma noites, de narrativas medievais, quando não me entretinha com os episódios tenebrosos da crônica maranhense”. *O Meu Próprio Romance*, Rio, 1931.

A Militina real desta evocação não será porventura aquela mesma Militina imaginária, personagem de *Malasarte*, 1911, que considerava “seu filho” aquele menino a quem havia amamentado nos seus peitos, embalado no berço e na rede, anos e anos, e contado tantas histórias à noite até um dos dois cabecear de sono? (ALECRIM, 2008, p. 28, grifos no original).

Como afirma Todorov (2009, p. 23), “somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.” Octacílio também contará com “educadores essenciais da sua imaginação”. Seu espírito infantil será alimentado de histórias pitorescas e lendas da região, como vemos no Capítulo IV – Brevetes do fabulário.

Não me lembro bem se foi Teté ou Maria Dina quem me contou pela primeira vez a estória de encantamento da Lagoa do Tapará.

Nas noites de lua cheia, ninguém devia tomar banho sozinho na lagoa, porque podia aparecer a mãe-d’água.

Um carreiro, que não se importara com o aviso, ouviu o canto da sereia verde e tanto se aproximou da visão para ouvi-la cantar que, de repente, deixou de tomar pé na fundura da lagoa e foi levado lá para dentro, onde morreu afogado.

Na manhã seguinte, encontraram o carro de boi parado e sem guia na estrada, e na beira da lagoa, a roupa do rapaz enfeitiçado. (ALECRIM, 2008, p. 121).

Em Província submersa, encontramos também manifestações literárias populares classificadas como formas simples por Candido (1972). São cantigas e brincadeiras, as quais Octacílio Alecrim registra com muito gosto. Um deles é de uma cantiga de ninar, a qual possui também uma versão assinalada pela poeta Palmyra Wanderley no seu *Roseira brava* (1929). Abaixo, transcrevemos os dois registros:

Dorme, dorme, meu filhinho,
Benzinho do coração,
Dorme, dorme, ligeirinho,
Que os Anjos aí estão.

Dorme, dorme, meu filho,
Deixa de tanto chorar
Quem tem filho não passeia
Sua mãe foi passe-ar ...

.....
A' – A' – A' – A' – !!!!

Na sequência, transcrevemos também algumas adivinhas e pulhas satíricas, quando a “vivacidade infantil é experimentada nos seus primeiros contatos de comunidade:

– Que horas são?
– Falta dez réis pra meio tostão.
* * *

– Eu ia por caminho
– Eu também
– Encontrei um passarinho
– Eu também
– Com seu bico de latão
– Eu também
– Pinicando um.....
– Eu também
* * *

– Cadê o bolinho que estava aqui?
– O gato comeu!
* * *

– Que é, o que é?
Uma casinha branca
Sem porta e sem tranca?
– Ovo.
(p. 66-67)

Além das manifestações literárias da tradição popular, podem ainda ajudar a despertar o gosto pela literatura, se bem orientadas e acompanhadas, as expressões de literatura infantil, como também as formas ligadas à comunicação pela imagem e à redefinição da comunicação oral pela tecnologia, assim definidas por Candido (1972). No trecho abaixo, tem-se uma recordação afetiva do “primeiro almanaque das aventuras de Chiquinho” e de outros livros lidos na infância, misturados a outras emoções da vida do menino Octacílio Alecrim.

Nessa fase de minha meninice, faz de conta que estou vendo minha mãe a presentear-me num dia de Natal com um almanaque do Tico-Tico, essa maravilhosa lanterna mágica que há cinquenta anos mantém a perpétua infância de Chiquinho, com aqueles cabelos louros da cor de flor de milho, os olhos redondos e arregalados e a sua indefectível blusa de marinheiro, que eu me acostumei a ver nos retratos do caricaturista LOUREIRO.

Além de Chiquinho, o principal herói infantil da deliciosa revista, e de Jagunço, o seu fiel companheiro de travessuras ingênuas, as minhas preferências na leitura das páginas coloridas do semanário estavam evidentemente com as proezas do incrível Zé Macaco.

Realmente, era um prazer doido o que eu tinha de retirar do mealheiro dois tostões para gastar com as historietas desse moleque endiabrado que o bico da pena de STORNI inventou.

E o Juquinha, com que J. CARLOS enfeitou tanta capa bonita do Tico-Tico, e o Garnizé, tão popular entre a meninada quanto o anúncio do xarope Bromil?

Bons tempos esses em que no mundo sem fronteiras de minha imaginação infantil eu misturava com alegria e puxa-puxa as garatujas dos personagens de ficção do Tico-Tico e as gravuras dos vultos nacionais do *Nossa Pátria* de ROCHA POMBO. (ALECRIM, 2008, p. 145-146)

Poderíamos citar ainda muitos outros exemplos da experiência de Octacílio Alecrim com as mais diversas manifestações literárias, no contexto da feira, com os “cantadores” e “violeiros” do Nordeste – “esses fabulosos rapsodos populares que, dedilhando em tom agudo e de modo estridente a viola ou a rabeca, sempre guardadas dentro de um saco, e segurando, ao compasso do pé, a cadência da cantoria, atravessam e percorrem o interior nordestino, improvisando, topando desafios, fazendo louvações ou vendendo folhetos com os seus versos.” (ALECRIM, 2008, p. 44); e ainda nas festas populares, como o carnaval, o São João e as quermesses da Festa da Padroeira, além dos bailes que aconteciam em sua residência, sem falar de outras manifestações artísticas populares ou eruditas, como a música:

Nos bailes da minha casa, e quando ainda dominavam as danças européias (valsas, mazurcas, polcas e quadrilhas), reservava-se sempre um intervalo para que minha mãe, conhecida pianista, interpretasse músicas de Chopin, Strauss, Liszt, Haydn, Mendelssohn, Schubert, Schumann, Mozart e Beethoven, ou então, as “valsas vienenses” das operetas de Franz Lehar. Nos “assustados” de Festa de São João, ela acompanhava ao piano minha irmã Dulce cantando o Luar do Sertão, ou a mim recitando *O Marroeiro*, de CATULO DA PAIXÃO CEARENSE. (ALECRIM, 2008, p. 107, grifos no original).

Quando Octacílio Alecrim fala da rede de dormir, que “constitui um hábito tradicional da família nordestina” (ALECRIM, 2008, p. 38), ao dado antropológico, está associada a experiência de ler na rede, como um hábito já cultivado, que faz parte da rotina, pois acontece com frequência e em horário determinado: “À hora de leitura, balançava-se a rede com um pau de peroba, torneado e lixado, preparado para esse fim, que, fincado nas juntas dos tijolos do piso do quarto, ajudava o gostoso vaivém.” (ALECRIM, 2008, p.39). A mãe lia na cadeira de balanço, mas Octacílio encontra seu próprio espaço para leitura: a rede. E, na sequência, por oportuno, ele traz a recordação de uma produção literária, o antológico poema “Rede”, de Jorge Fernandes⁶⁸, cuja fruição, àquela altura do tempo, enquanto escreve suas memórias, apenas se lhe torna possível, por ter sido cultivado o hábito de ler desde cedo.

Assim, nesse fragmento de prosa elaborado em torno da temática da rede, peça tão importante em nossa cultura, no qual Octacílio Alecrim insere o poema de Jorge Fernandes, compondo um interessante quadro literário, podemos vislumbrar os aspectos inerentes ao texto literário estudados por Candido, Bakhtin, Frye e outros autores. Especificamente, na organização estética da prosa de Alecrim, ressaltamos a expressividade artística, o uso da imaginação e a beleza da composição, mediante a combinação de elementos linguísticos especialmente selecionados para obter tais efeitos: o balanço da rede, indicado como “gostoso vaivém”, é impulsionado pelo “pau de peroba, torneado e lixado, preparado para esse fim”, tal qual um remo que embala o barco-rede e o leva a navegar pelos mares e rios do conhecimento literário “à hora da leitura”, mas também qual âncora que se engasta entre as peças do piso, para as necessárias frenagens. E o poema de Jorge Fernandes, com seus próprios recursos, que aqui nos dispensamos de comentar, é posposto ao texto como coroamento dessa hora literária.

⁶⁸ O poema foi referido e transcrito à p. 93 desta tese.

Como se isso, por si só, já não fosse suficientemente denso, belo e pleno de sentido, nesse texto se agregam ainda um valor ético, que remete ao estilo de vida de nossa região, ao senso prático que envolve o desejável, saudável e agradável costume de ler, ainda mais, como bom nordestino, numa rede; e, também, um teor cognitivo, que explora o conhecimento sobre essa realidade, apoiado na ciência antropológica, na verdade do fato regional. Trata-se de fatores que, combinados, exigem do leitor atenção e entrega, caso deseje vivenciar uma experiência de leitura literária autêntica, na perspectiva de Larrosa, de se expor e se deixar ser atravessado pelo texto literário nas profundezas de seu ser, tudo isso, levando em conta seu adequado processamento linguístico, por onde começa a aventura literária.

Em uma passagem como essa, muitas de nossas faculdades são ativadas. A imaginação, por exemplo, permite que reconstituamos a cena do balanço da rede e visualizemos a casa, o momento do dia, o pau especialmente escolhido e preparado para ajudar no balanço. Podemos tentar adivinhar que livro estaria ele lendo naquele momento etc. A memória pode nos fazer recordar de alguma situação parecida que vivenciamos; recordação, que, por sua vez, pode excitar nossos sentidos e despertar nossa afetividade.

Compreendemos, assim, como a literatura, partindo de algo tão simples e comum, pelo menos para nós nordestinos, pode proporcionar “sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo”, por isso, “longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.” (TODOROV, 2009, p. 24).

É essa experiência, ao mesmo tempo prazerosa e sofrida, em face do esforço intelectual que precisamos fazer para saborear o texto, à qual se refere Bloom (2001), quando considera que lemos, intensamente, por várias razões, mas ressalta que o motivo mais marcante e autêntico é a busca por um “sofrido prazer”, advindo dessa experiência. De acordo com ele, para que sejamos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana, precisamos ler como seres humanos – e fazê-lo plenamente, pois somos mais do que ideologia, sejam quais forem as nossas convicções.

Dessa maneira, podemos entender a capacidade de humanização da literatura, enquanto “processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para

com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (CANDIDO, 1995, p. 249). Por isso, como rica experiência de sentido, ela precisa ser compartilhada e encontrar um ambiente cultural propício para se desenvolver mais plenamente.

5.4.1.2 Influência do ambiente cultural

Candido (1995) afirma que a ficção e a fantasia constituem necessidades humanas universais, pois não há povo nem homem algum que possam viver sem contato com algum tipo de fabulação. Stein (2003), por sua vez, considera que nossa alma, para ser formada, deve receber material estrutural do tipo espiritual, que pode chegar até nós pelo intelecto, de forma, ao mesmo tempo, ativa e passiva: ativa, na medida em que elabora livremente sua propriedade intelectual; passiva, na medida em que recebe de fora algo que se lhe oferece primeiramente sem sua intervenção e de cuja posse goza de novo depois que o toma para si.

Assim, principalmente nos anos iniciais de nossa educação formal, precisamos interagir com pessoas e ambientes que nos ajudem nesse processo de assimilação, pelo intercâmbio de experiências e afirmação de nosso ser. No subitem anterior, vimos que o gosto pela leitura se cria a partir de influências recebidas em nossa família, sendo nossos pais ou os responsáveis pela nossa educação os primeiros e preferenciais formadores, muito mais pelo valor e uso que dão aos livros do que por qualquer outro incentivo que possam nos dar para ler.

Ocorre que, para progredirmos em nossa educação literária e nos mantermos nesse caminho, necessitamos de novas influências do ambiente cultural onde estamos inseridos, através do contato com outros leitores, inclusive com alguns que sejam capazes de nos guiar e nos inspirar com seu exemplo. A diversidade das relações humanas, com seus variados níveis culturais, psico-afetivos e sociais, continua a ser uma fonte inesgotável de riqueza para o nosso crescimento. Assim, podemos e devemos expandir nossa capacidade ledora mediante a interação com distintos grupos sociais, até para que tenhamos condições de ler formas literárias mais complexas e também, se for o caso, começar a escrever nossos próprios textos.

Em Província submersa, encontramos as figuras de alguns professores (e colegas) que, de alguma forma, contribuíram para a educação literária de Octacílio

Alecrim. A primeira delas é Dona Joaninha, em cuja escola particular, “que ficava na Rua da Cruz, vizinha da cadeia local”, o menino Octacílio Alecrim, “pela mão de uma empregada de casa chamada Amélia, deu entrada, “um dia, carregando uma maletinha de madeira e couro com merenda, caderno, lápis, caneta e pena bico de pato, um livrinho de tabuada e o Primeiro Livro de Leitura, de Felisberto de Carvalho”. (ALECRIM, 2008, p. 142). Vale a pena ler a descrição que ele faz da interação com ela e o grupo por ela assistido, particularmente com a coleguinha Maria Saloia, com quem anos depois se reencontrará, já formada como professora particular de primeiras letras dos filhos de fazendeiros da região:

Uma casinha caiada com porta e janela, pintada de azul, batente de cimento, e lá dentro, na saleta de frente, duas fieiras de tamboretos com assentos de pau rentes às paredes, para os meninos e meninas da escola.

Ainda tímido e encabulado, sentia uma terrível angústia por ocasião aos sábados das sabatinas de tabuada, quando, defronte da professora de palmatória em punho, tínhamos de “cantar” alto e sem pestanejar o clássico duelo dos “noves fora”.

Sem peitos nem traseiros, o que fazia lembrar uma tábua de passar roupa, “dona” Joaninha possuía no entanto uma bonita cabeleira negra muito bem tratada a óleo de mutamba, e profundos olhos azuis, que lhe traíam a descendência portuguesa.

Era ela muito exigente no método de ensinar a soletração fônica dos vocábulos e, por isso, levei dois dias para que ficasse satisfeita, certa vez, com a minha decomposição da palavra ma-ri-o-la.

Eu gostava de ser chamado ao pequeno quadro negro para nele escrever com giz frases de exercício de leitura, copiadas do livro adotado: a popa, o pó, o papa; o tatu cava a toca; a açucena é olorosa. O estranho significado deste “olorosa”, pegando-me desprevenido, custou-me a primeira nota baixa no meu livro de notas.

Como haveria, então, de esquecer?

Na competição de caligrafia em caderno daqueles exercícios, em fundo preto, que acompanhavam cada lição do primeiro livro de leitura de Felisberto de Carvalho, tive uma rival constante numa inteligente e bonita companheira da escola: Maria Saloia (a Saloia, como todos nós a chamávamos).

Muitos anos depois reencontramo-nos num domingo de cavalhada(*) em Pedra Branca, à beira do rio Potengi, pois ela era daquelas paragens embora filha de emigrantes espanhóis.

Ela me reconheceu ao ouvir o meu nome e veio então falar comigo, já transformada numa encantadora rapariga, como seria de esperar.

Recordamos a nossa escolinha, a tabuada, as nossas turras pelas primeiras notas, os deliciosos sequilhos e raivas que “dona” Joaninha nos vendia na hora da merenda e as nossas saídas de pés descalços pelo beco com o riacho cheio nos dias de inverno.

Era professora particular de primeiras letras a filhos de fazendeiros da vizinhança e no ano vindouro deveria casar-se, quando então deixaria de lecionar.

Ali estava a menina Saloia a recompor na fuga do tempo uma crônica de saudades tão vivas quanto as nossas próprias garatujas na antiga lousa escolar. (ALECRIM, 2008, p. 142-143).

Talvez essa interação não tenha sido das mais saudáveis, mas teve sua importância, principalmente no sentido de treinar algumas habilidades básicas para o acesso à literatura, relacionadas ao uso da linguagem, envolvendo a decomposição e a semântica dos vocábulos, a leitura e a escrita.

Depois disso, o menino Octacílio Alecrim segue para o Grupo Escolar Auta de Souza, onde mantém contato com distintos professores: D. Julita (professora dos primeiros anos do primário), Drs. Meiroz Grilo e Bartolomeu Fagundes (diretores e professores dos últimos anos do primário). Mas até aqui a relação dele com a literatura ainda é bastante incipiente, apesar de se destacar com a produção de alguns textos literários.

O prof. Meiroz, cuja amizade voltei a cultivar anos depois, tinha boa formação literária, e, assim, aproveitava sempre trechos de páginas escolhidas de escritores brasileiros (v. g.) *O Paraíba*, de José de Alencar; *O Jequitibá*, de COELHO NETO; *O Buriti* perdido, de AFONSO ARINOS; *O Amazonas*, de AFONSO CELSO; *O Mar* (poesia), de GONÇALVES DIAS; *O São Francisco* (poesia), de CASTRO ALVES, para os nossos deveres de ditado, redação ou análise gramatical. Ganhei o prêmio – uma medalha de latão dourado – por ele instituído, para quem fizesse a melhor “composição literária” (sic) sobre o jasmineiro existente no recreio do Grupo e que fora plantado pela poetisa AUTA DE SOUZA ao tempo em que, menina, residiu no prédio.

Com o Prof. Bartolomeu Fagundes, que “gostava mais dos assuntos de gramática”, Octacílio Alecrim manterá uma relação forte baseada na autoridade magistral, que se estenderá além do curso normal, pois terminado “o quadriênio primário” o pai do menino o inscreve no curso particular do professor sobre análise lógica. Esse curso, inclusive, dará a Octacílio Alecrim a oportunidade de conhecer as irmãs Lizete e Odete, colegas de curso com quem estudará *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Ao Prof. Bartolomeu Fagundes, que, no Grupo Escolar, organizava “sessões de representação, recitativo e música com a participação de alunos”, e à Prof^a Arcelina, que também ajudava na organização dessas “sessões lítero-musicais” que aconteciam na escola em dias festivos, Octacílio expressa sentimentos de gratidão e reconhecimento:

Recordo-o com a devida gratidão, brabo e exigente para comigo mas sempre me empurrando para a frente, nas menores coisas; ora

elogiando-me perante meus colegas, sem provocar inveja; ora destacando meu nome nas conversas com as famílias do lugarejo. A propósito, lembro-me, vez por outra, de dois episódios de sua iniciativa: a pequena composição que escrevi, e por ele revista, num 13 de maio, sobre CASTRO ALVES e a recitação, de parceria com S., uma lolobrígida local, da poesia Pássaro Cativo, de OLAVO BILAC. Nesses dias festivos de sessões lítero-musicais, não posso esquecer a figura severa de “dona” Arcelina, professora do terceiro e quarto ano para as meninas, a cujo gosto e eficiência como Diretora-substituta os hinos escolares eram ensaiados dias a fio e o palco armado no salão nobre do Grupo ficava uma beleza, com bandeirinhas, flores e palmeiras. (ALECRIM, 2008, p. 147).

No curso colegial, realizado no Colégio Santo Antônio e no Atheneu, em Natal, surgem os nomes dos professores Floriano Cavalcanti (Exame no Atheneu), Antônio Gentil Fernandes e José Tavares (Língua Portuguesa), Padre Francisco Domingos Carneiro (Círculo de Estudos), João Tibúrcio (Latim e Filologia), Padre Calazans Pinheiro (Geografia e Língua Francesa), Padre João da Mata Paiva (História do Brasil), Peregrino da Rocha Fagundes (Álgebra e Geometria), Chabal (Língua Francesa), Celestino Pimentel e Alberto Roselli (Língua Inglesa) e Monsenhor Manuel de Almeida Barreto (Diretor e grande orador). (ALECRIM, 2008, p. 142-158).

Dessa época, destacamos duas principais influências para o incremento da educação literária de Octacílio Alecrim, uma individual e outra grupal: o Monsenhor Manuel de Almeida Barreto e o Círculo de Estudos fundado pelo Padre Francisco Domingos Carneiro.

O Círculo de Estudos, um centro de estudos linguísticos, históricos e literários, possuía um jornalzinho, *Bandeirante*, onde Octacílio Alecrim escreveu suas “primeiras crônicas assinadas (a primeira sobre a Imperatriz)”. Entre os participantes, “os autores favoritos eram: JOÃO RIBEIRO, ASSIS CINTRA e MÁRIO BARRETO (filologia), EUCLIDES DA CUNHA, COELHO NETO, OLAVO BILAC e MONTEIRO LOBATO (literatura). (ALECRIM, 2008, p. 149). Nesse ambiente, também aconteciam “animadas discussões” “a propósito de questões de português, notadamente as do uso do infinito pessoal e das combinações dos casos pronominais” (ALECRIM, 2008, p. 150), entre outros temas linguísticos e filológicos.

Os bate-bocas filológicos, quando o padre Carneiro não os resolvia, tinham um árbitro supremo na autoridade do velho prof. João Tibúrcio, exímio conhecedor da matéria*).

Havia ainda entre os linguistas mirins a coqueluche das questiúnculas de prosódia e ortografia: a discutida pronúncia do nome (Réverbero ou Reverbero?) do jornal de GONÇALVES LÊDO e a então controvertida

grafia de português com a desinência ez, patrocinada pelo dicionário de AULETE.

[...]

Assim, o Círculo de Estudos, fundado e dirigido pelo padre Carneiro, que no dia de sua instalação distribuiu a todos nós cópias da famosa carta-prefácio de RUI a ASSIS CINTRA, foi sobretudo nos seus primórdios um pequeno reduto de “prezadores da verdade” do idioma pátrio, tão belamente decantado na poesia *A Língua Portuguesa*, de BILAC:

Ouro nativo, que na ganga impura

A bruta mina entre os cascalhos vela...

(ALECRIM, 2008, p. 150-151, grifos no original).

Já o Monsenhor Manuel de Almeida Barreto, “pessoa de muita estima e de muita admiração e contra quem o Destino se revelou mais tarde terrivelmente impiedoso afastando-a das hostes da Igreja” (ALECRIM, 2008, p. 157), parece ter exercido grande influência sobre Octacílio Alecrim, inclusive no desenvolvimento de sua oratória, com a qual se destacaria como acadêmico na Faculdade de Direito do Recife.

Conheci-o como vigário da paróquia de Macaíba, ora ensinando catecismo quando de suas mãos de pastor recebi como prêmio um exemplar da Bíblia Sagrada num estojo com fecho de prata, ora catequizando as famílias da cidade para matricularem seus filhos no colégio, ora angariando fundos para a nova catedral de Natal, ora pregando aos católicos a fundação do Círculo da Boa Imprensa e de cujo êxito surgiu o “Diário de Natal”.

Tive-o depois como Diretor do colégio e já feito monsenhor e todo o mundo falava nele, no apogeu da sua carreira, como “o futuro Bispo de Mossoró”.

Parece que o estou vendo no gabinete da Diretoria, ora sentado lendo os *Discursos* de ALVES MENDES, o grande orador sacro português, ora como que declamando o famoso *Exórdio* de frei FRANCISCO DE MONT’ALVERNE, a quem ele chamava com ênfase “o nosso CRISÓSTOMO (boca de ouro)”.

Admirador da prosa de COELHO NETO, devo-lhe em primeira mão a preciosa oferta, para ler, das Conferências Literárias desse grande escritor brasileiro.

O monsenhor Barreto foi, sem favor, o maior orador do meu tempo na província, e esta opinião me ficou mesmo depois de ter ouvido o padre Inácio de Almeida, notável pregador paraibano.

A última vez que o vi falando foi em Natal por ocasião das comemorações do centenário da Independência e como orador oficial da grande parada cívica e da qual participei formando entre os alunos do colégio.

Foi um belo canto de cisne.

Fecho os olhos e o revejo de braços abertos na direção do lado do sol saudando os cem anos de autonomia política de Pindorama – a Terra das Palmeiras(*). (ALECRIM, 2008, p. 157-158).

Como vimos, de acordo com Stein (2003), no rendimento ativo do intelecto toma parte nossa vontade, por isso está em nossas mãos o “sim” e o “como” queremos deixar trabalhar nosso intelecto e, conseqüentemente, o “quanto” queremos ampliar nosso mundo interior e o “que” queremos receber dos elementos da formação. Até aqui Octacílio Alecrim havia recebido muito material para sua formação, que lhe chegou pelo intelecto, de forma mais passiva, na medida em que recebia de fora, através das influências dos vários ambientes culturais onde se viu envolvido. Isso lhe era oferecido quase que sem intervenção de sua parte, mas agora, mais crescido, necessitava colaborar mais ativamente com seu processo de formação, elaborar livremente sua propriedade intelectual e tomar para si tudo o que havia apreendido até então.

Entre o encerramento do ciclo colegial e a minha ida para Natal medeiavam mais ou menos uns dois anos, tempo este que constituiu verdadeiramente a minha iniciação literária na província donde fui nascido.

Verdadeiramente – é o termo, porque no colégio sucedera apenas a descoberta da vocação para as belas-letas, vocação esta que, além de percebida e estimulada por alguns dos meus preceptores, eu próprio a sentira quando belas páginas de antologia destinadas exclusivamente a exercícios de gramática produziam em mim efeitos inefáveis, sobretudo quando se tratava de descrição de paisagens. (ALECRIM, 2008, p. 161).

Assim, findo o curso colegial, o adolescente Octacílio Alecrim, recolhido em sua casa em Macaíba, não faz outra coisa “senão estudar e estudar, ler e muito ler” (ALECRIM, 2008, p. 159).

A seguir, sobreveio a forte quadra das leituras e imagerias literárias de adolescente, ora à noite na mesa da sala de jantar à luz do candeeiro familiar, ora à tarde na cadeira de balanço da sala de visitas, ora pela manhã, até a hora do almoço, na rede amiga, armada para a sesta de meu pai na sala de frente da casa nova. (ALECRIM, 2008, p. 162).

Trabalhado ao longo dos anos escolares, aqui já notamos um envolvimento mais ativo do intelecto de Octacílio Alecrim, como também o adestramento de sua vontade por um desejo mais forte, impulsionando sua busca e o conduzindo pelos caminhos da descoberta do universo literário. Ele passa a narrar algumas de suas impressões de leituras dos mais variados autores, como Rui Barbosa, José de Alencar, Coelho Neto, Afonso Arinos, Euclides da Cunha, Aluísio de Azevedo, Graça Aranha, Taunay, Gustavo Barroso, Afrânio Peixoto, Raul Pompéia, Julio Dinis, Fialho

de Almeida, Almeida Garret, Eça de Queiroz, Montalvão, entre outros, culminando com Machado de Assis.

Então, eu poderia recordar, como se fosse hoje, estas páginas da minha pequena seleta impressionista: n' *O Sertanejo*, de ALENCAR, o *Aboiar*, o hino agreste dos nossos vaqueiros do sertão, uma tarde na fazenda da Quixaba, lugar da infância do narrador; no *Sertão*, de COELHO NETO, a mata virgem da Penitência, densa e virgem, onde na primavera cordoalhas de parasitas em flor arrematavam como franjas nos jequitibás centenários; n' *Os Sertões*, de EUCLIDES DA CUNHA, a variante trágica da seca na caatinga, denunciada pela casca enxuta dos pés de marizeiro e a fuga precipitada das seriemas através de impenetráveis renques de macambiras; n' *O Cortiço*, de ALUÍZIO AZEVEDO, o luxuriante requebrado da Rita Baiana, num arraial de estalagem, ao dançar, com todos os meninos de mestiça, o irresistível chorado de inspiração crioula; no *Canaã*, de GRAÇA ARANHA, o episódio da queima da mata, quando o fogo não tardou em pegar num pequeno taquaral e sucedeu o medonho pipocar de taboca presa das chamas; a descrição do pau d'arco, a magnífica árvore amarela, estadeando a sua beleza no meio da mata virgem; e, o quadro da floresta tropical iluminada pelos pirilampos; no *Inocência*, de TAUNAY, a visão do sertão bruto, com os seus cerrados, os seus capões e as suas charnecas, meio apauladas, meio secas, onde cresce o altivo buriti; em *Terra de Sol*, de GUSTAVO BARROSO, a terrível revoada das aves de arribação tapando o sol como grandes nuvens sussurrantes, feitas do bater de muitas asas, que se despenham vorazmente sobre o sertão para o repasto das plantações; n' *A Esfinge*, de AFRÂNIO PEIXOTO, os serões familiares, à luz da lâmpada de petróleo, com as estórias de trancoso da Tia Ana e as evocações dos brinquedos infantis (a boca-de-forno, a cabra-cega, etc.); n' *O Ateneu*, de RAUL POMPÉIA, toda aquela fabulosa enfiada de tipos, cujas caricaturas, muitas delas, até se pareciam, nas suas deformações e pormenores, com bonecos de João-Redondo (mamulengo) na feira de Macaíba; n' *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, de JÚLIO DINIS, os contrastes da vida campestre, com o seu velho solar de torres ameaçadas e musgos aveludados, e a nova herdade, com o seu ativo moinho d'água e fartas manjedouras; n' *O País das Uvas*, de FIALHO DE ALMEIDA, a chegada da primavera na Tapada, através de uma dessas orgias de cor que segundo o narrador, poriam emoções na palidez fatigada do paisagista HUET; nas *Viagens na Minha Terra*, de GARRETT, a evocação bucólica do vale de Santarém, pátria dos rouxinóis e das madressilvas, cintas de faias belas e de loureiros viçosos, um desses sítios privilegiados pela natureza que, no juízo do autor, não tem terra alguma do Ocidente; e, n' *A Cidade e as Serras*, do velho EÇA, o encontro de Jacinto, após tantos anos de cosmopolitismo, com a amorável quinta de Tormes, com o seu barão de armas lá no fundo da avenida de faias, e a repetir pelo caminho da serra, cheiroso a pinha e coberto de ramadas de parra – Que beleza! Que beleza! (ALECRIM, 2008, p. 162-163).

A partir daí, deixando as relações verticais que mantinha com seus professores, Octacílio Alecrim começa a se relacionar horizontalmente com outros

leitores, até mesmo para diversificar suas fontes, pois até então lia mais os livros que “circulavam nas mãos da família”. Suas “primeiras tertúlias literárias” teria com Consuelo, filha do Major Andrade e D. Segunda.

Na residência de “major” Andrade,⁶⁹ situada em recuo no começo da Ladeira do Barro Vermelho, tive com a sua filha Consuelo, alta e esbelta, olhos amendoados e amortecidos e lindos cabelos compridos, minhas primeiras tertúlias literárias, entremeadas, vez por outra, de questiúnculas filológicas. Refletindo o gosto apurado da época, os escritores prediletos na leitura da casa eram JOSÉ DE ALENCAR, MACHADO DE ASSIS, COELHO NETO, AFONSO CELSO, AFRÂNIO PEIXOTO, BILAC, o poeta e o conferencista, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, EÇA DE QUEIROZ, CAMILO CASTELO BRANCO, JOÃO GRAVE, JUSTINO DE MONTALVÃO, JÚLIA LOPES DE ALMEIDA e AMÁLIA VAZ DE CARVALHO. Foi de lá que certa vez trouxe para ler o romance *Miragem*, de COELHO NETO, e, de outra, o *Itália coroada de rosas*, de MONTALVÃO. Consuelo chegou a colaborar, em gênero epistolar, para o meu jornalzinho O Tempo, e depois, com pseudônimo, escreveu crônicas para um jornal de Natal, filiado ao partido político de seu pai. (ALECRIM, 2008, p. 163-167).

Outro elemento importante, no contexto de influência do ambiente cultural, constitui o espaço livresco no qual podemos ter acesso aos livros e interagir com outras pessoas que também se alimentam da leitura destes. A livraria onde Octacílio Alecrim se abastecia em Macaíba era, na verdade, um quiosque, um armarinho. É interessante observar que, apesar de limitada, a “livrariuzinha” dispunha de livros em quantidade, variedade e qualidade, inclusive com a possibilidade de atender a encomenda de obras em catálogo, além de se constituir “um refúgio de conversas para o juiz, o promotor, o vigário, os professores do grupo escolar, as meninas e os garotos estudantes”, como vemos descrito no trecho a seguir:

Um armarinho local na Rua do Comércio exibia uma prateleira fedorenta a naftalina e carregada de volumes das livrarias Garnier, Alves, Clássica, Chardron – um quiosque da Literatura.

Ali, onde as empregadas de casa compravam alfinetes de segurança, eu adquiria livros.

O proprietário do armarinho chamava-se José Augusto da Costa, mais conhecido por “seu” Zeaugusto; era filho do velho professor Caetano, mestre de caligrafia com pena bico-de-pato e à força de palmatória.

À tarde, lá estava ele à porta, baixinho e barrigudinho, exibindo, por entre a alva dentadura, o seu afável sorriso de mascate, e, volteando a pancinha roliça, o indefectível cinto largo com pregador e chaves.

A prateleira de livros, a qual ocupava todo o lado direito da pequena casa de comércio, constituía na cidade um refúgio de conversas para

⁶⁹ Nessa edificação, tombada pelo patrimônio histórico estadual, funciona atualmente o Instituto Pró-Memória de Macaíba, reunindo vasto acervo sob a curadoria do Dr. Olímpio Maciel.

o juiz, o promotor, o vigário, os professores do grupo escolar, as meninas e os garotos estudantes.

O “seu” Zeaugusto não gostava muito de falar; em compensação, na conformidade do gosto e do interesse da clientela, ele informava a todos sobre as novidades e pedia para Natal e para o Rio os livros registrados nos catálogos.

O sortimento da agradável livrariazinha, aonde eu costumava ir frequentemente para comprar ou conversar, era bom e bem variado: traduções portuguesas de livros científicos (BINET, RIBOT, LE BON, MAETERLINCK, SMILES, etc.) e de obras célebres, como, por exemplo, *Hamlet*, *Macbeth*, *Otelo*, *Romeu e Julieta*, *O Rei Lear*, *Júlio César*, *A Tempestade* e *O Mercador de Veneza*, de SHAKESPEARE; *Casa de Boneca e Espectros*, de IBSEN, *A Besta Humana*, *Germinal* e *A Terra*, de ZOLA; *O Fogo* e *O Triunfo da Morte*, de d’ANNUNZIO; *Eugênia Grandet*, *O Lírio do Vale* e *As Ilusões Perdidas*, de BALZAC; *Ana Karenina* e *A Sonata de Kreutzer*, de TOLSTÓI; *A Conquista do Pão*, de KROPOTKINE; e *Crime e Castigo*, de DOSTOÏEVSKI; os dicionários de CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, dois volumes com capa de couro, e os de VALDEZ, o de francês em formato grande e o de inglês, em formato pequeno; os almanaques das livrarias Bertrand e Garnier [...]; os romances de EÇA DE QUEIROZ, JOÃO GRAVE e COELHO NETO, nas indeslebráveis edições cartonadas de Chardron-Lello, com as efígies dos autores no alto das capas sob enfeites dourados e a divisa *Decus in labore* como marca de fábrica; grandes mapas da Europa do após-guerra de 1914, com a nova geografia estabelecida pelo Tratado de Versalhes; *Sonetos brasileiros* (onde fora incluído o conhecido soneto *O Bisturi*, de H. CASTRICIANO), de LAUDELINO FREIRE; e *Páginas de ouro da poesia brasileira*, de ALBERTO DE OLIVEIRA; e, por fim, a disputada coleção da Garnier, em verde cinzado, dos romances de autores célebres da literatura brasileira (MACEDO, ALENCAR, MACHADO DE ASSIS e GRAÇA ARANHA), e ainda, da livraria Alves, *O Ateneu*, de POMPEIA, e *A Esfinge*, *Maria Bonita* e *Fruta do Mato* de AFRÂNIO PEIXOTO. (ALECRIM, 2008, p. 164-165).

Stein (2003), como dissemos anteriormente, afirma que o intelecto tomado pela vontade diz “sim” e estabelece o “como”, o “quanto” e o “que” fará para colaborar com a própria formação, dispondo-se não só a receber o material estrutural necessário, mas também a assimilá-lo e crescer com ele. Assim é que Octacílio Alecrim decide investir no seu processo formativo por meio da literatura, mediante a aquisição e a leitura sistemática, contínua e intensa de obras literárias, como também através do contato com outros leitores.

Contudo, Stein ressalta que nossa responsabilidade não é apenas receber, assimilar e crescer, mas também organizar o que foi assimilado e assim configurar-se, formar-se, formar-se à imagem e, além disso, finalmente, intervir de maneira formativa sobre o mundo exterior (STEIN, 2003, p. 184-185). Apesar da pouca idade de Octacílio Alecrim então e considerando que a narrativa se dá no contexto de

memórias, já bem distante no tempo e no espaço em que tal processo começa a acontecer, podemos perceber, já nessa fase, uma disposição interior que vai além da assimilação e do crescimento proporcionados pela leitura dos muitos livros e que se mostra como tentativa de organização e configuração do que foi assimilado com vistas à própria formação e também à intervenção sobre o mundo exterior.

Nesse sentido, identificamos três ocorrências em que percebemos essas tentativas, numa crescente evolução. A primeira diz respeito a uma palestra sobre Rui Barbosa que o jovem Octacílio Alecrim, tendo recém-concluído seus estudos secundários, é chamado a ministrar no Grupo Escolar onde estudara em Macaíba, por ocasião da data da proclamação da República.

O programa da comemoração cívica constou de três partes: a literária, com a minha palestra e recitativos alusivos à data; a artística, com a representação de um diálogo (*O Brasil e a República*); e, a musical, com músicas ao piano executadas por minha mãe.

A minha palestra, quase toda, foi um hino caloroso à excelsa figura de RUI BARBOSA – o verbo da República, antes e depois, a cachoeira da eloquência, o jequitibá da Nacionalidade, a imortal Águia de Haia.

Os tropos do orador adolescente tinham a sua razão de ser: ali mesmo ouvira eu, ainda menino, e pela primeira vez, falar-se de RUI com exaltação e grandeza; nas aulas particulares de análise lógica, lá estava RUI com as formosas páginas de antologia sobre o jogo e o estouro da boiada; no colégio, novamente RUI, com a *Réplica*, os *Discursos*, as *Conferências* e a *Oração aos Moços*; na imprensa, a apoteose por sua vitória na Conferência de Haia; na história, a consagração pública por ocasião do jubileu; e, em casa, na estante de meu pai, as brochuras da memorável campanha civilista.

Era assim toda uma justa sedução pelo canto do Chanceler da República. (ALECRIM, 2008, p. 159).

Vemos, nesse episódio, um esforço de sistematização do conhecimento acumulado, mas também de intervenção, de maneira formativa, sobre o mundo exterior, como observara Stein (2003). Isso também vai ao encontro do trabalho social de formação do homem, que supõe uma adequação da natureza do indivíduo à necessidade da comunidade como proposto por essa filósofa. Octacílio poderia não ter se julgado apto para a tarefa ou, mesmo se achando capaz, poderia ter se negado a se colocar a serviço da comunidade.

A segunda ocorrência é relativa à sua condição de recém-iniciado nas leituras literárias, nessa fase que ele chama de pré-literária. Ao analisar sua *performance*, ele busca mostrar-se, em face das obras lidas, como um leitor

autônomo, crítico e sensível esteticamente, o que representa mais uma tentativa de configuração:

E se digo que eram feitos de emoção estética os efeitos inefáveis que certas páginas me causaram ainda na fase pré-literária é simplesmente porque eu senti a mesma coisa, sem tirar nem pôr, quando li mais tarde, já então com a sensibilidade literária cultivada, *O Aboio*, poema de HENRIQUE CASTRICIANO, e *Massangana*, de NABUCO, e, até recentemente, quando me delicieei com a história do *Cajueiro*, de HUMBERTO DE CAMPOS e com certos trechos de *Vaza-Barris*, de GILBERTO AMADO. (ALECRIM, 2008, p. 163).

A terceira e última ocorrência revela-se ainda mais ousada do que as duas anteriores, pois não se trata apenas de exaltar a figura do autor que acabara de ler, como fizera com Rui Barbosa, nem somente de deleitar-se em apreciá-lo esteticamente. Constitui uma tentativa de se formar ou se afirmar como crítico literário, tecendo comentários e firmando sua opinião em relação à obra de ninguém mais ninguém menos do que Machado de Assis. Pois bem, entre idas e vindas ao armarinho de seu Zeaugusto, sua “avançada *boîte à livres* de curumim literário”, Octacílio Alecrim conheceu “*Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro*, heróis da novelística machadiana” e, assim, dá seu veredito sobre as obras do Bruxo do Cosme Velho:

Reconstituindo, o quanto possível, é óbvio, as impressões, ou melhor, os piparotes na minha cabeça de leitor, àquela época, dos livros de MACHADO acima referidos, devo dizer que senti neles, comparando-os com os de EÇA, ALENCAR ou COELHO NETO, qualquer coisa de indefinível e que somente mais tarde, quando li o ANATOLE FRANCE desdenhoso e satírico, pude, então, compreender o que de fora do comum me transmitira a leitura de tais romances.

Evidentemente – dirão os que lerem estas memórias – eu ainda não me achava em forma para interpretar as “sutilezas” do maroto Prudêncio, o “significado” profundo da ação de Brás Cubas no pungente episódio da borboleta preta e nem o “humor” à inglesa de Humanitas, o vencedor a quem, por seu pessimismo amarelo, só poderia mesmo caber como troféu um molho de batatas.

Espelho contra espelho, o meu humanitismo de adolescente tropical só gostou mesmo, decepcionado com aqueles romances sem sol nem paisagens, foi de ouvir falar nos apaixonantes “olhos de ressaca” (JAIME WANDERLEY diria “olhos de mormaço”!) da manhosa Capitu e de ver a linda figura de Sofia, cujo busto, segundo a imagem – por descuido – do narrador, emergia das cadeiras amplas como uma grande braçada de flores sai de dentro de um vaso...

A minha noção de romance não afinava absolutamente com aquele filosofismo insípido e amargo de Dom Casmurro, nevrosado e cheio de rabugens, e com ressentimentos de pássaro que cegou após ter visto as pinturas de Deus no mundo.

Não, aquele seu bem cultivado tédio romanesco, a flor amarela, solitária e mórbida da trilogia de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro, não encontrou lugar no meu mundo encantado de voluptuoso da imaginação.

O verdadeiro MACHADO que o armarinho me revelou com gostosura foi sem dúvida o delicioso contista de *Papéis Avulsos*, *Histórias sem data*, *Várias histórias* e *Relíquias de Casa Velha*, com as suas descrições e observações da vida social, as suas bem achadas intrigas amorosas, os seus tipos humanos retocados pelo pitoresco e pelo anedótico.

Ele divertiu-me um bocado, e não apenas o planeta Saturno... (ALECRIM, 2008, p. 166-167).

Dessa forma, Octacílio Alecrim vai se formando em sua individualidade, ao se reconhecer como “voluptuoso da imaginação”, que nasceu “para a literatura como um guloso devorador de contos e de romances” e que, na abertura de sua “educação sentimental, os autores de cabeceira” foram Machado de Assis, José de Alencar e Coelho Neto. Com isso, dando continuidade à leitura de livros literários, vai se habilitando a galgar novos patamares no desenvolvimento de seu processo formativo.

5.4.1.3 Relação com livros e escritores

Conforme referido anteriormente, Stein (2003) considera que os materiais cujo significado se dispõe para nossa alma pelos sentidos e pelo intelecto e que a alimentam, visando à estruturação de nosso próprio mundo, são selados como objetos de valor, os quais, enquanto produtos do espírito humano, suscitados por sua atividade criativa, são designados como bens culturais. Entendendo também a obra literária ou filosófica como criação do espírito, em sua razão, sensibilidade e imaginação, Coelho (2009) diz que, por esse meio, a humanidade tende a aperfeiçoar-se, ampliando e aprofundando horizontes, tornando possíveis outras formas de compreender e abrindo novas possibilidades de pensamento e de ação.

Candido (1995), por sua vez, observa que os valores de uma sociedade estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática, por isso a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos e sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. E Larrosa (2017) lembra que, na tradição pedagógica humanística, que se expressa nos conceitos de *Paideia*, *Humanitas* e *Bildung*, a educação é pensada no que essa tem de mais nobre, em sua capacidade de formar e humanizar por meio de obras clássicas, que guardam o conhecimento acumulado pela humanidade.

Dessa forma, os livros são bens culturais ou objetos de formação, que, de acordo com Stein (2003), por humanos que sejam, são autônomos em relação a quem os produziu e possuem um valor espiritual que pode ser assimilado pela alma que entra em contato com eles. Candido (1995, p. 246) explica isso da seguinte forma:

Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais, o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido.

Para Stein (2003, p. 184), na relação com estes bens, “a alma ganha muito e pode ganhar ainda mais ao relacionar-se com seus eventuais autores, com as pessoas vivas.” Se, pelo contato com a obra, é possível entrar em relação com os dons e a essência de quem a produziu, podendo agregar valor à própria formação pela assimilação em seu interior, muito mais é possível captar esses dons e absorver essa essência pelo contato direto com os autores.

Em vista disso, como última etapa de seu processo formativo através da literatura, tem-se a relação de Octacílio Alecrim não só com os livros, enquanto bens culturais de formação, mas também com os escritores vivos. No Capítulo VI de *Província submersa*, denominado *Evocações de estrelas cadentes*, ele se dedica a falar do seu contato com grandes personalidades de nossa constelação literária, como o escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo e os poetas Palmyra Wanderley e Jorge Fernandes, também potiguares, além de Nunes Pereira e Antônio Bento, que o ajudarão bastante no seu crescimento, inclusive despertando-o a conhecer a obra de determinados autores. Esse capítulo se encerra com uma exposição laudatória sobre dois outros escritores muito admirados por Octacílio Alecrim: Gilberto Freyre e Ronald de Carvalho, os quais conheceu, por volta dos anos 1920, através da leitura de suas obras, e que exerceram sobre ele também grande fascínio.

Dados os limites impostos pela focalização deste trabalho, vamos nos deter a comentar, dentre estes escritores, apenas as referências que Octacílio Alecrim faz

a Câmara Cascudo, como forma de ilustrar o que diz Stein (2003) acerca das vantagens que a alma angaria em sua formação, ao relacionar-se, não apenas com as obras, mas também com os autores vivos. Mas valeria muito a pena trazer à baila também a crônica octaciliana sobre os grandes poetas Palmyra Wanderley e Jorge Fernandes, com quem mantinha ótimas relações, além dos amíssimos Nunes Pereira e Antônio Bento, sem falar do autor de *Casa Grande e Senzala* (1933) e daquele que foi um dos mais significativos expoentes do modernismo brasileiro, que deixaram marcas profundas em Octacílio Alecrim, mesmo não tendo havido contato pessoal de nosso autor com estes dois últimos.

Já tivemos oportunidade de falar sobre o primeiro encontro de Octacílio Alecrim com Câmara Cascudo e as impressões deixadas por este sobre aquele, tal a singularidade da figura de “Cascudinho”, com sua “cabeleira preta ondulada, monóculo, colete bege ou branco e polainas”, a inteligência, a curiosidade, o espírito inquieto, o estudo, o renome etc., conforme descrito no final do subitem 2.1 deste trabalho, quando nos referimos ao episódio que marca a mudança de Octacílio Alecrim para Natal, em 1923. Mas há ainda outras páginas em *Província submersa* dedicadas ao maior folclorista brasileiro, como, por exemplo, o episódio em que Cascudo é lembrado por ter levado Fabião das Queimadas⁷⁰ para se apresentar na residência oficial do então Governador Ferreira Chaves, reforçando seu interesse pelos estudos etnográficos e pela cultura popular.

Não posso esquecer-me da sensação de euforia que senti quando soube que o negro cantador popular Fabião das Queimadas tinha sido levado por CÂMARA CASCUDO para cantar na residência oficial do Governador Ferreira Chaves, tanta distinção e tanta elegância na sua pose clássica: fraque e calças listradas, mão no bolso e rosa La France na lapela.

Todo menino do interior era fã do velho Fabião e da sua rabeça, e eu já o ouvira em diversas exibições de cantoria, a primeira em Serra Caiada, numa estada de inverno, e outras na feira de Macaíba e na chácara do “coronel” Neco Freire, olhando os pavões e chupando jabuticaba. (ALECRIM, 2008, p. 170, grifos no original).

⁷⁰ Famoso cantador popular, cujo poema “Romance do boi da mão de pau”, considerado como a primeira manifestação literária negra de que se tem registro no Rio Grande do Norte, Cascudo registraria em seu livro *Vaqueiros e cantadores* (1939). Neste poema, Fabião das Queimadas conta a história de um boi brabo que luta pela vida escapando de vaqueiros, tendo servido, inclusive, de inspiração para o escritor pernambucano Ariano Suassuna compor seu poema “A morte do touro mão de pau”, musicado por Antônio Nóbrega.

Figura 24 - Fotografia de Fabião da Queimadas



Fonte: Google imagens

Também, em vista do interesse maior de Octacílio Alecrim pela crítica literária, ele comenta algumas obras “beletristas” de Cascudo, começando por *Alma patricia* (1921), “esboços de crítica literária, viva e impressionista, e o primeiro livro de *CÂMARA CASCUDO*”: “Embora de feição por vezes excessivamente admirativa no meu conceito atual, existem, todavia, nesse livro finas páginas de análise (HENRIQUE CASTRICIANO, SEGUNDO WANDERLEY e FERREIRA ITAJUBÁ), que já revelavam a aguda vocação crítica do futuro autor de *Joio*, coletânea de finos ensaios de crítica e literatura”. (ALECRIM, 2008, p. 171).

E, ainda, expressa com vivacidade a importância dos estudos de Cascudo tanto em assuntos do folclore como na área de história, além de mostrar a relação afetuosa que mantinha com o maior intelectual que o Estado do Rio Grande do Norte já teve:

Visitei-o mais tarde em Natal, por duas vezes, ou talvez mais, na sua magnífica vivenda da Avenida Jundiáí, no Tirol, rindo à toa com os seus livros; uma dessas vezes fui em companhia de JAIME WANDERLEY, o festejado poeta simbolista de *Fogo Sagrado*, e, outra, com NUNES PEREIRA, o futuro autor de *Os Índios Maués*, e já então o seu espírito inquieto guinava velozmente para assuntos de história e folclore.

Relativamente aos primeiros, CÂMARA CASCUDO, seguindo o novo gênero de história criado à época por Viriato Correia e Assis Cintra, havia publicado o seu interessante *Histórias que o tempo leva*, ed. Lobato, São Paulo, 1924, repleto de contos baseados em episódios e lendas do Rio Grande do Norte.

No elenco do livrinho, prefaciado pelo mestre ROCHA POMBO, a quem teimam alguns em não admirar, releio agora *O Forte dos Santos Reis, As Lágrimas do Capitão-Mor, A Santa do Azorrague, Guerra dos Índios e Paixão e Morte de André d'Albuquerque*, com o mesmo interesse e encanto que tais contos históricos me despertaram na adolescência. (ALECRIM, 2008, p. 172, grifos no original).

Nesse ponto, Octacílio Alecrim interrompe a exposição para transcrever um fragmento de um conto histórico cascudiano, no caso *Reminiscências*, que, para ele, “é de um pitoresco fabuloso”, e prossegue no seu intento de mostrar as qualidades daquele estudioso, referido no trecho a seguir pelo carinhoso diminutivo:

Comparatista nato, qualidade de que soube muito bem aproveitar-se no campo do folclore, ele pôs toda uma geração ao contato das melhores coisas da literatura argentina da época (HUGO WAST, SANTOS VEGA, o *payador*, HORÁCIO QUIROGA, ARTURO CAPDEVILA e BENJAMIM DE GARAY, o erudito tradutor de MACHADO DE ASSIS, de ALUÍZIO AZEVEDO e EUCLIDES DA CUNHA), através de seus conhecidos rodapés de crítica literária.

[...]

Os ensaios reunidos em *Joio*, ed. A Imprensa, Natal, 1924, que recebi com amável dedicatória escrita em letra miudinha, espécie de *ex libris* do autor, marcam infelizmente o término do ciclo de belas-letas do escritor, atraído daí em diante por duas únicas e duradouras paixões literárias: a história e o folclore.

Guardo dessa fase literária de Cascudinho, que foi a minha de cronista adolescente, a lembrança de duas pequenas obras-primas que ele escreveu, ou melhor, que ele pintou com o lápis mordaz de GAVARNI: *Rato-Coró, jornalista* e *O Esteta Caranguejo*.

A última vez que o vi, em 1949, quando de visita oficial ao Estado – residindo no início da ladeira da Rua Junqueira Aires n.º 377, lá estava ele, após tantos anos, capitaneando a “livraria extraordinária” que tanto espantou SILVA MELO, nas suas impressões de viagem ao Nordeste.

Ao abrir o portãozinho de ferro escancarado para os batentes da escada de pedra, recordei-me, então, como no episódio proustiano, de que ali já estivera várias vezes quando menino acompanhando minha mãe nas suas visitas à Dona Sinhá Freire, a senhoril dona de casa, sempre espartilhada e metida no frufu da seda preta. (ALECRIM, 2008, p. 173-174, grifos no original).

Além dos comentários sobre os métodos e interesses de pesquisa de Câmara Cascudo, Octacílio Alecrim chama a atenção ainda para a biblioteca cascudiana, “livraria extraordinária”, que ele capitaneava no novo endereço aonde

veio a residir ao deixar a vivenda do Tirol e onde funciona hoje o Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo, atualmente presidido por sua neta Daliana Cascudo Roberti Leite.

Vislumbramos, portanto, em tais comentários, o que de Câmara Cascudo é assimilado por Octacílio Alecrim e contribui para seu crescimento como pessoa e para sua formação como intelectual e escritor: a autenticidade, a inteligência, a curiosidade, a inquietude de espírito, o renome, a compulsão pela leitura e pelo estudo, a dedicação à pesquisa etnográfica, o gosto pelo estudo comparatista, o interesse pela cultura popular e pela história, a valorização cultural dos temas regionais, a escrita literária com ênfase no pitoresco, no vivaz e no impressionismo, a análise refinada e a aguda crítica de literatura em sua ensaística.

Todas essas características, em maior ou menor grau, são incorporadas pelo autor de *Província submersa*, com reflexos mais ou menos notáveis na literaturização que fará desses saberes pedagogicamente absorvidos ao ler as obras de Câmara Cascudo e ao interagir com ele pessoalmente e que se revelam na sua biografização. Não se trata aqui de um colocar à disposição do outro nem tampouco transmitir saberes, valores e competências previamente determinados, mas “permitir, de algum modo, a ‘osmose dos saberes’, sob a forma de trocas permanentes da produção individual e da gestão organizada do saber”. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 182).

Todavia isso só pode acontecer, através de uma experiência viva em que nos deixamos tocar e atravessar pelas obras e pelos autores com os quais entramos em relação, ou seja, se passarmos pela experiência da “experiência”. Para Larrosa (2014, p. 38), “a experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade.” Quando não somos capazes de viver a experiência em nossas relações, experimentamos

a sensação de não ter vivido a própria vida, a sensação de não haver tido uma vida própria, uma vida a que se possa chamar de minha, uma vida da qual possamos nos apropriar. Nós não pudemos reconhecer a nós mesmos no que nós vivíamos, por isso o que nós vivemos não tem nada a ver conosco, foi algo estranho a nós, e assim não se pôde converter em parte de nossa pessoa, de nossa personalidade. (LARROSA, 2014, p. 41).

Em face disso, através da experiência que fazemos em nossa relação com livros e escritores, mediante a ativação de nossas faculdades intelectuais, sensitivas, mnemônicas, afetivas, imaginativas, somos passíveis de humanização, no sentido proposto Candido (1995, p. 249), porquanto vamos desenvolvendo e aperfeiçoando características essencialmente humanas, como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.”

5.4.2 Literaturização da Pedagogia

Buscando entender e explicar a experiência transformadora da “experiência”, Larrossa (2014, p. 4 - 5) afirma:

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos.

Com base nisso, podemos dizer que a experiência como “algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão” mobiliza todas as nossas faculdades, abrindo-nos para uma realidade nova. Stein (2003) afirma que, quando a alma recebeu em si uma grande quantidade de material espiritual e o elaborou racionalmente, está pronta para agir e se mover. Isso porque, segundo a autora, junto com o alimento espiritual, a alma recebe o estímulo para se criar e se formar; sente-se impelida a fazer com que sua própria essência, que a molda interiormente, manifeste sua eficácia exteriormente, em feitos e obras que dela dão testemunho. Esta atividade exterior, de se expressar, criar e configurar, de acordo com Edith Stein, é intrínseca à personalidade, “pelo que o exercício das correspondentes capacidades práticas e criativas, como competências prontas para a ação, é uma parte essencial do processo de formação.” (STEIN, 2003, p. 187).

Tudo isso só poderá se converter em expressão, “em canto”, como disse Larrosa (2014), de modo a atravessar o tempo e o espaço e ressoar “em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos”, quando acontece com “alguém capaz de dar forma a esse tremor”, como sustentava Emerson (1994) ao distinguir o intelecto construtivo do receptivo e também o escritor José Saramago, para quem somos todos escritores, ainda que alguns de nos nunca cheguemos a escrever.⁷¹

Então, como processo biográfico, no qual se expressa a formação, pela comunicação da experiência, o processo formativo é compreendido como algo relativamente autônomo, englobando todo o complexo de experiências vividas cotidianamente.

Na dimensão vivida, a aprendizagem está, assim, sempre ligada ao contexto de uma biografia concreta. Por outro lado, é também a condição ou o instrumento de mediação no qual as construções biográficas, como formas reflexivas da experiência, podem se desenvolver e se transformar. Sem biografia, não há aprendizagem; sem aprendizagem, não há biografia. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 190).

Em face disso, no campo da teoria biográfica, entendemos ser possível inserir a produção literária. Como modalidade de arte privilegiada em que o conhecimento é mediado pela linguagem, a literatura pode muito bem constituir-se como uma plataforma de ensino-aprendizagem, com potencial para estimular a responsabilização do aprendiz pela própria formação.

Em virtude de seu valor e função como síntese e projeção da experiência humana, ela pode contribuir, sobretudo, para os processos formativos não institucionalizados e auto-organizados da aprendizagem biográfica. Nesse sentido, vislumbramos, com Candido (1972, p. 804), a força humanizadora da literatura, “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”, e também, com Larrosa (2014), o poder (trans)formador da literatura, através da linguagem que dá sentido à experiência.

Nesse contexto, a literatura pode cumprir um papel educativo geralmente atribuído à escola como instituição que está a serviço do povo e da humanidade, a partir do momento em que sua missão é a de transmitir bens culturais, de transmitir ao futuro o que o passado e o presente criaram, como pensava Edith Stein sobre a

⁷¹ V. nota 67.

escola, possibilitando uma relação viva entre as gerações, isto é, entre os homens maduros – que participam na cultura criando eles mesmos ou ao menos tornando-se intérpretes –, e os jovens que devem ser dirigidos a tornar-se intérpretes ou à participação. (STEIN, 2003, p. 142).

Assim, podemos compreender a obra literária que daí deriva como uma necessidade decorrente do processo formativo e ao mesmo tempo como uma resposta à experiência que se faz com a literatura, a partir da própria experiência de vida, que leva, portanto, à biografização.

5.4.2.1 Formação na escrita autobiográfica

Analisando a autobiografia como gênero literário, no subitem 4.1, depreendemos algumas das disposições que estavam na base do desenvolvimento das produções desse tipo no Brasil e, por conseguinte, em *Província submersa*, de Octacílio Alecrim, a saber: diletantismo ou aptidão para o exercício da atividade intelectual; dever de testemunhar através da escrita literária o saber vivenciado; preocupação com registros genealógicos, histórico-geográficos e culturais; grau de satisfação com sua própria verdade; senso de cumprimento de um papel de exemplaridade; convicção acerca da dimensão ética da tarefa empreendida e de sua comunicabilidade; intenção político-ideológica ou didático-pedagógica; liberdade de escolha da linguagem para expressão da realidade vivida ou imaginada; prazer intrínseco em evocar episódios ou figuras pitorescas sem compromisso com exemplaridade; necessidade de autoanalisar-se para compreender as características de sua personalidade; desejo de comunicar uma emoção a ser revivida a partir de elementos sensoriais e afetivos; e cultivo de lirismo autocontemplativo sem preocupação direta com o leitor.

Já discutimos o valor literário dessas produções, cujas motivações envolvem aspectos cognitivos, éticos e estéticos, enquanto domínios da cultura humana, que, como vimos, de acordo com Bakhtin (1993), correspondem ao saber científico (ciência), ao modo de ser e de agir (vida) e ao fazer estético (arte), mas agora queremos salientar a relação de tais motivações para com a formação. O caráter formativo do gênero autobiográfico parece estar presente em todas as disposições acima relacionadas, abrangendo diferentes dimensões do processo, que

vão da simples informação até à formação propriamente dita, passando, em alguns casos, pela antiformação ou pela deformação.

Assim, em se tratando de registros genealógicos, histórico-geográficos e culturais, o que é muito comum nas autobiografias e se faz notar também em *Província submersa*, esses dados entram no campo da informação, com todo o valor educacional que possuem tais anotações. Isso de tal forma, que tais obras constituem-se, não raramente, como importantes documentos de pesquisa.

Quando se escreve para dar largas ao diletantismo ou porque o escritor se considera apto para o exercício da atividade intelectual, a escrita autobiográfica se realiza quase sempre como um desafio imposto para aperfeiçoamento próprio. Igualmente, quando o autor se atribui o dever de testemunhar através da escrita literária o saber vivenciado, isso também faz parte de um vivo desejo de transmitir a experiência de seu próprio processo formativo para ajudar na formação de outrem.

Em que consiste uma escrita cujo autor é movido a escrever a partir da (in)satisfação com sua própria verdade, senão em ato de reflexão acerca da formação que recebeu e fê-lo chegar a ser quem é ou a não ser quem gostaria de ser? Da mesma forma, o senso de cumprimento de um papel de exemplaridade nada mais é do que apresentar-se como modelo formativo a ser imitado. E o que dizer da convicção acerca da dimensão ética da tarefa empreendida e de sua comunicabilidade, assim como da intenção político-ideológica ou didático-pedagógica? Essas propensões todas nos parecem estar perpassadas pelo ímpeto de formar conforme uma escala própria de valores.

Já a liberdade de escolher a linguagem para expressão da realidade vivida ou imaginada volta-se para uma preocupação com a forma que, em dada instância, é o meio pelo qual a formação é veiculada e que exerce importante papel como *locus* do conhecimento. Nessa mesma direção, está também o desejo de comunicar uma emoção a ser revivida a partir de elementos sensoriais e afetivos, assim como o cultivo de lirismo autocontemplativo sem preocupação direta com o leitor.

Por outro lado, o prazer intrínseco em evocar episódios ou figuras pitorescas sem compromisso com exemplaridade corresponde à negação da formação, enquanto antiformação, mas que, ainda assim, está no campo formativo. Nesse mesmo diapasão, mas de maneira um pouco diferente, está a necessidade de autoanalisar-se para compreender as características, algumas das quais problemáticas, de sua personalidade, podendo aí haver a experiência com a

deformação, que, numa perspectiva crítica, se volta também para os processos formativos.

Clássico exemplar dessa tendência a tratar sobre formação, que se expressa até mesmo no título, é o livro autobiográfico *Minha formação* (1900), de Joaquim Nabuco, por sinal, uma das “maiores fascinações de escritor” de Octacílio Alecrim, como vemos expresso no trecho a seguir.

Assim, enquanto no jornal exercia a rotina no anonimato e na Academia comparecia às aulas sem qualquer interesse maior pelas matérias ensinadas, pois, naquela ocasião, o bacharelado era para mim apenas uma necessidade para fazer carreira política, a leitura das obras de NABUCO (*Minha Formação, Escritos e Discursos e Discursos e Conferências*) ia produzindo em mim, progressivamente, um acentuado elã por uma nova espécie de estudos: o ensaio político. Eis porque o circunstancial ano de 1927 no Recife foi para mim o acidente feliz dos escritos de NABUCO sobre BAGEHOT, a influência e o espírito ingleses, a influência dos Estados Unidos, a Rainha Vitória, Rodolfo Dantas, Soares Brandão, o enterro do Imperador, a revolução rio-grandense, a influência de Lincoln no mundo, a aproximação das duas Américas, o centenário de Lincoln, o quinhão da América e Elihu Root e a paz. (ALECRIM, 2008, p. 224).

Verificamos, pois, na escrita de Octacílio Alecrim essa preocupação com a formação, paralelamente à organização das experiências com a literatura, a partir de um processo autorreflexivo, que começa nas memórias da infância até à juventude, tendo como cenário sua terra natal, passa pela escrita de si mesmo, de sua história, com ênfase na sua trajetória de formação na sua relação com livros e escritores. Assim é que, na composição estrutural da obra, que se explicita ao final, “os verdadeiros personagens de *Província submersa* são a Memória, a Terra, os Episódios, as Idéias, os Escritores e os Livros” (ALECRIM, 2008, p. 268, grifos no original), destacando-se este último aspecto, que, mais do que os outros, está relacionado à formação. Como disse Alheit e Dausien (2006, p. 190), “sem biografia, não há aprendizagem; sem aprendizagem, não há biografia”.

5.4.2.2 Sentido da estética da existência

Na biografização, enquanto processo altamente organizado de perlaborar, relacionar e (trans)formar os processos de aprendizagem em uma figura biográfica de experiências, são exigidas novas competências e habilidades do sujeito, que vão além da assimiliação da leitura. É fazer da aprendizagem, como observou Brayner (2005,

p. 64) a respeito da proposta educacional de Larrosa, “uma reescrita de si, em que o ato educativo exercido sobre si mesmo (como uma espécie de auto-subjetivação) se confunde com a escrita ficcional, na qual a vida e a literatura se interpenetram e tomam a forma de uma ‘estética da existência’.”

Para Larrosa (2017, p. 19), “talvez nós, homens, não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem para nós.” Assim, a partir da experiência de formação por meio da literatura, acontece a gênese do escritor e a composição da obra autobiográfica, que desponta como um monumento da aprendizagem biográfica, mediante a biografização, que é justamente esse processo permanente de aprendizagem e de constituição sócio-histórica do sujeito que se narra a si mesmo. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006).

No processo de aprendizagem pela literatura vivido por Octacílio Alecrim em relação, por exemplo, à obra de Câmara Cascudo e a este mesmo pessoalmente, essa experiência ganha sentido na narrativa estética de sua existência, pois, uma vez assimilados e incorporados ontologicamente, os elementos da formação vão ecoar na construção de sua obra. É o que, de resto, podemos encontrar em *Província sumersa*, não apenas quanto a Cascudo, no que este e seus livros contribuíram para o crescimento e formação de Octacílio Alecrim – a autenticidade, a inteligência, a curiosidade, o renome, a compulsão pela leitura e pelo estudo, a dedicação à pesquisa etnográfica, o gosto pelo estudo comparatista, o interesse pela cultura popular e pela história, a valorização cultural dos temas regionais, a escrita literária com ênfase no pitoresco, no vivaz e no impressionismo, a análise refinada e a aguda crítica de literatura em sua ensaística –, mas também em relação a outros autores e obras com os quais Octacílio Alecrim se relacionou, deixando-se por eles tocar.

Assim, não podemos deixar de mencionar Marcel Proust e Joaquim Nabuco, cuja influência se faz notar, de modo admirável e de uma forma global, na estética da existência manifestada por Octacílio Alecrim, estruturalmente, em sua obra autobiográfica, notadamente através dos recursos formais utilizados e das temáticas desenvolvidas, como vimos nos capítulos terceiro, quarto e quinto desta tese, que tratam, respectivamente, da evocação da memória da infância e juventude, das

características da autobiografia literária e da formação humana pela leitura de obras literárias.

Além disso, verificamos, de um modo especial, alguns elementos peculiares da estética da existência octaciliana no último capítulo de *Província submersa*, cujo título *Sobrevivência de Anteu* faz alusão ao mito grego, filho de Poseidon (Netuno) e de Gaia (Terra) que Hércules só podia subjugar ao levantá-lo do solo, mas, quando os seus pés tocavam o chão, ganhava novo alento. Assim como o contato com a Terra revigorava Anteu, também a existência de Octacílio Alecrim se fortalece ao voltar-se para sua terra, as raízes de sua região e os costumes de sua província. Nessa última parte do livro, com um enfoque até certo ponto metalinguístico, encontramos, pois, uma síntese da estética da existência octaciliana em alguns episódios narrados, nos quais as referências a escritores e livros revelam significados da vida e da obra do autor.

O primeiro episódio, denominado *Saga do Gondelo*, constitui “um trecho de infância e juventude na Várzea – que o souvenir afetivo recolheu e guardou” (ALECRIM, 2008, p. 249). Aqui, temos, talvez, as mais belas descrições de lugar, captadas de sua região e expressas a partir de experiências de leituras literárias, com ênfase no pitoresco, no vivaz e no impressionismo, o que pode ser vislumbrado no seguinte trecho:

Trecho úmido de várzea. Maravilha de arredor no mês de São João. Quadra invernososa do corisco. Estrépito de catingueira esfacheada. Azucrim de carcará riscando o céu, com medo do temporal. Sinfonia tropical de torreames e de arco-íris. A chuva com sol, um paradoxo intermitente, após os trovejos da estação. Não havia candeeiro de pavio que resistisse aceso aos rabos de vento das sucessivas pancadas de chuva.

O estrilo minúsculo dos grilos era como uma sátira, depois do ronco do trovão, fragoroso e wagneriano. Dia e noite, o aguaceiro, frio e forte, açoitando as mutucas e lavando os paus das porteiras, emprenhava de fartura a parideira várzea do Gondelo.

Aberto o sol, não havia rolinha do mato que escapasse à pontaria do firme bodoque passarinho, nem preá do tabuleiro adjacente que conseguisse fugir à armadilha de cova, o mundéu, tapada à noitinha com folha verde de marizeiro. Asa-branca, golinha, corrupio, canário da terra, patativa e curió vadiavam ariscos e esfuziantes pelas cercas de roçado, recobertas, de ponta a ponta, de melão-caetano em flor.

Cachos de pitomba e molhos de caju, amarrados com embira, eram comprados, lá adiante, à beira da estrada de rodagem, bem assim raspas de juá, para limpar os dentes e lavar o cabelo. Voltando pelo acampamento dos ciganos, en contrar-se-ia a amorável restinga dos

cambuins, o delicioso fruto silvestre com que enchíamos nossas cuias de apanhar cajá.

Nos domingos de banho de açude, regressava a cavalo pelo Gondelo, a fim de chupar imbu. No alpendre da casa da roceira, pendurado de chifres e chocalhos, a bacia de imbu lavado esvaziava-se como por encanto, até os dentes sentirem dormência. O amolado canivete alemão de cabo mariscado (preto e branco) – sabia eximir-se no tirar casca inteira de imbu, que depois era jogada, até pegar, nos caibros do alpendre. (ALECRIM, 2008, p. 245-246).

Também encontramos elementos da cultura popular local, que demonstram o interesse do autor pela pesquisa etnográfica, em passagens como esta a seguir, que faz referência a vaquejadas, cavalhadas, reisados, bumba-meu-boi, entre outras manifestações do povo:

O filho-vaqueiro, que participava do condomínio do pequeno latifúndio rural, além da corra diária, no seu alazão, e com o cachorro perdigueiro de guarda, pelas paragens dos animais à solta, às vezes paridos de novo ou em véspera de cria, era também um herói das vaquejadas de Serra Caiada, das cavalhadas de Boa Vista e Pedra Branca e dos reisados do Gondelo.

Esse reisado do Gondelo não tinha o aparato estético e temático de certos bumba-meu-boi de Macaíba, com suas damas, galantes e figuras do folgado tradicionalista e ornamental. Boi surubim suntuoso e reluzente.

Era um arranjo de casa e de parceria com pessoal da localidade e no qual o mombaça – filho tinha a função de Capitão, o dono do boi – uma simbólica carcaça de madeira travejada, coberta com um lençol branco malhado a carvão e designada pela caveira de boi embutida, que corria, dançava e chifrava, graças ao sujeito que estava por debaixo dela. O clímax do divertimento, sublinhado pelas correrias da assistência, era a pega de um menino para ser metido, como se fosse um cristal, pelos fundos da armação do boi.

A Burrinha, a Caipora, a Ema, o Urubu, o Birico e o Lalaia são marmotas do auto roceiro que a gente não esquece porque divertiam, metiam medo e pediam dinheiro com aqueles imundos lenços em cujas pontas davam nós. (ALECRIM, 2008, p. 247-248).

Na sequência, Cabeça de Cigana, o segundo episódio, conta como uma “bela cigana, menina e moça, de pé à porta de uma das barracas, grandes olhos negros e sobretudo uma cabeça fabulosa por suas linhas artísticas” (ALECRIM, 2008, p. 250) despertou a atenção do pintor Murilo Lagreca, que a pintou, ressaltando, assim, “um motivo de cor local”, tão valorizado por Octacílio Alecrim ao longo de toda sua obra.

Outro episódio, denominado Desenraizados e Despaisados, partindo das reflexões do escritor modernista Ronald de Carvalho sobre a pintura brasileira como tema literário, “sobretudo quando abordou o estilo e as tintas de nossos pintores, à

época ainda tão desenraizados de seus ambientes de inspiração e tão despaisados no arremedo de imprestáveis processos europeus”, traz uma crítica aos artistas brasileiros cujos ateliês “não tinham janelas por onde pudessem e devessem espiar a espetacularmente ensolarada Natureza dos trópicos.” (ALECRIM, 2008, p. 251-252). Nisso, vemos certo alinhamento aos ideais nacionalistas do Modernismo brasileiro, que buscavam colocar em relevo a identidade brasileira.

Em Raízes da Região, o episódio subsequente, observamos uma clara adesão de Octacílio Alecrim à estética regionalista, tendo como referência suprema o escritor Gilberto Freyre, que ele cita abundantemente, em particular com relação às artes plásticas, em busca da valorização cultural dos temas regionais. Nesse ponto, Octacílio se refere a “flagrantes vivos da cor local da região nordestina que não tiveram seus pintores”. (ALECRIM, 2008, p. 256). E ressalta, por fim,

o apelo de GILBERTO, ressoante como uma voz da Região, no sentido de que, num país exageradamente sensível ao prestígio, como que místico, do distante como o Brasil, era preciso excitar o entusiasmo criador dos artistas novos pelas nossas próprias coisas. Havia ele trazido para o seu estudo de crítica aplicada, aduzindo novas vistas e novas sugestões, incorporando novos temas e distinguindo novos ângulos, a tese do “exílio subjetivo” do homem brasileiro alheio à sua Terra, de que falara Euclides da Cunha, num daqueles seus instantes de lances geniais. (ALECRIM, 2008, p. 259-260).

Após essas reflexões, Octacílio posiciona-se efetivamente acerca de sua relação com o movimento literário em voga, representado pelo regionalismo pernambucano de Gilberto Freyre, fazendo referência à influência que recebera de escritores norte-rio-grandenses, com destaque para Henrique Castriciano, Eloy de Souza e Jorge Fernandes, além de Câmara Cascudo, que o prepararam para assumir o ideal literário então emergente.

Interrogarão talvez meus amigos-da-onça literários: estaria eu preparado, àquela época, para “sentir” essa mensagem de arte regionalista? Ao que responderei: de certa maneira sim. Com efeito, o culto do “espírito matuto”, deflagrado, durante anos, através de crônicas e “cartas” de jornal, por dois admiráveis prosadores conterrâneos (ELOY DE SOUZA e HENRIQUE CASTRICIANO), irmãos pelo sangue e pelas letras, que se cobriam com os pseudônimos de Jacinto Canela de Ferro e Zumba do Timbó; o visgo da “poesia nativa” de JORGE FERNANDES, tão fremente de autenticidade, decantando, por exemplo, o pau de imburana, o capim penasco, o casaca-de-couro e o fogo de pasto, que ainda circulava manuscrita pelo Café Majestic; e, a voga contagiante dos rodapés

literários de CÂMARA CASCUDO, erigindo em tema de ecologia regional a gesta sertaneja do ciclo do gado, no exaltar e popularizar a viola cancionista de Fabião das Queimadas (o *Livro do Nordeste*, organizado por GILBERTO FREYRE, continha um interessante estudo de ELOY DE SOUZA sobre Fabião!), tinham, sem dúvida, trabalhado a minha sensibilidade para que eu pudesse acolher e aplaudir a irradiação da idéia de regionalismo ao plano da pintura, por sinal, a mais característica das artes plásticas. (ALECRIM, 2008, p. 260-261).

O último episódio, Recordação de Barrès, trata da influência que exerceu sobre Octacílio Alecrim o autor de “*Un Homme Libre, Le Jardin de Bérénice, Les Déracinés e La Colline inspirée*”, que foi “o Proust de minha juventude literária, lido em brochuras amarelo limão.” (ALECRIM, 2008, p. 262). Da obra de Maurice Barrès, que Octacílio Alecrim resume em três elementos: “Província, Tradição e Espírito” (ALECRIM, 2008, p. 268), destacamos, pois, a “fidelidade espiritual à Província, representada pelo enraizamento à Terra e pelo culto dos Mortos” (ALECRIM, 2008, p. 262), como também a crítica ao desenraizamento regional.

Fazendo referência ao romance Os Novos Bárbaros, de Moraes Coutinho, de certa forma associado ao *Sous l’Oeil des Barbares*, de Maurice Barrès, Octacílio Alecrim identifica, na obra do autor pernambucano, uma marcada influência da “ideologia” barresiana:

O “Eu” do narrador sente que a cidade que ele sonhava não é aquele “grande corpo sem alma”, assim deformada como a ele se mostrava, devido à presença nela dos novos bárbaros, assim chamados porque estranhos à sensibilidade, às idéias e às emoções do narrador, enraizado na sua ética do culto do Eu.

O Eu, na concepção barresiana, é, assim, a “pátria psíquica” do Indivíduo, e os Bárbaros, aqueles temíveis “estranhos”, espíritos que são de uma outra “pátria psíquica”, e que vivem de traficar os seres e as coisas para o seu lado, sem levar em conta, por exemplo, seus sentimentos, sua formação de origem, seu estado de espírito. (ALECRIM, 2008, p. 264).

A influência de Barrès sobre Octacílio Alecrim foi de tal maneira intensa na juventude, que o seu Tamatião – ele confessa – “é todo ele um clichê inteiriço de ‘transposição’ do fascinante tema barresiano.” (ALECRIM, 2008, p. 264). Dessa forma, na maturidade, na composição de seu livro de memórias que remonta a sua mocidade em Macaíba, a experiência da leitura das obras de Barrès não apenas vem à tona como recordação, mas também como parte de seu ser; um desenraizado que, embora tenha saído de sua terra natal, nela se mantém enraizado, ligado às tradições da

província e formado pelo espírito de seu povo, com um sentimento de brasilidade e de amor ao Nordeste.

Ilustrativo desse espírito barresiano de Octacílio Alecrim é o relato que ele faz do capítulo intitulado *L'arbre de M. Taine* do livro *Les Déracinés* (1897), de Maurice Barrès, no qual este se refere a um episódio real da vida do filósofo positivista Hippolyte Taine, que, “já velho, costumava, todo dia, visitar e admirar uma árvore no *square* dos Inválidos” (ALECRIM, 2008, p. 263):

[...] Barrès, observando certa tendência, na vida francesa do fim do século, das melhores individualidades deixarem suas províncias históricas com destino a Paris, denunciou esse desenraizamento, servindo-se para isso do atuante instrumento romanesco, como prejudicial à energia nacional.

Para ele, um tainiano quanto às virtudes e ação do meio e da raça, a vitalidade da nação repousava precisamente nas múltiplas raízes concretas de cada tradição bem localizada.

[...] É, então, na companhia de Roemerspacher, um dos sete jovens lorenos vindos de Nancy para tentar a sorte em Paris, que o personagem-filósofo Taine, olhando a bela árvore vigorosa, exclama eufórico: “*Combien je l'aime!... Sentez-vous sa biographie?... il est une fédération bruissante*”. (ALECRIM, 2008, p. 263).

Falando do Brasil e do Nordeste brasileiro, a partir de Macaíba, a biografia de Octacílio fala por si mesmo, mostrando seu eu refletido nas tradições e no espírito da província, “cheia de brinquedos típicos, de pretextos folclóricos e de costumes locais, e afetivo campo de experiência de minhas primeiras miudezas literárias, filosóficas e artísticas, através dos livros dos outros.” (ALECRIM, 2008, p. 268). Essa aprendizagem que nasce da experiência “se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos.” (LARROSA, 2014, p. 5). Como disse Alheit e Dausien (2006, p. 190), “sem biografia, não há aprendizagem; sem aprendizagem, não há biografia”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que falar de mim? Não é decente, normal, sério que, tratando-se de ciência, de conhecimento, de pensamento, o autor se apague em sua obra e se dissipe em um discurso tornado impessoal? Nós devemos, pelo contrário, saber que é aí que começa o teatro. O sujeito que desaparece em seu discurso se instala na verdade na Torre de Controle. Fingindo deixar lugar ao sol copernicano, ele reconstitui um sistema ptolemaico no qual seu espírito é o centro. (MORIN, 2008, p. 38-39).

O trecho acima, retirado da obra do francês Edgar Morin, costuma ser usado para justificar a aplicação dos paradigmas emergentes na ciência que procuram aproximar o sujeito de seu objeto de pesquisa. Na literatura, cujo teatro ficcional é armado para também fazer desaparecer o autor, ocultando-o na figura do narrador e dos personagens, a autobiografia resiste, persiste e insiste, paradigmaticamente, com seu caráter de confiança e verdade, a fazer convergir, numa só pessoa, autor, narrador e personagem, cuja identidade vai se constituindo sócio-historicamente e se revelando ao longo da obra.

Mesmo que construído sob a forma de uma ilusão retórica, através da representação discursiva da narrativa, real ou imaginária, o eu” sobe ao palco como um orador, que, do alto de sua tribuna, ousa dar voz e vez a si mesmo, içando da memória, na qual estão submersos o tempo e o espaço de sua existência, uma versão de sua história de vida como um relato coerente e, até certo ponto, totalizante. É claro que não se trata de uma história de vida linear, porque linear não é a vida, nem a memória, nem a história. Mas a narrativa se presta a trazer um pouco de ordem ao caos interior e exterior de nossa existência.

Falar (ou escrever) com as próprias palavras significa se colocar na língua a partir de dentro, sentir que as palavras que usamos têm a ver conosco, que as podemos sentir como próprias quando as dizemos, que são palavras que de alguma maneira nos dizem, embora não seja de nós de quem falamos. Falar (ou escrever) na primeira pessoa não significa falar de si mesmo, colocar a si mesmo como tema ou conteúdo do que se diz, mas significa, de preferência, falar (ou escrever) a partir de si mesmo, colocar a si mesmo em jogo no que se diz ou pensa, expor-se no que se diz e no que se pensa. Falar (ou escrever) em nome próprio significa abandonar a segurança de qualquer posição enunciativa para se expor na insegurança das próprias palavras, na incerteza dos próprios pensamentos. Além disso, trata-se de falar (ou de escrever), talvez de pensar, em direção a alguém. A língua da experiência não só traz a marca do falante, mas

também a do ouvinte, a do leitor, a do destinatário sempre desconhecido de nossas palavras e de nossos pensamentos. Ao contrário dos que falam (ou escrevem) para ninguém ou para estranhas abstrações, como o especialista, o estudante, o *expert*, o profissional, ou a opinião pública, falar (ou escrever) em nome próprio significa também fazê-lo com alguém e para alguém. (LARROSA, 2014, pp. 61-62).

Assim, permiti-me, nestas considerações finais, falar em primeira pessoa do singular para expressar minha experiência de ter sido atravessada pela obra e pela vida de Octacílio Alecrim. Trabalhando com o método biográfico, Franco Ferrarotti (*apud* PASSEGGI, 2014, p. 229) dizia: “Diante dos textos das biografias, tive sempre a impressão de não ser suficientemente cuidadoso ou perspicaz para compreendê-los profundamente. Tive também a impressão de não merecê-los. Se não uma atitude, mas pelo menos uma certa disposição religiosa me parece indispensável. Medo de uma profanação? Talvez.”

Ao concluir este trabalho, parece que tenho em mim essas mesmas impressões. Mesmo que tenha buscado me debruçar sobre a vida e a obra do escritor macaibense com muito zelo e agudeza de espírito, estou certa de não ter sido suficiente meu esforço, porquanto muitos aspectos me escaparam. Sinto muito, por exemplo, em não ter podido explorar a riqueza do relacionamento de Octacílio Alecrim com outras importantes figuras literárias do Rio Grande do Norte, como Palmyra Wanderley⁷², Jorge Fernandes, Henrique Castriciano e Eloy de Souza, e com outros escritores nacionais da envergadura de Ronald de Carvalho, Gilberto Freyre e Joaquim Nabuco, sem falar da evidente influência que exerceu sobre ele e sua obra o romancista francês Marcel Proust, o que bem merecia um estudo comparativo mais aprofundado. Pretendia também compor um quadro, mediante critérios previamente estabelecidos, com a relação enumerada de todas as obras e autores citados por Octacílio Alecrim, o que, infelizmente, não foi possível.

⁷² Palmyra Wanderley aparece entre as grandes personagens citadas por Octacílio Alecrim, sendo uma das poucas figuras femininas referidas em um universo dominado por uma intelectualidade masculina, o que poderia ensejar um estudo sobre a visão octacilianiana em relação ao lugar ocupado pelas mulheres na vida intelectual, no contexto da *Belle Époque*. Ademais, não me passou despercebida a admiração de Octacílio Alecrim pela escritora Nísia Floresta, “a nossa George Sand”, nem a relação do escritor com Consuelo Andrade, com quem trocava livros e discutia literatura e que chegou a colaborar como escritora do gênero epistolar para o jornalzinho *O Tempo*, produzido por ele, “e depois, com pseudônimo, escreveu crônicas para um jornal de Natal, filiado ao partido político de seu pai”, o Major Andrade. (Cf. ALECRIM, 2008, p. 163-164, 190, 263).

Da mesma forma, embora não me julgando merecedora de pôr os pés no solo sagrado da existência de Octacílio Alecrim e de penetrar sua prodigiosa inteligência, a partir da qual realizou feitos admiráveis, procurei fazê-lo com uma atitude quase religiosa, receando qualquer profanação do sentido de sua obra e de sua vida. Por falar nisso, lamentei não ter podido estudar foi a sua visão metafísica, sutilmente evocada como “nostalgia do infinito”, como também não ter tido acesso aos arquivos de A República, onde Octacílio Alecrim atuou, nem de outros jornais locais, nos quais poderia ter recolhido mais informações sobre sua pessoa e seu pensamento filosófico e político. E o que dizer dos inúmeros textos e discursos que ele escreveu, que devem ter se perdido?

Entretanto, mesmo reconhecendo essas lacunas e em meio às inúmeras dificuldades que tive de enfrentar ao longo desta jornada, posso dizer que estou profundamente feliz e satisfeita com a realização desta pesquisa, que resgata um pouco da memória, da história, da cultura e da literatura potiguar. Com este trabalho, tenho consciência de ter posicionado Octacílio Alecrim na literatura norte-rio-grandense e brasileira, para tirá-lo do esquecimento ou torná-lo mais conhecido nos meios acadêmicos, dando-lhe o devido reconhecimento pela sua obra de monumental valor como registro de um interstício que foi definido como uma *Belle Époque* tardia na esquina do continente sul-americano, posto que Província submersa cobre os primeiros decênios do século XX vividos pelo escritor entre Macaíba, Natal e Recife, no Nordeste brasileiro.

Como disse Octacílio Alecrim, no parágrafo que põe termo à obra, “o autor esforçou-se sobretudo por situar-se apenas como um acidente de interessantes depoimentos de um ‘meio’ e de uma ‘época” (ALECRIM, 2008, p. 268), de modo que não coloca a si mesmo como tema ou conteúdo de sua obra, ressaltando, mais, aspectos histórico-geográficos e culturais do que seu próprio universo interior. Porém, como ele escreveu a partir de si mesmo e expõe-se no que disse e pensou, pelo que expressou em sua autobiografia, como também pela pesquisa que fiz nos jornais da época⁷³ e em outras fontes locais e nacionais, foi possível reconstituir alguns acontecimentos de sua vida e obter dados importantes sobre sua obra, de modo a compor o quadro biobibliográfico apresentado no segundo capítulo. Isso, aliás, nem

⁷³ Disponíveis nos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional no seguinte endereço: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

estava previsto como objetivo desta pesquisa, mas, com o seu desenrolar, foi se mostrando não apenas inevitável como desejável, e confesso que foi uma das partes mais agradáveis de realizar. Assim, foi muito gratificante, por exemplo, poder restituir a verdade sobre suas datas de nascimento e falecimento, como também constatar o impacto e a reverberação de sua atuação nos vários âmbitos da sociedade e do conhecimento em que se envolveu.

Por tudo isso, pude vislumbrar e apresentar um pouco de quem é Octacílio Alecrim, cuja biografia reflete seu lugar e seu tempo, no privilegiado contexto social e econômico em que viveu como membro de uma família tradicional de Macaíba. Desde cedo, mais pelo exemplo do que por palavras, seus pais cultivaram-lhe o gosto pelos estudos e pela leitura e possibilitaram seu contato com as mais variadas manifestações culturais e artísticas, em especial a literatura, e com os grupos da elite política, econômica e intelectual da província, proporcionando-lhe, assim, meios capazes de garantir-lhe uma boa formação e, por conseguinte, uma boa posição na sociedade.

Na juventude, mesmo privado da elevada condição socioeconômica que, após sucessivos reveses – o falecimento de seu pai, a consequente falência dos negócios da família e o fim da oligarquia norte-rio-grandense dos Albuquerque Maranhão, à qual estava ligado e que foi abruptamente apeada do poder com a Revolução de 1930, destituindo-o, por conseguinte, do importante cargo de Oficial de Gabinete do Governador –, as fontes de pesquisa demonstram que Octacílio Alecrim fez uma passagem brilhante pela tradicional Faculdade de Direito do Recife, onde exerceu forte liderança entre os estudantes e manteve intensa atividade intelectual, social e política, destacando-se como exímio orador. De posse do diploma de bacharel, dadas as circunstâncias vividas na província, migrou para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, onde se estabeleceu como procurador e, paralelamente à bem sucedida atuação jurídica, área na qual publicou várias obras importantes, dedicou-se à crítica literária, produzindo mais de uma dezena de ensaios sobre a obra proustiana, onde encontrou inspiração para escrever seu próprio livro de memórias.

Além da importância de Província submersa como documento histórico-geográfico e cultural, penso que, com este estudo, ficou evidenciado também seu valor como obra literária, considerando sua caracterização do ponto de vista do gênero autobiográfico, compreendendo o souvenir afetivo da província com

reminiscências da infância e juventude e considerando também seu caráter híbrido, com elementos de memória, ensaística e registro documental. Acredito que algumas das ideias desenvolvidas ao longo deste trabalho podem ajudar a compreender melhor o gênero, dando-lhe o lugar que é devido nos cânones literários.

Nessa perspectiva, conforme demonstrado no terceiro capítulo, abriu-se para mim um novo entendimento da complexidade da narrativa autobiográfica através da descrição dos processos de anamnese envolvidos na construção da obra autobiográfica de Octacílio Alecrim, em sua relação com a espacialidade, a percepção sensorial, a afetividade e a representação estética. Os limites entre memória e invenção são muito tênues, pois, mesmo adotando um tom confessional e se propondo a contar a verdade, nada mais do que a verdade, o narrador autobiográfico, não raramente, resvala para uma escrita ficcional ou, pelo menos, seletiva dos fatos vividos, criando, conforme Catroga (2001, p. 21), “um enredo finalístico que domestica o aleatório, o casual, os efeitos perversos e descontínuos do real-passado quando este foi presente.”

No caso de *Província submersa*, conforme verificado no quarto capítulo, a forma como Octacílio Alecrim seleciona os fatos e estrutura a narrativa em partes muito bem delimitadas, sob títulos cuidadosamente definidos, em tempos e espaços previamente estabelecidos e reduzindo ao mínimo a presença de si mesmo, apesar do uso da primeira pessoa e da constante referência ao real, essa “edição” dos elementos factuais torna-se bastante evidente. Dessa maneira, o autor termina por criar uma personagem autobiográfica que é uma representação de si mesmo, já que constrói sua autobiografia como um jogo em que ora se oculta, ora se revela na escrita de si ou mais se esconde do que se mostra na verdade íntima de seu ser.

Apesar disso, a meu ver, essa representação ou esse jogo não diminui o valor do texto autobiográfico; antes, eleva-o, por assim dizer, ao nível do texto ficcional, ao criar um universo imaginário por meio de um autor-narrador-personagem habilmente inventado, embora evoque algo da realidade. E a imaginação, como disse Frye (2017) a respeito do mundo da literatura, pode apresentar um mundo melhor ou pior do que o real, e eu acrescentaria, uma imagem irreal, fantástica ou enganosa do autobiografado, o que requer do leitor espírito crítico, discernimento e certa desconfiança acerca do grau de veracidade do que é contado, ainda que isso não seja tão relevante para a fruição estética do texto.

Em face disso, na perspectiva do real, que supostamente seria o universo da autobiografia, permanecem sem resposta muitas questões que se poderiam fazer sobre Octacílio Alecrim e sua Província submersa. Quem foi o homem Octacílio Alecrim, além do jurista, do intelectual renomado, do estudioso de Proust, do literato? Que amores teve? Que angústias e alegrias sentiu depois dos 30 anos? Por que, em sua autobiografia, optou pela rememoração de apenas certo tempo e determinado espaço de sua existência? Por que fez essa cisão no período da infância e juventude? Foi apenas o desejo da busca pelo tempo perdido em sua província, no melhor do seu estilo proustiano? No tocante à sua vida intelectual e à sua experiência com a literatura, enquanto “guloso devorador de contos e de romances”, como selecionava os livros para ler? Não se deparou com livros ruins, cuja experiência de leitura merecesse ser compartilhada? Quanto de seu tempo era dedicado ao estudo e à leitura para ter lido a quantidade de livros que leu? Escreveu outras obras que não ousou publicar?

Embora interessantes, essas e outras interrogações de caráter pessoal, que se originam de uma natural curiosidade que os admiradores ou detratores das grandes personalidades costumam ter sobre a vida dos biografados e desejam saciar com a leitura de suas autobiografias ou biografias, autorizadas ou não, talvez nem precisem mesmo ser respondidas. Assim como acontece com quaisquer dos bens culturais, o livro autobiográfico, selado como objeto de valor, na medida em que é produto do espírito humano, suscitado por sua atividade criativa, como pensava Stein (2003), por humano que seja, é autônomo em relação a quem os produziu e, no meu entendimento, se constitui como “obra aberta”, segundo a concepção de Umberto Eco. Sendo assim, o dito e o não dito se abre a uma maior indagação à própria obra, construída para despertar determinados efeitos de sentido no leitor que o levam a compreender as intenções de quem a produz. Essa abertura “é a condição de toda fruição estética, e toda forma fruível como dotada de valor estético é ‘aberta’ [...], mesmo quando o artista visa a uma comunicação unívoca e não ambígua.” (ECO, 1991, p. 89).

Levando em conta as intenções que estão na base da produção do gênero autobiográfico, que apontam para seu papel nos processos formativos, aliadas à temática da leitura de obras literárias, tão recorrente em *Província submersa*, que testemunha o papel da literatura como multiplicadora das experiências vividas por

Octacílio Alecrim, busquei, no quinto capítulo, em consonância com o objetivo geral desta tese, discutir a relação entre literatura e formação humana, a partir da análise da obra. Para tanto, a fundamentação teórico-metodológica trouxe novos conhecimentos e ampliaram minha compreensão sobre esses dois campos do conhecimento, como também sobre as perspectivas educacionais para os tempos em que vivemos.

Espero ter conseguido demonstrar como a literatura contribuiu para a formação intelectual e humana de Octacílio Alecrim, na direção de uma “pedagogização da literatura” até desembocar numa “literaturização da pedagogia”. No que diz respeito à primeira orientação, a discussão sobre o “sofrido” prazer da leitura, a influência do ambiente cultural e a relação com os livros e escritores, como elementos importantes para ler e assimilar o conteúdo fornecido pela obras literárias com efeitos sobre a formação, serviu para consolidar algumas ideias que perpassavam minha mente e faziam parte da minha experiência profissional no magistério, mas que eu ainda não tinha tido oportunidade de sistematizar em um texto escrito, com a devida base filosófica, literária e pedagógica.

A segunda orientação, por sua vez, voltada para a relação entre aprendizagem e biografia, envolveu as disposições do gênero autobiográfico em contribuir com a reflexão sobre os processos formativos, e o sentido da estética da existência a partir da influência de outros autores na composição autobiográfica de Octacílio Alecrim. A análise me fez descobrir, no texto octaciliano, o que reflete seu modo de pensar e se posicionar diante de si mesmo, do outro e do mundo, a reverberação de textos dos mais variados escritores, dentre os quais destaco, além do potiguar Câmara Cascudo, os escritores nacionais Gilberto Freyre, Joaquim Nabuco e Ronald de Carvalho e os franceses Marcel Proust e Maurice Barrès.

Os achados reforçam a perspectiva de que a leitura de obras literárias exerce um papel importante na formação humana, uma vez que a literatura, cuja linguagem, expressa na elaboração do texto literário, em seu caráter estético, ético e cognitivo, possibilita, através da experiência de ouvir e ler histórias plenas de sentido, conhecer a si mesmo, ao outro e ao mundo; e, pela evocação da memória, construir narrativamente a própria identidade, pela escrita de si, que permite continuar aprendendo ao longo da vida até seu termo final.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica.” **História da Educação**. Vol. 7, Nº. 14, 2003, pp. 79-95.
- _____. “Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas.” In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.
- _____. “Pesquisa Autobiográfica: contribuição para a História da Educação e de educadores no Rio Grande do Sul.” **Educação: Revista do Centro de Educação da Universidade Federal de de Santa Maria**. v. 30, n. 2, jul./dez. 2005, p. 139-156.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 21. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2006.
- AGUIAR, Maria Arminda de Souza. **Introdução a Proust**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- ALECRIM, Octacílio. **Tamatião**. Natal : Typografia Minerva, 1931.
- _____. “Proust”. **Correio da Manhã**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 22 ago. 1948, 2. Seção, n. 17003, p. 1. (a).
- _____. “Museu da literatura proustiana”. **Correio da Manhã**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 12 set. 1948, 2. Seção, n. 17021 p. 1. (b).
- _____. “Introdução à bibliografia proustiana”. **Correio da Manhã**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 26 set. 1948, 2. Seção, n. 17033, p. 1 e 3. (c).
- _____. “A província literária de Combray”. **Correio da Manhã**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 24 out. 1948, 2. Seção, n.17057, p. 2. (d).
- _____. “Fontes de Proust”. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, jun. 1949, n.1, p. 2 e 15. (a).
- _____. “Inspirações de Proust”. **Jornal de Letras**, set. de 1949, n.1, p. 2. (b).
- _____. “Província de Combray”. **Nordeste**: em busca da província perdida, Recife, nov/dez. de 1949, ano IV, n. 5, p. 4. (c).
- _____. “Sistemática da bibliografia proustiana”. **Revista Branca**, Rio de Janeiro, dez/jan. 1948/1949, n. 4, p. 13-15. (d).
- _____. “Motivos de Proust”. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, 1950, n. 12, p. 17. (a).
- _____. “Raízes de Proust”. **Proustiana Brasileira**. Editora da Revista Branca, Rio de Janeiro, 1950, p. 55-62. (b).

- _____. “Repertório de estudos proustianos”. **Revista Branca**. Rio de Janeiro, n. 12, maio/ago. 1950, p. 50-56. (c).
- _____. “Técnica da prosa impressionista”. **Cultura**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 6, dez. 1954, p. 131-160.
- _____. “Proust e a província”. In: **Ensaio de Literatura e Filosofia: método comparativo**. Rio de Janeiro: Clube-Proust do Brasil, 1955, p. 61-86.
- _____. **Ensaio de Literatura e Filosofia: método comparativo**. Rio de Janeiro: Clube-Proust do Brasil, 1955.
- _____. **Província Submersa**. Rio de Janeiro: Proust Clube do Brasil, 1957.
- _____. **Província Submersa**. 2.ed. Macaíba: Instituto Pró-Memória de Macaíba-RN; Brasília-DF: Senado Federal, 2008.
- _____. **Ensaio de Literatura e Filosofia: método comparativo**. 2. ed. Macaíba: Instituto Pró-Memória de Macaíba-RN; Brasília-DF: Senado Federal, 2008. (b).
- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, B. “Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida”. **Revista Educação e Pesquisa**. v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006.
- AMORIM, Marcelo da Silva. **Autobiografia e autodidatismo no projeto literário de Graciliano Ramos**. Natal: EDUFRN, 2012.
- ANDRADE, Ivan Maciel de. “Resgate da Província Submersa”. In: ALECRIM, Octacílio. **Província submersa**. 2. ed. Macaíba: Instituto Pró-Memória de Macaíba-RN; Brasília-DF: Senado Federal, 2008. (Orelhas do livro).
- ARAÚJO, Gilberto Alves. “Memória e identidade brasileira em *Baú de Ossos*.” **Revista de Literatura, História e Memória**. Vol. 13, n. 21, UNIOESTE, Cascavel, 2017. p. 481-497.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- AZEVEDO, R. “Formação de leitores e razões para a literatura”. In: SOUZA, R. J. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004. pp. 37-48.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3.ed. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- BARROS, M. L. P. de B. As três identidades do discurso autobiográfico: reflexões sobre a obra de Pedro Nava. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, vol. 10, n.2, dez. de 2012.

- BAUMAN, Zigmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008, p. 07-22.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes: São Paulo, 1999.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOLÍVAR, António et al. **La investigación biográfico-narrativa em educación**: enfoque e metodologia. Madrid: La Muralla, 2001.
- BORDINI, Maria da Glória, AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura**: a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1993.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.
- _____. (Coord.). **A Miséria do mundo**. Tradução Mateus S. Soares Azevedo. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. “Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica”. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.
- BRAUN DAHLET, Véronique. “Pessoa, referência e identidade na escrita de si.” **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p.15-28, jan./jun. 2015.
- BRAYNER, Flávio H. A. “Como salvar a educação (e o sujeito) pela literatura: sobre Philippe Meirieu e Jorge Larrosa.” **Revista Brasileira de Educação**. N. 29. Maio/Jun/Jul/Ago, 2005. p. 62-74.
- BUNGART NETO, Paulo. **Augusto Meyer proustiano**: a reinvenção memorialística do eu. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007 (Tese de Doutorado).
- BURGARELLI, Cristóvão Giovani; TEÓFILO, Flávia Pignata. “A leitura literária na escola: experiência, linguagem e formação.” PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). **Literatura e formação humana**. 2.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2016. pp. 99 - 120.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. "A literatura e a formação do homem." **Ciência e cultura**. São Paulo, V. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

_____. "Poesia e ficção na autobiografia". **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. "O direito à literatura". **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

CARDOSO, Rejane. (Coord.) "Octacílio Alecrim". **400 Nomes de Natal**. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1955.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, S. J. (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2001.

_____. **Memória, história e historiografia**. Coimbra : Quarteto, 2001.

CAVALCANTE, Hermenegildo de Sá. **Marcel Proust**: roteiro crítico e sentimental. Rio de Janeiro : Pallas, 1986

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed. 2000.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CHIAPPINI, Lúgia. **Invasão da catedral**: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

COELHO, Ildeu M. Filosofia, educação, cultura e formação: uma introdução. In: _____. (Org.). **Educação, cultura e formação**: o olhar da filosofia. Campinas: Alínea; Goiânia: PUC Goiás, 2009. p. 29-50.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Américo de Oliveira. “Em memória de Otacílio Alecrim”. **Tribuna do Norte**. 26 de agosto de 1984. (a).

_____. “Em memória de Otacílio Alecrim II”. **Tribuna do Norte**. 7 de outubro de 1984. (b).

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. “Filiações e rupturas do modelo autobiográfico na pós-modernidade.” In: GALLE, Helmut (org.). **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Fapesp; USP, 2009.

_____. “Abordagem metodológica na pesquisa biográfica”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set-dez 2012. (a).

_____. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal: EDUFRN, 2012. (b).

DOURADO, Stella Moreira. **O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita**: a coleção da família Carneiro Rezende. 163 f. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2018.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. 8. ed. São Paulo : Perspectiva, 1991.

EMERSON, Ralph Waldo. **Ensaio**: primeira série. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FÁVERO, A. H. **Aspectos do memorialismo brasileiro**. (Tese de doutorado em Literatura Brasileira) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FERRAROTI, Franco. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Natal: EDUFRN, 2014.(a).

_____. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 29 - 55.(b).

FRANZEN, J. Sobre ficção autobiográfica. In: _____. **Como ficar sozinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 270-290.

GARCEZ, Lucília H. C. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.

_____. **Belle Époque na esquina**: o que aconteceu na República das Letras Potiguar. Natal: Ed. do Autor, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

_____. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. **Uma vida para a história**: conversações com Marc Heurgon. São Paulo: Unesp, 1998.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. "Memória e estudos autobiográficos." In: **História da Educação**. ASPHE/FAE/UFPel, Pelotas, v. 7, n. 14, set. 2003, pp. 47-61.

_____. "História da Educação e Literatura: algumas idéias e notas." In: **Educação**, Revista do Centro de Educação da Universidade Federal de de Santa Maria, v. 30, n. 2, jul./dez. 2005, p. 157-176.

MACEDO FILHO, Cícero. "Octacílio Alecrim, em busca do passado". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN**. v. 1 (1903). Unigráfica. Natal: IHGRN. v. 96. jan./fev./mar. 2018. pp. 152 - 156.

MACHADO DE ASSIS. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, 1881. Disponível em <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>.

- _____. “Como se inventaram os almanaques”. **Almanaque das Fluminenses**, 1890. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>.
- _____. **Quincas Borba**, 1891. Disponível em <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>.
- MEIRIEU, Philippe. **Des enfants et des hommes: littérature et pédagogie - La promesse de grandir**. Issy-les-Moulineaux: ESF Editeur, 1999.
- _____. **Itinéraires des pédagogies de groupe: apprendre en groupe**. 7. ed. Lyon: Chronique Sociale, 2000.
- MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. **Vidas de professoras**. Porto : Porto Ed. 1995.
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- MORIN, Edgar. **O Método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- NEIS, Ignacio Antonio. “A crítica literária brasileira nos caminhos de Proust.” **Travessia**, Florianópolis, n. 16/17/18, 1988/1989, p. 168-208.
- NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, p. 107-130.
- NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- OLIVEIRA, Maria Marta Laus Pereira. **A recepção crítica da obra de Marcel Proust no Brasil**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993. 450 f.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. “Pierre Bourdieu: da ‘ilusão’ à ‘conversão’ autobiográfica”. **Revista da FAEBA: Educação e contemporaneidade**. V. 23, n. 41. jul./dez. 2014. Universidade do Estado da Bahia (Uneb). pp. 223-235.
- PATRIOTA, Nelson. “Um memorialista proustiano.” **Tribuna do Norte**. 13 de abril de 2008.
- PEREIRA, Nilo. “Otacílio Alecrim e seu biógrafo”. **Tribuna do Norte**. 4 de novembro de 1984.
- PEREIRA DE SÁ, Celso. “Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial.” **Psicologia: reflexao e crítica**, V. 20, jan. 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PESSOA, Jadir de Moraes. “Trapaceiros e insurgentes: caminhos da pesquisa em literatura e educação. _____ (Org.). **Literatura e formação humana**. 2.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2016. pp. 17 - 42.

PINEAU, Gastón. “A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação.” In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde-DRHS-CFAP, 1988. p. 63-77.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução Carlos Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

POLLAK, M. “Memória e identidade social.” In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, A. “Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI.” In: FERREIRA, M. de M. (Org.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz/FGV, 2000.

PORTO, Patrícia de Cássia P. “Narrativas memorialísticas: memória e literatura.” **Revista Contemporânea de Educação**. N ° 12, agosto/dezembro de 2011.

PULICI, Carolina. “A ‘anti-autobiografia’ de Pierre Bourdieu.” **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.12, n.22, p.197-202, 2006.

REGO, Teresa Cristina; AQUINO, Julio Groppa; OLIVEIRA, Marta Kohl de. “Narrativas autobiográficas e constituição de subjetividades.” SOUZA, Elizeu Clementino de (Org). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre : EDIPUCRS ; Salvador : EDUNEB, 2016.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III – o Tempo Narrado. Trad. Roberto Leal Ferreira; rev. técnica Maria da Penha Villela-Petit. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **O si-mesmo como outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Trad. Raquel de Queiroz, livros I a X, e José Benedicto Pinto, livros XI e XII. Bauru, SP: EDIPRO, 2008.

SANTOS, Marcio Renato dos. “Quando o ser está sendo”. In: **Candido**: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. n. 73, ago. 2017. p. 25 Disponível em http://www.candido.bpp.pr.gov.br/arquivos/File/Candido_73_Final_Grafica.pdf. Acesso em 30.11.2017.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.

SEEMANN, Jörn. “O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas.” **Revista da Casa da Geografia**. Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Sobral-CE, v. 4/5, p. 43-53, 2002/2003.

SEREJO, Vicente. “Uma introdução a Octacílio Alecrim.” In: ALECRIM, Octacílio. **Província submersa**. 2. ed. Macaíba: Instituto Pró-Memória de Macaíba-RN; Brasília-DF: Senado Federal, 2008. pp. 11 - 34.

SILVEIRA, Hovanir Alcântara. **Compreensão de Proust**. José Olympio: Rio de Janeiro, 1959.

SOARES, Antonina Mendes Feitosa; MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. “Autobiografia e formação docente: caminhos e perspectivas para prática reflexiva.” Disponível em https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2011/08/autobiografia-e-formac3a7c3a3o-docente_caminhos-e-perspectivas-para-prc3a1tica-reflexiva.pdf. Acesso em 18.11.2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de. “A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação.” **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

_____. “Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido”. **Educação**. Santa Maria, v. 39, n. 1. p. 39-50 - jan./abr. 2014.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; ALIANÇA, Priscila Tiziana Seabra Silva Marques da. “Da ilusão à sedução: a crise do paradigma dominante e a emergência da pesquisa (auto)biográfica”. **Conjectura: Filas. Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 3, p. 561-578, set./dez. 2018.

STEIN, Edith. **Obras completas**. Vol. IV, Escritos antropológicos y pedagógicos (Magisterio de vida cristiana, 1926-1933). Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad: Vitória, Madrid, Burgos, 2003.

TAVARES, Clotilde. “A prosa memorialista na obra de Octacílio Alecrim.” **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**. n. 43, abr./jun. 2015, p. 54-60.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. “Memorialística Brasileira”. In: **O Pássaro Tempo**. São Paulo: CEC Editora, 1968. p. 88-89.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora do IFRN, 2010.

- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Faculdade de Direito do Recife;
MELLO, Diogo Cabral de. **Lista geral dos bachareis e doutores que têm obtido o respectivo grau na Faculdade de Direito do Recife:** (em continuação) de junho de 1931 a dezembro de 1941. Recife: Escola Técnica do Recife, 1941.
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29908>.
- WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita Malta. “Halbwachs e a memória: contribuições à história cultural.” **Revista Territórios e Fronteiras**, do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT. V. 3, N. 1, jan./jun. 2010.
- ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.